OS IRMÃOS FOXX • 2

BOURBON E SEGREDOS

A única regra é não se apaixonar



VICTORIA WILDER



A Editora Arqueiro agradece a sua escolha.
Agora, você tem em mãos um dos nossos livros
e pode ficar por dentro dos nossos lançamentos,
ofertas e dicas de leitura.

Saiba mais.

BOURBON
E SEGREDOS



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

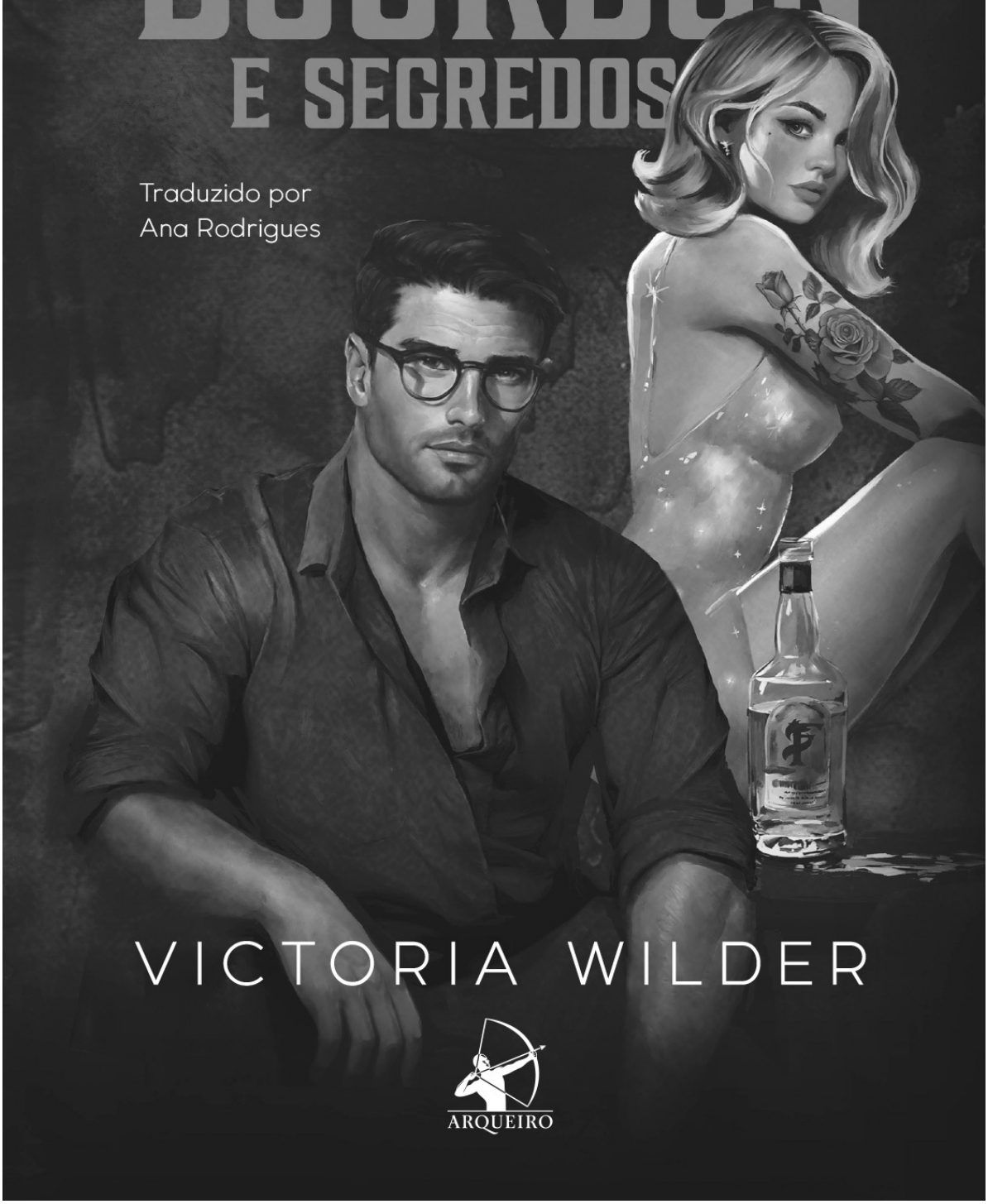
Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

OS IRMÃOS FOXX · 2

BOURBON E SEGREDOS

Traduzido por
Ana Rodrigues



VICTORIA WILDER

ARQUEIRO

Título original: *Bourbon & Secrets*

Copyright © 2024 por Victoria Wilder
Copyright de *Bourbon & Proof*© 2024 por Victoria Wilder
Copyright da tradução © 2026 por Editora Arqueiro Ltda.

Publicado mediante acordo com The Seymour Agency.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

coordenação editorial: Taís Monteiro

preparo de originais: Fabiana Araujo

revisão: Ana Grillo e Pedro Staite

diagramação: Abreu's System

capa: Echo Grayce | Wildheart Graphics

ilustração de capa: Loni Carr | The Whiskey Ginger

adaptação de capa: Miriam Lerner | Equatorium Design

foto da autora: © Loni Carr

e-book: Pedro Wainstok

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

W664b

Wilder, Victoria
Bourbon e segredos [recurso eletrônico] / Victoria Wilder ; tradução Ana Rodrigues. - 1. ed. - São Paulo : Arqueiro, 2026.
recurso digital (Os irmãos Foxx ; 2)

Tradução de: Bourbon and secrets
Sequência de: Bourbon e segredos
Continua com: Bourbon e promessas
Formato: epub
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-306-0257-4 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Rodrigues, Ana. II. Título. III. Série.

26-106361.0

CDD: 813
CDU: 82-3(73)

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Artur de Azevedo, 1.767 – Conj. 177 – Pinheiros
05404-014 – São Paulo - SP
Tel.: (11) 2894-4987
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

À descoberta de que você pode se apaixonar quantas vezes quiser ao longo da vida. Seja por um novo amante ou por um velho amigo. Seja pela mesma pessoa, por novas versões um do outro à medida que amadurecem. Apaixone-se perdidamente. Faça isso em alto e bom som. Faça no seu próprio ritmo. Se apresse. Ou vá com calma. Aproveite um desejo instantâneo, um fogo que arde devagar ou um "felizes por enquanto". Recomece. Apaixone-se de novo.

E, se estiver com vontade de algo a mais… Lincoln Foxx tem algumas sugestões criativas para a sua sede de descoberta. Que podem incluir um pouco de bourbon…

Sumário

1
Lincoln
2
Faye
3
Faye
4
Lincoln
5
Faye
6
Lincoln
7
Faye
8
Lincoln
9
Faye
10
Faye
11
Lincoln
12
Faye
13
Lincoln
14

Faye

15

Lincoln

16

Faye

17

Lincoln

18

Faye

19

Faye

20

Lincoln

21

Faye

22

Lincoln

23

Faye

24

Faye

25

Lincoln

26

Faye

27

Faye

28

Lincoln

29

Faye

30

Lincoln
31
Lincoln
32
Faye
33
Faye
34
Lincoln
35
Lincoln
36
Faye
37
Lincoln
38
Faye
39
Lincoln
40
Faye
41
Lincoln
42
Faye
43
Lincoln
44
Faye
Epílogo
Lincoln
Epílogo estendido

Faye

Sobre a autora
Sobre a Arqueiro

Nota da autora

Embora esta história seja uma obra de ficção, há alguns temas pesados dos quais você deve estar ciente antes de mergulhar na leitura.

A seguir está uma lista de possíveis gatilhos que não têm a intenção de servir como spoilers ou dar pistas sobre o desenvolvimento da trama, mas de alertar sobre o que você vai encontrar aqui.

Violência e morte em cena, descrições explícitas de violência, violência contra mulheres, menções a pais e familiares falecidos, cenas ambientadas em hospitais, conversas sobre morte e crueldade contra animais (não narradas em cena), personagens principais lidando com TEPT (Transtorno de Estresse Pós-Traumático), linguagem vulgar, uso de saliva em atos sexuais e várias cenas de sexo explícito descritas em detalhes.

As regras do bourbon

Todo bourbon é uísque, mas nem todo uísque é bourbon. Existem regras para que um destilado possa ser chamado de bourbon.

1. Deve ser produzido nos Estados Unidos.
2. O mosto deve conter, no mínimo, 51% de milho.
3. Deve ser envelhecido por pelo menos dois anos em barris novos de carvalho carbonizados.
4. Não pode entrar no barril com mais de 125 *proof* (62,5% de teor alcoólico).
5. Nada pode ser adicionado além de água, e apenas quando necessário para reduzir o teor alcoólico.

Em Fiasco, no estado de Kentucky, há ainda mais uma regra, que se relaciona de forma mais ampla com o bourbon produzido lá: nunca se apaixone por um irmão Foxx.

1

LINCOLN

Eu tinha entendido tudo errado.

Piso no freio da minha caminhonete com tanta força que a lama espirra e salpica a lateral do carro esportivo da minha melhor amiga – um veículo potente de um roxo vibrante. Desligo o motor e me recosto no banco, ainda furioso. A dor irradia pela minha mão e sobe pelo braço na quinta ou sexta vez que bato com ela aberta contra o volante.

– Merda, merda, merda!

Inspiro fundo, encho o peito e seguro o ar por três segundos. A adrenalina corre pelas minhas veias, junto com a necessidade de ir para o mais longe possível. Fico ali, olhando para a paisagem monótona e os cavalos correndo sob os últimos raios de luz do dia. Fleetwood Mac continua repetindo as mesmas palavras sobre ouvir o vento e não amar alguém agora. *Que ironia dos infernos*. Quando fecho o punho, estremeço com a ardência que faz latejar os nós dos meus dedos arrebentados e ensanguentados. Meu cotovelo dói, provavelmente por conta dos repetidos golpes.

Ela ergueu o queixo e, com os olhos marejados, desferiu o golpe final:

– Essa história acabou. A gente acabou, Lincoln – disse entredentes.

Antes que ela pudesse dizer outra palavra, saí furioso pela porta lateral. Só conseguia pensar que agora era exatamente assim que eu me sentia. Acabado. Cacete… nunca me senti tão destruído, tão acabado. Meu punho acertou a lateral da caminhonete com um gemido pesado. No segundo soco, amassei a lataria. No terceiro, os nós dos meus dedos arderam, então completei o trabalho com uma cotovelada, como se o carro fosse um saco de pancadas e não metal. As meninas já estavam dormindo no andar de cima da casa, graças a Deus.

Eu não tinha um plano. Não estava preparado para aquilo.

– Merda!

Saio da caminhonete, ignorando o amassado na lateral. Não estou lidando bem com emoções neste momento. Não posso voltar.

O cheiro forte das baias sendo limpas se espalha pelo ar e, misturado à umidade pesada do dia, domina a doçura habitual de um verão em Fiasco. A essa hora da noite, as únicas pessoas ainda na pista de treino e nos estábulos são treinadores e proprietários. Procuro os cachos escuros presos no alto da cabeça e, como esperado, vejo as mãos da minha melhor amiga se movendo animadamente enquanto ela conta uma história no fundo dos estábulos.

– Hads – chamo.

Ela se vira na mesma hora e me recebe com o sorriso acolhedor de sempre.

– Linc, tá fazendo o que aqui?

Mas o sorriso desaparece rapidamente quando me aproximo. Ela me conhece melhor do que a maioria das pessoas. Melhor até do que Olivia às vezes. Seus olhos descem para os meus punhos cerrados ao lado do corpo. Pigarreio.

– Preciso de um minuto.

Hadley não questiona. Fica só me olhando enquanto digo isso, revirando as perguntas na cabeça e tentando entender qual é o problema. "Preciso de um minuto" funciona como um código. Algumas palavras simples que dizem ao outro que tem alguma coisa errada e que precisamos de um lugar para conversar a respeito. Para nós, amizade significa fazer o outro rir quando nada tem graça, celebrar as pequenas coisas e saber quando o outro precisa mais de espaço do que de palavras de sabedoria.

Hadley pode ter entrado na minha vida como amiga de Olivia, mas, por algum motivo, acabamos mais próximos. Ela ficava rondando a nossa casa desde o ensino fundamental, como a irmã perdida que ninguém pediu. E é exatamente isso que é agora – minha melhor amiga que mais parece uma irmã.

– Lady Brittany Christina Pink ainda está selada. Pode montar nela – fala

Hadley, indicando com a cabeça a baia atrás de mim, onde está uma de suas mais novas aquisições.

A crina e a cauda castanho-claras fazem de Lady Brittany um animal bonito à beça.

– Eu não vou chamar uma égua por esse nome – digo, admirando o animal por um momento.

Ela vai correr rápido, o que é perfeito. Preciso de algo que não seja bourbon nem briga.

Hadley me mostra o dedo do meio.

– Ela é a combinação perfeita, uma aposta certa. Isso vai fazer dela uma vencedora da Tríplice Coroa. Sinto isso. – Então enfia o dedo indicador no meu peito. – E você vai chamar essa égua pelo nome que os deuses deram a ela.

Abro um sorriso.

– Você é ridícula, sabia?

– E ainda assim você tá aqui, me chamando de melhor amiga e pedindo a minha ajuda.

Seguro com firmeza a sela da égua.

– Eu não chamo você assim.

Ela revira os olhos e desconsidera o que eu disse, fazendo um gesto de pouco-caso.

– Mas não deixa de ser verdade.

Ela confere as correias da sela e passa a mão pela lateral do pescoço do animal.

– Ela é rápida. – Hadley aperta o meu braço. – Cavalga com cuidado. Vou pegar uma mochila pra você.

– Obrigado – digo, e passo as mãos pelo cabelo. Olho para trás, na direção do grupinho de homens com quem ela estava conversando. – Hads, você vai ficar bem aqui com esses caras?

Ela inclina um pouquinho a cabeça e lança um olhar por cima do ombro.

– Ah, por favor. Eles têm mais medo de mim do que do meu pai. Então, sim, vou ficar bem. – Hadley me encara com um sorriso tranquilizador. – Pega isso. – Ela joga a mochila amarela berrante para mim. – Precisa de um álibi ou eu nem te vi?

Coloco a mochila no ombro e me aproximo da égua.

– Você não me viu.

Hadley segura o meu braço outra vez, mas agora para me puxar para um abraço apertado. Então se afasta e seus olhos encontram os meus.

– Eu quero saber?

Balanço a cabeça rapidamente e me acomodo na sela sem dizer mais nada. Ela não quer saber. A verdade é que eu também não quero. É um segredo. Mais um. E, no fim das contas, parece que a culpa é minha.

O vento morno bate no meu rosto e percebo o sol cada vez mais baixo finalmente tocar a linha do horizonte, encerrando o que foi um dia dos infernos. Eu cavalgo sem parar. Os últimos raios de sol se espalham pela paisagem plana coberta pela grama alta e espessa do Kentucky. Normalmente não é comum nessa parte do estado, mas a vegetação se estende pelos próximos três quilômetros roçando minhas botas apoiadas nos estribos. A umidade diminuiu bastante durante a cavalgada, transformando o que foi uma tarde abafada numa noite em que finalmente consigo respirar.

Eu poderia ter ido até a propriedade do meu irmão e pegado um dos animais nos estábulos, já que a minha família possui e abriga vários cavalos. Mas aí teria que explicar o que estava fazendo lá. Grant perguntaria se eu estou bem, mesmo que ele próprio mal esteja conseguindo manter a cabeça fora d'água. Meu irmão caçula é hoje uma sombra de quem costumava ser. Ace, por sua vez, teria vindo me falar sobre algo a ser resolvido – ele desempenha o papel de irmão mais velho tão bem que às vezes esquece como ser amigo. E Griz teria enxergado tudo através da minha máscara de naturalidade. Meu avô descobre tudo, como se tivesse a habilidade de prever o futuro. Não quero lidar com nada disso. Só depois que resolver essa situação por conta própria.

Várias trilhas de caminhada e cavalgada levam às cavernas e às fontes termais de Fiasco, e, ao pôr do sol, vai ter muita gente lá aproveitando; por isso, continuo cavalgando. Já me envolvi em brigas suficientes na vida para saber que um soco rápido ou um chute no estômago não é o que mais dói, mas é o que tira o ar dos pulmões e faz você lembrar de nunca mais se colocar naquela situação. *Como eu fui parar nessa situação, aliás?* Seguro as rédeas com mais força, sentindo o peito apertado, e pressiono os calcanhares nos flancos da égua para ir mais rápido.

O ar aqui em cima, perto das cavernas das quedas-d'água, tem um cheiro diferente. Enquanto Fiasco exala sempre o aroma de uma padaria que nunca fecha, aqui em cima é mais sal e musgo. Um cheiro mais terroso que faz tudo parecer primitivo e intocado.

Faço a égua parar, salto para o chão e amarro as rédeas no velho carvalho que parece já ter visto dias melhores. Com a casca rugosa retorcida de um jeito pouco natural, a árvore parece queimada, como se tivesse sido atingida por um raio e nunca mais voltado a ser a mesma. É assim que eu me sinto – *nunca mais vou ser*

o mesmo. A única coisa que posso controlar é o que vou fazer a seguir. Inclino a cabeça para trás e respiro fundo, então me deixo cair na grama alta da margem e solto o ar. Tusso e apoio os braços nos joelhos dobrados.

As pessoas sempre dizem que casamento exige esforço – que ficar é tão difícil quanto ir embora. E nunca fui de desistir.

Estou nauseado… Sinto as mãos úmidas enquanto esfrego o peito com o punho fechado e bato uma, duas, três vezes até os meus olhos se encherem de lágrimas. Eu não fui um bom marido. Sei que sou um bom pai, um ótimo pai em alguns dias. Mas marido… Fecho os olhos com força, passo as mãos pelo cabelo e aperto a nuca com força. Respiro fundo mais uma vez e pressiono a base das mãos contra os olhos.

– VAI SE FODEEEEER! – grito alto para a noite, prolongando a palavra até onde meu fôlego permite.

Que se foda. Deixo as lágrimas caírem. Fico olhando para as luzes que delineiam a minha cidadezinha lá embaixo, enquanto tento estabilizar a respiração. Esse é o único lugar que reconheço como lar. Onde cresci e onde minhas filhas também estão crescendo. Enquanto continuo a olhar para a terra plana, dos campos de lavanda até a destilaria da família, eu espero. Espero até meu corpo apaziguar a raiva, minhas lágrimas secarem sozinhas e minha mente clarear. Clarear o bastante para conseguir montar um plano para o que vem a seguir – as conversas que terão que acontecer, os coraçõezinhos que vou ter que partir. Parece que se passaram apenas alguns minutos, mas a lua cheia está baixa e pinta o céu com um tom rosado. É o único sinal de que estou aqui há horas. No fim das contas, é pouco tempo para decidir transformar a vida que você tem hoje em algo diferente amanhã.

Antes de voltar a montar, mando uma mensagem.

LINCOLN

Vou deixar a Lady no estábulo pela manhã.

HADLEY

Lady Brittany Christina Pink é uma puro-sangue. Se acontecer alguma coisa com ela, vou cortar o seu pau fora.

Suspiro e passo as mãos pela crina áspera de Lady.

– Como foi que eu vim parar aqui, garota?

Ela bufa de um jeito que provavelmente é sua maneira de dizer: *Como é que eu vou saber, cacete?* Minha trilha sonora é o ruído branco das quedas-d'água ao longe, junto com o coaxar profundo dos sapos-boi e o canto intermitente dos grilos. Essa é a parte de Fiasco que me acalma mais do que qualquer noite em família ou horas em um laboratório de química. É algo que as pessoas nunca diriam sobre mim. Eu amo este lugar. Não tenho vontade nenhuma de estar em qualquer outro.

Fiasco só fica movimentada a esta hora se houver uma feira ou uma festa que prometa bourbon e fogos de artifício. Mas hoje a noite está silenciosa, como de costume. Provavelmente eu não encontraria ninguém na estrada principal que leva até minha casa, mas decido evitar o centro da cidade, atravessando o bosque a cavalo e passando pelos milharais que se estendem por toda a extensão da minha propriedade. Ao longe, consigo ver a luz externa iluminando a varanda dos fundos. E, conforme me aproximo, já sei que este lugar vai deixar de parecer um lar assim que eu cruzar a porta.

O barulho de metal me faz virar a cabeça bruscamente para a esquerda. Não há motivo para ter alguém aqui fora. O velho celeiro que fica na divisa entre a minha propriedade e a dos nossos vizinhos está prestes a desabar. Mais um tornado ou furacão, e ele cai facilmente. Na verdade, talvez nem precise de tanto. Do lado mais distante da estrutura dilapidada fica o riachinho onde Lark gosta de procurar girinos. É o lugar mais isolado possível.

Estreito os olhos no escuro e puxo as rédeas de Lady para fazê-la diminuir o passo, quando vejo movimento perto do pequeno curso d'água.

– Você é mesmo um filho da puta – diz alguém, quebrando o silêncio.

Uma mulher que parece muito frustrada e possessa. Em seguida vem um "vai se foder" em um tom mais baixo, carregado de veneno, que me faz disfarçar um sorriso.

Passo a perna por cima da sela e minhas botas afundam, fazendo um som aquoso no chão enlameado. Os palavrões e os respingos de água que a mulher espalha para todo lado não permitem que ela perceba minha aproximação.

O movimento cessa quando pigarreio.

– Tá tudo bem aí? – pergunto, a poucos metros de distância.

Ela fica completamente imóvel, de costas para mim, em silêncio, por pelo menos dez segundos.

– Você está invadindo uma propriedade privada – digo enquanto me

aproximo, tentando entender por que alguém estaria aqui fora a essa hora da noite.

Meus olhos já se ajustaram bastante à falta de luz, ainda mais com o tamanho da lua cheia. Mas só quando a mulher se levanta e se vira é que percebo que ela não está invadindo nada.

Faye Calloway. A filha mais velha. A família dela é dona de todo esse pedaço de terra, desde a borda do milharal até o outro lado da fazenda. O invasor aqui sou eu.

– Tenho quase certeza de que você é que não deveria estar aqui – retruca ela, com acidez suficiente para derreter qualquer vestígio de política da boa vizinhança.

Mechas do cabelo loiro escapam em todas as direções do coque bagunçado no alto da cabeça, e o rosto dela está manchado de alguma coisa escura. Maquiagem borrada por causa das lágrimas? Ou lama? Quando vou baixando os olhos, vejo sua blusa e os braços encharcados, a água escorrendo pelas pernas. A mulher à minha frente não parece a recém-formada da academia de polícia, toda engomadinha, que vi no noticiário local ainda na semana passada. Não há nenhum traço daquela pessoa diante de mim. Essa versão está esfregando as mãos na frente do short, enquanto empina o peito e levanta o queixo. Está tentando esconder o fato de que a peguei desprevenida e que, seja lá o que estivesse fazendo, não desejava plateia.

Cruzo os braços e espero que ela diga alguma coisa.

Mas Faye permanece em silêncio enquanto me aproximo.

– O que você tá fazendo aqui fora a essa hora? – Tecnicamente somos vizinhos, mas só vi Faye algumas vezes pela cidade na época das festas de fim de ano, ou chegando e saindo durante as férias de verão. Nós nos mudamos para a casa ao lado logo depois que ela foi para a faculdade. Eu não a conhecia. Mas isso não importa. Sei que tem alguma coisa errada aqui. Como ela não responde, pergunto: – Você tá machucada?

Faye põe as mãos na cintura, inclina a cabeça para trás e olha para o céu enquanto ri sozinha.

– Por quê? Você tem o hábito de sair por aí à noite procurando mulheres para salvar?

O tom de deboche me faz conter um sorriso.

– Isso não estava na minha lista de tarefas para hoje, não. – Solto o ar com força, então pego o celular, ligo a lanterna e aponto para ela. Fico um pouco surpreso com o que vejo espalhado pelo corpo de Faye, mas isso não me abala

como abalaria a maioria das pessoas. – Tem sangue e lama nas suas pernas – digo com naturalidade, erguendo o facho de luz.

Ela cerra os lábios enquanto tenta descobrir como explicar exatamente o que está acontecendo.

Movo a luz com cuidado para cima e para baixo.

– E tem um pouco de sangue no seu pescoço. E na bochecha – digo, tocando o meu próprio rosto para mostrar onde.

Ela levanta a mão para proteger os olhos da luz. Então se agacha novamente à beira do riacho, molha as mãos e esfrega para remover as manchas vermelhas.

Meu irmão Grant era policial até pouco tempo atrás. Ele respeita as regras e as leis; já eu gosto de contorná-las quando necessário. Às vezes isso resulta em sujeira, até mesmo em sangue. Não gosto de julgar ninguém que faça o mesmo, mas Faye não é exatamente a pessoa que eu esperaria encontrar no escuro, envolvida em algo claramente suspeito.

Abaixo a luz, mas continuo atento a ela.

– Suponho que isso não faça parte do seu processo de seleção para entrar na polícia de Fiasco, certo?

Ela faz uma careta, parecendo desconfortável. Então abaixa o queixo, como se doesse fisicamente ouvir aquela observação. A questão é: essa mulher se meteu em algum problema? Ou ela *é* o problema, coberta de sangue e lama à beira de um milharal?

– Você vai perguntar como esse sangue veio parar aqui ou pretende ficar apenas me encarando? – pergunta ela, mudando o peso do corpo de um pé para o outro e puxando a barra da blusa com um sorriso de lado.

Levanto uma sobrancelha, desafiando-a: Faye vai tentar fugir do assunto, mas não estou interessado em entrar no jogo dela.

Solto uma risadinha antes de fazer a besteira de dar mais um passo na direção dela. Com apenas alguns metros entre nós, meus olhos descem pelas pernas dela até os tênis All-Star cor-de-rosa cobertos de lama e depois sobem outra vez. É difícil imaginá-la como policial agora.

– Não. Não me importo muito – digo sem sinal de preocupação. Olho o corpo dela de cima a baixo e observo sua expressão furiosa. – E, pode acreditar, não estou encarando.

Ela se adianta mais, e a proximidade deixa meus braços arrepiados. Apesar da maneira como está se esforçando muito para parecer durona, jogando os ombros para trás, mantendo a postura ereta e assumindo um ar de falsa coragem, Faye morde o lábio.

Afasto da cabeça todos os detalhes que estou reparando em uma mulher que mal conheço. Não olho para outras mulheres – não sou o tipo de homem que quebra uma promessa. *Mas e se essa promessa já tivesse sido quebrada?* Recuo um passo e levanto a mão esquerda.

– Casado.

– Tem certeza? – retruca ela.

Uma provocação simples como essa já é suficiente para me fazer reagir. *Não, não tenho certeza*. Dou apenas mais alguns passos antes de invadir o espaço dela, encurralando-a.

Um gritinho abafado escapa da garganta de Faye, que não esperava que eu me movesse tão rápido. Mas ela não recua. Na verdade, inclina-se um pouco para a frente, como se recebesse a minha raiva de braços abertos. Ela é mais baixa do que eu, mas não é delicada nem frágil. Me acertaria um bom soco se soubesse fazer isso direito.

Mas quando olho para baixo, percebo na mesma hora o meu erro. Nossos corpos estão quase colados, então o braço de Faye roça o meu e ela pigarreia. Eu não deveria ter chegado tão perto. Há luz suficiente para que eu note a pequena pinta no alto da bochecha dela. E para perceber como os seus olhos se movem rapidamente dos meus para a minha boca. *Inferno*. A raiva e as emoções caóticas que me dominam estão me fazendo prestar atenção em alguém que nunca imaginei que me chamaria a atenção.

– Toquei em um ponto sensível? – provoca ela em voz baixa.

Chegou perto demais disso.

– Não – digo em tom de alerta. Essa não é a melhor noite para me provocar. – Vai pra casa.

Seja lá no que for que ela se meteu, não preciso disso perto de mim. Na verdade, preciso sair daqui. Me afastar dela e dessa confusão.

Dou as costas para Faye e sigo em direção à égua.

– O seu bolso de trás – diz ela, quando já estou me afastando.

Paro na mesma hora e me viro bem quando ela está arrancando a blusa enlameada, ficando apenas com um sutiã transparente que, mesmo no meio daquela escuridão, não deixa nada para a imaginação. Sou pego de surpresa e me vejo agindo como um tarado nojento, porque parece impossível não correr os olhos pelas curvas do corpo dela e pelo volume dos seios.

Levo a mão ao bolso traseiro da calça jeans e tiro a peça de metal pesada, do tamanho da palma da minha mão, e passo o polegar pelas ranhuras. Sei que é um canivete, mas pergunto mesmo assim:

– O que é isso? – Porque com certeza não é meu.

O que Faye faz em seguida acontece rápido demais para que eu consiga impedir. Ela segura a blusa como se fosse uma luva e arranca o canivete da minha mão.

– Se alguém aparecer perguntando de mim, você nunca me viu. – Ela ergue a sobrancelha, esperando que eu concorde.

Não estou com paciência para essa merda. É quase cômico o jeito como esta noite continua piorando a cada minuto. Mas não estou com a menor vontade de rir.

– Ou o quê? – pergunto, muito consciente de que acabei de deixar minhas impressões digitais em algo que só posso supor ser uma arma que machucou alguém hoje. A pergunta é: como? Ameaça? Agressão? Assassinato?

O canivete era pesado. Eu deveria ter sentido quando Faye o enfiou no meu bolso. Caí direitinho no jogo dela e acabei de me tornar o seu álibi perfeito.

Faye recua um passo, mas não é rápida o suficiente, nem se afasta o bastante.

É uma pena para ela que eu tenha passado muitos anos em embates físicos com os meus irmãos. Isso, somado ao hábito de aliviar o estresse com treinos de luta, aguçou meus reflexos. Só preciso de um passo e meio para alcançá-la novamente e segundos para passar os braços ao redor da sua cintura e puxá-la junto ao meu corpo. Faye arqueja quando seu peito colide com o meu – eu deveria ter pensado melhor antes de fazer esse movimento, porque, em um piscar de olhos, perco a razão. Esqueço o motivo pelo qual estou fora de casa a esta hora e por que estou tão puto por minha vida ter virado algo que já não reconheço. Olho para essa quase estranha pressionada contra mim e solto o ar. O peito dela sobe e desce, tão rápido quanto o meu.

– Eu não lido bem com ameaças – digo em voz baixa, falando a poucos centímetros do rosto dela.

Faye se inclina, ficando ainda mais perto, e fixa os olhos na minha boca de um jeito que me faz prender a respiração. Em um instante, os lábios dela estão pressionados contra os meus. Sou pego de surpresa. Mas também não me afasto. Ao contrário, entreabro os lábios. A língua de Faye roça a minha de um jeito provocante e ela se inclina mais na minha direção. Por uma fração de segundo, esqueço todo o resto enquanto retribuo o beijo. Com vontade. Perdido na imprevisibilidade, deixo que tudo o que há de errado nisso se aproxime e se acomode ao nosso redor como uma névoa.

O estalo alto de um trovão ecoa ao longe e, como se tivesse ouvido um tiro de largada, Faye se afasta e recua cambaleando, como se não tivesse sido *ela* quem

tomou a iniciativa. Ela toca os lábios com os dedos, como se pudesse encontrar as marcas que os meus deixaram. Então olha para a própria mão direita, ainda envolta na blusa e fechada em torno do canivete que segurei como um idiota.

– Você nunca me viu.

Relâmpagos iluminam o horizonte em breves clarões. Um aviso. A tempestade não está chegando, ela já está aqui. Pairando sobre nós.

– Você nunca me viu – repete Faye. – E, enquanto essa for a sua versão da história, isso nunca será encontrado – continua, erguendo o canivete.

Reprimo qualquer atração que possa ter surgido. A raiva que pulsava em mim volta à tona e dou um passo à frente, alcançando-a rapidamente. Então, fecho a mão ao redor do pescoço dela com firmeza. Se Faye quer brincar, então vamos brincar. Mas agora eu dito as regras.

Faye se esforça para manter a confiança intacta. Não quero saber os detalhes do que ela fez antes de eu aparecer. Não tenho o menor interesse em adivinhar o que pode ter acontecido para que ela se visse nessa situação ou se tem algum grau de sociopatia. Só uma coisa me importa: a minha família. Ou o que restou dela, pelo menos.

Quando Faye tenta afastar os meus dedos do pescoço, aperto com mais força. Gotas de chuva começam a cair como se pontuassem o momento.

– Não quero que nada com que você esteja envolvida chegue perto da *minha* família. – Então faço uma exigência: – Saia da cidade. E não volte.

Ela arregala os olhos e me encara, esforçando-se para conseguir falar.

– Eu não posso simplesmente ir embo…

O trovão ressoa acima de nós.

Cerro os dentes e aperto novamente seu pescoço, apreciando a pulsação acelerada. A prova de que agora ela está assustada o suficiente para me levar a sério.

– Você pode e vai. Ou vou falar pra todos os policiais que conheço nessa cidade começarem a fazer perguntas. Meu irmão pode ter saído da polícia de Fiasco, mas ele era da unidade K9. Ele e a cadela dele ainda são muito bons em encontrar coisas, principalmente quando sabem onde procurar. Você quer que eles comecem a procurar?

Uma lágrima escorre pelo rosto de Faye e se perde na chuva que nos encharca no momento seguinte. A gravidade da minha ameaça se desenrola na mente dela, que franze o cenho.

– Me solta, Foxx – diz Faye com o maxilar travado, puxando os meus dedos para se libertar.

Encaro-a de cima.

– As pessoas presumem que eu sou o bonzinho. O homem de família. Mas sou muito bom em deixar as pessoas acreditarem no que eu quero que acreditem. – Eu me inclino e sussurro, alto o bastante para que a minha voz se sobreponha ao vento que verga as fileiras de milho e faz a estrutura precária atrás de nós ranger. – Portanto, acredite quando eu digo… não gosto de ser feito de bobo. Não quero que você, nem o que acabou de fazer, se aproxime novamente de mim. Por isso você vai embora. E vou guardar o seu segredo. Eu nunca te vi. Não conheço você nem quero conhecer. Fui claro?

– Cristalino – responde Faye em um grunhido, enquanto se desvencilha do meu aperto.

Fico olhando-a se afastar e passo as mãos pelo cabelo. Engulo o nó que sobe pela garganta quando a minha mente volta para o motivo que me fez fugir mais cedo. O sono não vai vir fácil; sei disso porque sinto o peso da realidade pressionando meus ombros. A chuva bate no meu rosto durante o trajeto de volta para casa. O telhado na parte de trás vai manter Lady seca por enquanto. Enquanto amarro a égua, tiro a sela e encho uma bacia com água fresca, minha mente continua a repassar tudo o que acabou de acontecer. Esse dia precisa acabar, e amanhã vou pensar com mais clareza. Fico olhando para a porta dos fundos. Olivia e eu podemos deixar para conversar de manhã sobre o que o futuro nos reserva. Respiro fundo enquanto subo a escada.

Meu estômago se revira quando percebo que as luzes da cozinha ainda estão acesas. *Merda*. Não quero ver minha esposa.

Mas quando cruzo a porta, é o cheiro azedo e ácido do vinho de Liv e depois o estalo do vidro de um copo quebrado sob a minha bota que me fazem parar. Essas são as duas últimas coisas que o meu cérebro registra antes de ver as pernas dela estendidas no chão de madeira.

– Liv? Liv! – grito enquanto corro até o corpo caído da minha esposa, meu coração disparado.

Escorrego no vinho derramado ao redor dela e meus joelhos batem no chão de madeira. Liv não se mexe. Olho ao redor, como se alguma coisa fosse me dizer que merda está acontecendo.

Não tem sangue. Nenhum sinal de arma. Nenhum comprimido ou frasco de remédio. Alguma coisa a fez cair.

Levanto seus ombros e puxo seu corpo contra o meu.

– Liv, acorda. – Seus membros longos estão frouxos e a cabeça pende para o lado. Afasto de seu rosto as mechas de cabelo encharcadas de vinho e falo com a

voz trêmula: – Liv. Por favor, fala comigo.

Meu rosto está molhado, o nariz entupido, então só consigo respirar pela boca enquanto chamo uma ambulância. As lágrimas embaçam a minha visão enquanto olho para ela. Seus olhos estão abertos, encarando o nada, vazios de qualquer reconhecimento ou movimento. Ela não pisca. Não está olhando para mim nem ouvindo nada do que eu digo. *E parece tão pesada agora*.

Puxo o ar, tentando encher os pulmões para continuar pedindo que ela acorde.

– Fala comigo, Liv. Não faz isso.

Com as mãos tremendo, procuro sua pulsação. Tonto de pânico, apalpo o pescoço dela, mas não há nada. Nem um batimento para contar. *Isso não está acontecendo*.

– Liv, por favor. Você não pode deixar as meninas. A gente vai dar um jeito. Você não pode deixar as meninas…

5 ANOS DEPOIS

2

FAYE

Rosa é a cor perfeita para mim. Acrescente a renda cintilante, a peruca preta, o delineado gatinho exagerado e o batom vermelho-escuro, e me torno a fantasia. A distração. Um espetáculo. E estou louca para fazer um bom show esta noite. Todo mundo adora uma *pin-up* glamourosa ao estilo Gatsby nessa época do ano. O público desta noite está mais barulhento do que o normal, mas isso é esperado para o burlesco da véspera de Ano-Novo. Cada um aqui, do mais pudico ao mais promíscuo, veio para se divertir.

O Gin Fizz apresenta um espetáculo burlesco tipo cabaré. No cardápio, há jantar, coquetéis e muita sedução. E, embora as leis mais duras sobre bebida em Nashville estejam sendo aplicadas com mais rigor nos últimos anos, essa ainda é uma noite a ser desfrutada. Adesivos protetores de mamilo são indispensáveis. A parte de baixo dos seios precisa ficar coberta e aquela curva perfeita, onde a minha bunda encontra a coxa, só pode aparecer "por acidente".

A cadência profunda e tranquila da bateria começa e vai ficando mais alta justamente quando o trompete entra. Uma nota enfática antes de tudo silenciar novamente. Os sons provocantes, com um toque de blues do saxofone e do

trompete, fazem todos prestarem atenção. Gosto de números como esse: eles deixam o público querendo mais.

Inclino o queixo e sorrio de maneira sedutora para a primeira fila. O homem mais corpulento, de calça social azul-marinho e camisa branca, está tão fantasiado quanto eu. A fachada é de alguém que veio apenas para se divertir, mas tem muita coisa a esconder. O maxilar quadrado e a simetria do rosto o tornam agradável de se olhar, mas não há nada memorável em seus traços. Se eu tivesse que adivinhar, diria que está na casa dos 50 anos, mas já sei a idade dele. Pela data de nascimento, tem 49. É geminiano. Gosta de começar o dia com um shot de limão com cúrcuma e terminar com um copo de conhaque. A maior parte das pessoas não saberia nada disso com apenas alguns olhares de relance, mas não sou como a maioria das pessoas. E, ao que parece, o Sr. Brock Blackstone também não.

Meses de vigilância e esbarrões casuais cuidadosamente orquestrados o trouxeram ao Gin Fizz hoje à noite – um pedido de café errado, testemunhar uma discussão por causa de uma multa de estacionamento e o meu tipo favorito de teatrinho de donzela em perigo: "Estou tão perdida, você sabe onde posso achar…" Tudo isso fez com que ele passasse a vir aqui com frequência. Depois, pediu o meu número e começou a ficar cada vez mais ousado com seus "pedidos". E hoje, véspera de Ano-Novo, Blackstone sorri para mim como se eu fosse a mulher que ele vai beijar à meia-noite. Ele está ansioso demais, e é exatamente assim que eu quero que fique. Será uma coincidência incrível quando eu estiver me apresentando na mesma cidade da próxima viagem de negócios dele.

Aceito trabalhos que me parecem ser o certo a fazer. Qualquer coisa, desde ajudar a polícia local até auxiliar uma esposa a pegar o marido na mentira ou na cama de outra pessoa. Investigação particular é ir fundo e juntar as peças. Prestar atenção nos detalhes que não se encaixam. Fazer as perguntas certas e tentar encontrar inconsistências nas respostas. De vez em quando, isso me coloca no meio de algo maior.

Blackstone é um caso complexo, e venho trabalhando de todos os jeitos, desde atividades sob disfarce até interações e tecnologia que tornam o serviço mais fácil. É um orçamento generoso, mas, quando o FBI está atrás de alguém, os caminhos para pegar a pessoa são infinitos.

Flertar deixa as pessoas vulneráveis. Pode tirá-las do prumo e provocar um tipo de euforia que supera facilmente a de uma garrafa ou de um comprimido. Embora eu sorria para todos na primeira fila, é o Sr. Blackstone quem vai receber

a minha atenção especial. Porque ele continua vindo até onde estou para sentir a euforia que proporciono.

O refrão começa e giro lentamente no mesmo ritmo das outras quatro dançarinas – o "bump and grind", um movimento sinuoso dos quadris típico do burlesco, é o passo mais fácil de dominar. Se for feito do jeito certo, com alguns adereços e um pouco de contato visual, você se torna inesquecível.

Desabotoo o espartilho gancho por gancho até que ele se solte, e fico apenas com um short de cetim de cintura alta e um sutiã balconet coberto de lantejoulas. Me sinto absolutamente confortável em ficar nua – uma chave que virou quando mergulhei no universo do burlesco. Uma confiança inédita para mim se expandiu ao meu redor como um halo. Há algo nesse tipo de provocação sensual que faz as pessoas arquejarem e se sentarem mais retas na cadeira. Falarem mais. Se soltarem. E gosto do poder que isso dá. Funciona muito bem para mim.

O público assovia e grita enquanto rendas e cetins são removidos e puxados. Três de nós ainda estão cobertas, mas duas usam apenas um sutiã sem bojo e nada além da letra X feita com fita preta cobrindo cada mamilo. Nosso apresentador diz:

– Parece que, hoje à noite, o X marca o lugar! Quem está pronto para uma rápida caça ao tesouro?

Passo a minha estola de plumas ao redor do pescoço de Blackstone e a perna por cima do ombro dele. Mantenho a parte de trás do joelho apoiada, enquanto a minha coxa descansa no peito dele.

– Oi de novo – digo, em um tom baixo e insinuante.

O burlesco deve ser teatral, e às vezes cômico, mas sempre sexy. O holofote ainda não chegou até mim, o que torna este o momento perfeito para colocar um plano em ação.

– Oi – diz ele lentamente, apoiando-se no que acredita ser um charmoso sotaque arrastado do Sul.

Vejo pelo canto do olho o colega dele sorrindo enquanto se recosta na cadeira, me observando. Um arrepio percorre a minha espinha enquanto ele assiste, e Blackstone desliza a mão mais para cima do que qualquer pessoa respeitável normalmente ousaria fazer.

– Fico tão feliz que você tenha vindo esta noite – minto e abro um sorriso largo enquanto me inclino mais para perto. – Esse é o meu último show aqui por um tempinho. – Levanto a perna outra vez em um movimento ágil, giro o corpo com um meneio de quadris e me sento no colo dele. – Se estiver pensando em fazer a rota do bourbon no mês que vem ou algo assim, vou estar no Kentucky.

Ele me observa atentamente enquanto mantém a mão na minha coxa, o dedo indicador desenhando um pequeno círculo logo acima da meia, perto do prendedor da liga. Se não fosse uma apresentação e eu não estivesse interpretando um papel, um homem como esse nunca chegaria perto o bastante para me tocar, e muito menos continuar me tocando. Mas no palco, sob as luzes, eu sou Rosie Gold. E esta noite, Rosie Gold precisa que Blackstone preste atenção, para que ele saiba para onde ela está indo em seguida.

Quando o holofote finalmente chega até mim, me inclino com um movimento sensual, alongando as linhas do corpo sem quebrar o contato visual até estar com a cabeça bem inclinada para trás. Se Blackstone continuar olhando para mim, vai ter uma visão e tanto do meu corpo. E é precisamente isso que espero. Estendo os braços e apoio as mãos no chão, arqueando o corpo em uma ponte fluida para trás, em um movimento lento e suave.

Essa é a única vez que faço um trabalho sem algum tipo de arma escondida comigo.

Seguindo o ritmo da música, cada dançarina puxa o tubinho de confete preso na coxa e dispara quando o baterista atinge o primeiro prato. O público enlouquece exatamente como esperado. Assovios altos, palmas e gritos com comentários sugestivos ecoam ao redor assim que a música chega ao fim. As franjas presas nos protetores de mamilo balançam no ritmo dos aplausos, enquanto o apresentador anuncia o nome artístico de cada uma de nós.

– Vamos dar a essas lindas mulheres uma última rodada de aplausos. E uma salva de palmas especial para Rosie Gold, que está indo para Fiasco para uma temporada no Midnight Proof.

Sorrio e aceno para a plateia. E é *assim* que se termina uma noite.

O DJ assume enquanto me apresso para voltar ao camarim e trocar de roupa. Não tenho nenhuma intenção de encontrar Blackstone depois do show. Preciso que ele continue querendo mais, até chegar a Fiasco. Solto o ar devagar, tentando não pensar demais em nada disso. *Fiasco* – um lugar que eu fiz o possível para deixar para trás.

Saia da cidade. E não volte.

Depois da apresentação, demoro apenas vinte minutos para chegar ao meu apartamento. E, embora tecnicamente não seja meu, é conveniente. O estúdio de 45 metros quadrados é apertado, mas acho o aluguel honesto para esse bairro de Nashville. Não gosto de ficar presa em nenhuma cidade por muito tempo, então viver de aluguel funciona perfeitamente para mim. Parece irresponsável criar raízes. O único lugar que já considerei um lar deixou de ser há pouco mais de

cinco anos.

Quando nos mudamos para Fiasco, Kentucky, parecia que tínhamos trocado gado por milho e cavalos. Assim que chegamos, tudo parecia um retrocesso em relação à nossa vida no Wyoming. Mas minha mãe herdou a fazenda em um momento da vida em que percebeu que precisava de um recomeço.

Meus olhos ficam marejados quando penso nela e em todas as coisas que eu gostaria de ter dito.

Minha mãe começou competindo em provas de três tambores em rodeios e depois se tornou treinadora de cavalos, viajando pelo circuito de rodeios até a gravidez estar adiantada demais. Quando se tem 22 anos e o mundo inteiro pela frente, engravidar não parece uma preocupação. Até que se torna. Ninguém assumiu minha mãe ou a mim, por isso ela recomeçou em outro lugar. Dessa vez o recomeço a levou para Wyoming, onde ela conheceu o pai da minha irmã. Ele deu uma aliança para minha mãe e me disse para chamá-lo de "papai". Fomos felizes por um tempo. A não ser pelo fato de que ele já tinha exatamente o mesmo arranjo com outra mulher no condado ao lado. Uma esposa e dois outros filhos que também o chamavam de papai.

A intuição da minha mãe nunca foi boa com relação aos homens por quem se apaixonava.

Meu celular vibra e afasta as lembranças.

BLACKSTONE

Pra onde você fugiu, Rosie?

Eu sei o que ele quer – não é muito difícil entender os homens. Em vez de responder por mensagem, abro a pasta de imagens que mantenho salva para situações específicas como essa. Escolho uma foto que tirei no provador de uma loja de departamentos. Experimentar lingerie para os meus figurinos era o momento ideal para registrar algumas imagens perfeitas para esse tipo de situação. Eu não estava usando a peruca preta naquele dia, então corto a foto começando nos meus lábios e terminando logo abaixo da minha cintura. Estou com um sorriso cintilante e mostrando bastante dos seios. *Perfeito*.

Jogo o celular de lado e avalio o que ainda precisa ser feito. A maior parte das minhas coisas já está arrumada. Atualmente sou muito boa em montar um guarda-roupa portátil para cada estação, com poucas peças, porque nunca fico muito tempo em um lugar. Gosto de eficiência quando se trata da minha vida – é

algo que posso controlar e simplificar. Meu equipamento de vigilância – junto com os meus figurinos e adereços de burlesco – fica sempre guardado na caçamba coberta da minha caminhonete. Jogo a maquiagem e os acessórios na última bolsa de viagem. Olhando ao redor, é impossível não perceber como foi fácil empacotar minha vida. Passaram-se poucas horas e já parece que nunca estive aqui. O celular vibra de novo e me arranca dos meus pensamentos. A sensação de solidão é um negócio esquisito… aparece nas situações mais inusitadas, normalmente quando estou sozinha, mas cercada de pessoas que não me conhecem, ou em momentos como esse, quando estou prestes a partir e percebo que não deixei nenhuma marca especial enquanto estive aqui. A vibração caótica do celular continua – é uma ligação, não uma mensagem.

Sorrio ao atender. Del é uma das poucas pessoas que ficam felizes em me ver quando volto a Fiasco.

– Del, você acha que a Marla vai ficar pouco puta ou muito puta quando me vir?

Ele solta uma risadinha.

– Como você está, garota?

– Bem – respondo, e olho para o relógio do micro-ondas. – Já está tarde. Tá tudo bem?

A longa pausa apaga meu sorriso.

– Ah… Faye, não existe um jeito bom de dizer isso, mas você precisa voltar pra casa.

Eu me sento na bancada pequena.

– Eu vou chegar no dia planejado…

Um fato que ele já sabe, já que foi a conexão dele com o FBI que me colocou no caso Blackstone.

– A Maggie foi presa. – Antes que eu possa perguntar que bosta a minha irmã aprontou dessa vez, ele acrescenta: – Ela apanhou feio.

– O quê? – Desço da bancada. – Quem foi?

Culpa e raiva se misturam no meu peito enquanto me curvo para ouvir melhor.

– Dessa vez pegaram a Maggie por "embriaguez e desordem". Mas ela não está bem. E não quer dizer quem a deixou nesse estado. – Del solta um suspiro pesado. – Recusou atendimento médico e acabou desmaiando.

– Ela está saindo com alguém agora? – pergunto e tento engolir, apesar da garganta seca. – Alguém que possa ter feito isso?

– Acho que não. Pelo menos ninguém com quem ela tenha sido vista. Mas

você conhece a Maggie… sua irmã não costuma se abrir muito.

Na verdade, eu não conheço. A verdade é que não conheço mais a minha irmã. Do mesmo jeito que ela não me conhece. E nós duas guardamos ressentimento uma da outra por causa disso. Quando deixei Fiasco, minha explicação para ela foi pouco convincente, para dizer o mínimo. Minha mãe me disse para fazer o que eu precisasse fazer. Ela sabia o que eu tinha sacrificado. O que eu tinha feito. Mas Maggie não.

Ela não vai ficar feliz em me ver. Mal falou comigo no enterro da mamãe, e isso já faz quase três anos. Mas voltar para Fiasco não tem a ver com Maggie, comigo ou com os nossos sentimentos. E não é para curar feridas antigas ou relembrar o passado.

Olho ao redor do quarto quase vazio.

– Se eu pegar a estrada daqui a pouco, chego aí de manhã. – Mordo o lábio, ainda mais ansiosa agora. – Obrigada por avisar, Del.

– Até logo, garota – diz ele, soando aliviado.

Eu sinto tudo, menos alívio. Estamos apostando no meu retorno a Fiasco, e tanto Del quanto eu temos noção disso. Vou ficar por lá tempo suficiente para encontrar as pessoas. Para as fofocas começarem a circular. Para *vê-lo* de novo. Afasto o nervosismo. Preciso manter o foco. Não vou deixar uma mudança de planos abalar a confiança em quem me tornei e no que construí. Vou para lá por causa de um trabalho. E, assim que terminar, partirei para algum lugar novo.

3

FAYE

Abaixo o vidro da caminhonete e deixo o ar frio entrar, enquanto um cheiro familiar se instala na minha garganta e na minha pele. Já estive em vários lugares nos Estados Unidos, das montanhas aos litorais, de cidades a subúrbios, mas há algo diferente nos municípios pequenos do Kentucky. Fiasco, em particular, parece grande e sufocante ao mesmo tempo, com a terra plana, o silêncio, as lembranças que eu preferia esquecer. Voltar para casa faz com que o nervosismo e um vazio faminto lutem dentro do meu estômago, e não tenho escolha a não ser reprimir a sensação.

A placa de neon vermelho do posto de gasolina, que também funciona como restaurante, ainda brilha forte, mesmo com o sol já iluminando a manhã, embora ainda não tenha surgido no horizonte. Os postes de ferro preto que se enfileiram pela rua parecem novos. E placas onde se lê "Celebrando 100 anos de Bourbon & Cavalos" pendem de cada um. Um logotipo familiar – a cabeça de uma raposa envolvendo um "F" – está iluminado no centro da praça da cidade.

Senti saudade desse jeito como o ar se demora nos dedos da gente – até mesmo no inverno. E, quando o vento sopra do noroeste, o ar cheira a croissant

com notas de cacau, recém-assado e crocante. É aí que me lembro do motivo pelo qual Fiasco carrega esses aromas deliciosos. Bourbon. Mais especificamente, o bourbon Foxx.

Respiro fundo e lembro que a primavera e o verão traziam notas de chantili fresco, misturadas às ervas que enfeitavam os canteiros na frente de casa. Enquanto agora, no auge do inverno, quando os vizinhos queimam folhas do outono e restos de árvores de Natal em fogueiras, esse aroma muda levemente, fazendo o vento cheirar a açúcar queimado e a uma nostalgia de quando a vida parecia menos complicada.

– A gente não pode comer bolo no jantar – digo, lançando um olhar irritado para a minha irmã. – A mamãe me deixou no comando enquanto está nos estábulos.

Maggie se senta em cima da bancada.

– Você acha que o potro vai ser todo branco como a égua?

Dou de ombros. Minha irmã e minha mãe sempre tiveram a mesma paixão por cavalos. Podiam passar horas conversando sobre os animais que a mamãe treinava e como conquistava a confiança deles. Abro a geladeira e encaro as sobras. O frango está acinzentado e o macarrão, inchado demais.

– Vamos de pão com manteiga de amendoim e geleia – sugiro com um suspiro.

Mamãe tinha trabalhado até tarde a semana inteira, o que significava que o jantar seria o que conseguíssemos resolver sozinhas.

– Manteiga de amendoim e geleia têm açúcar. Tem pão, que já é praticamente bolo. Então vamos fazer um bolo e comer de jantar – argumenta Maggie, pegando a mistura pronta para bolos.

Ela sempre teve ótimas ideias, mesmo com 11 anos.

– Tá bom, mas vou dar minha "carteirada de irmã" mais velha e fazer de chocolate – digo, rindo sozinha enquanto pego os ovos e a manteiga.

– Boooaaaaa! – Maggie ergue o punho no ar. – Com cobertura de baunilha. E, se eu esquecer de te dizer depois, esse foi o melhor jantar de todos.

Não consigo conter um sorriso quando aponto para ela.

– Você vai limpar a bagunça.

Ela faz uma continência, com um sorriso radiante no rosto.

– Pode deixar. Quem lava a louça ganha duas fatias.

Nossa mãe nem ficou brava, e até comeu um pedaço do bolo no café da manhã do dia seguinte, dançando sentada enquanto saboreava cada mordida. Engulo o nó na garganta diante de lembranças que parecem tão distantes da minha realidade atual que às vezes me pergunto se de fato aconteceram.

À luz do dia, e meia década depois, Fiasco é mais encantadora do que eu me lembrava. O paisagismo e a atenção aos detalhes fazem com que pareça menos uma cidade pequena esquecida e mais um destino.

Quando finalmente estaciono em frente à delegacia, a luz da manhã é forte o bastante para ressaltar todas as mudanças no lugar. Antes de eu ir embora, ela ficava algumas quadras atrás e tinha metade do tamanho. O Departamento de Polícia de Fiasco ganhou um upgrade. Imagino que não sejam apenas impostos financiando isso. Tínhamos dois dos maiores negócios sediados aqui mesmo em Fiasco – bourbon e corridas de cavalos. Tenho certeza de que os homens que comandavam ambos tiveram participação nas melhorias desse lugar. O prédio abrigava a antiga sede do correio, mas agora é uma instalação de última geração que abriga o departamento de polícia, a central do atendimento de emergência e até um escritório regional do FBI, de acordo com as placas acima da entrada. Parece uma versão menor da Grand Central Station em Nova York, naquele intervalo silencioso entre o último trem e o primeiro.

– Com licença, estou aqui para pagar a fiança da minha irmã. Maggie Calloway – digo ao policial na recepção.

Não há nada de amigável no silêncio que recebo como resposta. O homem me encara com um olhar de julgamento; as costeletas são a única parte do seu visual que tem um pouco de leveza. Elas combinam com o cabelo penteado à perfeição. O policial coloca um palito na boca, volta-se para o computador e começa a digitar.

– Será que estou vendo uma assombração? – diz uma voz conhecida do outro lado do balcão. – Faye Calloway entrando na *minha* delegacia. Veio finalmente dizer que aceita sair comigo?

Sei exatamente quem é antes mesmo de olhar.

– Cortez. – Examino o cabelo e os olhos escuros, o rosto que ficou ainda mais bonito. Ele tem o tipo de estrutura óssea que as pessoas levam como referência para cirurgiões plásticos. E um sorriso radiante. – Você continua um espetáculo – comento, também sorrindo. Nós dois sempre fomos muito bons de flerte.

Alex Cortez conseguiu me levar para a cama quando estávamos na academia de polícia. A gente nunca esquece o primeiro. *E único*. Mas um bom flerte não é a mesma coisa que uma boa química, e percebi isso logo de cara.

– E aí, gatinha – diz ele, já contornando o balcão para me envolver em um abraço apertado. Não esperava que Cortez me chamasse assim de novo. – Você tá incrível.

Olho para o peito dele e percebo que não há distintivo, e que ele não está usando o uniforme cáqui completo como o outro policial que nos observa de trás do balcão.

– Você tá trabalhando ou…?

– Resolvi subir na carreira e consegui continuar por aqui. – O sorriso dele agora ocupa todo o rosto. – Você está olhando para um dos quatro membros da unidade do FBI do condado de Montgomery. Queriam abrir um escritório regional, e, como a polícia de Fiasco tinha espaço, minha mudança de investigador para o FBI me tirou das baias e me colocou em um escritório.

Ergo as sobrancelhas ao ouvir aquilo. Del me colocou na vigilância do caso Blackstone, então sei que o que venho fazendo está chegando ao FBI. Só não tinha pensado em quem seria meu contato aqui.

– Então você tá trabalhando com o Del?

Ele dá uma piscadela e confirma:

– Sim, senhora. Quer dizer, mais ou menos. O Del me fez um favor ao sugerir um investigador particular quando estávamos sem rumo nesse caso. Aí mencionou o seu nome e me mostrou as suas imagens de vigilância. O seu trabalho é muito impressionante, viu?

Tento disfarçar o sorriso que o elogio provoca.

– Sempre achei que acabaríamos trabalhando juntos – diz Cortez, com leveza. Ele aperta o meu braço e franze o cenho. – Você chegou cedo. É por causa da Maggie?

Assinto, os lábios cerrados.

– O Del ligou e disse que ela foi presa ontem à noite. Como ela tá?

Ele volta para trás do balcão e digita alguma coisa no computador. Coloco a minha identidade, o dinheiro da fiança e o meu documento de seguro social em cima do balcão.

– Maggie já estava sóbria no meio do terceiro turno. Estava daquele jeitinho doce de sempre quando eu disse que não podia dar nada para a ressaca dela – diz ele.

Solto uma risadinha diante do sarcasmo. Fico olhando para o homem à minha frente. Familiar, mas diferente. Um amigo. Talvez algo mais em outro momento. Mas também um estranho de uma vida da qual não faço parte há anos. Não vejo aliança na mão esquerda dele.

– Não sou casado, se era isso que você estava olhando.

Sorrio e encontro os olhos castanhos dele me analisando de volta.

Cortez pigarreia e o humor desaparece de sua voz:

– Pelo que ouvi quando ela chegou, a coisa foi feia. Mas acho que Maggie só ficou bêbada *depois* de ter sido agredida.

Maggie é a irmã Calloway que todo mundo conhece, a que assumiu a fazenda quando nossa mãe morreu. A filha que ficou e cuidou de uma mulher que precisava de terapia, não apenas de trabalho no campo e contato com os animais para se curar. As pessoas de Fiasco respeitam isso, e eu virei a vilã por ter ido embora. Elas não têm ideia do que aconteceu, dos acordos que fiz. Do que precisei fazer para que tudo ficasse bem. Mas agora é a minha irmã que não está nada bem.

É mais fácil lidar com a violência quando não somos afetados pessoalmente. Ainda assim, preciso perguntar:

– Tem alguma ideia de quem pode ter sido o responsável?

Cortez faz algumas anotações e se afasta por um momento. Observo enquanto vai até os fundos da delegacia e entrega alguns papéis que assinei a outro policial. Quando volta, não retorna ao computador. Em vez disso, contorna o balcão novamente e faz um gesto para que eu o siga. Quando passamos pela sala de espera e pelo corredor, ele pigarreia.

– Escuta, Faye. – O pequeno suspiro que vem em seguida me deixa tensa. – Sua irmã é encrenca. Você não vai encontrar muita gente em Fiasco que pense diferente. E encrenca tende a atrair encrenca.

Não concordo, e isso não responde à minha pergunta.

– Encrenca pode significar muita coisa, Cortez. Não se esqueça do que eu fui contratada para fazer. *Isso* sim parece ser encrenca de verdade.

– Tem razão. Usei a palavra errada – diz ele, recuando.

– Deixa eu resolver as coisas com a minha irmã e me organizar antes da minha primeira performance. – Eu me inclino mais na direção dele e pego o celular para deixar a interação mais casual. Não tem ninguém por perto, mas nada que envolva Blackstone é de conhecimento público. – É melhor a gente combinar um lugar para se encontrar que não seja aqui, obviamente.

Cortez sorri e demora alguns segundos para responder.

– Está me convidando para um drinque, Faye?

Ignoro, porque, por mais que eu goste de flertar, Cortez agora é um colega. Um colega que já me viu nua, é verdade, mas, como tudo o mais que é familiar por aqui, essa história ficou no passado. Agora é trabalho, e pretendo manter o meu colega nessa categoria.

A porta se abre com um zumbido de campainha. Minha irmã está encostada na parede, e eu não a reconheceria se passasse por ela na rua. Preciso recorrer a

todo o meu autocontrole para não disparar até ela, e demoro um instante para entender que os meus planos talvez não tenham mudado, mas agora precisam ser ajustados. Não tem como deixar Maggie sozinha se ela estiver correndo qualquer tipo de perigo.

O cabelo dela está molhado, ou oleoso, e o suéter preto está frouxo na gola, caindo de um dos ombros. Ela usa apenas uma argola dourada na orelha esquerda… a outra sumiu. O jeans justo azul-claro tem um rasgo grande no joelho, está sujo e um pouco ensanguentado. Ainda assim, nada disso chama mais atenção do que o fato de que o olho direito está inchado, quase a ponto de ela não conseguir abri-lo, cercado por um degradê feio de roxos e azuis, e o lábio está cortado e inchado. Marcas vermelhas descem pela frente do pescoço e desaparecem sob a gola do suéter. É como se alguém tivesse arranhado o peito dela. Mordo o lábio com força para manter as emoções sob controle.

– Meu Deus, Maggie – digo, soltando o ar.

– Eu não chamei ela – declara Maggie, olhando para o policial que solta as algemas que ela está usando. – Quem chamou? Porque com certeza não fui eu.

Ela pode não ter chamado, mas ainda assim eu vim correndo.

– Fui eu, garota. – Del intervém atrás de mim.

Eu me viro com um sorriso e me jogo em seus braços abertos, em um abraço que demorou tempo demais para acontecer. É bom abraçar alguém… já faz tempo.

– Faye – murmura ele, e me abraça um pouco mais apertado. Quando nos afastamos, Del toca o meu queixo com o nó do dedo. – Já faz tempo demais, garota. – Ele olha por cima do meu ombro para Maggie, que está com os braços cruzados, como se fosse uma tortura ter que assistir àquela conversa. – Você foi liberada mediante fiança e está sob custódia da Faye. É obrigada a comparecer ao tribunal no fim de janeiro. Por favor, pelo amor de tudo o que é mais sagrado, não seja presa de novo até lá.

Cortez tenta esconder o sorriso olhando para baixo.

– Cortez, você ainda é um babaca – retruca Maggie. – Só está feliz de ver a Faye porque ainda é obcecado por ela. – Ela abaixa os olhos até a virilha dele. – Vê se supera. Você foi o primeiro cara dela e essa fila já andou.

Porra, Maggie.

Ele aponta para ela.

– Cuidado. Que tal não acabar algemada de novo antes mesmo de sair daqui?

– Você é tão sem graça. Talvez por isso tenha virado só amigo – continua Maggie, com um sorriso de quem acha que ganhou essa. Ela segue pelo corredor

por onde entrei e grita por cima do ombro: – Faye, pode ir embora agora.

É quase engraçado como ela corre para se afastar logo de mim. Por isso, é mais fácil rir e chamá-la de babaca em voz baixa do que admitir o quanto dói ouvir aquilo. Del e eu seguimos atrás dela em direção à saída.

– Preciso saber de alguma coisa? – pergunta Del em voz baixa. – Entre você e o bonitão do FBI ali?

– Uma história do passado. Não vai ser um problema. – Olho novamente para Cortez enquanto atravesso a delegacia e aceno para ele.

– Foi bom te ver, Faye – diz Cortez.

Mesmo que haja poucas pessoas na delegacia a essa hora, ainda é gente demais que não precisa saber que estou aqui para ajudar.

Assim que empurro as portas e saio, o celular vibra na minha mão.

DESCONHECIDO

Vou entrar em contato.

Olho para trás e vejo Cortez digitando no celular.

FAYE

Você nem pediu meu número, Cortez.

DESCONHECIDO

FBI, lembra?

Quando levanto os olhos do celular, Maggie já sumiu.

– Merda, pra onde ela foi?

Del solta uma risada curta e para ao meu lado nos degraus de concreto.

– Provavelmente tomar café da manhã. O carro dela está no pátio. Achei melhor garantir que sua irmã não acabasse batendo em nenhuma árvore ou poste enquanto tentava lidar com o que quer que tenha feito ela vir parar aqui.

Eu não planejava ser a responsável pela minha irmã enquanto estivesse aqui. Na verdade, eu não tinha plano nenhum para nós duas quando soube que voltaria para Fiasco. Nem me permiti pensar nisso. Maggie me odiou por eu ter ido embora e não consegui perdoá-la por isso.

– Ela vem andando com a galera errada já faz um tempo. Começou com coisa leve… mas agora… – Del balança a cabeça. – Agora sei, com certeza, que ela está envolvida em algo de que não consegue sair. Não sem se machucar. Então, não importa o que ela diga: Maggie precisa da sua ajuda.

– É, imaginei que não seria nada simples. Não com uma surra dessas – digo, e passo os dedos pelo pulso.

Ele pigarreia antes de falar:

– Tem muita coisa em jogo aqui. Você tá pronta, garota?

Ele está se referindo ao meu envolvimento com Blackstone, mas sou apenas uma peça nesse jogo. Investigadores particulares só têm acesso a uma parte da história, não ao panorama completo. Mas, no que depender de mim, estou pronta.

– Enquanto as pessoas acreditarem na mentira e a fofoca não chegar até Blackstone antes de conseguirmos o que precisamos, vai ser tranquilo.

– Fica esperta. Se alguma coisa parecer esquisita, você espera.

Assinto brevemente. Del perdeu a filha em serviço. Ela seguiu uma pista, não teve o apoio necessário e a encontrou sangrando até a morte no local da ocorrência. Um ano depois, deixei a cidade, mas Del fez questão de me manter informada. Quem foi preso, quem morreu, o caos que tomou Fiasco, incluindo incêndios em armazéns de barris de bourbon e muito mais. Abandonei os meus planos de entrar para a polícia, mas, de algum modo, Del garantiu que eu não me distanciasse daquilo em que era boa e para o qual fui treinada.

Abri um e-mail com o assunto: Maneiras de ser policial sem ser policial.

Faye, tenho alguns contatos na Louisiana que estão sempre procurando investigadores particulares. As delegacias deles são pequenas demais para a quantidade de merda com que têm que lidar. Seu conhecimento pode vir a calhar. Sua mãe comentou que você está trabalhando em um café. Que sabe preparar um café excelente e uma torta melhor ainda. Marla ficaria orgulhosa. Mas, a bem da verdade, sei que você está sempre atenta. Mais do que a maioria das pessoas. Nós dois sabemos que o diabo sempre esteve nos detalhes :) Nos falamos em breve, garota.

Del.

Solto um suspiro pesado e examino a calçada dos dois lados da rua. Levo alguns minutos para encontrá-la mais adiante, em frente a uma barraquinha de acessórios.

– Maggie – chamo, e aperto o passo.

Ela pega um boné do expositor giratório e continua andando. *Sério?*

– Eu nunca pedi pra ninguém te chamar – diz. – Não quero você aqui.

Acelero o passo para alcançá-la.

– Que bom. Mas eu não preciso de convite para estar aqui.

Maggie para de repente e quase esbarro nela. Quando se vira, me olha com pura irritação.

– Vai pra casa, Faye.

Não voltei para ficar discutindo com ela.

– Minha casa é aqui. Pelo menos por um tempo.

Ela me encara confusa, como se aquilo fosse a última coisa que esperava que eu dissesse. Quando inclina o boné para trás, vejo de novo o hematoma que ocupa todo o lado direito do rosto dela, não só ao redor do olho. Isso é resultado de mais do que um soco ou um tapa. Isso foi uma surra.

– Quem fez isso com você? – pergunto, a voz mais baixa agora.

Já vi muitos rostos machucados ao longo dos anos. Porra, eu mesma já fui responsável por deixá-los machucados quando foi necessário. Mas é diferente quando é alguém da nossa família.

– O que você realmente quer dizer é "o que você fez, Maggie?", não é? – retruca ela, em um tom duro.

– Não. Não acho que uma mulher seja capaz de fazer algo que justifique uma coisa dessas.

As bordas dos olhos dela são mais azuis do que verdes. Iguais aos da nossa mãe. Todo mundo sempre comentava como eram bonitos. Afasto a lembrança.

Eu não deveria pedir detalhes, mas peço mesmo assim:

– Em que você tá metida?

Maggie enfia as mãos nos bolsos do casaco acolchoado e fica só me encarando por alguns segundos. Não consigo evitar procurar algum sinal, algum abrandamento que faça com que eu me lembre da minha irmã.

Então ela pergunta, agora mais baixo:

– Por que você passou a se importar de repente?

Se eu piscasse, teria perdido o momento em que os olhos dela ficam marejados. Ou quando ela solta o ar e os ombros se curvam. Não me passa despercebido que ela não tem ninguém que lhe faça essa pergunta. Essa é a única coisa que ainda temos em comum. Nós duas não temos ninguém.

Mas a buzina de uma minivan nos traz de volta à nossa realidade, e Maggie arregala os olhos enquanto verifica o relógio.

– Espera, que dia é hoje? – pergunta, parecendo apressada.

A mudança de assunto é abrupta, mas respondo:

– Segunda-feira.

– Torrada francesa recheada de pêssego com creme – fala Maggie.

Ela olha por cima do meu ombro por um instante e logo passa por mim.

Sei exatamente para onde ela está indo.

No fim do quarteirão, depois de passar por dois postos de gasolina, o sino da porta toca quando ela é aberta. Um sino que soa como se estivesse enferrujado e irritado por ainda ter que tocar. Olho ao redor. O revestimento de madeira faz o Hooch's parecer vintage. Isso me dá uma sensação de nostalgia, como acontece todos os anos quando escuto música natalina. É acolhedor, familiar, e meus lábios se curvam em um sorriso fácil. O vinil dos assentos das cabines foi reformado, e o laranja queimado de que me lembro deu lugar a um tom de cranberry profundo. Prêmios e reportagens de jornal antigos de times de beisebol patrocinados e festivais locais ainda decoram as paredes. As mesas foram renovadas e o layout mudou, mas o balcão longo é exatamente o mesmo. Madeira de barril de carvalho contorna a superfície sintética amarelo-mostarda, percorrendo toda a extensão do restaurante do posto de gasolina de Fiasco.

Cabeças se viram enquanto vamos até a mulher que está com um bule de café em uma das mãos e a outra apoiada na cintura. Não são muitas as pessoas de quem Marla Hooch gosta. Turistas, gente de fora, até visitantes sazonais não são recebidos de braços abertos no estabelecimento. Para isso, é preciso ser da cidade. Entrar aqui não vai render nenhuma recepção calorosa.

– O que vai ser hoje, meu bem? – pergunta Marla a Maggie.

Sem levantar a aba do boné roubado, minha irmã responde:

– Café e o especial do dia.

– Oi, Marla – digo com um sorriso. – O mesmo pra mim. – Vai que cola.

A expressão neutra e nada simpática de Marla é impagável. Sempre foi. Ela me lança um olhar de lado, mal reconhecendo a minha presença – e isso dói um pouco. Passei muito tempo sentada nesse balcão quando era menina, e, se tem alguém que guardaria ressentimento por eu não ter mais aparecido, esse alguém seria Marla Hooch. Ela guardava rancor por causa de gorjetas ruins e de gente que esquecia de desligar o celular na hora do jantar.

Maggie ri sozinha.

– Você acha mesmo que ela vai te trazer café da manhã?

Viro a cabeça para olhar para a minha irmã. Ela não é a mesma pessoa com quem cresci, mas, de alguma maneira, ainda é. Um pouco mais alta que eu, mais magra também. O loiro do cabelo dela é mais escuro do que o meu. Dá para ver que ela fez luzes, mas já tem algum tempo; a raiz está aparecendo. A aba do boné

projeta sombra suficiente para esconder o rosto, mas me surpreende que nem Marla tenha perguntado o que aconteceu.

Marla volta pela porta de vaivém da cozinha com uma bandeja em uma mão e uma única caneca na outra. Coloca a caneca na frente de Maggie e serve um café quente com cheiro de avelã. Quando devolve a jarra à chapa aquecida atrás dela, contorna o balcão e vai em direção às mesas. É a mesa do canto que me causa um desconforto imediato. Normalmente ela estaria ocupada por bombeiros e policiais aposentados jogando pôquer, às vezes por um grupo de estudantes, mas hoje, sentados ali, estão Wheeler Finch e Waz King.

Finch & King é a marca mais celebrada das corridas de cavalos. Eles estão envolvidos em todos os aspectos da indústria: da criação e treinamento até corridas e apostas. Wheeler Finch é respeitado. Talvez mais do que isso. Venerado. E não só porque tem uma quantidade obscena de dinheiro. Ou porque faz questão de deixar isso claro. É porque ele ajuda a tornar outras pessoas ricas.

Cada parte do negócio de cavalos passa, de alguma forma, por Wheeler Finch. E o dia em que os irmãos King chegaram a Fiasco foi quando isso começou. Tullis e Waz King eram treinadores que ajudaram a formar vencedores da Tríplice Coroa – treinamento, jóqueis e montagem de equipes que entregavam resultados ano após ano. Os irmãos King forneciam os cavalos, enquanto Wheeler Finch amarrava tudo com patrocinadores, apostas fora das pistas e qualquer outro elemento capaz de gerar lucro. Sempre houve rumores sobre o modo como Wheeler conduzia os negócios e como os King manipulavam outros treinadores. A Finch & King Racing é uma potência.

A única parte disso que me diz respeito é que Tullis King olhou para a minha mãe e decidiu que a queria. Aí nossa vida nunca mais foi a mesma.

Fico olhando enquanto Marla serve dois pratos na mesa deles sem um sorriso sequer. Sei que ela não gosta deles, mas, em Fiasco, há pessoas que você simplesmente não enfrenta. Finch e King são essas pessoas.

Quando ela volta, coloca um copo vazio na minha frente e, pela primeira vez desde que entrei aqui, me olha nos olhos enquanto serve água de uma jarra.

Solto um suspiro antes de perguntar:

– Como você tem passado, Marla?

– Parece pergunta de quem quer alguma coisa, não de quem realmente quer saber a resposta – ela diz, erguendo uma sobrancelha.

Pelo amor de Deus.

– Tá certo, então. Posso pedir um café?

– Temos água – responde ela, e se vira na direção da cozinha.

Solto uma risadinha pelo nariz. *Essa porra de cidade*.

– Eu te avisei – diz Maggie, e acho que ela está se divertindo mais do que deveria com a situação.

Se as duas soubessem *por que* eu fui embora, talvez não fossem tão babacas comigo. Lanço mais um olhar para a mesa do canto antes de me inclinar em direção à minha irmã, e falo junto ao ouvido dela:

– Vou passar um mês aqui.

Maggie olha para mim sem muita reação.

Eu tinha planejado manter distância, me apresentar no Midnight Proof e fazer o trabalho para o qual fui contratada em relação a Blackstone. Mas isso foi antes. Então continuo:

– Eu ia ficar em um apartamento pequeno enquanto estivesse aqui, mas não vou mais. Vou voltar para casa até você me dizer no que está metida.

Maggie solta uma gargalhada justamente quando Marla coloca um prato fumegante de torrada francesa, coberta com pêssegos ao bourbon e chantili, em cima do balcão.

– Acho que não – murmura.

Minha boca se enche de água e o meu estômago ronca só de sentir o cheiro. Comi um pacote de amêndoas durante a noite, na viagem, e mais nada desde então. Sou uma mulher naturalmente curvilínea, mas controlo meus macronutrientes e como a cada três horas para manter as minhas curvas exatamente onde quero. Exagerar é uma coisa, mas esquecer de comer… definitivamente não é a minha.

Não vou discutir com ela aqui.

– Te vejo em casa, Maggie – digo, já me afastando do balcão.

Evito fazer contato visual com qualquer pessoa, especialmente com os dois homens poderosos na mesa do canto. Meu bolso vibra com uma mensagem quando estou saindo.

– Seu quarto virou uma academia – grita Maggie por cima do ombro.

Como ela é *babaca*!

Tiro o celular do bolso enquanto ignoro as pessoas olhando para mim e tento não me deixar afetar pela sensação de não ser bem-vinda.

BLACKSTONE

Rosie Gold, parece que vou te ver no Midnight Proof nesse fim de semana. Que tal alguma coisinha pra eu aguentar até lá…

4

LINCOLN

– Poucas pessoas acham frações e química atraentes, mas o que vai parar naqueles barris ali é chamado de "o coração" por um motivo. É o que sobra depois que as variações de temperatura conseguem condensar e vaporizar o que veio daquele enorme tanque de mosto e levedura. – Aponto para a lateral do cômodo de onde acabamos de sair. Cacete, eu até fico meio de pau duro só de falar dessa merda.

A fotógrafa sorri para mim, e só por aquele olhar já sei que tenho toda a atenção dela. E não tem nada a ver com o modo como o bourbon é feito. Mas, quando me volto para o colega dela, a expressão azeda no rosto do repórter do *The New York Times* me deixa preocupado.

– Sr. Foxx, isso tudo é muito interessante…

– Lincoln – interrompo e levo a mão ao peito.

O homem cerra os lábios em uma linha fina, como se não tivesse nenhum interesse em histórias pessoais sobre como trabalhamos a nossa marca.

– Lincoln. Já ouvi tudo sobre a ciência por trás do bourbon. A matemática, as porcentagens de milho e trigo ou qualquer outra coisa que diferencie uma receita

de mosto da outra. Não há nada que possa me dizer que eu já não tenha ouvido de outros mestres destiladores ou descoberto depois de algumas buscas na internet. – Ele desliga o celular que vinha usando como gravador e o guarda no bolso. – Essa matéria é sobre o fato de estarem surgindo destilarias por toda a Costa Leste e, para ser bem sincero, a linha que estou seguindo é que um grande bourbon *não* precisa ser feito em Kentucky.

Respiro fundo, porque agora a minha vontade é dar um peteleco na cara desse repórter. Seria um gesto tão condescendente quanto as palavras dele. Olho de relance para o meu irmão mais velho, que está parado um pouco mais atrás. Há muitos motivos para o *The New York Times* estar rondando Fiasco – temos fama de atrair problemas. Mas hoje o assunto é o cerne do que minha família faz há décadas: bourbon. E, mais especificamente, como o Foxx Bourbon é o melhor do ramo. Não apenas diferente de qualquer outro, mas como o todo só funciona tão bem por causa das suas partes. E essas partes são a minha família. É o nosso legado.

Explico de um jeito que sei que ele vai entender:

– Você tem razão, um bourbon excelente pode ser feito em qualquer lugar dos Estados Unidos, assim como uma boa pizza pode ser feita em qualquer outro lugar. Pães também, inclusive.

Pelo modo como o cara franze o cenho, acho que ele sabe exatamente para onde vou levar essa conversa. Mas já estou embalado no meu argumento, por isso continuo:

– Se você cresceu no noroeste do Pacífico ou nas montanhas do Colorado, provavelmente consegue dizer quais são as melhores pizzarias. Você está comparando baseando-se em onde esteve. – Levanto o dedo, balançando de leve. – Mas há um porém. Nova York e New Haven, e até Boston, caramba, divergem completamente no que consideram uma boa pizza. E isso também vale para os pães. Você precisa ter provado o melhor para poder fazer uma comparação justa. – Inclino a cabeça na direção do repórter e depois da fotógrafa. – E talvez você seja o tipo de pessoa que deseja exaltar o talento da sua cidade ou de um restaurante específico, mas, se for honesto consigo mesmo, sabe que a melhor pizza, seja assada em forno a lenha ou aberta à mão, é aquela… de onde você vem.

Sigo caminhando ao longo da fileira de barris de envelhecimento e pego o longo ladrão de cobre. Mergulho no barril aberto e uso o acessório para tirar uma dose para provar.

– Assim como o nosso bourbon.

Entrego um copo com uma pequena amostra ao repórter e outro à fotógrafa. Ergo o meu contra a luz e admiro os tons mais profundos dessa reserva especial. Notei, quando eles chegaram, que o jornalista jogou algumas embalagens douradas de bala de caramelo no lixo, o que me diz que talvez ele prefira aquele final doce mais palatável de um bourbon envelhecido em dois barris. Não vou ser condescendente a ponto de dizer para ele deixar o líquido envolver a língua antes de engolir, mas, se fizer isso, o sabor vai ser tão rico quanto o caramelo daquelas balas.

– É a água. E, mais do que qualquer coisa, é a química do que o bourbon faz dentro desses barris que torna o bourbon feito no *Kentucky* o melhor.

– Então isso não vale só para o Foxx Bourbon?

Adoro dançar em torno dessa pergunta. Sorrio para ele.

– Cada pessoa tem um paladar diferente. A maior parte dos que já provaram uma garrafa nossa quer outras. Experimentar mais e conhecer a versatilidade. – Bebo o que resta no meu copo e saboreio por um instante.

Nós fazemos um bourbon bom pra cacete. Eu sei disso, e ele também, mas posso ser pragmático.

– Existe muito sangue antigo no bourbon. Há várias marcas aqui perto que gostam de falar que estavam aqui muito antes da Foxx Bourbon. Mas operam com ideias antigas e têm dificuldade de acompanhar os novos consumidores e apreciadores. – Lanço um olhar para Ace, porque ele é mais conservador, assim como essas marcas antigas. Mas a verdade é que o nosso sucesso depende de como seguimos evoluindo com a marca.

Quando volto a encarar Murray, o repórter, faço questão de dizer algo que ele possa citar na matéria:

– Mas nós crescemos, evoluímos e, ainda assim, o Foxx Bourbon é o melhor.

Dou uma piscadela para a fotógrafa no momento em que ela tira mais uma foto.

– No Kentucky – acrescenta ele, enquanto saca o celular do bolso novamente e começa a digitar.

– O Kentucky faz o melhor bourbon. E a Foxx faz o melhor bourbon no Kentucky – digo com determinação, no exato momento em que a fotógrafa registra a imagem.

Mais uma vez, olho para Ace. O sorriso que ele tenta esconder faz os meus próprios lábios se curvarem ligeiramente. Ele estava preocupado com o rumo da conversa, mas o que meu irmão mais velho às vezes esquece é que eu sei me virar. Posso não ter a mesma abordagem de negócios que ele, mas temos sempre

os mesmos objetivos: proteger a família e fortalecer a marca. Nessa ordem.

– Se importa se tirarmos algumas fotos desse espaço? – pergunta o repórter, ainda digitando no celular.

– De forma alguma.

Meu olhar volta para a fotógrafa, o cabelo escuro e longo jogado para um lado, enquanto a bolsa da câmera pende do outro. Observo como ela se apoia na parede, mudando de posição para conseguir o ângulo certo. Ela analisa a tela da câmera após uma sequência de cliques, e registro o jeito sexy com que se movimenta com confiança pelo espaço.

Sou arrogante o bastante para saber que, se a elogiasse um pouco mais e perguntasse sobre a profissão dela, seria fácil convidá-la para um drinque hoje à noite. Conseguir a atenção de uma mulher nunca foi problema para mim. O problema é manter a minha atenção nela. Estou sempre em busca de momentos sem importância com estranhas, e encontrando pequenas doses de prazer onde posso, enquanto tento me enxergar como alguém que não seja só pai. Ou marido. Ou viúvo.

– Os bares aqui em Fiasco servem outros bourbons além do Foxx? – pergunta ela em voz baixa, aproximando-se.

A câmera continua clicando, focando nos barris empilhados ao fundo.

– Eles têm várias marcas nas prateleiras. Algumas com garrafas mais especiais.

Murray pigarreia, tentando recapturar a minha atenção.

Acho que é um bom momento para fechar essa matéria, então vou até algumas das nossas garrafas mais antigas.

– Que tal eu abrir alguns dos meus anos favoritos e a gente fazer uma degustação de verdade?

Duas horas depois, descubro que Murray Ackroyd passou um total de 24 horas como policial em Nova York antes de seguir o próprio instinto e pedir demissão. Um fato que eu não saberia se o meu irmão, Grant, não tivesse ficado até mais tarde na tanoaria hoje. Barris carbonizados ainda fazem parte da rotina dele no fim da semana. Apesar de ter produzido alguns dos melhores e mais disputados bourbons que vendemos no último ano, meu irmão mais novo ainda gosta da rotina. E terminar a semana na tanoaria com o resto da equipe faz parte disso.

– Ei, caubói – chama Laney ao passar com a cachorra deles, Julep.

Grant se vira para ela com um sorriso largo.

– Já vou, docinho. – Ele aperta a mão do repórter. – A patroa já está pronta

para encerrar por hoje – diz, indicando Laney.

Murray ri e assente.

– Prazer, Grant.

Meu irmão bate no meu ombro.

– Vou ficar com as minhas florzinhas hoje, certo? Elas queriam passar um tempo com a Julep, então talvez eu leve ela comigo. Lily disse à Laney que precisa aprender a ser mãe de cachorro.

– Nem quero saber que diabos isso significa. – Balanço a cabeça, sorrindo, e enfio as mãos nos bolsos de trás. As minhas meninas adoram inventar projetos: construir um santuário para pássaros, vender flores silvestres na beira da estrada, e o último foi criar um inventário de pulseiras da amizade para todo mundo que mora em Fiasco. Mas, pela minha intuição, algo me diz que elas vão querer retomar a conversa sobre ter um cachorro. – Pra mim, qualquer coisa está ótimo. Pode passar lá por volta das sete.

Não tenho nenhum plano específico, só sei que preciso sair um pouco. Minha família é ótima, sempre se oferece para ficar com as meninas de vez em quando. Isso me dá a chance de fazer alguma coisa sozinho, o que é praticamente impossível sendo pai solo.

Olho de relance para a fotógrafa mais uma vez. Ela é exatamente o meu tipo – bonita, fácil e disposta. Esse é o único tipo de interação que eu quero: superficial. Passar uma noite flertando, transando e depois voltar para a minha vida.

– A maior parte das matérias e posts que vi supõe que a sua Edição Caubói era uma homenagem aos homens trabalhadores deste país, mas acho que acabei de descobrir o verdadeiro motivo por trás disso – diz Murray, com um sorrisinho.

Além de mim, se tem alguém que os conquistaria, seria minha cunhada, Laney.

– E não é sempre uma mulher que está por trás das melhores coisas? Tenho duas pequenas em casa que tiram o melhor de mim.

Ele assente, com um sorriso afetuoso.

– Se eu conseguir convencer o meu editor a ajustar o tom dessa matéria, alguém da checagem de fatos vai entrar em contato antes de enviarmos para a impressão. – O repórter cruza os braços diante do peito magro. – Normalmente é difícil me convencer, Lincoln. Mas gostei da história. Das histórias que alimentam os motivos por trás de tudo isso. – Ele inclina a cabeça na direção dos tanques de mosto. – Até mais do que da ciência por trás do que você está fazendo aqui.

Pela linguagem corporal do homem, sei que vem um pedido.

– O seu irmão, Grant, era da polícia de Fiasco – diz ele, enquanto espero a pergunta. – Ele ainda conhece alguém na corporação com quem eu possa falar sobre todo o caos na fronteira entre o Tennessee e o Kentucky?

Isso não é o tipo de assunto que alguém traz à toa. Está claro que Murray tem outro interesse. Uma parte de Fiasco corre ao longo da fronteira sudeste do Kentucky, colada na fronteira com o Tennessee.

– Tem havido muita movimentação por ali ultimamente. Relatos de cavalos desaparecidos e restos mortais encontrados espalhados pela região – explica ele, guardando o celular novamente. – Coisa bem bizarra. Ainda mais em uma região de criação de cavalos.

E, apesar de eu proteger a minha cidade, procuro me manter afastado de coisas que não têm nada a ver comigo ou com o Foxx Bourbon. Essa é uma dessas coisas.

– Eu cresci em Fiasco, Murray. Todo mundo conhece todo mundo. E tem muita fofoca circulando sobre quem deixou um casamento infeliz ou desapareceu. Talvez você devesse tentar o Tentação para conseguir informação. Vai conseguir muito mais lá do que com a polícia de Fiasco. Especialmente com meu irmão. – Grant não falaria com esse cara. Nem fodendo.

– Justo – diz ele, levantando as mãos com uma risada.

A fotógrafa, que estava ouvindo a conversa, sorri para si mesma.

– Tem um bar secreto na cidade, o Midnight Proof. Eles têm alguns dos melhores bourbons Foxx. E também é o bar da minha melhor amiga. Interessados?

O convite é para quem quiser ir comigo.

– Estou com prazo apertado. – Murray recusa. – Mas obrigado pelo seu tempo, Lincoln. – Ele aperta minha mão e começa a pedir ângulos específicos para a fotógrafa.

Ela assente e começa a clicar novamente. Observo enquanto a mulher sorri para a tela da câmera e, em seguida, levanta os olhos na minha direção. E só por aquele olhar, sei que interpretei tudo certo. Bonita, fácil, disposta e, mais importante, só vai estar aqui por uma noite.

5

FAYE

– Cacete! Olha só quem está por aqui: a famosa Rosie Gold – diz ela, com uma risada calorosa, batendo palmas.

É impossível não sorrir diante de Hadley Finch. Ela não é uma amiga. No máximo, uma conhecida. Alguém que estudou na mesma escola e viveu na mesma cidade que eu, mas terminam aí os nossos pontos em comum.

Todo mundo em Fiasco sabe quem ela é. E todo mundo que já assistiu a uma corrida de cavalos conhece o sobrenome dela – Finch. Duas coisas que as pessoas em Kentucky – sobretudo em Fiasco – levam muito a sério: cavalos e bourbon. Hadley está inserida nos dois mundos.

– Hadley, obrigada por trabalhar comigo – digo com um sorriso aberto, enquanto desço as escadas dos fundos do Midnight Proof.

A verdade é que estou ansiosa para começar. Demorei alguns dias para me instalar, mas ver a minha irmã tentando me evitar – ou simplesmente me ignorando – deixou de ter graça já na primeira noite.

– Fala sério, Faye. – Hadley fala mais alto enquanto seguimos pelo interior do prédio. Os sons de um trompete e de um saxofone deslizam sobre a melodia do

piano. – Você vai me trazer muito movimento. Eu te procurei on-line quando o Cortez me pediu esse favor. E, nossa, acho que comecei a ter uma quedinha por você ali mesmo.

Dou uma risada diante do entusiasmo dela. Eu não me lembrava muito de Hadley, só o que sabia por fofocas ou por acaso. Mas ela parece ser divertida e tem uma energia leve e acolhedora, sempre tão boa de encontrar. Vejo o bar secreto lotado no fim do corredor. O tilintar de copos e o burburinho agradável aumentam minha expectativa.

– Tenho um espaço para você usar como camarim.

Hadley faz sinal para que eu a siga e continua pelo corredor comprido, passando pelos banheiros e por um espaço que parece ser o escritório dela.

– É pequeno, mas a única atração que precisei acomodar até agora foi a minha banda de jazz e, de vez em quando, algum cantor.

Olho para o espaço e ele não é muito menor do que meu último apartamento.

– Está perfeito. Eu costumo chegar praticamente pronta. Só alguns ajustes de figurino e já estou preparada para entrar.

– Fica à vontade pra deixar os seus figurinos e qualquer adereço que precisar aqui. – Ela aponta para os meus braços, carregados com duas capas protetoras de roupa e a minha maleta de maquiagem. Hadley se encosta no batente da porta, enquanto penduro as minhas coisas e tiro o casaco. – O Cortez me garantiu que você está trabalhando para tirar informações de alguém para ele. Só isso. Que não tem chance de nada perigoso acontecer aqui.

Essa é uma afirmação ousada. Sempre existe a possibilidade de algo dar errado. Sei disso melhor do que ninguém. Mas entendo que Cortez disse isso para tranquilizar Hadley. Afinal, foi um pedido audacioso. Ela parece esperar uma resposta, mas, antes que eu diga algo, acrescenta:

– Este lugar é importante pra mim. Está fora do que normalmente é associado ao meu sobrenome. E gostaria de manter assim.

Assinto para garantir que compreendi. Levo a mão até a faixa ao redor da minha coxa, onde mantenho uma das minhas facas, para garantir que a fenda da saia não suba demais e revele mais do que quero. Também tenho um taser, uma arma de choque do tamanho da palma da minha mão, na bolsa; e um canivete dentro da maleta de maquiagem que Hadley acabou de colocar na bancada. Segurança é estar preparada.

– Estou ajudando um amigo. E a única coisa que você, ou qualquer outra pessoa, vai ver é que estou aqui para entreter.

Isso não é mentira, só não é toda a verdade.

– Ótimo. A banda de jazz vai abrir a sua apresentação em cerca de uma hora. Vai até o bar quando estiver pronta. Tem água, bebidas, o que precisar. Os bartenders sabem que você faz parte da equipe. A casa está cheia hoje. Vai ter muita gente na cidade nas próximas semanas… sabe como é, a depressão sazonal pega forte nessa época e as pessoas só querem fugir um pouco, explorar a região do bourbon e seus… efeitos recreativos.

Ela hesita por um instante.

– Não espero a presença de muitos moradores locais numa quinta-feira, mas o pessoal vai ficar sabendo que você está se apresentando aqui. – Sei aonde ela quer chegar, mas deixo que fale. – As pessoas vão comentar. Vão vir te ver.

– Não é essa a ideia? – respondo com um sorriso confiante, tentando acalmar a ligeira preocupação que ela acaba de provocar. – Você pode ignorar o motivo da minha contratação, pode esquecer o pedido do Cortez e me tratar como qualquer outra funcionária remunerada. E vou fazer um trabalho bom pra cacete. – Olho ao redor do espaço, avaliando o tamanho e constatando que é para um show. – Não devo explicações a ninguém, Hadley. Mas, se você está se perguntando se vou conseguir fazer isso caso o Sr. Dugan da loja de ferragens, a Prue da biblioteca ou até mesmo um Foxx apareça por aqui…

– O Sr. Dugan jamais pisaria aqui. – Mas não me escapa o fato de ela não comentar nada sobre um dos irmãos Foxx.

Levanto um pouco o queixo.

– Não importa quem me veja, porque tenho plena confiança no que faço, em como danço, no que as pessoas vão ver quando me assistirem. Não sou a mesma pessoa que saiu de Fiasco, e não tenho problema nenhum em deixar que todos vejam isso. E, para você, eu sou apenas o novo entretenimento do seu bar.

Ela abre um sorriso largo.

– Muito bem! – Hadley bate palmas uma vez, dá meia-volta e se afasta pelo corredor, gritando: – Se liga, Fiasco, Rosie Gold está pronta para deixar vocês malucos e com uma baita ereção hoje à noite!

Estou de volta a uma cidade que eu amava, mas que está cheia de pessoas que ainda não fazem ideia do motivo de eu ter ido embora, pessoas que me obrigaram a mal olhar para trás quando parti. Carreguei isso comigo para todos os lugares. Todos, *exceto* quando eu era Rosie Gold. Eu era diferente quando dançava burlesco. Dançar sempre foi só um hobby. Ser jogada de repente na vida adulta significou ter que me sustentar, sem tempo para diversão, então planejei deixar a dança para trás e entrar para a polícia. Começar uma vida. Mas a minha vida virou de cabeça para baixo, e já não havia expectativa de me casar ou me

estabelecer para ter filhos. Não havia pressão para escolher estabilidade em vez de explorar possibilidades. Eu precisava ganhar dinheiro. Só. E, de repente, as opções para isso pareciam infinitas.

É fácil assumir um papel e mergulhar em Rosie – a fantasia de uma mulher confiante que não pede permissão para usar o próprio corpo para provocar, entreter e conseguir o que quer.

Eu me encosto no bar, observando o espaço, tentando definir o caminho da minha coreografia. O bartender me serve um Club Soda, que fico bebericando enquanto mapeio o Midnight Proof. Os lustres pendurados no centro do salão principal iluminam o espaço com uma luz quente, banhando tudo com a quantidade exata de claridade. É a mistura perfeita de sofisticação, enquanto as cortinas de veludo vermelho fazem o lugar parecer mais um teatro do que apenas um bar secreto. É exatamente a estética da era Gatsby que se espera de um lugar assim. Some-se a isso os sofás de couro e os detalhes em ferro trabalhado, e você tem um ambiente masculino, mas, ainda assim, muito bonito. O estilo lounge permite que eu trabalhe facilmente com o público e me divirta um pouco mais.

– Bebendo em serviço? – diz Cortez, parando ao meu lado.

Inclino o copo de Club Soda na direção dele.

– Considerando a possibilidade. – Abaixo os olhos brevemente para o que ele está vestindo. Jeans justo nas coxas, botas marrons e uma camisa social branca por dentro de um blazer. Mesmo que tenha se arrumado, ele ainda é o perfeito policial de folga. – Não sabia que você viria hoje – digo, erguendo uma sobrancelha.

– Preciso ficar de olho nesse cara, mas, mais importante, preciso saber exatamente com quem ele anda trocando apertos de mão – explica. Vejo duas mulheres lançarem um olhar interessado para Cortez ao passarem. – No mundo ideal, você entra na lista de convidados daquele evento privado, Faye.

Minha vigilância indicou que Blackstone vai realizar seu leilão privado este mês – algo que chamou imediatamente a atenção do FBI. A propriedade que ele alugou para sediar esse evento fica bem no limite do condado.

O olhar de Cortez se desvia por um instante e ele solta um "hum", como se tivesse visto alguma coisa interessante.

– O que foi? – pergunto, curiosa para saber se ele vai me contar mais.

– Ace Foxx não era quem eu esperava ver andando de braço dado com o nosso homem – diz Cortez, endireitando o corpo. – Não posso dizer que estou surpreso. Mas isso acabou de ficar muito mais interessante. Você se lembra de alguma ligação ou e-mail entre eles?

Logo atrás de Atticus Foxx vem outro homem que não reconheço, e atrás dele está a pessoa que observei de perto por muito mais tempo do que qualquer um deveria se arriscar a fazer.

Brock Blackstone não passa de um vigarista. Um homem que comanda uma das maiores casas de leilão dos Estados Unidos. Ele é um curador com um talento especial para conseguir o que as pessoas precisam. Assim como a Christie's ou a Sotheby's leiloam antiguidades, joias inestimáveis, obras de arte e marcos históricos, a Blackstone Auctions faz o mesmo. Mas descobri rapidamente que são os leilões *privados* de Blackstone que merecem mais atenção.

Balanço a cabeça.

– Eu teria sinalizado.

Pensando bem, a Foxx Bourbon é uma das marcas mais desejadas do mundo. Não é surpreendente ver o dono e administrador dessa marca com alguém como Blackstone. Eu só não estava preparada para isso. O que é um problema. Porque deveria estar. O bourbon deles é digno de estar em um leilão. A revenda de garrafas raras pode variar de algumas centenas de dólares acima do preço de tabela até mais de dez, vinte mil. A Blackstone Auctions realiza leilões pelo mundo todo, mas são os privados que estão na mira do FBI. É o que ele consegue para esses leilões, e para quem, que eu preciso descobrir. Cortez não revela o que exatamente estão procurando, apenas que precisam de qualquer informação possível.

– Se houvesse qualquer sinal de um Foxx envolvido, Cortez, eu não estaria nisso.

Me afasto do bar e de onde Blackstone e seu pequeno grupo se instalaram. Por mais que isso me irritasse, fiz um acordo. E preciso manter distância da família Foxx se for ficar em Fiasco por algum tempo. Temos um trato, e já estou forçando a barra só por estar aqui.

– Como assim você vai embora? – perguntou Maggie, incrédula.

Fazia apenas algumas semanas desde que eu tinha voltado da Academia de Polícia em Frankfort. Antes disso, eu estava fora por causa da faculdade. Só voltava para casa nas férias. Era bom ter a minha própria vida longe daqui. Mas eu sentia falta de casa. E sabia que Maggie também sentia a minha falta, mas agora estava ocupada com a própria faculdade. Como estudava na Universidade do Kentucky, continuava a morar em casa, mas saía com os amigos quando não estava tendo aula ou estudando. Minha irmã ficaria bem sem mim.

– Estou com dúvidas sobre o que realmente quero fazer e preciso clarear a

cabeça. Encontrei um apartamento e vou me afastar um pouco daqui.

Comecei a dobrar as roupas no cesto de lavanderia, tentando controlar o tremor nas mãos. Eu me sentia péssima por mentir para Maggie. Não queria ir embora. Queria seguir com os meus planos, mas isso não era mais possível. Se eu quisesse que tudo continuasse enterrado e que Lincoln Foxx mantivesse a parte dele no acordo, então precisava partir. Eu odiava aquele desgraçado por me obrigar a ir embora assim.

– Faye – falou Maggie, em voz baixa. Os olhos dela se encheram de lágrimas enquanto me observava andar pelo quarto. Se eu parasse, começaria a chorar, e não podia fazer isso agora. – A mamãe tá mal. Ela não saiu da cama para trabalhar, e eu tô preocupada… Acho que…

Mas eu a interrompi:

– Eu não posso… – Me corrijo, então. – Tenho o direito de mudar de ideia sobre o que quero fazer da minha vida, Maggie. E a ideia de ser policial era melhor do que a realidade. – Engulo com dificuldade a dor que essas palavras provocam. – Mamãe entende. Por que você não consegue fazer o mesmo?

Ela afasta os pés, deixando a postura mais firme.

– Então é isso? Você realmente mudou de ideia sobre a carreira de que vem falando há dez anos? Tem certeza de que não tem mais nada para me contar?

Eu tinha feito uma escolha. E faria de novo se fosse necessário para proteger as pessoas que amo. E, se isso significasse mentir para a minha irmã, então eu mentiria.

6

LINCOLN

Giro a aliança de ouro no dedo. A aliança que só usava quando estava com as minhas meninas. Há muito tempo ela já não significa mais o que deveria: a promessa de amar alguém. Uma promessa que eu nem tinha percebido que havia sido quebrada. E nem conseguia sentir raiva por isso. Eu estava de luto por alguém que me deixava furioso. Restaram tantas palavras não ditas entre nós… Uma maldição familiar, uma tragédia, seja lá o nome que quiserem dar ao que aconteceu com Olivia, não importa. Eu vivi tudo aquilo, sabendo o que ela tinha feito para destruir o nosso relacionamento. E parece que aquilo também me deixou assim.

– Não tenho vontade nenhuma de consertar isso. Deixei de te amar há muito tempo – disse Olivia, como se estivesse arrependida, mas como se eu já devesse saber que ela era excelente em guardar segredos, a ponto de nem imaginar que ela pudesse ter algum.

Por isso, agora tiro a aliança quando não estou interpretando nenhum dos papéis que me foram designados: viúvo solitário, pai solo, pai amoroso ou o mestre destilador mais cobiçado do Kentucky. Quando preciso deixar de ser o

irmão Foxx tranquilo e simplesmente pegar o que quero, em vez de seguir regras ou conveniências.

GRIZ

Pretende falar do seu lote em algum momento?

Meu avô é insistente quando está empolgado com alguma coisa. Inferno, o homem é insistente com quase tudo. E faz isso de um jeito que parece que a ideia foi dele. E, quando o assunto é bourbon, Griz está sempre empolgado. Desde que meu irmão mais novo lançou a edição especial dele, Griz espera que eu e Ace façamos o mesmo. Superar expectativas é função de Ace. Já esperam que eu produza um ótimo bourbon todos os dias, e agora ainda preciso fazer algo exemplar. Não fico nem um pouco empolgado ou inspirado com a ideia. Se existe uma reação que isso me provoca, é irritação.

Tenho uma ideia do que poderia fazer, mas não vai ser bem recebida. Meu avô tem a mente aberta, mas Ace é irredutível quanto a seguir as regras. Ele não quer lançar nada que não seja bourbon. Nada finalizado em barris especiais ou qualquer coisa que fuja do cerne do que o Foxx Bourbon entrega. Por causa disso, não consigo encontrar o momento certo para apresentar a minha ideia, então venho ignorando a pergunta de Griz sempre que ela surge.

Pigarreio, encaro o espelho e seco o vapor do banho com um movimento da mão. Mais linhas ao redor dos olhos do que eu lembrava. Ainda tenho bastante cabelo. É uma vantagem dos homens da família Foxx. Até Griz ainda tem uma cabeleira cheia, embora esteja quase totalmente branca agora, combinando com o bigode espesso. Houve um tempo em que eu e ele éramos os mais parecidos um com o outro. Nosso cabelo era de um castanho mais escuro que o dos meus irmãos, e ondulado, quando deixávamos crescer um pouco. Talvez esteja na hora de mudar o visual. Passo a lâmina de barbear pelo pescoço, mas, em vez de deixar o rosto liso, opto por manter a barba rala. É inverno, afinal, e está frio.

– Pai, já terminou? Preciso pegar o meu roupão. – Lily bate uma vez na porta e, segundos depois, bate de novo, mais alto. – Tá me ouvindo? Você tá se olhando no espelho de novo?

Essa menina, Senhor…

Enrolo a toalha na cintura, rindo, e abro a porta.

– Por que o seu roupão está no meu banheiro?

Lily revira os olhos. Está agindo como uma autêntica menina de 9 anos.

– Você tem a melhor banheira, ora.

Sorrio para ela.

– Comprei umas bombas de banho novas pra você.

Os olhos dela cintilam quando me encaram pelo espelho.

– Comprou? Cadê?

– Coloquei ali na prateleira.

Aponto para o canto. Não é difícil entrar no papel de pai de meninas. Se bombas de banho me rendem sorrisos como esse, vou comprar quantas elas quiserem até enjoarem e passarem para a próxima obsessão. As minhas meninas já choraram demais e sentiram tristeza demais para a idade que têm. Elas merecem mais do que a vida deu até agora.

Vou até o closet e pego uma calça jeans para a noite.

– Baunilha cremosa e framboesa cintilante. Pai, framboesa cintilante não é uma fruta de verdade, né?

Estou dando uma olhada nas camisas quando ela me encontra.

– Acho que não, Lil – respondo de dentro do closet.

– Aqui não diz que é uma fruta de verdade. – Ela ergue o meu celular para me mostrar a busca. – Ah, você recebeu uma mensagem. O tio Ace disse que está bebendo com um bando de cuzões no Midnight Proof. – Lily arregala os olhos dela e cerra os lábios com força ao perceber o que acabou de dizer. – Só estou repassando.

Ergo uma sobrancelha e estendo a mão para pegar o celular.

– Não leia as minhas mensagens, por favor. Você tá devendo uma multa por falar palavrão.

– Tecnicamente, quem deve é o tio Ace.

Coloco os óculos e olho para a tela.

– Lily, meu celular tem senha.

Ela assente e sorri para mim.

– Eu sei a minha data de nascimento, pai.

Como eu não vou rir disso? Mas me mantenho no modo pai por mais alguns minutos.

– Como você sabia que a senha era a data do seu aniversário e não do da Lark?

Ela vai até o fundo do closet, sobe no banquinho e pega uma das camisas sociais mais escuras.

– Você usa a data de aniversário da Lark como senha do computador. E a sua como código das portas.

– Sério? – Mantenho a expressão impassível.

– Toma! Usa essa. – Ela me entrega uma camisa preta e desce do banquinho. – Você fica mais bonito com essa.

– Fique longe dos meus aparelhos, mocinha – digo, quando ela já está saindo.

Desço a escada e vejo Lark jogada no sofá, navegando pela Netflix. Dou uma segunda olhada, porque a minha filha de 11 anos parece cada vez mais uma adolescente – as tranças e vestidos deram lugar a camisetas esportivas, meias altas e gloss. Isso me causa um aperto no peito.

– Lark, você vai odiar as próximas palavras que vão sair da minha boca, mas vou dizer assim mesmo. – Olho para o relógio. Grant deve chegar a qualquer minuto. – Você vai ter que assistir a alguma coisa que a sua irmã também vá gostar.

– Ah, paaaai – reclama ela. – Por quê? A Lily nem tá aqui agora.

Ela se senta rapidamente e me lança um olhar letal enquanto vou até a cozinha.

Pego o pote de sorvete e duas tigelas enquanto a minha filha mais velha me fuzila com os olhos. Achei que isso só aconteceria daqui a alguns anos, mas Lark está prestes a fazer 12; a minha garotinha, tão doce, está virando rapidamente um dragão cuspindo fogo, cheia de emoções caóticas. Ela também se recusa a rir das minhas piadas agora. Só revira os olhos, bufa ou, minha opção favorita, me ignora.

– Então, já decidiu o que quer fazer no seu aniversário este ano? – Prendo a respiração, torcendo para que ela diga que só quer sair com algumas amigas.

– Festa do pijama com spa, só com algumas meninas do meu time de softbol, e talvez algumas da minha turma do ano passado. E algumas desse ano também. Talvez.

Graças a Deus. Com algumas amigas eu consigo lidar.

– Muito bem, e quem vai organizar essa festa do pijama com spa?

Ela sorri para mim, mas é um sorriso travesso. Um daqueles sorrisos que dizem que eu não faço ideia do que vem pela frente antes mesmo de ela responder.

– Talvez a tia Hadley possa te ajudar.

Merda. Lanço um olhar de lado para ela, pego duas colheres e lhe estendo uma. Levanto as sobrancelhas, fazendo círculos no ar com elas.

– O que significa "me ajudar"? Você vai ter que me explicar como vai ser isso, Lark. E de quantas pessoas estamos falando?

– Tipo, umas quinze, mais ou menos. – Ela levanta os olhos diante do horror

absoluto que estou tentando disfarçar.

Mas já estou balançando a cabeça.

Lark volta a falar.

– Nem é tanta gente, pai. E provavelmente nem vamos dormir. Talvez a gente passe a noite fazendo coisas tipo máscaras faciais e nosso próprio hidratante labial.

– Lark, você está falando do time *inteiro* de softbol. Isso não são "algumas amigas" – digo, da maneira mais calma que o meu cérebro permite. – Tem como ser só duas?

Ela solta um suspiro pesado e inclina a cabeça, como se a pergunta fosse totalmente absurda.

– Pai…

Foi claramente a pergunta errada. Nada como uma pré-adolescente para te fazer questionar o tipo de pai que você é.

– As meninas do softbol são as minhas melhores amigas, e se eu for convidar algumas, tenho que convidar todas. Então daria umas vinte e poucas.

– Isso não está me convencendo. O que aconteceu com quinze? Eu gostava mais desse número.

Ela revira os olhos, mas antes que a situação descambe para um momento "meu-pai-é-chato-demais", abro o pote de sorvete e tento distraí-la.

– Vem aqui, me diz se isso está envenenado antes de eu provar. Você é mais nova, tem mais chance de sobreviver.

Ela dá um sorrisinho.

Consegui.

Lark enfia a colher no pote recém-aberto e pega uma quantidade generosa de sorvete de chocolate com pasta de amendoim.

Quase no exato momento em que o sorvete encosta na boca de Lark, Lily entra correndo na cozinha, deslizando uns bons três metros com as meias felpudas até parar perto da bancada.

– Pai, por favor, por favor, por favor, posso tomar sorvete?

– Você está com um Oreo na mão.

Ela enfia o biscoito na boca e levanta as mãos, agora vazias. Então, ergue os dois polegares, com as bochechas cheias. Seguro o riso porque é exatamente isso que eu faria na idade dela.

Lark pega mais uma colherada e diz:

– Então, quinze para a festa tá bom?

Estou sendo enrolado pela minha própria filha.

– Você me tapeou, não foi?

Ela sorri, a boca cheia de sorvete.

– Aprendi com o melhor.

– Aham, tô vendo.

Lambo a colher e deixo na pia.

– Hoje vocês vão dormir às nove – digo, pegando o pote de granulado no armário. – As duas tiveram uma semana cheia. Não quero chegar em casa e ver vocês acordadas.

– Que horas você volta? – pergunta Lark, batendo a colher na da irmã.

– Tarde. Com certeza depois das nove.

– Vai sair com alguém? – pergunta Lily.

Hesito, porque elas nunca me perguntaram isso antes. De vez em quando, recebo alguma atualização sobre a mãe de uma amiga querendo saber se eu ainda estou solteiro, mas as duas fazem cara de nojo e nunca dizem muito mais do que isso.

Pigarreio.

– Não, vou só encontrar uma amiga nova.

E é a verdade. Não tenho interesse em namorar. Flertar, beber e ter encontros casuais são o limite para mim. Já passei pelas partes da vida que permitiam mais do que isso. Me apaixonar, casar, ter filhos e depois, aos poucos, deixar de amar. E nem isso terminou bem. Inferno, qualquer uma que saiba o meu sobrenome também não quer isso. Parece besteira, mas é difícil ignorar que quase toda mulher que se envolve com um Foxx acaba morrendo. Com exceção da minha nova cunhada, Laney, que mal escapou de um incêndio enorme, da explosão de um armazém de bourbon e de um serial killer. Espero que isso tenha sido o suficiente para ela escapar da maldição.

Minhas meninas não precisam saber por que não vai haver ninguém entrando na vida delas. Simplesmente não quero.

– Que amiga nova? – pergunta Grant, já entrando pela sala e indo para a cozinha.

– Tio Grant! – grita Lily, pulando no sofá e se jogando nas costas dele.

– Nunca perde a graça. – Grant sorri, fazendo um aperto de mão com Lark que é coisa deles.

– Imagino que você vá passar no Midnight Proof em algum momento.

Olho ao redor, procurando a outra bota.

– Vou. Por quê?

– A Hadley convenceu a Laney a trabalhar no bar com ela hoje. – Ele me

lança um olhar que conheço muito bem. Meu irmão não está nada animado com a ideia. – Fica de olho na minha esposa, por favor.

Grant sempre foi protetor em relação às pessoas que ama, mas esse instinto se tornou mais forte quando Laney entrou na vida dele. É bom ver meu irmão mais novo feliz outra vez. Não achei que veria isso acontecer. Tivemos anos difíceis; toda a família Foxx teve. E isso mexeu com Grant de um jeito que eu entendo, porque passei pelo mesmo.

– Pode deixar – respondo, e dou um beijo na cabeça de Lily. – Laney sabe se cuidar. – Aponto para Lark. – Depois a gente fala da festa. Seja boazinha com a sua irmã, por mim, tá certo?

Ela sorri e aperta meu ombro. Um gesto típico dos homens Foxx. Não somos de abraços, mas quando estamos orgulhosos ou felizes, sempre tem um aperto firme no ombro. Lark presta atenção. Ainda ganho abraços dela, mas gosto de um bom aperto no ombro também.

• • •

– Quer sair para tomar um drinque? – me pergunta a fotógrafa. Uma morena bonita cujo nome estou evitando usar de propósito por causa disso.

Não tenho interesse em levar essa história adiante – algo não parece certo aqui, e essa mulher está ligada a um grande jornal. Fofoquinhas locais são uma coisa, mas sou inteligente o bastante para saber que a ligação dessa mulher com o *The New York Times* é um sinal de alerta. Há várias maneiras de ela influenciar a matéria de Murray. A fotógrafa é linda, mas uma noite de diversão não vale a possível dor de cabeça.

– Tenho que acordar cedo amanhã e preciso falar com a minha amiga que está servindo no bar antes de ir embora. – Em parte, isso é verdade. – Mas obrigado por me fazer companhia hoje.

Pelo sorriso de lábios cerrados e o aceno breve de cabeça, dá para perceber que ela não esperava ser dispensada tão facilmente. A mulher queria um drinque no bar do hotel, o que significa que não tinha interesse nenhum em sair para conhecer Fiasco ou o bar secreto que mencionei mais cedo. Seria fácil levá-la para o quarto e me divertir um pouco. Chupar, trepar, repetir. Eu nem lembro a última vez que senti algo de verdade, muito menos aquela química que não deixa espaço para pensar, só reagir. Aquela dança que apaga o bom senso e deixa duas

pessoas sem fôlego, querendo mais. É… nada disso vai acontecer hoje. Dou um beijo no rosto dela, pago a conta e agradeço pela ótima companhia.

Menos de vinte minutos depois, desço a escada e atravesso as portas duplas de carvalho do Midnight Proof. Sou recebido pela iluminação quente dos lustres e pelo som do trio de jazz começando a tocar. O clima sensual na plateia e os rostos familiares apagam qualquer resquício do tempo que passei com a fotógrafa. Ir para casa teria sido a escolha mais inteligente, mas Ace já me mandou mais duas mensagens reclamando da companhia. Sempre fui o melhor em lidar com as pessoas que irritam meu irmão mais velho.

Vejo a minha melhor amiga me lançar um sorriso de olhos arregalados enquanto me aproximo do bar.

– O que você tá fazendo aqui? – Ela olha para Ace do outro lado do salão. – Achei que já fosse hora de dormir para vocês dois.

Mostro o dedo do meio.

– O Ace não consegue te ouvir debochando da idade dele daqui.

O bar está cheio esta noite, com gente de fora da cidade por causa de bourbon e cavalos. Negócios em um ambiente descontraído sempre rendem acordos melhores.

Olho para a minha cunhada servindo no bar.

– O que você tá preparando aí?

Ela dá uma olhada rápida, então olha de novo quando se dá conta de quem falou com ela.

– Linc! Foi o meu marido que te mandou aqui para me vigiar?

Sorrio para ela.

– Jamais!

Laney ri e termina de preparar o pedido de bebida.

Hadley me encara com aquele olhar de quem sabe das coisas.

– Encontro ruim?

– Não foi encontro. Só distração. – Dou de ombros.

Ela me encara fixamente, esperando mais detalhes.

Quando percebe que é só isso que vai ter, sorri com uma expressão compreensiva.

– Toma, hoje você vai de Manhattan – diz, empurrando o coquetel na minha direção. – Pode avisar o Brady na porta que o show começa em cinco minutos?

Bato com os nós dos dedos no tampo do bar.

– Deixa comigo.

Quando chego às portas duplas, as luzes já começam a diminuir. Me inclino

na direção de Brady, o segurança.

– A Hadley disse que o show vai começar, então dá uma segurada aí, pra ninguém entrar agora.

Ele assente e faz o que tem que fazer.

Fico ali um pouco mais, enquanto a banda de jazz aumenta o volume, tocando uma música que reconheço, mas não saberia dizer o nome. O contrabaixo começa com um riff grave e o trompete entra instantes depois. Encosto na parede de tijolos coberta por cortinas de veludo preto e olho ao redor, para os casais e grupos de amigos espalhados pelas mesas altas e sofás, todos bebendo algo em taças de coquetel, copos baixos ou flutes de champanhe. Vejo meu irmão entretendo outro engravatado, e, nesse exato momento, o salão fica em silêncio. É aquele tipo de silêncio que anuncia uma tempestade de inverno. Você sabe que ela está chegando, mas ainda não rompeu as nuvens.

Os espectadores sussurram em voz baixa, esperando a cantora e a performance burlesca começarem. Eu tinha esquecido que essa era a atração da noite. Isso explica o lugar mais cheio do que o normal para um dia de semana. Já faz meses que Hadley comentou sobre a "dançarina burlesca de tirar o fôlego" que contratou. Hoje é a estreia.

Tomo um gole do Manhattan – o uísque de centeio é uma boa mudança do meu bourbon puro de sempre. Quando venho ao Midnight Proof, deixo Hadley, ou quem estiver no bar naquela noite, escolher a bebida para mim.

O vermute cobre a minha língua e o centeio desce suave. A luz baixa, a música e a bebida fazem o meu corpo relaxar. Então, o trompete estoura alto e para abruptamente, me deixando em alerta. No meio do salão, um único refletor se acende e, sob ele, uma mulher está de pé, vestindo um sobretudo preto. O cabelo escuro está preso de lado e tem uma espécie de rede e pedras cor-de-rosa que refletem a luz. A iluminação dramática intensifica tudo. Meus olhos ficam presos à silhueta dela, querendo descobrir as curvas escondidas sob o casaco.

Ajusto os óculos e tomo outro gole do drinque. Mas, quando a mulher se vira, a sensação de satisfação desaparece.

Os olhos verdes, que já confundi com azuis, estão marcados pela maquiagem escura e esfumada que se alonga nos cantos. Uma pequena pinta, levemente à direita, acima da curva da bochecha, é uma confirmação. Assim como sei que o cabelo dela é naturalmente loiro, não preto.

Faye Calloway. Merda.

A raiva acende dentro de mim como fósforo riscado. É uma reação química que transforma um elemento em outro em questão de milissegundos. Essa

emoção poderosa se espalha pelos meus membros, desce pelas minhas costas, fazendo meu pau vibrar e cada centímetro da minha pele ferver.

Cerro os dentes com tanta força que meu maxilar dói. Que diabos essa mulher está fazendo de volta em Fiasco? Flexiono os punhos ao lado do corpo, lembrando-me da noite à beira do milharal, perto da porta da minha casa, sendo chantageado com a porra da arma de um crime, segundos depois de um beijo que nunca deveria ter acontecido. Aquilo deveria ser uma espécie de vingança – o nosso beijo naquele campo, depois de tudo o que minha esposa havia me confessado naquela noite. Mas não teve gosto de vingança – e *isso* me deixou puto.

A música evolui para um tom mais antigo, que desacelera por um instante, e a cantora da banda prolonga o início do refrão. Todo mundo naquele salão parece compartilhar o sentimento da letra de *Feeling good*, de que ela está *se sentindo beeeeeem*… porque ecos de assovios e gritos animados ressoam assim que Faye solta o cinto do casaco.

O cinto está pendurado nas mãos dela, balançando com o movimento dramático quando ela girou os pulsos. Seus dedos, cobertos por luvas de cetim, seguram o casaco longo fechado por mais um instante. Segundos depois, a música cresce – mais alta, mais intensa – e ela se livra do casaco de um jeito tão natural e sedutor que é impossível desviar os olhos. Faye agora está usando apenas um vestido de renda e cetim em tom rosa-antigo. Vê-se que é transparente e cintilante enquanto o holofote acompanha os seus movimentos.

Puta que pariu. Mudo de posição, plenamente consciente da reação do meu corpo. Meu pau está duro, meu rosto quente, e eu estou puto com a presença dela aqui. Então tudo faz sentido: Faye não está de visita. Ela trabalha aqui.

Observo todo o corpo dela, salivando, enquanto acompanho o balanço dos quadris e das coxas. A forma como a cintura afunila como uma ampulheta. É impossível olhar para qualquer outra coisa ou pessoa enquanto Faye se move pelo meio da plateia, os quadris marcando o ritmo da batida. Quando finalmente engulo em seco, olho ao redor e vejo o salão inteiro concentrado em cada detalhe do corpo dela. Faye é um tipo completamente novo de ponto focal. Do tipo que vira cabeças e excita corpos. Não há uma única pessoa prestando atenção em qualquer outra coisa além dela, inclusive eu.

Faye para diante da mesa onde estão Ace e o grupo dele. Os três homens assistem à apresentação relaxados, cada um com um copo de bourbon na mão. Os olhos deles percorrem todo o corpo dela, e tenho certeza de que uma lista inteira de pensamentos passa pela cabeça de cada um. Muitos passam pela minha

também.

Faye se apoia na mesa à frente deles, fixando os olhos em um dos cuzões que o meu irmão mencionou antes, enquanto ergue um braço enluvado acima da cabeça. Sem pressa, ela desliza a luva de cetim até o cotovelo, leva um dedo à boca e usa os dentes para puxá-la até retirá-la.

– O que vocês acham, rapazes? – diz Faye para a banda, alto o bastante para o público ouvir, em meio à música sensual. – Estamos nos sentindo bem?

Alguns assovios e gritos ecoam pelas paredes, e me pego sorrindo como um completo idiota. Ela sorri daquele jeito sexy que aperfeiçoou. Cada expressão facial e movimento têm um propósito.

Faye leva as mãos aos quadris, projeta o peito e puxa uma tira do vestido já quase inexistente, removendo a camada externa de tecido rosa translúcido. Resta apenas um conjunto de sutiã e short de cetim rosa. A pele dela cintila sob o reflexo dos lustres e do foco do refletor. Duas fileiras de cristais abraçam o seu pescoço e escorrem pela clavícula, como se fossem gotas d'água caindo soltas até o colo, moldando os seios de dar água na boca.

Um assovio alto vindo do bar me faz pigarrear e piscar. É como se eu tivesse levado um tapa na cara. Eu deveria ir embora. Deveria ir para casa e lidar com isso de manhã. Mas não saio de onde estou. Não consigo.

Acompanho os movimentos dela pelo salão. Faye sorri e se senta no colo de um dos homens com quem Ace estava conversando. Um babaca dono de casas de leilão que fez uma visita guiada particular na destilaria hoje cedo. A mão grande do homem se acomoda na parte baixa das costas dela, os dedos abertos alcançando mais abaixo do que eu consideraria respeitável quando se está tocando uma desconhecida.

Ela se inclina e sussurra algo para ele. Então sorri e afasta o pescoço, enquanto joga a cabeça para trás, ficando estendida sobre o colo dele. Mas quando a cabeça dela se inclina totalmente para trás, nossos olhares se encontram. É rápido, mas o corpo dela enrijece e a expressão leve e provocante desaparece pelos longos segundos em que seus olhos permanecem fixos em mim.

– Você não deveria estar aqui, e sabe disso – murmuro para mim mesmo.

Não sei o que me irrita mais: o fato de ela estar de volta à minha cidade ou a constatação de que não consigo parar de olhar para ela. Meu pau lateja quando ela desliza as mãos pelo centro do próprio corpo e, com a mudança de ritmo, se levanta e se move pelo espaço aberto entre as mesas e o palco. Faye está excitando o salão inteiro, e eu apostaria que não há um único assento seco ou indiferente aqui dentro.

Cruzo os braços e meus olhos percorrem o corpo dela mais uma vez. Os ombros empinados para trás, destacando o formato dos seios cheios que pressionam o cetim rosa que os sustenta perfeitamente. Meu polegar encontra a minha boca e deixo que escorreguem pelos lábios, imaginando como seriam os dela – urgentes, macios, um aperitivo para o que viria a seguir. Quando ela se vira, a pele lisa, marcada entre o short e a curva do quadril, parece o lugar perfeito para correr os dedos e roçar os dentes.

Que porra eu estou pensando?

A cantora volta ao refrão e o salão ecoa com mais assovios quando Faye solta primeiro a liga da perna direita e, em seguida, cobre a boca como se dissesse: *Ops!* Quando solta o outro lado, seus olhos encontram os meus, dessa vez com um sorriso provocante. Então, ela começa a vir na minha direção.

Não se atreva, cacete.

Ouço Brady, o segurança ao meu lado, dizer:

– Puta merda, ela tá vindo pra cá… – Ele me cutuca no peito com o dorso da mão.

Faye vem direto até mim e pisca – *ela pisca, porra*. Então volta a atenção para Brady. O desgraçado, com porte de jogador de futebol americano e uns bons quinze centímetros mais baixo que eu, engole em seco e fica encarando Faye. *Cara, ela deixou o homem totalmente sem palavras.*

– Oi, bonitão – diz Faye, com uma voz doce e projetada, com sotaque carregado do Kentucky. – Você pode me ajudar?

Mas não deixo que ele responda.

– É algo com o zíper ou precisa de uma faca? – interrompo, com a voz grave e alta o suficiente para que ela ouça.

Os olhos dela se fixam nos meus. A mensagem silenciosa trocada entre nós é simples. *Ele não vai encostar em você, então é melhor pedir esse favor para mim.*

Faye olha para o público por cima do ombro. Os refletores pelo salão iluminam algumas mesas, deixando claro para todos com quem ela está planejando brincar. *Comigo*. Faye se vira de volta para mim, com um sorriso dançando nos lábios, e desliza a mão pelo meu braço, entrelaçando os dedos nos meus e me guiando até o bar, onde um banco vazio está à espera.

Ela pressiona o corpo junto ao meu, passa os dedos pelo meio da minha camisa, então me empurra de leve até o banco, bem quando o som do trompete sobe em uma nota aguda. O público não faz barulho, mas o movimento arranca alguns assovios. Faye recua um passo e levanta a perna devagar, apoiando o salto logo acima do meu cinto. Não mexo as mãos quando ela se inclina para a frente e

pede, com o pé pressionado contra mim:

– Me dá uma ajudinha, Foxx.

É impossível ignorar onde estamos, mas o meu corpo vibra com a expectativa de tocá-la. A banda de jazz toca apenas o instrumental enquanto faço isso. O sapato alto não tem fivela. O detalhe de plumas no topo é um toque perfeito – ela é uma *pin-up* da cabeça aos pés. Tiro primeiro a parte de trás, depois a da frente, e jogo o sapato no chão. Ouço algumas pessoas gritarem meu nome, e Hadley ou Laney – uma das duas – assovia novamente de trás do bar.

Começando pelo tornozelo, deslizo os dedos e a palma das mãos pela panturrilha dela até o joelho, onde o ângulo me obriga a subir até a coxa. Em vez de passar pelas laterais, deixo as mãos correrem por baixo das pernas, puxando devagar as meias arrastão rosa-claro. Conforme puxo as meias para baixo, meus dedos roçam a pele lisa dela, deixando arrepios pelo caminho. Tocar em Faye assim não deveria ser tão bom. E fazer isso diante de tanta gente deveria me fazer pensar duas vezes. Mas isso não acontece.

Ela troca de perna no meu colo e sinaliza para que eu faça o mesmo. Enquanto repito o movimento, não consigo deixar de olhar para o rosto dela dessa vez, fixando meus olhos em seu lábio inferior carnudo, pintado no mesmo tom de rosa das meias que deslizo por sua perna. Quando levanto a cabeça, sem dificuldade alguma de encarar alguém nos olhos, Faye engole em seco e vejo que precisa se esforçar para manter o sorriso provocante. Meu coração dispara e meus dedos permanecem na pele dela. Minha respiração falha quando reparo na pinta no rosto, no movimento da garganta ao engolir e no subir e descer do peito enquanto ela me encara.

No instante em que afasto os dedos, o transe entre nós se quebra, e Faye volta ao personagem. Agora ainda mais baixa do que eu, sem os saltos, ela mantém os olhos fixos em mim por um segundo a mais antes de se voltar para o pequeno palco circular. Faye enrola as meias no pescoço, cada ponta repousando sobre os seios. O trompete, o baixo e a cantora encerram a música prolongando o "feeling good", enquanto ela joga o sutiã de cetim de lado, revelando apenas o vale entre os seios. As meias permanecem estrategicamente posicionadas enquanto ela se afasta, rebolando, as luzes se apagando e deixando apenas o eco dos aplausos.

Esfrego o polegar na ponta dos dedos. Sinto como se tivesse acabado de trepar. E a satisfação é fugaz.

É uma sensação muito específica, a mesma que senti na noite em que a encontrei à beira do milharal escuro. Só que agora não há terra nem sangue. Só cetim e meias arrastão. O tempo não mudou porra nenhuma – Faye continua

perigosa.

Não foi difícil entender o que ela estava fazendo naquele campo, principalmente após descobrir quem foi dado como desaparecido pouco depois, e por que Faye precisava de um álibi. Seja qual for o motivo para ela estar de volta agora, vou descobrir. Mas não esta noite.

– Lincoln. – A voz grave de Ace me arranca dos meus pensamentos. Pigarreio, ainda atordoado por causa de uma mulher.

Sorrio ao passar pelo bar e Hadley pergunta:

– O que achou do show?

Lanço um olhar pouco impressionado na direção dela e volto a atenção para o meu irmão. Nesse momento, preciso de qualquer coisa que tire o meu foco da mulher que acabei de ver se despir de forma tão pública e tão sedutora. *Inferno*.

– Quero te apresentar Brock Blackstone – diz Ace, quando me aproximo.

Estendo a mão para cumprimentar o homem, e lembro o nome dele e de como o negócio dele apoia o nosso.

– Sim, claro. Da Blackstone Auctions. Ouvi dizer que algumas coisas impressionantes são leiloadas e vendidas por meio do seu negócio.

Enquanto ele aperta minha mão, tento não pensar que esses são os mesmos dedos que estavam abertos nas costas de *Faye*. A mesma mão que percorreu a pele dela.

– Muito mais do que você imagina – responde Blackstone. – Meu leilão privado, em especial, pode interessar a vocês dois. Eu adquiri… – Ele faz uma pausa, de um modo curioso. – Coisas muito bonitas. E muitas outras que são úteis para homens de negócios em diversas áreas.

Blackstone olha ao redor.

– Falando nisso, para onde foi aquela coisa linda? Vocês me dão licença?

Viro o resto do Manhattan e observo enquanto ele segue em direção ao bar. Ace fica parado ao meu lado, tomando bourbon.

– Público interessante aqui hoje, não acha?

Lanço um olhar de lado para ele.

– Incluindo a atração?

Ace ri e dá outro gole na bebida.

– Ela está… diferente.

E, assim como fiz anos atrás, minto novamente para o meu irmão sobre a mesma pessoa:

– Nem reparei.

7

FAYE

Uma brisa ligeira faz os meus braços e pernas se arrepiarem, como se eu tivesse pegado no sono do lado de fora. *Merda*. O que me acorda são sussurros. Sou imediatamente atingida pelo estalo de pop rocks, aquelas balas que estouram na boca, e pelo cheiro de cereja cristalizada. Antes de abrir um olho, fico escutando por algum tempo. Meu pescoço está rígido e minha cabeça mal se sustenta no travesseiro que enfiei por baixo dela.

– Ela tem diamantes nos cantos dos olhos – escuto alguém dizer em um sussurro alto. – Lark, como ela colocou diamantes no rosto assim? Deve ter sido com cola, né?

Já faz alguns dias desde aquela primeira noite no Midnight Proof. Fiz mais dois shows desde então e agora encontro conforto em aproveitar as madrugadas. Felizmente, não houve mais aparições-surpresa de ninguém com o sobrenome Foxx. Mas não consigo entender por que não estou mais aliviada com isso.

O balanço da varanda se move e afunda conforme o cheiro doce se aproxima. *Nossa, tá frio*. Mesmo na varanda fechada. Eu não planejava dormir aqui, mas me sentei porque precisava clarear a cabeça depois do show de ontem. Eu estava

pensando demais em ver Lincoln Foxx de novo – não sei por que achei que a presença dele não importaria. Levei a ameaça dele a sério por todos aqueles anos, e isso me deixou com raiva. Mas, para ser sincera comigo mesma, foi uma saída. Eu não sei como teria ficado e fingido que estava tudo bem depois do que aconteceu naquela noite. Como eu teria seguido com os meus planos e construído uma vida, quando os meus projetos perfeitos tinham ficado tão diluídos e borrados?

Ou seja, eu estava remoendo toda essa bagunça que é a minha vida, tentando entender por que me importava com o fato de Lincoln não ter aparecido em outro show, e acabei dormindo. Agora, tremo enquanto o ar frio da manhã lambe a minha pele e os arrepios continuam a subir pelos meus braços nus. *Onde está a manta em que eu tinha me enrolado?*

– Ela tem tatuagens no braço. Quase até o ombro – alguém diz em voz baixa. Sinto o toque bem leve de um dedo percorrendo as vinhas e flores que envolvem meu braço. – É tão bonita… – sussurra para si mesma. Então, dá um sussurro esganiçado: – LARK.

Abro os olhos para dar uma espiada no despertador humano. A cabeça da menina está virada para a frente da casa, então ela não percebe que estou observando. O cabelo cacheado loiro-escuro contrasta bastante com a cor do cabelo do pai. Eu não tinha me dado conta de que, com o tempo, elas também ficariam mais velhas, mas não é difícil reconhecê-la como a filha mais nova de Lincoln.

– Lark, vem ver os diamantes.

– É strass – digo, com a voz mais arrastada do que eu esperava.

A menina solta um gritinho e o pacote de balas explode em cima de nós duas enquanto o balanço se move de forma desajeitada. Ela agarra os meus braços para não cair sentada no chão da varanda.

– Nossa, moça. Você quase me matou de susto!

O sol já nasceu faz tempo, mas está frio. As estações do Kentucky gostam de brincar nos extremos. Os verões são úmidos e abafados, enquanto os invernos adoram dar um choque no sistema. Essa manhã já está bem friazinha.

Minha voz sai como se eu tivesse engolido cascalho.

– Ótimo. Quem é você? E o que está fazendo na minha varanda?

Ela se levanta, e o casaco rosa-choque acolchoado quase me cega.

– Meu nome é Lily Bernice Foxx – diz a menina, com o ar mais desafiador que consegue exibir.

Não basta o homem morar do outro lado da rua; ainda por cima, a prole dele

é enxerida. Eu tinha esquecido que Fiasco é assim – limites pessoais mínimos disfarçados de recepção calorosa.

– E essa é a varanda da *Maggie*.

Um som oco de sucção ecoa pela varanda, vindo do copo que parece muito com o meu nas mãos da outra loira.

– Você acabou de beber a minha água?

A menina sorri e, em vez de responder, olha para a porta da frente e entra direto na casa.

Olho de volta para Lily, que está encarando a palma da própria mão, cheia de pedrinhas.

– Vocês duas sabem que essa não é a casa de vocês, certo?

Lark volta, e a porta de tela abre e fecha com força atrás dela, antes de me entregar um outro copo de água.

Lily se empoleira no corrimão.

– Você é a irmã da Maggie.

– Faye Rose Calloway – respondo com meu nome completo, exatamente como ela fez.

Estico os braços acima da cabeça, tentando me livrar da bruma de sono. Não é a primeira vez que durmo no balanço da varanda desde que estou aqui, mas é a primeira vez que não acordo e entro. Esse era um dos lugares favoritos da minha mãe – Maggie e eu cochilávamos com ela aqui em domingos preguiçosos de verão, quando éramos só nós três. Parece outra vida agora.

Lily arqueja admirada e repete o meu nome do meio para si mesma:

– Rose.

– Eu me lembro de você – diz Lark, olhando de lado para a irmã.

A menina está sentada no corrimão da varanda e emana todos os traços dos Foxx – olhos azuis, postura confiante, uma pequena covinha no queixo e uma expressão carrancuda estranhamente familiar. A cor do cabelo e a pele mais clara devem vir do lado da mãe. Sigo a linha do olhar dela até as fileiras de milho.

– Camiseta legal, aliás – volta a falar Lark.

Olho para minha regata, porque nem lembro mais o que estou vestindo. Então digo:

– Eu também me lembro de você. E você deve ter bom gosto. Essa é uma das minhas blusas favoritas. – Puxo a barra da camiseta para olhar para a estampa. – Freddie Mercury era fantástico.

Olho de relance para Lily, que está concentrada na coleção de pedras na palma da mão.

– Você encontrou essas ou comprou?

Ela assente enquanto ergue cada uma.

– Ágata, calcita, e estou tentando encontrar celestita. – Ela levanta uma maior. – Geodos são meus favoritos. Encontrei esse em uma loja de pedras.

– É lindo – digo quando ela me entrega. Viro a pedra na mão. O interior irregular de cristais roxos é afiado, mas o exterior é liso, marrom e cinza.

– Esse ajuda a afastar energia negativa. A Sra. Davis, minha professora de ciências, diz que pedras não têm esse poder. Que são produto de "pressão e tempo", mas eu acho mesmo que ela precisa de uma dessas no bolso. – A menina sorri, gesticulando. – Energia negativa demais.

Acabo sorrindo também.

Lily aponta para o que estou segurando.

– Foi a minha mãe que me deu essa.

Lark resmunga:

– Adiantou muito pra ela…

A irmã joga uma pedrinha rosa na direção dela.

– Ei, capitã do time do mau humor, segura essa e esfrega um pouquinho.

Lark joga a pedra de volta para Lily, mas, em vez de qualquer uma das duas se irritar ou prolongar a cena, ambas riem baixinho, e Lily guarda a pedra de novo na bolsinha. Eu me lembro de quando era fácil assim com a minha irmã. Ficar com raiva, brigar, superar. Era tão simples naquela época.

– Você já viu aquele filme sobre o cara que construiu um campo de beisebol no milharal dele? – pergunta Lark.

A pergunta me pega de surpresa. Dou uma olhada no celular – pouco depois das dez da manhã, significa que dormi menos de cinco horas. Mas sei exatamente do que ela está falando. Kevin Costner, antes de virar um fazendeiro, era um agricultor em Iowa que construiu um campo de beisebol, acreditando que o maior jogador de todos os tempos poderia aparecer para jogar lá.

– Já vi, sim. Algumas vezes, pra dizer a verdade. É um filme meio antigo pra você conhecer – comento, e observo o modo como ela encara o campo, com o queixo apoiado nos joelhos. – Você gostou?

– De algumas partes – diz ela. – Principalmente a parte que diz que, se você acredita em alguma coisa e ouve a sua intuição, no fim tudo dá certo.

Eu sinto essas palavras – *ouça a sua intuição*. Não é sempre que estou na presença de crianças para ter esse tipo de conversa. Não levo o tipo de vida que me coloca perto de crianças com frequência, e definitivamente não esperaria que uma delas dissesse algo que me afetasse assim.

– A minha mãe costumava me dizer isso – conto, e olho de relance para ela. – Dizia pra gente fazer o que parece certo e que, no fim, tudo se resolve.

Não me escapa o quanto isso é irônico, se levarmos em consideração como tudo desmoronou para ela. Para nós.

– Eu gostava da sua mãe. Shelby – diz ela, com um sorriso, brincando com a ponta da manga da blusa. – Os cavalos sempre obedeciam a ela, e ela fazia o Griz rir tanto que ele ficava vermelho.

Maggie se apoia na porta de tela e interrompe:

– Ei, mocinhas, querem um smoothie?

As duas olham uma para a outra e depois para mim, antes de Lily esconder o rosto e fazer um som de nojo.

– Que tipo de smoothie? – pergunto, curiosa, rindo da reação dela.

Maggie solta uma risada curta.

– Vai se foder, Faye. – Ela toma um gole do smoothie e resmunga: – A oferta não era pra você.

Essas são as frases mais longas que ouvi de Maggie desde que deixei minha bolsa dentro da casa e ela percebeu que eu estava falando sério sobre ficar aqui. Aí ela dobrou a aposta e mergulhou de cabeça no modo babaca. Talvez o tratamento de silêncio fosse melhor.

Lily pigarreia.

– Esse palavrão vale cinco dólares, Maggie – diz, sem nem levantar os olhos.

Lark se inclina para mim e sussurra:

– Você não vai querer o smoothie. É verde e tem cheiro de chulé.

Maggie bufa e se afasta da porta de tela, e não consigo conter outro sorriso. Uma mulher de mais de 20 anos fazendo birra é, no mínimo, divertido.

– Vocês duas não deveriam estar na escola? – grita ela lá de dentro.

Olho de uma para a outra.

Antes que eu consiga perguntar mais alguma coisa, o barulho alto de uma porta de caminhonete batendo faz nós três virarmos a cabeça ao mesmo tempo na direção da entrada.

– Lark e Lily Foxx. Vocês só podem estar brincando comigo. Eu vi as duas entrarem no ônibus da escola há meia hora. Aí agora vejo duas meninas mais ou menos da mesma idade das minhas por aqui. Uma delas com um casaco rosa acolchoado, e penso comigo mesmo: não pode ser Lily Bernice Foxx. Ela está na escola agora. E quem poderia ser a outra, mais velha e madura, ao lado dela? Com certeza não é a irmã dela, Lark. Isso seria impossível.

O tom sarcástico dele faz com que eu disfarce um sorriso, enquanto o meu

estômago afunda como se eu também estivesse encrencada. É a mesma sensação que tive quando o vi na outra noite.

– Estamos muito ferradas – murmura Lark.

– Pai, *vocêêê* disse que às vezes a gente precisa fazer as próprias regras. Então é isso que estamos fazendo! – grita Lily.

Ele mal olha para mim, mas, com a atenção voltada para as filhas, aproveito e deixo meus olhos o examinarem com gosto. À luz do dia, Lincoln Foxx é bonito demais. O cabelo escuro cheio – um luxo para a maioria dos homens chegando aos 40. Eu sempre me lembrava dele mais barbeado, mas agora as costeletas se misturam à barba por fazer. Qualquer pessoa viva sente a confiança dele e reconhece facilmente que é o mais bonito dos Foxx. E agora ele está ainda melhor. Olhos azul-claros atrás de óculos de armação escura fazem com que eu queira ainda mais a atenção dele. Não faço ideia de por que não mandei ele dar o fora do bar naquela outra noite. Mas agora, no modo pai e irritado, Lincoln é perturbadoramente sexy. Seria muito mais conveniente se ele estivesse envelhecendo mal.

Já fiz muitas coisas questionáveis e tomei decisões moralmente duvidosas ao longo da vida. E sabia que, um dia, teria que responder por elas. Só não imaginei que o carma viria vestido de calça jeans, camisa preta impecável e casaco de lã escuro, e que ignoraria completamente a minha presença.

Um novo arrepio percorre meus braços e pernas, o que me lembra que estou do lado de fora de casa e com uma roupa totalmente inapropriada para o frio.

A emoção padrão sempre que penso demais em Lincoln Foxx é uma mistura de ódio e irritação. Nós dois nos encurralamos. Eu odeio o fato de ele ter estado lá naquela noite. Odeio as consequências daquela noite. Odeio que ele tenha visto, aceitado e guardado segredo. Odeio que, no fundo – de todas as pessoas horríveis que encontrei –, a pessoa por quem escolhi guardar rancor provavelmente era a mais honrada. Isso é irritantemente inconveniente.

O olhar de Lincoln se volta para mim por um instante e… ah, sim, vejo ali o mesmo ódio e a mesma irritação que sinto.

– O que você tá fazendo aqui?

Olho ao redor da varanda.

– Tecnicamente, essa ainda é a minha casa. Bem, metade dela, pelo menos. O que *você* tá fazendo aqui?

Ele solta uma risadinha sarcástica e passa a mão pela nuca enquanto repete a pergunta em voz mais baixa:

– O que eu tô fazendo aqui? – Lincoln olha para as duas meninas. – Vamos –

diz, ríspido, da base dos degraus da varanda.

Mas Lark intervém:

– Pai, por favor, a gente pode faltar hoje? – As mãos se juntam em uma súplica. – Todo mundo precisa de dias para cuidar da saúde mental.

Tento esconder o quanto acho aquilo divertido. Ela está certa. Todo mundo precisa mesmo. Mas não acho que o pai dela vá cair nessa. Ainda mais depois de me ver aqui conversando com as duas.

– Não sei por que esse seu sorriso.

Levanto os olhos, encontro os dele, então percebo que está falando comigo.

Ergo as sobrancelhas.

– Quando eu terminar de resolver isso – fala Lincoln, apontando para as filhas –, eu e você vamos ter uma conversinha.

Balanço a cabeça em negativa, sorrindo diante da audácia.

– Acho que não, Foxx…

As covinhas dele se aprofundam enquanto ele devolve o sorriso, como se eu tivesse dito algo engraçado. Então ele baixa os olhos para o chão da varanda e enfia as mãos nos bolsos do casaco.

– Lily e Lark, entrem no carro.

Uma delas ainda tenta insistir:

– Ah, qual é…

– Agora – corta Lincoln, em um tom firme o suficiente para me fazer sentar alguns centímetros mais reta no balanço da varanda.

As meninas descem a escada apressadas, mas Lily para e volta correndo.

– Toma. Essa aqui é pra te dar coragem. Não perde, tá bom? – diz baixinho, e joga a pedra cinza ao meu lado.

Quando a pedra quica, os cristais roxos irregulares ficam voltados para cima.

Aperto os lábios, tentando disfarçar o sorriso enquanto ela se afasta, mas, quando desvio os olhos, encontro a expressão de desaprovação do pai.

– Não vá a lugar nenhum – diz ele, apontando para mim.

– Você está invadindo uma propriedade privada – retruco.

Foi isso que ele me disse cinco anos atrás, naquele milharal. E, pelo modo como Lincoln estreita os olhos, ele também se lembra.

Lincoln balança a cabeça e apoia as mãos na cintura.

– Você é uma doçura mesmo – resmunga.

Por que é tão satisfatório irritar esse homem?

– Não sou fã de apelidos, Foxx – digo, franzindo o nariz. – Lamento.

Ele abaixa o tom de voz.

– Quero que você vá embora.

Eu me levanto, deixando a manta que estava no meu colo cair no chão. A regata curta do Queen termina logo acima do meu umbigo, e abaixo disso não há nada além de um short minúsculo de dormir. Mais abaixo, meias felpudas até o joelho, mas acho que ele nem chega a notar. Seu olhar percorre cada pedaço de pele exposta – meus braços, minha cintura, minhas coxas. *Tão previsível*.

– Tem certeza, Foxx? – pergunto, observando das pernas dele até o cinto, deixando meu olhar se deter ali por um instante, só para irritá-lo mais.

Ele engole em seco e olha por cima do ombro na direção do Jeep. Mas, em vez de ir para lá, sobe os degraus rapidamente e para bem na minha frente.

– Aquelas duas meninas são o meu mundo inteiro. Um bom par de peitos e uma bunda empinada não vão me fazer esquecer que você não é o tipo de pessoa que eu quero perto delas. – Ele mira o meu corpo de cima a baixo e volta a me encarar nos olhos, o que me mantém paralisada. – Então, sim, tenho certeza.

Queria que as palavras dele não doessem tanto.

– Você não faz ideia do tipo de pessoa que eu sou – digo, sem muita firmeza, então passo por ele e entro em casa, batendo a porta atrás de mim.

Solto o ar enquanto me apoio na porta. Estou frustrada, com raiva e… magoada. Droga, detesto ficar magoada, mais do que qualquer coisa.

Para tentar me livrar da sensação, subo as escadas de dois em dois degraus e vou direto para o banheiro. Com a visão turva, abro o chuveiro, tiro a roupa rapidamente e afasto uma lágrima que escapa contra a minha vontade.

Quando entro debaixo do jato fraco, deixo a água quente penetrar e abafar as palavras dele – *você não é o tipo de pessoa que eu quero perto delas*. Droga, mas o que eu esperava? Eu chantageei o homem, e ele me disse para nunca mais voltar.

Maggie me arranca daquele redemoinho de pensamentos, quando bate na porta do banheiro e grita:

– Não usa toda a água quente!

Aperto a parte de cima do nariz e respiro fundo, tentando me recompor. Que merda eu estava pensando quando resolvi voltar para cá?

8

LINCOLN

A sociedade vai dizer que está cedo demais para uma dose de bourbon, mas estou prestes a levantar os dois dedos do meio com força e rodar, mandando um grande *foda-se* para o universo. Nada, absolutamente nada neste dia está dando certo.

– Pai, esse não é o caminho para a escola – diz Lily, com tom cauteloso, do banco de trás, virando a cabeça quando passamos pelo Hooch's e seguimos em direção à destilaria.

– Bem, vocês duas quiseram começar a semana infringindo a lei, então cheguei à conclusão de que só existe uma pessoa capaz de colocar algum juízo nessas cabecinhas.

Quando entro na longa estrada de cascalho, já vejo Julep esperando pacientemente pela nossa chegada. Grant deve ter avisado que as meninas estavam vindo. Aquela cachorra considera Lark e Lily parte da matilha.

– A gente não infringiu a lei – rebate Lily.

– A lei determina que as duas vão para a escola, e vocês estavam planejando não fazer isso hoje, então… – Dou de ombros. – Agora podem resolver isso com

o tio Grant.

Isso faz com que ela se cale na mesma hora. Grant pode estar aposentado da polícia, mas ainda sabe fazer aquele discurso intimidador sobre seguir regras quando é necessário. Ele ainda faz isso comigo, inclusive.

Faltar à escola era algo que eu e os meus irmãos fazíamos o tempo todo quando éramos crianças. A gente entrava no ônibus e, assim que as portas abriam, dávamos um jeito de distrair o professor responsável e corríamos para a beira do bosque que cerca o terreno da escola. Quando nossos pais ainda estavam vivos, normalmente passávamos primeiro na casa do nosso avô. Ele sempre deixava refrigerantes de gengibre no cooler atrás do depósito de barris e uma chave da destilaria pendurada em um gancho.

– Eu gostei dela – comenta Lark, me arrancando das lembranças. Dou uma olhada pelo retrovisor. – Tem um nome bonito.

– Quem? – pergunto, sem entender do que ela está falando.

– Faye. É bonito – explica Lily, mexendo nas unhas recém-feitas.

– Você acabou de fazer essas unhas, não fica cutucando. – Pigarreio. – E não se pode gostar de alguém só por causa do nome.

– Por que não? – intromete-se Lily, ao mesmo tempo que Lark interrompe:

– Além disso, também gostei do jeito como ela fala com a gente.

– O quê? – Solto uma risada.

Lily continua, como se a irmã não tivesse falado:

– Ela também é muito bonita.

– Bonita… – repito, soltando o ar. – Consigo pensar em várias outras palavras para descrever aquela…

É a vez de Lark me interromper:

– As unhas dela pareciam garras.

– E ela provavelmente usa como arma também – murmuro, baixinho. Olho pelo retrovisor e vejo Lark encarando as próprias unhas. Cacete, acho que preciso repensar a forma como estou criando minhas filhas se elas se deixam impressionar tão fácil por uma mulher bonita. – Vocês não podem gostar de alguém só por causa da aparência.

Assim que digo isso, já sei o que vem a seguir. Lark me encara de um jeito que grita *você é um idiota*. Então começa a mexer no aparelho que, no momento, está servindo só para ouvir música.

– Ela estava com uma camiseta do Queen muito legal. Estava escrito "Killer Queen".

– Combina com ela mesmo – resmungo.

– Ela tem uma pinta igual à minha. – Lily aponta para a maçã direita do rosto. – É como se a gente fosse almas gêmeas.

Pelo amor de Deus.

– Muita gente tem pintas no rosto, Lily.

Diminuo a velocidade do Jeep quando Julep começa a correr ao nosso lado. Lark abaixa o vidro para cumprimentar a cadela.

– Julep, hoje você vai passar o dia com mais duas das suas pessoas favoritas.

Lark se recosta e me olha pelo retrovisor.

– Pai, ela parecia legal.

– Mas não é.

Dessa vez, Lily rebate:

– Como você sabe?

Não tenho a menor intenção de contar a lista exaustiva de motivos pelos quais Faye não é a pessoa "legal" que minhas filhas acham que é.

– Eu só sei.

– As pessoas não falam com a gente daquele jeito. Ou elas olham pra gente com aquele jeito de pena por causa da mamãe ou fazem uma voz toda simpática por sua causa – declara Lily. Sinto o estômago revirar porque sei exatamente do que ela está falando. – Eu ouvi as mães das escoteiras falando sobre a maldição da nossa família.

Ouvir *isso* me irrita. Fiasco adora fofoca, mas as pessoas da cidade precisavam arrumar uma explicação para o fato de a nossa família ter passado por tanta tragédia e perda. Era uma coisa ridícula: *Toda mulher que um Foxx ama acaba morrendo*. Mas falar disso perto das minhas filhas não ia ficar barato.

Lark encara a paisagem pela janela, agora com uma expressão triste e pensativa, e só o que quero é garantir que ela fique bem. Se eu não fizer algum tipo de discurso motivacional agora, vou me arrepender.

– Ei – digo, tentando fazer com que a minha filha mais velha olhe para mim pelo retrovisor. – Lark.

Ela me lança um olhar de lado tão parecido com o da mãe que preciso me esforçar para engolir o nó que aperta a minha garganta.

– Escute o que eu vou te dizer agora. – Desligo o rádio e piso no freio. – Vocês carregam o sobrenome Foxx. – Arqueio as sobrancelhas e levanto mais o corpo no banco. – Isso significa força, meu bem. Não existe uma única alma nesta cidade, ou na próxima, que seja tão forte, inteligente e bonita quanto vocês duas.

O queixo de Lark treme ao ouvir aquela afirmação, e preciso de todo o meu

autocontrole para não desmoronar também. A gente fala da mãe delas com frequência. Das coisas boas. Das coisas que faziam Olivia ser amável e gentil. Das coisas que torço para que as meninas tenham herdado dela, porque isso não vem de mim. Elas vão ser fortes, leais, inteligentes e conscientes, mas as qualidades que fizeram com que eu me apaixonasse pela minha esposa são as que eu torço para que as minhas filhas tenham absorvido de alguma maneira.

Lark assente uma vez, enquanto Lily levanta os braços, os dedos estendidos, e diz:

– Eu sou uma Foxx.

Lark esboça um sorriso.

– Tá certo. Eu sou uma Foxx.

Paro finalmente diante da casa do meu irmão, coloco o carro em ponto morto e me viro no banco.

– Muito bem, irmãs Foxx. – Olho de uma para a outra. – Nada mais de faltar à escola, mesmo que seja para ver a vizinha nova e bonita.

– Viu? Você acabou de chamar ela de bonita – retruca Lily, rindo.

Inferno.

Grant abre a porta da frente da casa. Apenas três coisas fazem o meu irmão mais novo sorrir daquele jeito: ficar com a minha cunhada, fazer barris e estar com as *minhas* filhas.

– Minhas florzinhas estão virando ervas daninhas? Por que mataram aula hoje? – grita ele, só que tem riso demais na sua voz.

– Isso não soa nem um pouco como uma bronca educativa – comento.

Ele cruza os braços enquanto Lily sai correndo do Jeep, já contando tudo sobre as suas pedras e cristais.

– Beleza, tio Grant, escolhe a sua favorita.

Meu irmão aponta para um cristal branco opaco.

Lily segura a pedra e diz, enquanto me aproximo:

– Pai, quanto tempo a gente vai ficar aqui hoje?

Grant se distrai, como esperado, e olha para o outro lado. É quando a minha filha guarda a pedra no bolso, e eu entro na brincadeira.

– À tarde. – Olho para Grant em busca de confirmação. – Tudo bem?

Ele concorda.

– Por mim, tá ótimo. Hoje sou todo de vocês, minhas florzinhas.

Ela abre um sorriso enorme quando ele volta a atenção para ela. Com os punhos fechados estendidos, diz:

– Ótimo. Agora escolhe uma mão.

Ele demora um segundo para escolher a mão direita dela. A mesma em que Lily tinha guardado a pedra antes, mas, quando abre, não tem nada ali.

Ele solta uma risada.

– Lil, como você fez isso?!

– Muito bem, muito bem – digo, sorrindo e batendo palmas. – E cadê a minha Foxx favorita? – A forma mais fácil de provocar Grant é flertar com a minha cunhada, Laney.

– Ela está ajudando a Hadley de novo hoje. Achei que você soubesse, já que vocês três vivem grudados.

– Isso é território novo pra você, irmãozinho? – Baixo a voz para as meninas não ouvirem. – Está com dificuldade de ficar grudado na sua esposa? Quer que eu te mostre como fazer?

Ele me dá um soco no braço e aperta o meu ombro em seguida. Daquele jeito ameaçador que sempre termina com um soco no estômago. *Eu sei, mereci*. Solto o ar quando ele faz exatamente isso – um golpe firme bem abaixo das costelas.

– Você sabe que mereceu essa, não sabe?

Me curvo, apoiando as mãos nos joelhos, enquanto recupero o fôlego. Alguns segundos depois, respondo:

– Sei.

Depois de soltar mais um suspiro, estico o tronco. *Porra, isso doeu*.

– Te mando uma mensagem depois do almoço. Eu devia estar na destilaria há duas horas. O chato do Ace disse que queria me ver e eu ainda nem cheguei lá.

Viro o celular para mostrar a Grant a sequência de mensagens do nosso irmão mais velho.

ACE

Preciso de você aqui o mais rápido possível. Não é opcional, vem logo pra cá.

LINCOLN

Por quê? A Hadley tá pegando no seu pé de novo?

ACE

Também quero ver a Maggie. Passa pra buscar ela no caminho? Ela não tá me respondendo.

– Quem fez merda? – pergunta Grant, depois de ler.

– Se eu soubesse…

– Ouvi dizer que Faye Calloway é a nova garota do burlesco no Midnight Proof. Pra ser sincero, ainda me surpreende ela não ter virado policial. O Del falava dela como alguém pra gente ficar de olho.

Ela é mesmo alguém para ficar de olho – é um inferno tentar não ficar. Que merda aquela mulher estava vestindo em uma varanda em pleno inverno?

– Você viu a Faye quando foi lá na outra noite? – Meu irmão está perguntando por algum motivo. Grant nunca é curioso à toa. – Laney disse que ela é incrível. Ou melhor, nas palavras dela: "A mulher é um espetáculo, tô com crush nela, e a Hadley disse que a Faye deixou ela com tesão."

Passo a mão pela boca para esconder o sorriso.

– Essas duas são fogo. – Pigarreio antes de mentir. – Não tinha parado para pensar nisso, mas vi a Faye, sim, quando estive lá.

Grant estreita os olhos, então cruza os braços.

– Humm, interessante. Ela está ali do lado da sua casa, morando com a Maggie?

Tento soar despreocupado.

– Por que você tá me perguntando?

– Primeiro, porque você é vizinho delas. E segundo, porque você tá estranho.

– Eu tô estranho? – digo, apontando para mim mesmo.

– Tá. É estranho você não ter dito nada. Você sempre tem algo a dizer sobre as mulheres bonitas daqui. Porra, você ainda fica que nem um babaca babando pela Laney sempre que pode. – Ele me dá um tapa.

– Você e a sua esposa precisam de assuntos mais interessantes. – Viro na direção do carro. – Tô indo. Lark, Lily, vejo vocês mais tarde – digo, por cima do ombro.

– Você sabe que eu sei muito bem quando você tá mentindo, né, Linc?

Não respondo. Em vez disso, mostro o dedo do meio para ele com um sorriso largo enquanto entro no carro.

Os olhos de Lily se arregalam quando ela vê meu dedo do meio bem à vista. *Merda*. Ligo o podcast para não ouvir o que ela diz, mas observo pelo retrovisor enquanto a minha filha mais nova esfrega o polegar no indicador, bem alto, e articula: *Dedos do meio valem dez dólares, pai!*

Eu nunca deveria ter concordado com esse maldito "cofrinho dos palavrões".

• • •

A música alta é a primeira coisa que me atinge quando subo com passos pesados a varanda das Calloway. Depois de bater e esperar, foi mais fácil simplesmente entrar. Eu disse a Faye que voltaria, mas o mais importante agora é levar Maggie para a destilaria para falar de negócios com Ace.

Faye surge no corredor com a boca cheia de cereal e estaca quando me vê. Eu esperava um berro, mas, em vez disso, ela inclina a cabeça de lado e grita:

– Não conseguiu ficar longe, Foxx?

É preciso muito autocontrole para não rir disso. Depois de tudo o que eu disse antes de sair – e sei que fui duro –, a mulher me responde com sarcasmo. Não sei por que gosto disso, mas o fato é que me pega desprevenido. *De novo*.

Uma mão segura a tigela enquanto ela abaixa a outra, que estava com a colher. O leite do cereal respinga quando ela desliza a mão livre para o bolso do roupão estampado e todo colorido. O movimento afrouxa o cinto, e o roupão se abre o suficiente para revelar o vale de pele lisa que vai do pescoço ao umbigo. Um mero vislumbre de pele e algo em mim desperta. Do mesmo jeito que aconteceu no Midnight Proof. Do mesmo jeito que aconteceu por um breve momento naquele milharal. *Cacete, esqueci o que vim fazer aqui.*

Eu pigarreio e encontro o olhar de Faye. O sorrisinho em seus lábios deixa claro que ela sabe exatamente para onde eu estava olhando. Ela toca na tela do celular e a música é interrompida.

– Quer me dizer de novo como você não está nem um pouco interessado?

Ela muda o peso do corpo e, quando outra música começa, o movimento me dá uma visão melhor do roupão, coberto de flores em cores intensas, mas praticamente transparente. Vejo o suficiente para precisar me conter antes que fique encarando até registrar cada detalhe.

O mesmo tipo de música que tocava na noite em que a vi no Midnight Proof invade o ambiente – um agudo do trompete e a voz sedosa de Nina Simone falando sobre lançar um feitiço em alguém. Sorrio com a escolha da música, porque Faye sabe como ninguém prender a minha atenção. Quando baixo os olhos, vejo algo preso à coxa dela.

– Isso é uma faca presa na sua perna?

Faye arqueia uma sobrancelha.

– Você achou que eu estava feliz em te ver, Foxx?

– Inferno – murmuro.

O pouco tempo que passei com essa mulher não importa, porque toda vez que ela diz ou faz alguma coisa, me tira do eixo. Isso me irrita quase tanto quanto me excita.

Empurro os óculos mais para cima do nariz e passo a mão pelo maxilar e pela boca.

– Cadê a Maggie? – pergunto, mudando de assunto.

Faye grita mais alto que a música:

– Você sabe que não pode simplesmente entrar na casa dos outros e sair fazendo exigências…

Mas é aí que ela se engana completamente. Dou alguns passos rápidos até ficar a centímetros dela. Baixo os olhos de novo, reparando no tom da pele e no cheiro do corpo de Faye tão perto do meu – baunilha quente com um toque defumado. O peito dela sobe e desce com um leve descompasso.

– Você não faz a menor ideia de quem eu sou – digo, com a voz mais rouca do que gostaria. Faye inclina o queixo para cima enquanto meu olhar desce e se detém nos lábios dela, que formam um biquinho. – Porque, se fizesse, saberia que eu não peço. Não reajo bem a ameaças. E não esqueço. – Inclino a cabeça para o lado, esperando uma resposta. Mas só encontro silêncio. – E estou longe de estar feliz em te ver. – Me inclino um pouco mais, a boca pairando sobre a dela. – Portanto, vou dizer de novo, doçura. Eu não quero você aqui.

O corpo dela cambaleia de leve quando eu me afasto. E essa reação me dá mais prazer do que deveria.

– Maggie – chamo, ainda olhando para Faye. – Se você estiver aqui, precisa vir comigo. Ace quer falar com você.

Maggie desce as escadas correndo alguns segundos depois.

– Tô aqui. O que foi, Linc?

Ao mesmo tempo, Faye diz:

– *Linc?*

Não consigo evitar uma reação diante das manchas roxas e verdes espalhadas pelo rosto de Maggie. Uma crosta corta o lábio superior na vertical, e há outros hematomas amarelados, quase curados, ao longo dos braços.

Meu Deus.

– Que diabos aconteceu com você? – deixo escapar, já avançando na direção dela.

Maggie olha de relance para a irmã, que observa a cena.

– Divulguei para as pessoas erradas. – Seus olhos ficam marejados enquanto ela encara o meu peito com uma expressão distante. – Eu estava indo tão bem… Foi uma das minhas melhores fases.

Maggie tem problemas com jogos de azar. Meus irmãos e eu sabemos disso, mas, desde que não afete o nosso negócio, quem somos nós para nos meter?

– Isso tem alguma coisa a ver com…?

Ela me corta:

– Não. Nada disso.

Mas, pelo jeito como Faye observa a irmã, não tenho certeza de que ela acredita nisso. Se o que aconteceu for resultado do que ela tem feito para nós, vou dar um jeito de resolver.

Maggie passa os braços ao redor da minha cintura e apoia a testa no meu peito. Isso não é algo comum de acontecer. Não costumo abraçar Maggie Calloway, mas ela foi incorporada à minha família nos últimos anos, sem falar que sempre foi legal com as minhas meninas, então não é tão estranho oferecer algum conforto.

– Quando foi isso? – pergunto, observando Faye.

Ela está com os braços cruzados e parece furiosa.

– Vai, conta pro Linc. Nós duas sabemos que você não vai me contar porra nenhuma sobre o que anda fazendo ou com quem tá se metendo.

Mas, em vez de dar atenção à irmã, Maggie se afasta, revelando o rosto úmido, e pergunta:

– Ace quer falar comigo?

Assinto, com um sorriso contido.

– Maggie. Você não precisa ir a lugar nenhum – diz Faye, irritada, enquanto a irmã atravessa a porta da frente. Ela me encara com uma expressão confusa e pergunta: – No que você e a sua família meteram a minha irmã?

– Acho que isso não é algo que eu deva discutir com você. – Inclino a cabeça na direção da porta. – Se ela quisesse que você soubesse, imagino que teria contado.

O ronco de um motor chama nossa atenção, e Faye corre até a janela.

– Ela acabou de levar a minha caminhonete?

Solto uma risada.

– Levou. – Giro o chaveiro nos dedos. – A sua irmã às vezes é meio imprevisível. Tá aí a prova.

Faye encara por algum tempo a poeira levantada pelos pneus, então volta o

olhar para mim, parecendo ainda mais furiosa.

– Você está levando ela pra cama?

Levanto rapidamente a cabeça.

– O quê?

– Você me ouviu, Foxx. *Você está comendo a minha irmã?*

Ela não pode estar falando sério.

– Você não pode estar falando sério.

Sei a reputação que construí nos últimos anos. E nunca me incomodou. Até agora. Não sei se Faye está perguntando isso porque quer proteger Maggie, se já ouviu as fofocas a meu respeito ou se só quer me irritar.

Fico olhando para ela por um instante, reparando na pinta no rosto que as minhas filhas também notaram. Faye deixa escapar um arquejo baixo quando a ponta dos meus dedos roça a lateral da mão dela.

– Você tá falando sério mesmo?

Ela deve estar, porque não pisca enquanto espera uma resposta.

Como não dou o que ela quer, Faye pigarreia. Então passa a língua pelo lábio inferior e diz:

– Responda a pergunta, Foxx.

– Faria diferença se eu estivesse? – provoco.

Os olhos dela descem até a minha boca antes de ela perceber o que fez. Só aquilo já me faz querer mais.

– S-sim – gagueja Faye, e volta a me encarar.

Porra. Não era essa a resposta que eu esperava. Algo se agita no meu ventre – desejo, com certeza, mas também outra coisa quente, curiosa. Já não sei mais se isso ainda é uma forma de ela tentar obter vantagem. Faye parece vulnerável. Quando recuo um passo, ela se inclina para a frente e agarra a minha camisa. Não acho que tenha sido um movimento planejado, porque seus olhos descem imediatamente para o lugar onde os punhos apertam o tecido.

– Não – digo em um grunhido baixo.

Meu tom a traz de volta à realidade. E me odeio imediatamente, ao sentir seus dedos afrouxarem.

Faye se vira, faz uma pausa e segue direto para a escada.

Sem olhar para trás, diz:

– Se você quer que eu vá embora, então preciso falar com o seu irmão. E, já que a Maggie acabou de levar a minha caminhonete, você vai me dar uma carona.

E, por algum motivo, eu espero. Dez minutos depois, Faye me lança um olhar

atravessado enquanto abro a porta do meu Jeep para ela. Em vez de agradecer quando fecho a porta, ela continua digitando no celular, e só para o que está fazendo quando me mostra o dedo do meio.

Quando entramos na estrada particular da Foxx Bourbon, ela diz:

– Faz muito tempo que não venho aqui.

Faye observa tudo enquanto nos aproximamos da destilaria. A propriedade sempre foi grande, mas crescemos – agora são vários prédios, da destilaria e escritórios aos armazéns de envelhecimento, além de áreas externas e espaços para eventos.

– Muita coisa mudou durante o tempo em que você esteve… – procuro a palavra – … fora.

Do som do cascalho sob os pneus ao orgulho que sinto toda vez que vejo uma de nossas garrafas sendo servida, uma coisa permanece igual: eu amo tudo o que fazemos aqui.

Ela olha pela janela, para além dos galpões e da paisagem plana e silenciosa da nossa cidade.

– O que você faria se não trabalhasse aqui?

A pergunta me surpreende, mas não tenho dificuldade em responder.

– Nunca me imaginei fazendo outra coisa. Isso é algo que meus irmãos nunca entenderam… como eu podia não querer mais do que o que sempre conheci. – Dou uma olhada para ela. – Em algum momento, os dois tentaram algo diferente. Mas acabaram voltando. Eu sou a exceção. Sempre soube o que queria. Sempre soube que passaria todos os meus dias aqui, até o fim. Mesmo quando as coisas estão… – Deixo o pensamento em suspenso. Não quero pensar nos dias em que venho para cá, lutando entre o que sinto e o que devo demonstrar. – Estar aqui sempre me faz bem.

Quando ela finalmente volta o olhar para mim, tenho dificuldade em sustentar o contato. Não pretendia dizer tanto. E, embora nada disso seja segredo, ainda parece íntimo demais. Algo que nunca compartilhei com ninguém. E não tenho ideia de por que parece natural dividir isso com ela.

– Eu também já senti isso – confessa Faye, em voz baixa.

E, quando acho que vai dizer mais alguma coisa, ela abre a porta e sai do carro às pressas.

Corro para alcançá-la e me coloco à sua frente.

Ela para e se vira na minha direção com um suspiro.

– Eu já sei o que você vai dizer.

Essa atração que sinto não importa. Nós fizemos um acordo. Fiz vista grossa

quando a mãe dela morreu e ela voltou para o funeral – naquela época, uma parte de mim se sentiu um monstro por tê-la feito ir embora, mas ela havia passado dos limites, e tínhamos feito um trato. E espero que as pessoas cumpram o que prometem.

– Quero você fora daqui, Faye. Como eu disse, caso tenha esquecido, você me chantageou. Não sei o que aconteceu na sua vida, assim como você não sabe o que aconteceu na minha. Mas não quero que as suas loucuras atinjam as pessoas que são importantes para mim.

Observo enquanto ela tenta se manter firme diante do que digo. Seus olhos buscam os meus, mas, antes que possa dizer alguma coisa, sua atenção se desvia quando ela olha por cima do meu ombro.

Eu me viro e vejo Griz sentado no carrinho de golfe, conversando com a irmã dela.

O afeto entre o meu avô e Maggie é evidente – foi imediato. E continuou assim mesmo depois da morte da mãe delas.

– Não me diga que Faye Calloway está de volta a Fiasco? – chama Griz do carrinho, interrompendo a conversa.

Ela sorri para o velho enquanto caminha até ele.

– Griz, como você está?

O tom é muito mais caloroso do que qualquer palavra que ela já tenha dirigido a mim.

Meu avô a puxa para um abraço e depois levanta o braço dela para girá-la, como sempre faz. Quando ela termina a volta, ele diz:

– Você está a cara da Shelby.

Eu observo o efeito disso em Faye. Seus ombros relaxam e ela abre um sorriso fácil – é como se precisasse ouvir algo gentil de alguém conhecido. E não sei por que isso faz com que eu me sinta mal.

Griz olha para mim.

– E, pela cara dele, parece que você está botando pra quebrar e mostrando quem é que manda, exatamente como ela fazia.

9

FAYE

A dinâmica entre minha irmã e os homens da família Foxx é, no mínimo, curiosa e inesperada. Preocupante, se eu pensar demais a respeito. Eles não são o tipo de família na qual você simplesmente se encaixa. São a realeza do Kentucky. Empresários que dominam um dos mercados mais lucrativos dos Estados Unidos. Deveriam ser apenas conhecidos, ligados a nós somente pelo fato de sermos da mesma cidade e vizinhas de Lincoln Foxx. Eles foram ao funeral da minha mãe, mas grande parte da cidade também foi. Mal me lembro das pessoas com quem falei naquele dia.

Enquanto fico olhando Griz virar os braços de Maggie, examinando os hematomas com cuidado, não consigo deixar de me perguntar: *Por que ele se importa?* Griz aperta a mão dela enquanto sussurra algo que a faz baixar os olhos, com uma expressão de culpa no rosto. Não é apenas íntimo… parece… familiar, no sentido de família mesmo. E nós nunca fizemos parte da família deles quando eu ainda estava por aqui.

– Faye – me chama Griz, erguendo os olhos. – Quero que você e Maggie venham jantar aqui hoje. Preciso saber o que você andou fazendo todos esses

anos.

– Griz, isso é muito gentil da sua parte, mas tenho planos para hoje à noite.

O bigode dele se mexe, talvez a sua versão de um sorriso.

– Tudo bem. Em breve, então? – diz, com uma piscadela.

Lincoln se intromete:

– Faye estava me dizendo que vai embora em breve.

Eu pigarreio, me contendo para não revirar os olhos.

– Acho que você entendeu errado, Foxx. Meu contrato no Midnight Proof vai pelo menos até o fim de janeiro – enfatizo com um sorriso sarcástico. – Vou ficar por aqui por um tempo.

Griz olha por cima do meu ombro para Lincoln e depois para Maggie. A tensão aqui é densa, por vários motivos que não consigo destrinchar.

– Imagino que você não esteja aqui para uma degustação.

Lincoln balança a cabeça e pergunta:

– Ace está no escritório?

– No lounge – responde Griz, e inclina a cabeça na direção da porta. Não tenho acompanhado o que anda acontecendo, mas, se fuxicar um pouco, vou descobrir que, mesmo que não faça parte do dia a dia da Foxx Bourbon, Griz sabe de tudo o que acontece por aqui. O velho aperta o ombro de Lincoln. – E trate de levar uma boa garrafa para o jantar mais tarde, hein?

Lincoln concorda com um aceno de cabeça e retribui com um tapinha no ombro, enquanto Maggie segue na direção do prédio.

– Faye, isso não é uma reunião aberta. Eu digo ao Ace pra te procurar quando a gente terminar – avisa Lincoln, parando ao meu lado.

Não olho para ele nem dou qualquer atenção ao que diz. Não tenho interesse no que ele ou o irmão *precisam*. O que me interessa é saber por que Ace Foxx está empregando a minha irmã *e* fazendo negócios com um homem como Blackstone.

– Faye tem dificuldade em aceitar quando não é bem-vinda em algum lugar – comenta Maggie por cima do ombro enquanto sobe as escadas de dois em dois degraus, abrindo uma boa distância entre nós.

As palavras dela doem. Minha irmã não me quer aqui, e Lincoln também não, mas não estou aqui para fazer nenhum dos dois se sentir mais confortável. Estou aqui para fazer um trabalho e, goste Maggie ou não, para garantir que ela vai ficar bem quando eu for embora de novo.

Passo pelo grupo de pessoas que desce a escada principal da sala de degustação, e é impossível não apreciar a opulência do lugar enquanto olho ao

redor. Das luminárias de ferro forjado que lembram o logo da Foxx Bourbon ao cheiro de bourbon que permeia o espaço enorme. Quando chego ao andar de cima, a área de escritórios está vazia. Isso me dá um momento para observar e me situar.

– Qual parte de "isso não é uma reunião aberta" você não entendeu?

Mesmo com aquelas pernas compridas dele, ainda estou uns três metros à frente de Lincoln. Apenas o ignoro e continuo explorando o andar privativo. As paredes são cobertas por uma colagem de fotos que contam a história da Foxx Bourbon. Quatro gerações de homens Foxx que transformaram bebida artesanal feita clandestinamente no quintal em uma das marcas de bourbon mais desejadas do mundo.

– Me ignorar não vai te dar o que você quer – diz ele em um tom resignado atrás de mim.

Paro no fim do corredor e olho para a direita, para um escritório no canto, vazio. Lincoln está diante de mim com aquele sorriso irritante.

– Existem muitas formas de conseguir o que eu quero, Foxx. – Dou um passo na direção dele, mordendo o lábio. – Quer que eu enumere todas as formas de manipular um homem? Ou prefere que eu demonstre? – Passo os dedos pela clavícula, projetando o peito o suficiente para chamar a atenção dele.

– Isso funciona com você? – pergunta ele, sem se deixar impressionar.

Olho primeiro para a virilha dele, então novamente para o rosto, com um sorriso insinuante.

– Me diz você. Está intrigado com… – Interrompo a frase quando vejo o grande "F" de ferro preto entrelaçado com o contorno de uma raposa no centro da parede. Um lugar estranho para colocar aquilo.

– Eu disse que é uma reunião fechada – repete Lincoln.

Mas passo por ele e levanto o emblema. A parede desliza. *Bingo*. Assim que entro, ouço Maggie dizendo:

– Você me pediu para encontrar mais compradores. Foi o que eu fiz. Não havia nenhuma condição nisso, Ace.

Lincoln vem logo atrás quando atravesso a sala, interrompendo a conversa, enquanto tento não parecer impressionada com a grandiosidade daquele espaço escondido. Odeio ficar surpresa com isso. Não deveria. A família Foxx é conhecida pelo gosto impecável e pela sofisticação em tudo o que faz. Isso se reflete em toda a propriedade – e aqui dentro é ainda mais evidente. As paredes escuras, um conjunto de poltronas de couro e um sofá ocupam o fundo da sala. Há uma máquina que parece de parque de diversões em um canto, perto de uma

mesa de pôquer, e, atrás dela, uma lareira muito alta e larga.

Ace permanece imóvel, esperando que alguém diga alguma coisa sobre o que estou fazendo ali. Qualquer pessoa que viva em Fiasco sabe que Atticus Foxx não é alguém que se desafia – muito menos que se ameaça. Ele é o irmão mais velho e o que manda, mas cada um deles é autoritário e intimidante à sua maneira.

– Faye Calloway – diz Ace com calma, olhando de relance para o irmão. – Faz tempo que não te vejo.

Endireito a postura e mantenho os olhos fixos nos dele, imitando o seu tom.

– Faz mesmo.

O fato de ele estar praticamente de terno completo, enquanto o resto das pessoas na destilaria usa calça jeans e camiseta, é uma escolha consciente. Não há nada casual em Ace, o que significa que preciso abordá-lo de forma diferente da que fiz com Lincoln.

Ele sorri, olha para baixo e me surpreende:

– Você fez um belo show naquela noite. Seguiu um caminho bem diferente do que eu imaginava para a sua carreira.

Sorrio diante do comentário condescendente. Não sei se ele falou com essa intenção ou não, mas não tenho problema algum em colocar as coisas nos seus devidos lugares.

– Sabe, Ace, eu nunca achei que precisaria explicar isso para homens adultos. Mas você e aquele ali – faço um gesto com a cabeça, indicando Lincoln, que cruza os braços e me encara – deveriam saber que, hoje em dia, a maioria das mulheres não vive em função das expectativas masculinas. Talvez, se conseguissem entender isso, se surpreendessem menos com as nossas escolhas e prestassem mais atenção nas de vocês.

Ele junta as mãos, responde com um leve sorriso e muda de assunto.

– Você tem um público fiel.

Eu o observo com atenção, pois sei que está se referindo a Blackstone. Só espero que Ace não tenha falado demais e contado a ele o meu nome verdadeiro – ou pior, sobre o quanto a minha carreira atual se distancia daquela para a qual fui treinada.

Vejo Lincoln esboçar um meio sorriso, acompanhando a expressão do irmão.

– Não sabia que vocês se conheciam – comenta Ace, voltando a atenção para Lincoln. – Você e Blackstone, quero dizer – acrescenta, olhando de novo para mim.

– Brock Blackstone e eu somos… – faço uma pausa e dou um sorrisinho arrogante – amigos.

Lincoln solta uma risadinha.

Olho para ele, que está de braços cruzados, apoiado na mesa de pôquer. Inclino a cabeça para o lado.

– Quer dizer alguma coisa, Foxx?

– Como você acabou trabalhando no Midnight Proof? – pergunta ele, tentando entender que diabos estou fazendo, circulando no mesmo ambiente que ele e o irmão.

– Eu tinha um contrato para vários shows com a Hadley, fechado pelo meu agente – minto. – Mas adiantei minha vinda quando recebi uma ligação dizendo que minha irmã tinha sido presa.

– Sim, e não fui eu – resmunga Maggie, como uma adolescente encrencada. – Eu não liguei para ela.

Ace a encara.

– Isso tem alguma coisa a ver com…?

Olho de um para o outro.

– Com o quê, exatamente? No que ela está envolvida pra você precisar fazer essa pergunta?

Maggie volta a atenção para mim.

– Não é da sua conta, Faye.

Mas Lincoln entra na conversa, esfregando os dedos como se estivesse tentando se distrair.

– As suas terras são arrendadas pela Foxx Bourbon. – Ele me encara. – O milho que é plantado e colhido lá faz parte do nosso negócio agora. Nós arrendamos essa terra da sua irmã. Tudo dentro da legalidade, e ela é muito bem paga. O seu milharal ajuda a produzir o nosso bourbon.

Eu sei que não é só isso.

– Que bom. – Olho para a minha irmã com o cenho franzido. – É interessante você estar assinando contratos de arrendamento por aí sem o meu consentimento, mas a gente pode falar disso outra hora.

Ela me mostra o dedo do meio, como se fosse uma resposta válida.

Ignoro.

– O que mais?

Ace sorri e tira um fiapo invisível da manga da camisa.

– Essa é a única parte que você vai saber.

– Ace – intervém Lincoln.

Me surpreende que ele pressione o irmão aqui. Por mim, está ótimo.

Ele ainda não sabe, mas vou descobrir de qualquer forma.

Ace se senta na poltrona de couro marrom com as pernas abertas. Os braços estão apoiados nas laterais e os pulsos relaxados sobre os apoios. Ele não é casado – não tem aliança na mão esquerda que segura o copo de bourbon. Não foi difícil perceber que o homem é casado com esse negócio. Todos eles são.

A forma como Ace ocupa espaço na poltrona não me intimida – na verdade, acho até engraçado. Alguns homens precisam parecer maiores para se sentirem assim. Principalmente quando se sentem ameaçados. Ele solta o ar, e o canto dos seus lábios se curva em um meio sorriso confiante.

– Sua irmã tem usado os talentos dela para encontrar compradores para o bourbon raro que vendemos no mercado secundário. Maggie é excepcional no que tem feito por nós.

Minha irmã ser excepcional em algo a que se dedica não é novidade. Maggie sempre foi inteligente.

Olho de lado para ela, que sorri para si mesma. Parece orgulhosa, e, até agora, eu não tinha percebido como é gratificante ver alguém satisfeito com o que fez.

– Maggie atua por trás de uma tela, então não há como alguém associá-la à Foxx Bourbon. Muito menos a qualquer tipo de negociação que pudesse resultar em violência.

– Mesmo considerando que algumas das pessoas com quem você lida tendem a ser violentas? – rebato.

Maggie interrompe:

– Ah, fala sério. Faye, qual é a sua, hein?

Ace responde com toda a calma:

– Maggie passa bastante tempo nas corridas… e aposta bastante. Isso pode explicar os hematomas. – Quando a minha irmã o encara, ele continua: – Talvez seja um bom momento para ajustarmos o nosso acordo, considerando a sua prisão recente.

Maggie mal deixa Ace terminar. O orgulho que exibia evapora.

– Que tipo de ajuste?

Mas é Lincoln que responde desta vez:

– O tipo de acordo que vai impedir você de se meter em problemas, Maggie. O tipo de alteração que não vai trazer sua irmã de volta para Fiasco nem colocar qualquer tipo de violência perto da minha porta.

Ace nem sequer volta a olhar para ela. Mantém a atenção em mim.

– Faye, precisamos falar sobre o meu parceiro de negócios. Tenho interesse em saber como você pode estar envolvida com alguém como ele.

– Outra hora – respondo. Já falei demais.

Meu celular vibra no bolso de trás, me distraindo da conversa. *Falando no diabo…*

BLACKSTONE

Vou dar uma festa privada no fim do mês e acho que você vai gostar, Rosie.

Era isso que Cortez esperava que acontecesse. Um convite que me dê acesso a Blackstone; mas, além disso, não sei exatamente o que o FBI pretende conseguir.

ROSIE GOLD

Eu vou me apresentar ou é um convite pessoal?

BLACKSTONE

E faz diferença, Rosie?

Um arrepio sobe pela minha coluna quando penso no que um evento privado pode envolver. Levanto os olhos e vejo que o maxilar de Lincoln está tenso, e uma das mãos segura o celular enquanto a outra se apoia na mesa de bilhar. Mas ele é a menor das minhas preocupações agora. Blackstone é o foco, e quero manter as coisas assim.

Já mandei fotos quase nua e provoquei um homem potencialmente perigoso na tentativa de conseguir acesso e informação.

E agora vou entrar direto no fogo.

– Com licença – digo, passando por Lincoln. Então saio para o corredor e sigo pelo mesmo caminho por onde entramos.

Assim que chego à escada, mando uma mensagem.

FAYE

Recebi o convite.

Cortez não responde por mensagem. Meu celular começa a tocar na mesma hora.

– Precisamos discutir os próximos passos – avisa ele, antes que eu diga qualquer coisa.

– Preciso entender o que vou procurar quando estiver lá.

Ele pigarreia e fala mais baixo:

– Me encontra para um drinque hoje à noite no Bottom of the Barrel. Não posso te contar tudo, mas isso é bom, Faye. Cacete, é muito bom.

Quando me viro, Maggie está parada na minha frente, de braços cruzados.

– Tá certo, te vejo lá por volta das oito.

Ela ergue as sobrancelhas quando desligo.

– Fazendo planos? Que bom pra você.

– Não desconta em mim. Você teve a semana inteira pra falar comigo, mas preferiu agir feito criança e fingir que eu não existia. Então, não, eu não me sinto mal por você estar encrencada com… – procuro as palavras – … o seu patrão, ou seja lá o que a família Foxx é pra você. Não vou te tirar do buraco que você cavou.

Ela faz uma pausa e sorri, como se eu devesse ter escolhido melhor as palavras.

– Você entende bem de cavar buracos, não é mesmo, Faye?

Viro a cabeça na direção de Lincoln, que se aproxima, mantendo os olhos fixos em mim.

– Vai se foder – falo, irritada, e pego as chaves no bolso de trás da calça dela.

– Seria mais fácil pra você, né? Enterrar as coisas, ir embora, mandar todo mundo se foder pra poder fazer o que quiser com a sua vida – diz Maggie atrás de mim.

Paro e me viro.

– Cala a porra da boca, Maggie.

– Por quê? Toquei em um ponto sensível? – Ela solta uma risadinha. – A mamãe chorou por meses. Meses. E você não veio visitar ela. Mal dava um telefonema. E depois foi como se você nunca tivesse existido. Então, sim, talvez todo mundo aqui esteja encantado com a sua volta… para que mesmo? Salvar a sua irmã fodida? Tirar a roupa pra chamar atenção de novo…

– Já chega – diz Lincoln atrás de mim, perto o bastante para que eu consiga sentir o calor do seu corpo.

Não esperava por isso. E odeio gostar disso.

Maggie revira os olhos.

– Que legal. – Ela desvia os olhos para Lincoln e volta a me encarar. – Você tá aqui há menos de uma semana e já está se esfregando em homem. Talvez seja

mais parecida com a mamãe do que imagina.

10

FAYE

Cinco anos antes…

– Mãe, abaixa a faca – digo, sem fôlego.

Não consigo puxar o ar completamente para os pulmões, então, engulo o nó na garganta. Ignoro todo o resto e reprimo a onda de emoções que me invade no instante em que entro na cozinha. Meus instintos entram em ação imediatamente.

O sangue vermelho-escuro escorre pelas mãos dela e desce pelos pulsos em filetes, ficando mais claro conforme entra em contato com o ar. Então pinga e desaparece em cima do corpo que está caído de um jeito esquisito no piso. Posso ter odiado aquele homem, mas nunca imaginei isso. E não tem como desfazer.

Levanto as mãos, mostrando que não sou uma ameaça. Talvez eu ainda não tenha um distintivo, mas sei que minha mãe precisa ver que estou aqui para ajudar. As lágrimas escorrem pelo rosto dela, o cenho franzido de raiva e talvez de perplexidade também. Seu peito sobe e desce a cada respiração exagerada, acompanhando o meu ritmo.

Não há tempo para processar nada disso. Minha mãe só ama homens errados,

mas é uma mulher boa e ama com os olhos e os braços abertos. Sempre me disse para seguir meus instintos e encontrar um caminho que fizesse minha alma feliz. Mas essa versão dela, furiosa e abalada, é algo que nunca vi. Não quero perder a imagem idealizada que tenho dela nem conhecer esse lado. Ainda assim, registro cada detalhe sem perceber. O assovio baixo do vento lá fora. Os copos na pia, o bourbon no balcão, a porta dos fundos com a tela destravada, o fato de ela não estar triste, mas assustada e em choque. Estou fazendo um registro mental que vai ser impossível esquecer.

– Mãe, olha pra mim – digo com firmeza.

Ela levanta os olhos, meio atordoada. Tem uma mancha de sangue no lugar em que seu lábio está cortado. Mechas de cabelo grudadas no pescoço. Shelby Calloway pode ser muitas coisas, mas assassina não vai ser uma delas. Eu a amo demais para permitir que isso seja verdade.

Eu me adianto um passo e abro a torneira de água quente com força. Minha mãe não se move, fica apenas encarando o fluxo de água que começa a soltar vapor.

Desvio do corpo no chão e digo:

– Vou chamar ajuda…

– Não! – dispara ela, saindo do transe e apontando o dedo para mim.

O rímel preto escorre por seu rosto, como se a escuridão daquele momento estivesse sangrando através dela.

Minha mãe teve um relacionamento com Tullis, mas nunca pareceu ser por amor. Quando eu estava em casa, sentia que parecia mais um acordo de conveniência. Discussões e manipulação disfarçadas de paixão. Os cavalos que ela treina são mais leais do que o homem com quem mora – todo mundo sabe das traições dele. Eu me pergunto se ela também sabe. Mas minha mãe ama o trabalho que faz, treinando puros-sangues para a Finch & Kings Racing. Se terminasse com Tullis King, ficaria sem emprego. Não é certo, mas muita coisa que os homens faziam nesta cidade também não era. Todo mundo sabe que não se deve irritar Wheeler Finch nem os irmãos dele – King, Waz e Tullis. E agora um deles está no chão da nossa casa, engasgando com o próprio sangue.

Santo Deus, ele ainda está vivo.

Os copos na pia batem uns nos outros conforme vão se enchendo de água. Minha mãe larga a faca ali dentro e se inclina para a frente, apoiando o peso nos braços enquanto se debruça sobre a pia, de olhos fechados.

– Isso não é… Ele é perigoso, Faye.

Pego o celular do bolso de trás da calça.

– Mãe, preciso chamar ajuda, ou ele vai morrer.

– Você acha que a polícia vai acreditar na minha palavra? Acha que esses homens não estão na folha de pagamento da Finch & Kings? – Ela ri, mas é um riso de pânico. – Eu posso te jurar que não saio mais daquela delegacia se você chamar ajuda – afirma, balançando a cabeça.

Quero fazer parte do departamento de polícia de Fiasco, mas ela tem razão… Tullis é cheio de contatos. Ele e o irmão têm influência demais. Há gente demais em posições de poder que poderia distorcer essa história. E minha mãe não merece o que aconteceria com ela.

Olho de novo para Tullis, que agora mal respira enquanto seu corpo permanece caído de forma estranha.

Vejo o braço preso embaixo do torso, imóvel. Seus dedos se curvam para cima, como se segurassem uma bola de beisebol. "Foi um acidente de adestramento", contou. Um cavalo pisou na mão dele e os ossos nunca foram colocados no lugar direito. Eu odiava as histórias daquele homem. Sempre pareciam meias-verdades.

Sempre fui boa em pensar vários passos à frente, e cada minuto vai ser analisado e revirado por detetives e pelo promotor. Quanto mais demorarmos para chamar ajuda, mais a história deixa de ser um acidente ou legítima defesa e passa a parecer algo calculado e premeditado.

Repito isso mentalmente, com o coração disparado e o suor brotando na linha do cabelo, enquanto vejo minha mãe olhando para o vazio, revivendo o que acabou de acontecer. Ela é uma mãe solo que amou as pessoas erradas e confiou nelas vezes sem conta. Um ciclo que a trouxe até aqui, a esse momento. E isso precisa acabar agora. Eu amo minha mãe e Maggie mais do que qualquer coisa na vida, e vou proteger as pessoas que amo acima de tudo.

Olho de novo para Tullis, sangrando no chão. Há dois cortes de cada lado do pescoço, e o sangue verte mais devagar agora. O peito já não se move.

Pigarreio. Já tomei minha decisão.

As coisas de que preciso estão no celeiro.

Minha mãe vai precisar de algo para se acalmar.

Vou ter que tirar os sapatos dele.

Pegar a carteira e desligar o celular.

Calculo o seu peso.

O peso disso…

Eu consigo resolver. Tenho visão, treinamento e conhecimento para saber o que precisa ser feito. E é terrível. O que estou prestes a fazer vai mudar tudo o que eu achava que era e tudo o que planejava me tornar. Mas vou deixar para lidar com

isso depois.

Seguro as pontas do plástico azul e puxo. O material farfalha enquanto o junto nas mãos, prendendo a respiração e reunindo toda a minha força. "Concentre-se na tarefa e não desmorone." Repito isso para mim mesma, sem parar, enquanto o corpo dele bate degrau por degrau até cair nas pedras do caminho dos fundos.

Na grama molhada arrastar a lona fica mais fácil do que eu esperava.

– Mãe, me escuta. – Mas ela nem olha para mim. Lágrimas intermináveis escorrem por seu rosto enquanto ela encara o nada. – Eu volto daqui a pouco – aviso.

O ar para de se mover – a calmaria antes da tempestade.

Passo o dorso da mão pela testa, secando o suor que escorre para dentro dos meus olhos. Preciso de um minuto. Solto a pá e me inclino para a frente, apoiando as mãos nos joelhos. Pelo menos é verão, e o solo está úmido por causa da chuva forte que ainda não parou de cair. Preciso enterrar os pertences dele o mais fundo que conseguir. O celular e os sapatos estão empilhados na altura dos meus olhos, na beirada da cova que estou cavando. Repasso mentalmente as aulas de perícia e enumero os produtos que vou precisar para limpar a cozinha do jeito certo. Depois, vou queimar nossas roupas e lavar nossos corpos minuciosamente.

Engulo o nó na garganta e levanto os olhos quando a emoção ameaça me dominar. A "lua de morango", a primeira lua do verão no hemisfério Norte, ilumina o céu com um tom rosado. Dizem que ela traz um senso ampliado de responsabilidade. A lua de morango só acontece no solstício de verão, a cada vinte anos. Só consigo soltar uma risada sem humor – seria mais fácil culpar a lua. A gravidade dela pode mover marés, mas não é forte o bastante para controlar vontades ou decisões. Não pode desfazer o que foi feito. Inferno, essa não é a vida que eu quero. Fecho os olhos com força e grito outra vez para o corpo morto:

– Vai se foder!

Essa também não era a vida que minha mãe queria. Ela fala do treinamento de cavalos como se fosse o sonho de sua vida, mas o objetivo sempre foi construir um santuário – um lugar onde os animais pudessem viver livres depois.

Olho para as fileiras escuras do milharal, saio do buraco enlameado e jogo a pá de lado, perto de onde Tullis está caído, ensanguentado. Deve ter existido algo de bom nesse homem. Minha mãe se apaixonou por alguma parte dele, e ela é o meu norte. A pessoa que sempre me traz de volta ao eixo quando começo a perder o controle. Mas agora é minha vez de ser isso para ela.

Limpo a mão na frente do short, tentando tirar a lama e o suor grudados no pulso e nos dedos. Já começam a surgir bolhas na palma das minhas mãos, bem

onde a linha do coração se divide. Será que vão virar cicatrizes? O céu troveja ao longe, deixando a noite ainda mais instável, me lembrando de que ainda há muito a fazer. Enfio a pá por baixo dos quadris de Tullis e uso como alavanca para rolar o corpo até a vala. Não acredito que algum dia vá esquecer esse som – um baque e o som úmido da lama espirrando quando ele atinge o solo.

Jogo três blocos de concreto por cima, fechando os olhos a cada impacto. Não posso correr o risco de a terra rejeitá-lo e ele voltar. Isso não é o filme Da magia à sedução *– minha irmã não vai aparecer com feitiços, e nenhum xerife vai chegar a cavalo para me ajudar a enterrar a verdade. Minha mãe e minha irmã são as sonhadoras da família. Eu sou a realista. Se alguém encontrar Tullis King nesse milharal, não vai ter nada de bonito ou mágico nisso.*

Duas horas depois, encharcada pela chuva e ainda atordoada com a forma como a minha vida saiu do eixo tão rápido, volto e encontro minha mãe ainda sentada naqueles degraus. Não conto a ela sobre Lincoln Foxx, nem sobre a chantagem ou o ultimato. Mas acabei de enterrar um corpo e, junto com ele, a vida que eu tinha planejado para mim.

– Preciso ir embora. Depois de hoje à noite – digo, engolindo em seco, com os olhos marejados. – Vou levar o celular dele e fazer parecer que ele foi embora. Você precisa sacar dinheiro como se tivesse sido ele.

– Faye… – Ela cobre a boca. – Isso não é…

Mas eu a interrompo e termino a frase:

– Não, mãe, isso não é certo. Nada do que aconteceu aqui é certo… – Paro de falar e encosto a cabeça no ombro dela por um breve instante. – Maggie não vai entender por que eu tô indo embora. Mas você precisa fazer com que ela aceite. Me promete que vocês duas vão ficar bem.

Eu sei que ela não pode prometer, mas imploro mesmo assim. Depois de hoje à noite, não há como prometer nada. Mas preciso ouvir.

A voz da minha mãe falha quando ela responde:

– Eu prometo.

11

LINCOLN

A lenha estala alto quando se parte e finalmente pega fogo. Eu me recosto na cadeira e deixo o calor do fogo de chão penetrar nas minhas botas apoiadas na borda.

Eu já sabia que essa conversa ia virar uma briga, por isso ela está acontecendo depois do jantar na casa da família, e não na destilaria. Passo o polegar pelo lábio inferior, olho de relance para Ace e fica óbvio que ele não gostou da ideia. O cretino não gosta de muita coisa quando se trata de levar a nossa marca para a frente.

– Eu não vou produzir um bourbon maturado em dois barris – diz Ace, alto o bastante para me fazer prestar atenção na discussão. – Da minha parte, a resposta é não.

Eu me ajeito na cadeira sem dizer nada e olho para Grant.

Ele é o primeiro a falar:

– Por que diabos não, Ace?

– Porque não é isso que nós somos. A Foxx Bourbon é conhecida pelo nosso bourbon. Bourbon de verdade, porra, e não essas porcarias artesanais que estão

surgindo em tudo o que é canto.

Me inclino para a frente e apoio os cotovelos nos joelhos, tentando conter a frustração.

– Todo mundo já fez alguma variação de bourbon maturado em dois barris diferentes. Ainda é bourbon.

Ace encara as chamas por um momento antes de responder. Continua irredutível.

– Isso flexibiliza demais as regras.

– Exatamente. – Aponto para ele. – Flexibiliza, não quebra. – Já estou cansado de ouvir que as minhas ideias são uma merda.

– Você quis apresentar o seu conceito. Agora que apresentou, estou dizendo não. – Ace se levanta, vai até o carrinho de bebidas e serve dois dedos do *Cowboy Edition*, o bourbon que Grant desenvolveu.

– Não acho que essa decisão seja só sua, Ace – diz Grant.

– É mesmo? Você vem fazendo esse trabalho há o quê, um ano? E já tem todas as respostas?

Grant me lança um sorriso contido, e sei o que vem a seguir. Ele pode se dar ao luxo de ir embora. De ser o cara que pode simplesmente ir embora e dizer que não vai se envolver. Eu nunca tive esse privilégio. Nunca.

– Tudo bem. Vocês dois que se resolvam. – Grant se levanta do seu lugar ao redor do fogo, olha para dentro da casa, onde o resto da nossa família ri na sala de estar. Quando se vira novamente, troca um olhar comigo antes de abrir a porta de correr e entrar. – Sei que a minha opinião talvez não tenha tanto peso aqui, não como a dele – ele faz um gesto na direção de Ace –, mas acho a sua ideia inteligente. A gente não tem nenhum blend finalizado em nada além do nosso carvalho. Se não tentarmos coisas novas, não vamos conseguir ficar ainda melhores. Você e eu sabemos que tudo sempre igual o tempo todo não é vida. Você tem o meu voto, Linc.

Dou um gole no Old Fashioned de açúcar queimado que Hadley preparou. É mais doce do que eu costumo gostar, mas é quente e reconfortante em uma noite fria e em uma conversa mais fria ainda.

– Você pode fazer melhor – diz Ace, interrompendo meus pensamentos. – Você pode fazer muito melhor do que qualquer um de nós, Lincoln. Está fazendo um bourbon excelente. Aperfeiçoou combinações de grãos. Não pegue o caminho fácil e transforme tudo em algo que dependa da finalização.

Solto o ar, tentando não me sentir instantaneamente irritado com o rumo que essa conversa pode tomar com o meu irmão mais velho.

Ace me entrega uma dose de degustação do *Cowboy Edition*.

– Esse deve ser o sabor de um bom bourbon – diz ele.

Quando o líquido cobre o meu palato, consigo sentir o pequeno ajuste de cevada no lugar do centeio que Grant escolheu na nossa mais nova mistura, a mais vendida. O local onde os barris dele foram envelhecidos fez a madeira se expandir de um jeito diferente. Os açúcares se quebraram de uma forma que realmente deixou o sabor lindamente original. Grant teve tempo para lidar com a perda sozinho, para descobrir o que faria a vida dele voltar a ter sentido. Esse bourbon ajudou nisso. Eu não tive o mesmo espaço.

Hadley escancara a porta de correr.

– Não aguento mais – diz ela, dramática. – Acho que vou morrer de verdade.

Ela solta o suspiro mais alto e exagerado possível, e se joga na cadeira enorme que Grant acabou de deixar vaga.

Depois de alguns segundos de silêncio, Ace pergunta, hesitante:

– Você tá bem?

Ela vira a cabeça na direção dele e sorri.

– Sim, papai, tudo bem.

– Pelo amor de Deus – resmunga ele, e se levanta. – Para com essa merda.

Eu me recosto e lanço um olhar para a minha melhor amiga. Um olhar que ela conhece muito bem.

– O que foi? – Ela ri. – Não faz essa cara pra mim.

– Você está ainda mais exagerada esta noite – digo. Ela é sempre a responsável por fazer todo mundo rir e aliviar o clima. – Tá tudo bem?

Hadley enrola uma mecha do cabelo castanho-escuro nos dedos e se vira para olhar o que está acontecendo dentro de casa.

– O Midnight Proof está ótimo. Minha maior dor de cabeça nos últimos tempos, como sempre, tem mais a ver com o meu pai.

O pai de Hadley, Wheeler Finch, se tornou um homem muito rico e famoso no mundo dos puros-sangues e das corridas. Se existe uma princesa do mundo das corridas de cavalo, é Hadley Jean Finch. Entre o amor dela por cavalos e a obsessão do pai em encontrar os melhores – de jóqueis e treinadores a éguas e garanhões –, a família Finch é a definição de poder no Kentucky. Uma indústria que cresceu a níveis intensos de influência, com as corridas de cavalo movimentando bilhões.

– O que ele quer que você faça?

Ela cruza os braços e fala baixo, para que apenas eu escute. Hadley sabe que, se Grant perceber, vai subir no pedestal da moralidade e começar a falar a

respeito com os antigos colegas policiais. Essa é uma das muitas desvantagens de ter alguém da polícia na família. Mesmo tendo saído, o senso moral dele ainda está vários andares acima do nosso.

– Meus cavalos são meus cavalos. Sempre foi assim. Agora ele está dizendo que tudo o que eu tenho, na verdade, é dele. E que vai pegar de volta quando bem entender.

– Imagino que você tenha recebido isso superbem.

– Ah, sim, dei o maior piti. – Ela me lança um olhar de lado. – Quase pude ver a decepção transbordando quando argumentei que *eu* comprei, *eu* abrigo e *eu* cuido dos meus cavalos do mesmo jeito que faço com o Midnight Proof – acrescenta, bufando. – Meu pai quer lucrar com o potencial de reprodução que os meus cavalos têm. Quer sufocar qualquer coisa que eu considere minha. Isso é injusto pra cacete.

Eu concordo.

– Sim, é injusto. Ele não tem direito de fazer uma merda dessa.

A porta de correr é aberta e Lily sai, com Lark logo atrás.

– Pai, isso vai fechar o dia em 25.

Hadley seca o canto do olho e deixa a conversa sobre o pai de lado para se concentrar em Lily, que decide se sentar no colo dela.

– Vinte e cinco o quê?

– Dólares – responde Lily.

– Vocês ainda estão depositando dinheiro naquele… Como vocês chamam mesmo? – pergunta Hadley.

Lark entra na conversa:

– Cofrinho dos palavrões.

Lily completa, olhando para mim:

– Cinco dólares por palavrão. O papai colocou um limite de 25 por dia só para não ter que controlar a boca suja.

– Eu só tenho um defeito – retruco, em tom brincalhão, levantando as mãos.

As três me encaram com sorrisos irritantes, mas é Hadley que pega no meu pé:

– Só um?

Empurro os óculos para cima do nariz com o dedo do meio, fazendo questão de que ela veja.

– Pai, a gente sabe o que o dedo do meio significa – diz Lark, com naturalidade. – Você faz isso para o tio Grant o tempo todo, e sabe muito bem que vale dez dólares.

– Não faço a menor ideia do que você está falando. – Sorrio com o copo na boca enquanto termino a bebida.

Julep segue Laney para fora. Ela para primeiro ao lado de Lily para receber um carinho e depois vai até Lark.

– Pai, você sabia que todos os filhotes nascem surdos? – pergunta Lark.

Sorrio com a aleatoriedade das coisas que saem da boca da minha filha.

– Não sabia.

– Você acha que é por isso que os cachorros gostam tanto das pessoas? Porque a gente conversa com eles? – pergunta Lily, sem direcionar a pergunta a ninguém em especial.

– Faz sentido – digo, observando Lark.

E quase consigo prever o que vem a seguir. Só estou me perguntando qual das duas vai perguntar dessa vez.

– As vacas Highland criam vínculos com humanos parecidos com os dos cachorros, o que não é comum para a maioria das vacas – comenta Lark, cruzando as pernas enquanto se equilibra no braço da minha cadeira. – Maggie disse que ela e a Faye moravam em Wyoming antes de se mudarem para o Kentucky, e que lá tinha vacas por todo lado.

Hadley sorri para mim enquanto digo:

– Gado. Provavelmente chamavam de gado em Wyoming, e duvido que fossem vacas Highland.

Lily faz um gesto com a mão no ar.

– Eu acho cachorros mais fofos do que vacas, Lark.

– Ninguém te perguntou nada, Lily.

Eu pigarreio.

– Sejam gentis – digo para Lark, antes de olhar para Lily para que ela entenda que estou falando das duas.

– Eu concordo com a Lily – se manifesta Hadley, quando o último pedaço de lenha finalmente estala e pega fogo. – Prefiro cavalos, mas se tivesse que escolher, escolheria um cachorro em vez de uma vaca.

– Eu também – diz Laney, fazendo carinho na cabeça de Julep.

Lark me olha, esperando o meu veredito, e estreito os olhos.

– O que eu estou perdendo aqui? Por que isso virou uma conversa? – tento mudar de assunto. – Laney, por favor, me diz que você trouxe sobremesa.

– Eu trouxe sobremesa – diz ela, rindo, enquanto inclina a cabeça para trás e termina o bourbon, me encarando por um instante. – Bombas de chocolate. Talvez combinem bem com um dos bourbons em que você anda trabalhando,

não acha?

Lanço um sorriso agradecido.

– Talvez.

– Continue insistindo no que você quer, Linc – aconselha ela, e entrega o copo para Hadley dar um gole. – Você entende de bourbon melhor do que qualquer um. Posso ser a novata aqui, mas *isso* eu já sei.

É bom ouvir essas palavras de alguém que não está aqui há anos.

Lark cutuca o esmalte quase todo descascado das unhas.

– Pai, se você tivesse que escolher. Qual escolheria?

Antes que eu responda, Lily diz:

– Hipoteticamente, é claro.

Isso não parece hipotético.

– É claro – repito, e lanço um olhar para as duas que deixa claro que saquei o plano.

Eu conheço as minhas meninas. Esse ano vou receber as listas de aniversário com um cachorro e uma vaca escritos bem no topo, assim como as de Natal, com direito a desenhos e links incluídos. Elas vão me vencer pelo cansaço. Sei disso porque fiz exatamente a mesma coisa com Griz inúmeras vezes quando era criança. Conheço bem de onde vem essa persistência.

– Vacas Highland parecem cachorros gigantes que vivem ao ar livre. E, se for um cachorro como a Julep, então eu diria os dois. Não conseguiria escolher.

– Sério? – diz Lark, os olhos brilhando, genuinamente surpresa.

A porta de correr se abre e Griz aparece.

– Acabei de comer três dessas coisas de chocolate. Sugiro que vocês entrem logo, antes que eu acabe com o resto.

Lark e Lily não precisam ouvir duas vezes e passam correndo por ele.

Hadley solta uma risada.

– Os dois?

– O que foi? É hipotético. Não vou comprar um cachorro nem uma vaca para elas.

Laney e Hadley trocam um olhar, em uma comunicação silenciosa. Claramente sou eu o motivo das sobrancelhas erguidas e de qualquer outra expressão que talvez não tenha percebido.

– Lark dorme com uma vaca Highland de pelúcia desde pequena. Não me surpreende que ela queira uma Dottie de verdade.

Hadley diz:

– Nossa, eu me lembro de quando a Liv comprou aquela vaca de pelúcia pra

ela.

Eu também me lembro.

– Lark ainda dorme com a Dottie. Mas não fala pra ela que fui eu que contei. – Se as minhas meninas querem pensar em animais e em todas as formas como um cachorro ou uma vaca poderiam fazer com que a nossa família não parecesse incompleta, vou deixar que façam isso. A verdade é que eu não suportaria vê-las perder um animal, por isso ainda não cedi. Cachorros vivem, em média, de dez a quinze anos, se tivermos sorte, e uma vaca… sei lá. Vê-las sofrer por Olivia já foi, e ainda é, tristeza suficiente para uma vida inteira. Eu não daria às minhas filhas algo para amar e ter que perder depois. – A gente está bem. Só nós três.

12

FAYE

A combinação de chope barato e música country é o que traz a maioria das pessoas do condado para o Bottom of the Barrel, mas o que me deixou ansiosa para vir aqui em uma noite de sábado é o jeito como os sulistas conduzem alguém pela pista de dança de madeira, girando como se estivessem dentro de um barril.

A promessa de uma boa camada de neve por todo o condado, feita pelo meteorologista, não impediu ninguém de dirigir até aqui hoje. O lugar está lotado e transbordando de gente até o estacionamento da igreja do outro lado da rua. Bato as botas no chão diante da porta e sorrio para o segurança. Mesmo ele sendo facilmente uns dez anos mais novo do que eu, mostro a identidade e sigo direto para o bar.

Levei só alguns minutos para tomar banho e escolher alguma coisa para vestir. Minhas roupas estavam espalhadas pelo meu quarto improvisado, mas organizei tudo de um jeito funcional. A noite pedia uma saia com movimento, provocante, e o meu par favorito de botas de camurça roxa estilo vaqueira. Qualquer combinação dessas duas coisas é praticamente um uniforme para um

lugar como este. E eu quis me vestir de acordo.

Não vi Maggie desde que saí da destilaria Foxx, o que, para mim, é ótimo. Não tenho o menor interesse em esbarrar com ela de novo hoje. Já dissemos o suficiente uma para a outra. Na minha opinião, ela não merecia levar uma surra de algum idiota, mas se quiser continuar com os joguinhos dela e circulando nos mesmos ambientes que a colocaram no meio dessa encrenca, não sou eu que vou impedir.

Eu me apoio no balcão de carvalho e sorrio para a atendente. Ela tem tatuagens bonitas que cobrem os dois braços e sobem pelo pescoço de um jeito que exala confiança. Adoro mulheres que não têm problema nenhum em mostrar aquilo de que se orgulham – seja uma pele limpa ou decorada com tinta. Qualquer pessoa que trabalhe em bar ou boate diria que quanto mais pele à mostra, melhores são as gorjetas; e quem torce o nariz para isso claramente nunca fez esse tipo de trabalho.

– Oi, o que vai querer? – pergunta a garota.

– Só água por enquanto.

Ela assente, pega um copo, enche com água e espeta uma rodela de limão na borda.

Meu celular vibra. Outra mensagem de Blackstone.

BLACKSTONE

Para minha decepção, Rosie Gold não está no Midnight Proof esta noite. Achei que você gostasse de mim, mas não estou me sentindo muito especial ultimamente.

Mando uma foto do que estou vestindo. Talvez isso o aquiete por enquanto. Mas, segundos depois, ele responde.

BLACKSTONE

Bonita. Mas estou começando a cansar só de fotos, Rosie…

Droga. Fotos provocantes e mensagens sugestivas só satisfazem as pessoas por um tempo, e agora o cara está ficando impaciente. Blackstone pode ter todos os aspectos de um sujeito nojento, mas preciso entregar mais.

– Pelo visto, um encontro com você hoje vai sair barato – diz Cortez, enquanto se aproxima e para ao meu lado.

– Isso é trabalho, Cortez. Você sabe disso. – Dou um sorriso sedutor e lembro que já houve um tempo em que eu não teria me importado que ele chamasse isso de encontro.

Ele se inclina para dar uma olhada na troca de mensagens.

– Parece que alguém está ficando exigente.

– Eu consigo manter ele ocupado se você me disser qual é o objetivo final.

Cortez me encara por um momento, sem responder.

– Tudo bem. Então vamos conversar. – Ele faz um gesto em direção à multidão. – Vem, tenho uma mesa alta mais perto da pista de dança.

A atendente abre uma Corona nova para ele em troca da garrafa vazia. Cortez também pega meu copo e leva tudo até a pista enorme, cheia de gente enfileirada e dançando no ritmo dos passos de dança country.

– Aumentaram a pista – comento, enquanto Cortez puxa a cadeira para mim e segura a minha mão enquanto eu subo.

Ele aponta para o fundo.

– Compraram o cinema ao lado, derrubaram a parede dos fundos e dobraram o tamanho do lugar. Talvez tenham até triplicado.

Olho para o lado esquerdo do salão, que vibra com a energia de uma banda tocando ao vivo. No fundo da pista, há portas grandes de garagem abertas. Apesar do ar mais frio lá fora, aqui dentro está bem quente, com tanta gente transitando. Tiro o casaco enquanto olho ao redor e encontro um Foxx – sem os óculos – girando uma morena curvilínea pela pista. Parece que não consigo fugir dele. E quem diabos é aquela? Sinto um frio na barriga, como se eu estivesse em uma montanha-russa. Definitivamente não preciso de uma distração do tamanho de um Foxx agora.

– Merda – murmuro.

Cortez segue o meu olhar. Posso dizer o momento exato em que ele vê Lincoln. Sem olhar de volta para mim, ele diz:

– Não tem nada acontecendo entre você e o Foxx, tem?

Ergo uma sobrancelha quando ele finalmente encontra o meu olhar.

– Mesmo que tivesse, não seria da sua conta, não é mesmo, Cortez?

Ele sorri, com a garrafa de cerveja na boca, e dá um gole.

– É do meu interesse que vocês se esbarrem por aí – ele deixa o olhar descer até o decote profundo do colete jeans –, ou com *outras coisas* envolvendo um dos irmãos Foxx.

Ergo as sobrancelhas. É corajoso da parte dele dizer isso, mas me esforço para controlar a minha reação. Cortez pode pensar o que quiser. Estou mais interessada em fazer esse trabalho e sair dele inteira.

– Você sabe que vai ter que me dar mais detalhes se acha que vou colocar os pés naquele evento privado.

Ele concorda com a cabeça e se inclina um pouco mais, para não precisar gritar por cima da banda. A música muda do country para uma versão de "9 to 5", da Dolly Parton.

– Nós sabíamos que Blackstone vinha para Fiasco, mas o fato de ele ter algum tipo de ligação com a Foxx Bourbon… digamos que o Ace não é o tipo de empresário com quem eu esperava que ele fosse fazer negócios enquanto estivesse aqui. Não posso te contar tudo dessa vez, Faye. Você pode saber o que precisamos que saiba, não mais do que isso. Estou de mãos atadas.

Meu celular vibra ao meu lado quando Cortez faz um gesto para a garçonete.

DESCONHECIDO

Você está em um encontro?

Por algum motivo, em vez de nervosismo, sinto uma agitação no peito que me faz olhar para a pista de dança onde Lincoln estava. Ele não está mais lá. *Para onde ele foi?* Olho ao redor e o encontro mais para o lado, encostado na grade, olhando direto para mim com um sorriso de curiosidade.

FAYE

Número errado.

Olho para ele novamente e dou um sorrisinho sarcástico, de lábios cerrados.

DESCONHECIDO

Escolha interessante. Cortez. FBI. Parece perigoso, considerando o segredinho que sei a seu respeito.

FAYE

Como eu disse… número errado.

DESCONHECIDO

A não ser que isso não seja exatamente um encontro. Quer me contar o que você está fazendo de volta em Fiasco, doçura?

Engulo o nervosismo e tento pensar rápido em algo que impeça Lincoln de seguir por esse caminho.

– Vou querer duas doses de tequila com duas rodelas de limão e uma água com gás – digo para a garçonete, antes que ela se afaste.

Cortez solta uma risada baixa.

– Eu deveria querer saber o que mudou de *só água* para um pedido digno de uma despedida de solteira?

Meu sorriso adocicado disfarça o que vou dizer, para qualquer um que esteja olhando.

– Acho que não. Mas vou ser bem clara com você.

Permanecemos em um impasse silencioso até a garçonete voltar com os pedidos. Não perco tempo: tomo a primeira dose, espremo o limão na água com gás e dou um gole, deixando as bolhas cobrirem a minha língua. Odeio ter ficado abalada. A acidez do limão suaviza o impacto da tequila, e guardo o celular no bolso, tentando fingir que a pessoa que me enviou a mensagem não acabou de me fazer descontar a irritação em duas doses de tequila.

Cortez se recosta na cadeira e dá um gole na cerveja enquanto me observa.

– Eu não vou ser um peão descartável no caso Blackstone. – Viro a segunda dose. – E, com todo o respeito, vai se foder. Eu não vou entrar em uma situação sem saber a história completa. Você está de mãos atadas?

– Faye, não é esse o acordo entre a gente. Você…

– Quer que eu mantenha Blackstone interessado e entre no evento privado dele? Então reveja o nosso acordo.

Ele apoia a cabeça na mão e me encara por tempo demais.

– Por favor, me diga que você não tá solteira, senão vou tentar seriamente me casar com você, Faye Calloway.

Reviro os olhos e volto a atenção por um instante para Lincoln, que já não está mais me observando e agora gira Hadley pela pista de dança.

– Você está mudando de assunto. Meu status de relacionamento não está em

pauta, Cortez. E a única coisa que eu quero de você são respostas. – Eu o encaro de novo e inclino a cabeça. – E uma dança.

13

LINCOLN

– Essa não teria sido a minha primeira escolha para uma noitada – digo a Hadley enquanto levanto o braço dela e a conduzo em um giro curto.

– Pois é, mas às vezes você só precisa mexer o corpo ao som de uma versão ruim de Morgan Wallen. – Ela ri, saindo dos meus braços e indo se juntar ao pessoal que está fazendo passos coreografados ao nosso redor.

Hadley segue a direção do meu olhar, que está fixo em Faye e Cortez, enquanto ele a conduz da mesa alta até a pista já lotada. Faye não perde um segundo antes de guiá-lo na dança – definitivamente não parece o tipo de mulher que deixaria alguém liderar. Antes mesmo que Hadley abra a boca, eu a interrompo e mudo de assunto:

– Griz me contou uma fofoquinha interessante do último clube de leitura dele.

Ela arqueia as sobrancelhas.

– Ah, é? Imagino que seja sobre mim.

Sorrio para a minha melhor amiga, estendo a mão para ela e a trago de volta para a nossa dança em dupla, posicionando-a bem à minha frente.

– Parece que adoram falar da "extravagante" Hadley Jean Finch no clube de leitura.

– Eu estou *extravagantemente* solteira, Linc. E você sabe, melhor do que ninguém, que chegar aos 30 e poucos solteira significa que a pessoa praticamente tem a *obrigação* de explorar as possibilidades. – Ela encosta a cabeça no meu ombro quando o refrão desacelera. – E você? Tem explorado bastante as suas possibilidades nos últimos tempos?

Não faço de propósito, mas meu olhar encontra Faye na multidão de novo, a poucos passos de distância. Ela está se esforçando muito para não olhar para mim. Pigarreio e tento afastar os pensamentos sobre a loirinha que praticamente invadiu a minha cabeça outra vez.

– Já faz um tempinho que não.

– Cansou do seu esquema de pegar e não se apegar?

Não consigo conter um sorriso diante do jeito bem específico que Hadley tem de tentar me arrancar informações. Ela muda o foco para a mão que segura a dela e a guia em outro giro.

– As meninas não vão se lembrar menos da mãe se você parar de usar isso o tempo todo, sabia?

Olho para o meu dedo anelar vazio.

– Eu não estou usando agora.

– Ótimo. Então essa é uma ótima noite pra você explorar as possibilidades com alguém que não é nem um pouco entediante. – Então ela murmura: – Pode me matar depois – e me puxa ainda mais para o meio da multidão.

A música muda e todo mundo fica mais animado quando o dedilhar característico de guitarra anuncia uma versão de "Shivers". Não é uma música country, mas a banda coloca um toque folk na canção de Ed Sheeran e, de repente, a pista fica completamente tomada.

– Ela é profissional, Linc. É melhor você se exibir um pouquinho – diz Hadley, e deixa que eu a conduza por uma sequência de giros e trocas de posição.

– Cortez! – grita Hadley, e se lança na direção de Faye e Cortez, que estão agora a poucos passos de nós. – Vem dançar comigo, seu cretino gostoso.

Minha melhor amiga acabou de tornar a noite muito mais interessante.

Finalmente consigo ver Faye por inteiro. Ela está linda demais em uma saia curtíssima que me lembra as flores tatuadas no braço dela. E o colete jeans realça um colo de dar água na boca.

Faye sorri para Hadley, enquanto minha melhor amiga grita para quem quiser ouvir:

– Preciso ter uma provinha do seu par de hoje, Faye. Pode ficar com o meu.

Quando ela olha para mim, posso jurar que o seu pescoço ganha um tom rosado que rapidamente colore o seu rosto. Faye corta a ideia na hora com um "não, obrigada". Ela passa direto por mim e tenho que disfarçar um sorriso.

Hadley joga a cabeça para trás, rindo do que quer que Cortez esteja dizendo, então sigo o caminho que Faye abre pela multidão. Ela tira o celular de dentro da bota e segue para o corredor estreito que leva ao banheiro.

A atendente se aproxima quando eu me apoio no balcão.

– O que vai querer?

– Bourbon. Puro.

– Alguma preferência? – pergunta ela com um sorriso simpático.

– Sigo a sua recomendação – respondo, enquanto o meu celular vibra. Sento no banco do bar e vejo de quem é a mensagem. Paro de prestar atenção no que a atendente vai servir e abro a mensagem de Faye.

DOÇURA

Isso deve te segurar até eu poder brincar com você.

Isso promete. Não tem como essa mensagem ter sido para mim, mas é o vídeo anexado que prende a minha atenção: um close no decote de Faye. O celular dela está no ângulo perfeito quando ela se afasta e sorri para a câmera. Então Faye se vira e inclina o corpo o bastante para me dar uma visão perfeita de onde suas coxas encontram o quadril. *Puta que pariiiiu*. Minha boca fica seca, e passo a mão pelo rosto. É melhor isso não ser para o *desgraçado* do Cortez.

Ela levanta a barra da saia – a mesma que está usando hoje. *Faye acabou de gravar isso no banheiro?* Então, abaixa a calcinha minúscula. Cada parte do meu corpo reage na mesma hora. Meu pau faz pressão na minha coxa e deixa bem claro que está vendo isso também. Dou uma olhada rápida para o lado, para ter certeza de que ninguém está vendo. Mas, em vez de ter alguém bisbilhotando, vejo Faye atravessando o corredor em direção ao bar, olhando ao redor, claramente procurando alguém. Tenho quase certeza de que esse alguém sou eu, e isso me diverte na hora – ela sabe que mandou o vídeo para a pessoa errada. Faye para de repente ao me ver olhando para ela e vem direto na minha direção. *Porra, ela é linda*.

– Me dá o seu celular – exige, estendendo a mão.

Inclino a cabeça para o lado e, com os olhos ainda fixos nos dela, enfio o celular no bolso de trás e dou um gole no bourbon.

– Por que eu te daria o meu celular?

Ela se aproxima mais e se encaixa entre as minhas pernas abertas. Eu estaria mentindo se dissesse que ter o corpo de Faye tão perto não mexe comigo. Talvez seja por causa do vídeo que acabei de ver, ou talvez seja só porque é ela, mas estou irritantemente excitado. Faye se inclina ainda mais. A lateral do rosto dela roça no meu, enquanto seus lábios pairam junto ao meu ouvido, fazendo a minha pulsação acelerar.

– *Me dá o seu celular* – diz ela, pausadamente.

Solto uma risadinha curta, o que faz com que ela se afaste. Faye está furiosa.

– Não vai rolar – digo, e tomo outro gole do bourbon para segurar o sorriso. – Você me mandou alguma coisa que não era para mim? Foi isso?

Agora ela está me fuzilando com o olhar.

– Você já viu? – pergunta. E, sem esperar resposta, cantarola em um tom sarcástico: – Quanta ansiedade, Foxx.

Seu olhar desce para os meus quadris e ela acrescenta:

– Não posso dizer que estou surpresa.

Cacete… essa mulher. Olho de volta para a pista e vejo Cortez rindo com Hadley e mais algumas pessoas.

– Estou mais interessado em saber para quem era esse vídeo. – Faço um gesto na direção de Cortez. – Não foi para ele. Isso é só trabalho, né?

Enfio o dedo no cós da saia dela e puxo-a para mais perto. Faye arregala os olhos e entreabre os lábios, deixando escapar um arquejo. Ela não esperava por isso, e estou gostando mais do que deveria de surpreendê-la. De instigar.

– Quem você está provocando com esse tipo de vídeo?

A pergunta sai com um tom mais possessivo do que eu gostaria.

Com os olhos fixos nos meus, ela faz um biquinho. Nunca tive tanta vontade de morder alguma coisa quanto tenho de morder o lábio inferior de Faye.

– O que foi, Foxx? Tá com ciúme? Ou é mais puritano do que todo mundo pensa?

Por que eu fico tão excitado com a boca dessa mulher?

Ela não está tão errada, mas não precisa saber disso.

– Não, doçura. Não estou com ciúme. – Eu me inclino até o ouvido dela, do mesmo jeito que ela fez comigo segundos antes. – Nós dois sabemos que, se eu quisesse você, você deixaria. – Mantenho o dedo no cós da saia dela e não deixo que se afaste. Passo o nó do dedo de um lado para o outro na pele exposta logo

abaixo do tecido. – Não deixaria?

Um sorriso lento curva os lábios de Faye e a língua aparece para umedecer o lábio inferior carnudo. Ela acena para chamar a atendente e tira a minha mão de sua cintura. Então, fica na ponta dos pés quando a mulher se aproxima e se inclina para dizer alguma coisa. Quando se volta novamente para mim, sorrindo com um brilho travesso nos olhos, é que percebo que ela não pediu apenas uma bebida nem fechou a conta.

– Faye, o que você…

Sou interrompido quando a bartender puxa um triângulo prateado e começa a bater nele com uma haste de metal. *Inferno*. Todo mundo sabe o que isso significa: uma rodada paga.

– Esta rodada é por conta de Lincoln Foxx! – anuncia ela.

O bar inteiro começa a assoviar e aplaudir.

Quando olho para o lado, onde Faye estava segundos antes, percebo que ela sumiu e já está quase na porta.

– Ei! – grito.

Ela para, olha por cima do ombro, vira o corpo todo na minha direção, mostra o dedo do meio e continua andando de costas até a saída, erguendo o *meu* celular.

Jogo o cartão de crédito em cima do balcão.

– Limita em quinhentos – digo à bartender, já abrindo caminho pela multidão até sair pela porta da frente.

Olho ao redor por um segundo, tentando ver se ela foi para o estacionamento à esquerda do prédio ou atravessou a rua, mas quando a porta do bar se fecha atrás de mim, tudo fica silencioso. Bem, não deve ser difícil encontrá-la. Todos os que estavam ali na fila quando chegamos já entraram, e as únicas pessoas do lado de fora são um fumante e o segurança. Alguns segundos depois, ouço a risada de uma mulher e me viro para o pequeno beco entre o bar e o prédio. Nuvens de ar quente se formam na mesma direção. *Aí está você*.

– Achei que você fosse gostar – diz ela em um tom baixo e sensual, assim que entro no beco. – Claro que sim. Eu já disse que vou.

Minhas botas fazem barulho no chão, interrompendo.

Faye levanta a cabeça de repente e arregala os olhos ao me ver. Mas, logo em seguida, quem quer que esteja do outro lado da ligação a faz rir. *Com quem ela está falando?* Faye murmura baixinho antes de dizer:

– Mas provocar é a melhor parte.

Meu corpo inteiro sente essas palavras como uma carícia, ainda mais com o

olhar dela preso no meu. A forma como Faye prende o lábio inferior entre os dentes, deixando-o úmido e avermelhado, me faz questionar se aquilo foi para mim. Ela começa a afastar o telefone da orelha, para que eu possa ouvir a voz grave do outro lado.

Ergo a mão.

– Não desliga.

Eu não ia desligar, articula ela sem som.

Encaro isso como um desafio.

Dou um passo à frente e levo o dedo aos lábios, em um sinal para que ela fique em silêncio.

Faye pigarreia.

– Sim. Ainda estou aqui.

Não sei para quem ela está mentindo nessa ligação, nem me interessa. Isso não é problema meu. O meu problema é a loira de pouco mais de um metro e meio à minha frente. Não consigo parar de pensar nela, talvez há mais tempo do que eu gostaria de admitir. Eu deveria ir embora e me concentrar na minha própria vida. Mas as linhas que nos ligam são tão tênues que fica difícil dizer se é atração, raiva ou alguma necessidade primitiva inexplicável que nos puxa um para o outro.

Dou mais um passo, obrigando Faye a recuar até que suas costas encontrem a parede de tijolos. Quando olho para a mão dela, vejo que os dedos ainda estão fechados ao redor do meu celular.

É o que ela diz em seguida que acaba com qualquer resquício de bom senso que deveria me fazer encerrar esse jogo agora.

– Então você vai ter que me dizer o que quer que eu faça – diz ela com a voz carregada de malícia ao telefone.

Com aqueles olhos verdes fixos nos meus, deslizo a mão pelo braço dela até o pulso, e também passo os dedos ao redor do celular. Tento puxá-lo, mas ela aperta com mais força. Dou um passo para trás, puxando-a comigo, até esconder o telefone atrás da minha cintura e colocá-lo no bolso de trás.

Quando Faye finalmente solta, vira as costas para mim com um aceno breve, como se aquilo fosse a única coisa que eu quisesse dela. *Inferno*. Era para ser. Era para eu parar por aqui. Recuperei o celular. Posso voltar para o bar e encontrar a minha amiga. Mas não faço isso. Passo a mão pela barba por fazer e pela boca enquanto deixo os meus olhos percorrerem mais uma vez o corpo de Faye, agora que ela não está me dando atenção. Há milhares de motivos para que ir embora seja a escolha lógica. Mas já fiz o lógico, o esperado, o correto, o vazio. Nesse

momento, só quero a mulher à minha frente.

Que se foda tudo.

Passo o braço ao redor do corpo dela e puxo-a na minha direção. Faye arqueja quando as costas dela batem no meu peito. Qualquer resquício de bom senso desaparece enquanto mantenho o corpo colado ao dela e pressiono a boca no lado oposto de onde ela segura o celular.

Meus lábios roçam o pescoço dela e, em resposta, Faye pressiona o quadril contra o meu corpo. Eu a abraço com mais força enquanto um casal passa rindo pela entrada do beco. *Puta que pariu, que loucura*.

– Me manda parar – sussurro, enquanto meus dedos brincam com o primeiro botão do colete dela.

– Continua – responde Faye, em um tom baixo e arquejante.

Abro o botão com um movimento rápido e meus dedos deslizam pela pele quente e lisa. A respiração dela falha. Minha mão apalpa seus seios fartos, envolvendo o máximo de carne que consegue agarrar. Faye inclina o corpo para trás e apoia a cabeça no meu ombro. Meus lábios roçam o seu rosto, enquanto meus dedos brincam com um mamilo. Quando começo a girá-lo entre a ponta dos dedos, os lábios dela se curvam em um meio sorriso, enquanto ela rebola, se esfregando no meu pau a cada movimento.

Faye solta um gemido baixo antes de dizer:

– Continua. – Ela solta um arquejo e sussurra. – Por favor, não para.

– Ainda está sem calcinha? – pergunto junto à pele dela.

Ela assente e deixa escapar um gemido baixo, cheio de expectativa.

Mudo o peso do corpo, nos aproximando ainda mais da parede, nas sombras entre os prédios. Deslizo a mão pela parte de trás da coxa de Faye e levanto sua saia.

Meus dedos encontram a pele quente e lisa dela.

– Me diz se é ok fazer isso, doçura.

– Não se atreva a parar – diz ela, soltando o ar com força.

Não ouço mais nenhuma voz abafada nem vejo a luz do celular, mas ela ainda o mantém pressionado contra o outro ouvido. Não me importa quem esteja ouvindo. A única coisa que me importa é saber que sou eu quem vai fazê-la gozar.

Meu pau está tão duro que sinto molhar a minha calça jeans a cada movimento do meu quadril. Deslizo os dedos exatamente para o lugar que eu quis tocar desde o momento em que ela tirou o casaco durante o "encontro" com Cortez. Aquela faixa de pele, a curva da bunda, o ponto perfeito onde ela

encontra a coxa. *Porra*. A pele de Faye é macia, mas o frio a deixa arrepiada enquanto meus dedos se aproximam de sua boceta.

Ela abre mais as pernas e joga o corpo contra o meu. Aperto a bunda dela mais uma vez, antes de deslizar dois dedos entre as pernas, percorrendo toda a extensão da boceta. Ela já está encharcada, e preciso conter um gemido com a sensação do toque. Faye deixa escapar um som baixo enquanto meus dedos deslizam por entre suas dobras até chegarem ao clitóris. Ainda nem a penetrei e ela já está tremendo nos meus braços.

– Você gosta disso, não gosta? – Mordisco a pele logo abaixo da orelha dela. – Não só gosta, como quer que eu te dê mais. Você quer mais? – provoco, fazendo círculos em seu clitóris enquanto meu pulso roça a entrada da boceta dela. – Implora pelos meus dedos, doçura.

– Não – responde ela, entredentes.

Meu pau lateja enquanto me esfrego contra ela. Belisco o clitóris e o mamilo dela para arrancar a verdade.

– Ah, porra. Tá bom, por favor – pede Faye em um gemido, arqueando o corpo.

– Por favor o quê? – digo junto ao pescoço dela.

– Vai se foder, Foxx. Você sabe o quê.

Giro a mão para conseguir um ângulo melhor e deixo o dedo médio afundar nela. E… *caralho*. Sinto tudo de uma vez só, saboreando o gemido trêmulo que Faye deixa escapar.

– *Mais* – diz ela em um arquejo, colando ainda mais o corpo ao meu.

Solto uma risadinha baixa e ela me xinga de novo.

– Mais o quê?

– Você é um babaca – fala Faye.

Enfio outro dedo e a penetro mais fundo. Ela se derrete de tanto prazer, se apoiando em mim e soltando um gemido baixinho que eu queria ouvir bem mais alto.

– Você não tá sendo nada boazinha – provoco.

Faye bufa enquanto mantenho o ritmo lento e profundo, sem acelerar.

– Você não quer uma garota boazinha agora, Foxx.

– Então, o que eu quero?

Um gemido baixo sobe pela garganta dela.

– Alguém que diga para *você* ser um bom garoto e fazer o que mandam.

Diminuo ainda mais o ritmo, como castigo.

– Você acha isso mesmo? Que eu preciso da sua aprovação e de você no

controle? – Empurro os dedos e curvo as pontas o suficiente para acertar exatamente o ponto certo. Ela está enlouquecida e querendo mais, se contorcendo toda para que eu dê o que ela quer.

Quando avanço com mais força, só uma vez, Faye arqueja.

– Por favor, ah, porra… por favor, me dá mais, ou eu mesma vou fazer.

Ela agarra o meu braço com a mão livre e crava as unhas na manga.

Solto uma risada, apoio o rosto no dela e respondo com ação em vez de palavras. Tiro os dedos, abro ainda mais as suas pernas e a inclino para a frente o suficiente para dar um tapa em sua boceta por trás. Faye solta um gritinho ao sentir o tapa e deixa escapar uma risada curta antes que eu a puxe de volta. Viro o corpo dela, guiando-a alguns passos até a parede, até as suas costas estarem pressionadas contra o tijolo e seus olhos fixos nos meus. Faye passa um braço ao redor do meu pescoço, enquanto a outra mão continua a segurar a minha manga, e passa os dentes por aquele lábio inferior lindo.

– Você não tem permissão para se tocar agora. Foi isso que acabou de me implorar. – Eu me aproximo um pouco mais e roço o nariz no pescoço dela. – Portanto, vai aceitar o que eu te der.

Ela me observa; desejo e anseio tão visíveis quanto o vapor da nossa respiração no ar frio. Levanto a perna dela e apoio no meu braço. Levo dois dedos da outra mão à boca, para umedecê-los, antes de passar o polegar pela boceta dela. Massageio o clitóris e deixo os meus dedos brincarem ali.

– Seu provocadorzinho filho da puta – murmura Faye, com um sorriso e um gemido baixo.

– A menos que você queira uma plateia ou pretenda terminar presa, sugiro que fique em silêncio quando melar os meus dedos.

Ela não diz mais nada depois disso. Apenas aproveita enquanto é fodida. O aperto no meu pescoço se torna mais forte, mas ainda não quero que ela goze. Por isso, tiro os dedos e volto a esfregar o clitóris dela de leve, deixando-a no limite, tão perto de gozar que se contorce contra o meu toque.

Vamos ver até que ponto ela consegue deixar meus dedos molhados.

– Foxx, para, eu preciso… – As palavras saem em um novo arquejo.

– Eu sei do que você precisa.

Um terceiro dedo a penetra. Ela está pingando. O som obsceno me faz querer gozar dentro da porra da calça junto com ela. Isso, somado à forma como Faye sussurra o meu nome, me deixa por um fio. Só consigo sentir o cheiro dela, delicioso, invadindo todos os meus sentidos.

Pressiono mais o corpo ao dela, levantando mais a sua perna, e esse ângulo

me permite acertar exatamente onde quero enquanto movimento os dedos dentro dela, sentindo a pressão crescer.

– Lincoln…

A respiração dela falha. Faye abre a boca e suas costas se arqueiam e se afastam da parede. A boceta dela pulsa sem parar e ela deixa a minha mão encharcada. Quero deslizar meu pau nessa carne molhada e meter nela até ela perder o controle por minha causa.

Mas isso não vai acontecer. Não em um beco atrás de um bar. Chupo a pele abaixo da orelha dela e arrasto os dentes pelo seu pescoço, enquanto sinto a pulsação dela disparar. E, como não consigo evitar, sussurro junto à pele úmida:

– Você fica linda demais quando está com raiva e gemendo pra mim.

Sinto o sorriso dela antes mesmo de ver.

Eu me afasto um pouco e observo a bagunça perfeita em que a deixei: Faye encostada na parede, o cabelo desalinhado, o pescoço marcado, a saia levantada, o colete meio aberto e o peito subindo e descendo, realçando os seios naquele decote profundo. Não consigo conter um gemido ao vê-la assim. Levo os meus dedos que estavam dentro dela à boca, lambo devagar e depois cheiro, enquanto ela me encara com uma expressão atordoada.

Vozes ecoam ao passarem pelo beco, estourando a bolha em que estamos. Mais algumas pessoas saem do bar, e, por mais que eu queira a mão dela ao redor do meu pau, vou ter que me virar sozinho.

– Vamos.

Estendo a mão enquanto ela se recompõe. Não vou deixá-la sozinha assim, a essa hora da noite. De jeito nenhum.

Faye me segue, de mão dada comigo, enquanto a minha cabeça gira tentando entender o que devo fazer quando chegarmos ao carro. Se eu a beijar, isso não acaba aqui. E precisa acabar.

Mas, quando nos aproximamos da caminhonete, Faye solta minha mão e decide por mim.

– A partir daqui eu me viro sozinha. – Ela passa à minha frente e vira o rosto para o lado, antes de dizer: – Você também é bonito quando tá com raiva, Foxx. Pena que não consegui fazer você gemer pra mim dessa vez.

Solto um suspiro, passo a mão pelo cabelo e pego os óculos no bolso do casaco. Então, fico olhando enquanto ela tira o carro da vaga e acelera para sair do estacionamento. Rio para mim mesmo, inclinando a cabeça para trás e olhando o céu. Faye disse "dessa vez". Como se fosse haver uma próxima. Meu pau reage na hora, contrariando completamente a minha cabeça.

Que merda eu tô fazendo?

14

FAYE

O balanço da varanda oscila e me interrompe pela terceira vez nos últimos quinze minutos. Maggie sai pela porta da frente como um furacão, com as minhas chaves penduradas nos dedos, e mal me lança um olhar. Esse molho específico de chaves tem uma pequena tag embutida no chaveiro de bola de espelhos, que rastreia para onde ele vai. Minha irmã tem passado tempo demais nas pistas de corrida de cavalos, considerando que é baixa temporada, mas toda vez que pergunto alguma coisa a respeito, a resposta vem no mesmo tom: "Já não tá na hora de você dar o fora daqui?" Ou alguma variação disso.

– Para onde você tá indo, Maggie? – grito atrás dela. – Você sabe que essa caminhonete é minha, não sua, né?

Ela apenas me mostra o dedo do meio e continua andando, ignorando completamente o que eu disse.

Fecho os olhos e tento não deixar o fato de ela me odiar tanto e querer que eu vá embora me atingir. O sol aquece meu rosto, amenizando o frio cortante de janeiro em Fiasco. Só quando escuto o motor da minha caminhonete sendo ligado é que me viro para ver minha irmã sair cantando pneu. *Cretina*.

Mesmo com muita coisa para ocupar minha cabeça, meus pensamentos continuam voltando para aquele beco. Blackstone só ouviu o começo de tudo. Eu desliguei na cara dele no momento em que Lincoln perguntou se eu ainda estava sem calcinha.

Eu não estava pensando direito. E, com certeza, não estava concentrada em Blackstone. E agora, mais uma vez, estou revivendo o momento em que o pai solo gostoso e aparentemente irresistível – o mesmo homem que eu chantageei anos atrás – me fez perder o controle usando apenas os dedos.

Sinto o rosto quente, e não é de vergonha. É de prazer. É um tanto frustrante pensar em quão forte eu gozei nos dedos dele e como Lincoln sussurrou putarias pra mim. *Sugiro que fique em silêncio quando melar os meus dedos*. Eu nunca tinha gozado daquele jeito na vida.

Talvez aquilo tenha sido o suficiente. Fome saciada. Missão cumprida. Ainda assim, continuo olhando na direção da casa dele, esperando vê-lo sair às pressas, passando a mão pelo cabelo escuro e esquecendo de tirar os óculos. Meu Deus, por que aquele homem tem que ficar tão gostoso de óculos?

Solto o ar com força e fecho os olhos, tentando afastar esses pensamentos, porque toda aquela interação não passou de um bônus inesperado por eu ter conseguido instalar o aplicativo de espelhamento que agora está rodando em segundo plano no celular dele. Tenho acesso total a tudo o que Lincoln Foxx abre no celular. E, para minha sorte, o homem não fechou um único aplicativo ou página desde o dia em que comprou aquele aparelho.

Enquanto percorro mais uma pasta de e-mails, fico aliviada por não encontrar nada obviamente comprometedor no celular de Lincoln. Não há nenhuma organização nas pastas de aplicativos, zero redes sociais, e vários artigos abertos sobre os efeitos das variações sazonais no milho, além de fórmulas com símbolos da tabela periódica que não entendo nadinha.

Passo por uma quantidade absurda de fotos. Lark e Lily adoram pegar o celular do pai escondido e usar o modo de disparo contínuo. Há milhares de selfies espontâneas com rostos cortados, fotos de jogos de softbol, passeios a cavalo, primeiros dias de aula e todo tipo de aleatoriedade de uma vida plena. Mas são as selfies com os três espremidos na tela que me fazem parar para olhar mais detidamente.

Não dá para fingir um amor desses – ver tanta ternura me aquece de um jeito que não tem nada a ver com o sol da manhã. É o tipo de coisa que ou existe, ou não existe. Não há meio-termo quando se trata de crianças. E sei muito bem disso – sinto isso –, porque foi algo que não tive. Com a minha mãe, sim. Mas

um pai que sorria para fotos, que se sentava para assistir a desfiles de moda ou apresentações improvisadas? Isso nunca foi uma realidade para mim.

O vento sopra mais forte e puxo a manta felpuda para o colo. O que eu não daria por alguns minutos sentada nesses degraus com a minha mãe. Para dizer que estou com raiva dela, ou que queria ter percebido como as coisas tinham piorado antes de ela achar que não havia outra saída. Tiro os fones de ouvido e coloco um gorro que encontrei jogado no armário do meu antigo quarto, e me acomodo melhor para continuar a busca no celular de Lincoln.

Um grito agudo me interrompe bem quando estou levando os fones aos ouvidos. Fico em silêncio por um momento, esperando para ver se vou ouvir de novo. O vento bate nas janelas de vidro da casa de fazenda, provocando um chacoalhar familiar que faz um arrepio percorrer toda a extensão dos meus braços. Apreensiva, descruzo as pernas e me levanto. Pode muito bem ter sido o vento contornando a casa. Dentro de casa, tudo pode parecer novo, mas a estrutura continua a mesma. O segundo degrau ainda range, não importa onde eu pise. Mas, se não foi isso…

Eu vi Maggie sair, então não é ela. Outro som baixo ecoa – dessa vez consigo perceber que vem do novo celeiro.

Quando escuto novamente, já estou torcendo para que seja um animal, não *uma pessoa*. Meu braço continua arrepiado enquanto desço os degraus da varanda e sigo pelo caminho de cascalho.

Com o taser preso na parte de trás da cintura, pego uma pazinha que está ao lado do banco de jardinagem, do lado de fora do celeiro. Tem muito mais coisa aqui agora. Dessa vez, é um latido agudo que escuto quando deslizo a porta do galpão. O trilho bem lubrificado garante uma entrada silenciosa, mas isso não impede que os dois corpinhos encolhidos bem no centro do espaço virem a cabeça ao mesmo tempo para olhar pra mim, e soltem um gritinho.

– Cacete, Faye – diz Lily, levando a mão ao peito.

Lark solta uma risada aliviada.

– Você deu sorte do papai não te ouvir falar isso, Lil.

– Bem, a gente deu sorte de não ser o papai – retruca ela.

O cheiro de feno e lama toma conta do espaço. Quando fui embora, minha mãe tinha três cavalos. Pelo cheiro, parece que nada mudou, mas sei que não há mais nenhum aqui. Uma das muitas coisas que Maggie mudou na propriedade.

– Por que o pai de vocês ficaria bravo? – pergunto, completando com o óbvio que talvez elas nem saibam. – Além do fato de vocês estarem comigo?

A pergunta deixa de ser retórica quando me aproximo e vejo o que elas estão

protegendo.

– A gente pode deixar ela aqui? – pergunta Lily, levantando o filhotinho de cachorro nos braços. A pelagem marrom-clara é salpicada de manchas pretas na cabeça, fazendo a cachorrinha parecer uma pequena bandida mascarada. – Por favor, por favor, Faye? – As palavras saem atropeladas e ela continua: – Ela era a última da feira de adoção. Iam levar ela de volta, e todos os outros foram adotados. Não deviam fazer essas feiras em dias frios. A pobrezinha vai achar que o frio é a mesma coisa que ser abandonada. Se a gente não trouxesse ela para casa, seria crueldade animal.

Que diabos eu devo responder a isso?

– Hum, bem… eu não acho… – As palavras morrem quando olho primeiro para a expressão esperançosa de Lark e depois para a irmã mais nova.

Os olhos de Lily se enchem de lágrimas enquanto ela diz:

– Era para eu encontrar ela. Tenho certeza. – Ela dá um beijo na cabeça da cachorrinha, que tenta se soltar, e se debate até conseguir, caindo no chão e correndo em direção aos meus pés. Não sei que raça de cachorro é, mas vai crescer bastante. – Ela já tomou as vacinas que precisava tomar. A gente tem comida e água. Essa cachorrinha só precisa de um cuidado extra, por isso toma um remedinho em gotas. Eu já tenho instinto de mãe, viu? – Lily faz carinho na cabeça da cachorra, que se apoia nela e quase a derruba, arrancando uma risadinha.

Olho para Lark, e a menina deve saber o que estou pensando, porque cruza os braços e solta um suspiro irritado antes mesmo de eu perguntar:

– Por que vocês querem que ela fique aqui?

– O papai diz que é só uma fase – responde Lark. – Que a gente vai querer outra coisa depois, mas… – Os olhos dela também se enchem de lágrimas dessa vez, mas ela se controla antes que escorram pelo rosto.

A cachorrinha se vira de barriga para cima e começa a mastigar o cadarço da minha bota.

– Mas isso não é verdade. Ela tá aqui agora, não tá? – digo, enquanto Lark seca o canto dos olhos.

As duas me encaram, esperando o que vou dizer em seguida. E, mesmo sabendo que devo ter perdido o juízo por concordar com isso, por vários motivos, eu pergunto:

– Qual é o nome dela?

Lily olha para a irmã por um instante antes de responder:

– Kit.

• • •

Dois dias depois e quase duzentos dólares gastos em coisas para cachorro, prendo a guia à coleira peitoral de Kit. Entre tentar adestrar um filhote da melhor forma possível, planejar a minha próxima apresentação no Midnight Proof e continuar monitorando Blackstone, é um prazer sair um pouco de casa. Parece até uma recompensa poder esticar as pernas e aproveitar o que resta da luz do dia enquanto caminhamos pela calçada da Main Street. O vento da manhã já diminuiu e o sol forte manteve o clima agradável, mesmo no fim de uma tarde de inverno.

Ainda não definimos por quanto tempo vou ficar com Kit. Em algum momento, minha estadia em Fiasco vai acabar, aí as meninas assumem. Talvez até antes. Eu não tinha planejado ficar mais do que um mês, mas também não pensei no que viria depois. Eu deveria ficar ansiosa por não saber. Afinal, sempre sei qual é o meu próximo passo. Mas, sei lá, não consigo pensar em nada além de Fiasco.

Kit late e diminui o passo, como se já soubesse para onde estamos indo.

– Minha raiz tá escura demais, não tá? – digo para ela quando paramos em frente ao Tentação.

Espio pela vitrine grande. O nome do lugar parece mais de um clube de strip do que de um salão de beleza, mas é o único do condado onde as pessoas vão para fazer tudo, de escova a manicure.

A tigela de água e o potinho de petiscos ao lado da porta dupla me animam a deixar a guia de Kit no suporte de ferro preso à fachada.

– Fica aqui, lindinha. – Lanço um olhar firme. – E se comporta. Eu te dou um daqueles ossinhos que compramos se tirar um cochilo.

A calçada está seca e o sol deve ter aquecido o chão, porque, assim que me afasto, ela se deita e vira de barriga para cima, me fazendo rir.

O som do sotaque country de Dolly Parton ao fundo, junto com o barulho dos secadores, abafa o sino da porta quando entro no Tentação. O cheiro de cabelo queimado e acetona é leve, mas o ambiente me transporta direto para inúmeros cortes de cabelo e uma permanente horrível que fiz quando tinha 11 anos.

– Pelo amor de Deus, Romey, você está vendo o que eu estou vendo?

Sorrio ao reconhecer o rosto familiar, marcado por um delineado gatinho carregado e um topete frontal digno de qualquer *pin-up* dos anos 1950. Não

saberia dizer quantos anos Maeve tem, mas o fato é que ela parece exatamente igual ao dia em que a conheci.

Romey fica paralisado com a boca aberta, no meio de uma colherada em algo que parece uma salada de frutas cremosa.

– Maeve, oi… – Mal consigo terminar a frase, porque ela segura minhas mãos, estica os braços e me gira como se eu fosse um cavalo de exposição.

– Meninas! – Ela solta um gritinho, e o salão inteiro se aquieta. – Olhem só o que o vento do inverno trouxe…

Dou um sorriso contido diante da sobrancelha arqueada dela. Essa expressão diz tudo: *Onde diabos você esteve? Que bom que resolveu aparecer* e tudo mais. Eu sabia que surpreenderia algumas pessoas e que a recepção poderia ser complicada, então é melhor encarar isso logo, agora que a reação está sendo um pouco mais positiva. Entrar no Tentação foi como arrancar um curativo.

– Oi, é bom ver vocês.

Respiro fundo. Todos os olhares estão em mim, e lidar com o público é o meu forte. Mas, normalmente, conto com a ajuda de música, plumas e paetês.

– Eu perguntaria o que você veio fazer aqui, mas essa raiz já está passando do que eu consideraria natural – diz Maeve, passando os dedos pelo meu cabelo. – Estou pensando em algumas mechas mais marcadas, um banho de brilho, talvez dar um jeito nesse buço aí. A não ser que você esteja aqui só para perguntar se vimos a Maggie.

Ela ergue as sobrancelhas e coloca as mãos na cintura na melhor pose de Mulher-Maravilha que já vi em muito tempo. Só que essa está usando uma calça confortável, botas de vaqueira e uma blusa curta com a frase *O melhor do Kentucky* estampada no peito. Ela é pequena, mas compensa com a atitude.

– O salão tá lindo, Maeve. E, se você tiver tempo, eu adoraria dar uma renovada geral – digo, com um sorriso amável.

Olho ao redor enquanto o movimento volta ao normal depois da pausa abrupta causada pela minha entrada.

– Então, Faye, vai querer uma mimosa, um Bloody ou só uma água com gás? – pergunta Romey, me incentivando a segui-la até o fundo do salão, onde há um pequeno bar ao lado de quatro poltronas florais de encosto alto.

Algumas cabeleireiras mais jovens ignoram o pequeno espetáculo e continuam trabalhando, mas aproveito para dar uma olhada em quem mais está ali.

Alguns rostos conhecidos – Prue, a bibliotecária de Fiasco, sorrindo e acenando; Tonya e Darla, ambas secretárias do conselho municipal; e Mary, que

trabalhava como auxiliar na escola primária. Todas provavelmente - semiaposentadas agora, e não muito distantes da idade que a minha mãe teria. Elas eram amigas dela.

O salão foi modernizado com bastante equipamento novo desde a última vez que estive aqui. Um estilo moderno, com um toque rural. As paredes são de um branco envelhecido com detalhes florais e ferro preto trabalhado onde necessário – nos espelhos, nas luminárias e ao redor da estação de café e do bar. É bem diferente do salão de cidade pequena de que me lembro.

– Nada de bourbon? – Faço um estalo com a língua. – Quebra da regra número um de Fiasco, Romey.

Ela sorri para mim.

– O que você ainda sabe sobre Fiasco, querida?

A alfinetada não é inesperada. Ela olha com atenção para as tiras de couro que passam pelos meus ombros e torso, o tipo de lugar onde alguém normalmente esconderia uma arma, mas gosto pelo contraste com a segunda pele branca simples e a calça jeans bem ajustada. Romey não precisa saber que tenho um canivete pequeno escondido na lateral da bota, spray de pimenta com tinta marcadora e um taser discreto no compartimento secreto da minha bolsa.

Ela pigarreia depois de olhar para algo por cima do meu ombro – provavelmente a irmã fazendo sinais para que ela pare com aquilo.

– A mimosa também pode ser "batizada", com um shot de bourbon, um toque de laranja e completada com prosecco.

Ela pisca enquanto pega a caneca de vidro que usa como copo.

A melhor forma de fazer alguém responder a perguntas é levá-lo a falar sobre si mesmo ou fofocar. Não é uma tática, e sim um ensinamento que adquiri muito antes de sair de Fiasco.

Pigarreio.

– Imagino que vocês tenham ouvido falar da Maggie.

– Ah, querida, sua irmã anda com as pessoas erradas já faz um tempo. Isso não é novidade.

Odeio ouvir isso de novo, vindo de outra pessoa.

É tudo tão instável quando se trata da minha irmã. *Se eu não tivesse ido embora…*

Maeve surge atrás de mim e passa o braço pelo meu.

– Você ficou fora por um bom tempo, meu bem. – Ela faz uma pausa e me entrega a capa preta fina para colocar por cima da roupa, enquanto me sento na cadeira onde ela atende. – Maggie não é… – Ela solta o ar. – Sua irmã tem um

problema com jogos de azar. E as pessoas com quem ela anda… bem, não me surpreende…

Maggie faz questão de deixar claro que não sou bem-vinda, mas isso não importa tanto. Ela já foi machucada, e não vou deixar isso acontecer de novo.

Me preparo quando pergunto:

– Quem?

É Prue quem responde:

– Waz King, para começar. Vi os dois discutindo algumas semanas atrás.

Só de ouvir o nome, meu estômago revira. Nunca confiei em ninguém com o sobrenome King, muito menos quando está envolvido com a minha irmã.

Por que ela estaria se envolvendo com esse homem? Eu enterrei o irmão dele, Tullis, em um milharal, há cinco anos. Não existe motivo para minha irmã estar andando com Waz King, muito menos discutindo com ele.

Porra, Maggie.

Romey acrescenta:

– Sua irmã não vai a lugar nenhum sem aquele maldito laptop. O que é surpreendente, porque eu achava que ela queria ser treinadora, igual à Shelby…

Maeve mistura um creme arroxeado com o pincel e começa a trabalhar, separando mechas do meu cabelo.

– Acho que ela não tem um encontro de verdade há anos. Sua irmã é linda, mas, meu Deus, não escolhe ninguém que preste. Teve um cara do rodeio, uns anos atrás. Acho que fez ela de gato e sapato. Sei que o Jimmy Duggan já chamou ela para sair algumas vezes, mas ele é bom demais pra ela e para o que ela anda fazendo. Mesmo que aquele garoto…

Romey interrompe:

– Ele é um homem, Maeve. Já tem mais de 20 anos.

Maeve apoia a mão na cintura e lança um olhar atravessado para a irmã.

– Para mim, qualquer um que não esteja na casa dos 40 ainda é criança.

Romey sorri para mim.

– Chega de falar da Maggie. Estou mais interessada no que ando ouvindo sobre essa mulher do burlesco. Rosie Gold, é isso?

Sorrio, evitando encontrar o olhar dela no espelho.

– Talvez você tenha que assistir a um show no Midnight Proof. Pra conferir do que se trata todo esse burburinho – diz ela, em tom provocativo.

Algum tempo depois, o meu cabelo está renovado, melhor do que em muito tempo.

– Maeve, ficou incrível. Obrigada por me encaixar.

Ela despeja uma quantidade exagerada de spray no meu cabelo justo quando latidos altos ecoam do lado de fora, chamando a atenção de todo mundo.

– Seu cachorro está ganhando carinho lá fora – comenta Romey.

O salão volta ao burburinho baixo, com secadores, Dolly Parton e sua "Jolene" e fofocas sobre os planos para o Dia dos Namorados no próximo mês e sobre quem estaria traindo quem. Mas a conversa para de repente, e imagino que estejam olhando exatamente para a mesma pessoa que eu. Pela vitrine da frente, Lincoln Foxx, de casaco de lã escuro e sorriso perfeito, está parado com as mãos nos bolsos, observando as filhas sendo lambidas por uma cachorrinha filhote empolgada demais.

Não tenho o menor controle sobre isso, mas meu corpo se lembra imediatamente de tudo o que os dedos de Lincoln são capazes de fazer, como se ele estivesse me tocando de novo. Meu rosto e meu pescoço esquentam. Respiro fundo e levanto da cadeira, tentando me recompor.

– Juro que esse homem fica mais bonito a cada ano – comenta Romey ao meu lado.

Maeve dá um tapa na mão dela.

– Ele nem tem 40 ainda. – Ela se inclina na minha direção. – Tem muita história sobre o Lincoln. E nada ruim, na minha opinião. Uma pena que esteja vivendo sozinho agora.

Dou um sorriso contido.

– Ele é solteiro – diz Romey, colocando um doce na boca. – Mas não está sozinho. Tem aquelas meninas lindas.

– Viúvo – corrige Maeve.

Romey lança um olhar irritado para a irmã e se volta para mim.

– Uma coisa não anula a outra. – Ela inclina a cabeça para o lado, e dá de ombros.

– Eu não estou… – Balanço a cabeça e pigarreio. – Isso não está nos planos.

– Normalmente nunca está, querida – diz Romey.

A parte engraçada é que quero acreditar nas minhas próprias palavras. Desde que saí de Fiasco, cada decisão que tomei teve um propósito – um plano bem estruturado para cumprir um trabalho ou preservar algum tipo de prazer calculado na minha vida. Mas bastaram alguns dias aqui para que tudo parecesse incompleto, cheio de desvios. Um desses desvios, bem específico, está a poucos passos, de óculos e com um sorriso malicioso que derrete tudo dentro de mim e me faz parecer uma pateta. Uma parte de mim, quieta e enterrada bem fundo, desperta quando estou perto de Lincoln. E o pior é que eu gosto disso.

Maeve sorri para Lark e Lily quando elas entram no salão. Lark com os fones de ouvido, usando uma camiseta vintage do grupo NSYNC que tenho quase certeza de que comprei em um show na turnê original. Lily vem logo atrás, com uma bolsinha transversal escrito: "Em modo Lufa-Lufa". É impossível não sorrir para elas.

– Meninas, esperem só um minutinho. Tenho que terminar uma coisa aqui e depois começamos as unhas de vocês. Talvez Romey possa fazer um coquetel sem álcool para vocês enquanto esperam – diz Maeve.

Ela sorri para Lincoln e, meu Deus, as donas do salão têm razão. Aquele homem consegue roubar o ar de qualquer ambiente. Ele nem está sorrindo, e quase todo mundo no salão está sorrindo para ele.

– Maeve, acho que hoje também é dia de pintar as unhas dos pés. Você tem tempo? – pergunta Lincoln.

Ela bate de leve no braço dele.

– Para as minhas Foxx favoritas? É claro.

Um sorriso começa a curvar os lábios dele enquanto Maeve se afasta.

Lincoln olha para mim, e o sorriso fica mais largo, como se tivesse me pegado fazendo alguma coisa que não devia – o que, convenhamos, é verdade. Estava dando uma boa olhada na bunda dele.

Sinto o rosto quente quando me lembro da forma confiante como ele anda com aquelas calças que deixam tudo ainda mais delicioso, mas, em vez de disfarçar, percorro o corpo dele com o olhar bem escancarado.

– Meu Deus – diz Lily, empolgada. – Faye, eu adorei a peitoral dela.

Sorrio, satisfeita por ter escolhido algo que ela aprova.

Meu olhar se desvia para Lincoln, que está observando a cena. *Merda, ele vai descobrir tudo*.

Lark percebe e tenta disfarçar:

– A Faye perguntou pra gente que cor de peitoral nós… quer dizer, *ela*… que peitoral ela deveria comprar para a Kit.

Lincoln olha para mim e permanece em silêncio.

Quando ele se aproxima, para ver as meninas perguntarem sobre cores de esmalte, diz apenas uma palavra, em voz baixa:

– Doçura.

Talvez seja porque ele já me chamou assim algumas vezes sem motivo algum, ou porque a proximidade dele é irritantemente intensa, mas ignoro o modo como o toque do casaco nas minhas costas e o efeito da voz dele, baixa e íntima, me fazem vibrar.

– Esqueceu o meu nome?

Vou até o balcão e pago a conta com Romey. Os olhos dela acompanham Lincoln se aproximando de novo. *Que diabos esse homem tá fazendo?*

Ele se inclina, a mão roçando ao meu redor e tocando meu quadril enquanto sussurra:

– Acredite quando eu digo que tentei esquecer. Mas aqueles sons que você fez… O jeito como gozou tão lindamente pra mim… – Lincoln solta uma risadinha baixa, e sinto um aperto no estômago. – Isso não é algo que um homem esqueça. – Quando ele se aproxima ainda mais, preciso conter um arrepio. – Então, não, não esqueci o seu nome. Você tá dificultando muito isso pra mim.

Eu me viro para encará-lo e vejo seus olhos azuis buscando uma reação. Se Lincoln enxergasse por baixo das minhas roupas, veria a resposta – a pele arrepiada, os mamilos rígidos, a boceta latejante e molhada.

Olho de volta para Maeve e Romey, que assistem à cena com sorrisos satisfeitos. *Santo Deus.*

– Obrigada, meninas – digo, fingindo que Lincoln não acabou de me desestabilizar de novo. – Rosie Gold faz um show incrível. Vocês deveriam ir assistir enquanto ela ainda está na cidade – completo com um sorriso, e pisco para elas.

Lily acena.

– Tchau, Faye!

Lark me lança um sorriso cauteloso, seu olhar indo do pai para mim. Ela também viu tudo. Isso está ficando complicado demais. O cara tem duas filhas. Duas filhas com quem eu gosto de estar. O fato de elas não me odiarem é muito mais importante para mim do que deveria. E me importar com o que as duas pensam faz com que o que está acontecendo entre mim e Lincoln, seja lá o que for, pareça mais importante. *Posso analisar isso em outro momento*. Eu me apresso para pegar meu casaco fazendo de conta que não estou fugindo da situação.

Quando saio do salão, o vento bate no meu rosto, bagunçando o meu cabelo e tornando difícil desamarrar a guia de Kit, mas a porta se abre antes que eu consiga soltá-la.

– Você arrumou um cachorro? – pergunta Lincoln, atrás de mim. Eu deveria saber que ele viria.

– Estou fazendo lar temporário. Só por um tempo, enquanto estou aqui.

– Temporário? – repete ele, e franze o cenho, como se estivesse tentando

entender por que eu faria isso, levando em consideração que sabe que eu não sou uma presença permanente em Fiasco.

Solto um suspiro.

– Sim, temporário. Por que você está…? Vai lá pra dentro, Foxx.

Ele sorri, mas sua expressão é provocadora.

– Você tá nervosa? Doçura, eu tô te deixando nervosa?

Afasto o cabelo do rosto de novo. Não consigo soltar a guia. Olho para ele com o cenho franzido e dou uma risada.

– Ah, por favor, Foxx.

Ele solta um murmúrio baixo.

– É, lembro de você dizendo meu nome com bem menos arrogância da última vez. Gostei de como você parecia ansiosa e cheia de tesão.

No exato momento em que minhas coxas se contraem, três toques curtos de buzina chamam a atenção de nós dois. Kit late sem parar quando Griz surge em alta velocidade com o carrinho de golfe.

– Você pode sair dirigindo um carrinho de golfe assim pela cidade? – pergunto, rindo, quando ele para.

– Eu adoraria ver a polícia de Fiasco tentar me impedir – retruca ele. – Faye, ainda bem que te encontrei. Uma das meninas do meu clube de leitura disse que você estava por aqui. Que tal jantar lá em casa na sexta à noite? – O olhar dele encontra Lincoln, que agora está ao meu lado. – As minhas bisnetas estão lá dentro agora? Ou você está aqui fora atrás de mulher?

Lincoln estreita os olhos, como se a última pergunta fosse absurda.

– Dia de manicure pós-terapia – responde ao avô.

– Foi pesado hoje? – pergunta Griz.

– Depende do que elas falaram – responde Lincoln. Sinto que eu não deveria estar ouvindo isso, mas ele olha para mim e acrescenta: – Somos uma família a favor de terapia.

– É uma boa ideia. Também faço parte dessa família – digo, então percebo como isso soa e tento corrigir: – Quer dizer, a favor de terapia. Não faço parte da sua família. Quer dizer… gosto da sua família.

Ele passa a língua pelo lábio inferior e sorri para mim.

– Tudo bem, doçura, eu entendi. – Ele pigarreia ao perceber que Griz também ouviu.

– Esse cachorro é seu? – pergunta Griz, apontando para Kit, que está sentada como se tivesse sido treinada.

Olho para ele e sorrio.

– É, sim. Por enquanto, pelo menos.

O carrinho volta a funcionar, e ele comenta:

– Nossa, a Lily me mostrou um desenho de uma cachorrinha igualzinha a essa. Que coincidência. Bom, te vejo na sexta, Faye. – E ele vai embora tão rápido quanto chegou, sem nem esperar pela minha resposta.

Mesmo sabendo que o mais sensato seria fazer o mesmo, me demoro mais alguns segundos ali. Fico olhando Griz se afastar e sorrio.

– Ele é sempre assim?

– Sempre – responde Lincoln, sem hesitar.

Eu já sabia a resposta. Griz é adorado pela família. Pela minha irmã também, ao que parece. Ele me lembra Lincoln – aquele charme arrogante misturado com um instinto protetor quando se trata da família. Entendo muito bem isso. Talvez seja a coisa mais óbvia que temos em comum.

Na luz de fim de tarde, Lincoln Foxx, com os óculos de aro preto e traços quase perfeitos, parece estar disfarçado. É como se fosse uma versão diferente do homem que encontrei à beira de um milharal e em um beco escuro. Pigarreio, tentando me recompor. O mais sensato seria colocar um pouco de distância entre nós. Estalo a língua para fazer Kit andar. Mas, depois de alguns passos, não resisto em provocar:

– Eu sei que você tá me olhando – digo, virando o rosto de lado.

– É difícil não olhar, considerando quanto eu gostei de ver você gozar – responde ele, alto demais.

Eu me viro antes mesmo de processar o que ele disse, e vejo Lincoln já abrindo a porta, sorrindo para mim, enquanto volta para dentro do Tentação.

Percebo que também estou sorrindo quando volto a atenção para a calçada e sigo em direção à minha caminhonete. Mas a sensação de ainda estar sendo observada me faz olhar ao redor e enfiar a mão no bolso. Seguro o spray de pimenta com força na palma da mão quando escuto um assovio baixo vindo do outro lado da rua.

É um som familiar de corrida começando, aquele típico toque de trombeta, só que agora na forma de um assovio lento. Os pelos dos meus braços ficam arrepiados. Kit rosna. É quando vejo a silhueta alta e magra encostada no poste da rua. *Waz King*. Meu coração dispara enquanto ele fica me olhando andar até a caminhonete. Quando Kit late, o homem solta uma risada que me dá arrepios. Ela continua latindo enquanto ele se vira e segue pela rua.

Não me assusto com facilidade. Minha reação automática a intimidações de qualquer natureza costuma ser raiva. Mas Waz… ele é o tipo de homem que

qualquer mulher deveria temer. E meu pensamento vai direto para a minha irmã. Seja lá o que Maggie anda fazendo para Wheeler Finch e Waz King, precisa parar.

15

LINCOLN

– Oi, Hal. – Aceno enquanto desço correndo os degraus da varanda, descalço, com o cabelo ainda molhado do banho. Lark e Lily estão de braços cruzados no fim da entrada, vendo Hal descer da caminhonete dele.

– Lincoln, como vai, cara?

Ele aperta a minha mão e depois vai até a parte de trás do reboque. A família de Hal é dona de parte das terras que arrendamos, só que, em vez de cultivar milho e outras plantações, eles criam gado.

Não sei o que ele está fazendo aqui, mas pergunto:

– Como vão os negócios ultimamente?

Hal destranca primeiro o lado direito do reboque e depois dá a volta até o lado esquerdo, sem se alongar muito na conversa.

– Todo ano é um pouco diferente, mas, no geral, esse tem sido bom.

Apoio as mãos na cintura. Ele não veio só para dar um oi.

– Qual é a boa? Tá precisando de alguma coisa?

Ele balança a cabeça e abaixa a porta traseira do reboque.

– Não, tá tudo certo. Essa aqui é dócil. Acho que ela vai se adaptar bem a

vocês.

E, antes que eu consiga formular a pergunta, uma vaca de pelagem cor de areia desce tranquilamente pela rampa do reboque. O pelo no topo da cabeça é mais comprido que o resto, mas ainda curto o bastante para deixar à mostra os grandes olhos pretos.

Dou uma risada nervosa.

– Lark e Lily Foxx, o que tá acontecendo aqui?

Hal olha de uma para a outra e volta a atenção para mim.

– Estou entregando a sua vaca Highland.

A expressão no meu rosto deve deixar claro que não sei nada sobre isso.

– Está paga. As suas meninas fizeram o pagamento final há alguns dias.

Eu arregalo os olhos, abismado, e viro lentamente a cabeça para as minhas filhas.

– Vocês compraram uma vaca.

Só pode ser brincadeira.

– Desculpe, Hal. Você vai ter que levar ela de volta…

– Não! Pai, por favor! – grita Lily.

Lark permanece em silêncio, mordendo o lábio e brincando com a barra da camiseta das Spice Girls.

– Como vocês pagaram por isso? – pergunto em voz baixa. O tom calmo deixa claro para elas que estou prestes a perder a cabeça.

– O cofrinho dos palavrões – respondem as duas ao mesmo tempo.

Porra, não é possível…

Hal dá um sorrisinho de lado e se aproxima de mim, com a vaca andando atrás dele.

– É um ótimo animal para se criar, desde que você consiga mantê-la abrigada do frio e bem alimentada com feno e alfafa. Se precisar de um tempo para se decidir, posso ficar mais um pouco com ela. – Ele olha por cima do meu ombro, onde presumo que estejam as minhas filhas, provavelmente pensando em um jeito de explicar isso para mim. – Me liga em alguns dias e me diz se prefere que eu encontre outro lar para ela. Meus animais precisam de um lugar onde sejam queridos e bem cuidados. E, me desculpe, Lincoln, eu deveria ter confirmado antes com você.

– A gente vai dar amor pra ela, pai – diz Lark, olhando direto para mim, com uma expressão suplicante. – Por favor. – Isso me atinge de um jeito que me faz perceber que não sou o tipo de homem que diz não sem um bom motivo. E estou percebendo que não tenho um.

– Lark, o que você pretende fazer com uma vaca?

– É Dottie – corrige Hal. – As meninas deram esse nome pra ela quando compraram.

Lanço um olhar severo para Hal enquanto Lark continua:

– Ela tem muita cara de Dottie, né?

Respiro fundo e ponho as mãos na cintura.

– Vocês sabem que a gente não tem um celeiro nem o tipo de propriedade necessária para abrigar uma vaca, certo?

Lily entra na conversa:

– Pai, nós somos os Foxx. A gente dá um jeito em qualquer coisa.

Touché.

Fecho os olhos por um instante e inclino a cabeça para trás.

– Usar as minhas próprias frases contra mim deveria ser crime. – Aponto para ela, erguendo uma sobrancelha.

Quando olho para as duas, tudo que consigo pensar é: como vou dizer não para isso? *Inferno!*

Passo a mão pelo rosto.

– Tá certo. Hal, vou precisar de um tempo para descobrir como isso vai funcionar. – Vejo os olhos de Lark se encherem de lágrimas e um sorriso enorme surgir no rosto de Lily. – Você se importa se as minhas meninas forem até a sua propriedade todos os dias para aprender os cuidados necessários? Enquanto isso, eu vejo como podemos dar um bom lar para ela em algumas semanas.

– Acho uma ótima ideia, Lincoln – diz Hal, com um sorriso aliviado.

Junto as mãos em frente ao corpo.

– Essa é a última vez que vocês fazem alguma coisa assim sem me avisar. – Aponto para a vaca sendo levada de volta para o reboque. – Isso é uma decisão de família. Um ser vivo não é uma compra a ser feita com o cofrinho dos palavrões.

Lark lança um olhar de lado para Lily.

– Não. – Aponto entre as duas. – Nãão. Nada disso. Que olhar é esse? – Eu conheço esse olhar… significa que tem mais. E as minhas filhas são espertas, não vão revelar nada que possa complicar ainda mais o que estão aprontando. É como se estivessem esperando outra bomba cair. Então me ocorre. A cachorrinha marrom e preta. Kit. – Droga, vocês compraram ela também, não foi? – digo, friamente.

– Kit – diz Lily. – O nome dela é Kit, e a gente adotou. A gente sabia que você não ia dizer sim de cara, então escondemos ela no celeiro aqui do lado. Mas a

Faye encontrou a gente.

Lark completa:

– E ela disse que ia cuidar da Kit até…

– Até quando? Meninas, sério? Vocês estão simplesmente colocando animais na nossa vida sem eu saber. Como puderam imaginar que isso ia dar certo?

Mas é Lily quem sorri e diz, dando de ombros:

– Se você construir…

– Não. Vocês falam comigo, e aí a gente resolve. Juntos.

• • •

Lili e Lark saem da caminhonete, batem as portas com força e sobem correndo pela entrada de carros para cumprimentar Julep e a cachorrinha esquiva chamada Kit. Respiro fundo, absorvendo o lado bom de estar com a minha família, e depois solto o ar, odiando a mim mesmo por não ter prestado mais atenção. *Que tipo de crianças compram animais de fazenda ou levam um cachorro para casa sem os pais saberem?*

Encosto a cabeça no banco do carro. Seria muito mais fácil se Liv estivesse aqui. Criar filhos sozinho é difícil pra caramba às vezes. É a primeira vez que me pego pensando em ter alguém para dividir isso comigo. Rir depois de um erro cometido na criação delas e encontrar uma forma de evitar que isso aconteça de novo. Ouvir meus surtos sobre como minhas meninas são inteligentes – elas acabaram de me passar a perna, pelo amor de Deus.

O espaço aberto ao redor da casa de Ace é o típico cartão-postal do Kentucky. Entre o terreno plano e a vasta extensão de piquetes espalhados pelo lado esquerdo da propriedade, e os enormes estábulos brancos ocupando todo o lado direito, fica claro que meu irmão tem duas grandes paixões: bourbon e cavalos.

O entardecer colore o horizonte com tons intensos de laranja e roxo suave. *Lindo*. Saio do meu Jeep e fico olhando minhas filhas falando sem parar com Hadley, que deve ter chegado pouco antes de nós. Griz está no lugar de sempre, na varanda, rindo da cena. Então vejo duas pessoas surgindo no topo da colina à minha frente, vindo em disparada a cavalo – é difícil distinguir quem são, além de um homem e uma mulher. O som dos cascos ainda é distante, mas ecoa forte quando presto atenção. Os dois estão a pouca distância. Meu irmão se aproxima, e o sorriso em seu rosto não é algo que vejo com frequência.

Alguns metros atrás dele está ninguém menos do que Faye.

Meu estômago afunda ao perceber que é ela quem está provocando aquele sorriso. E tenho certeza de que aquela mulher não vai pegar leve.

– Que porra é essa? – diz Hadley.

Ela se aproxima, com as mãos na cintura, enquanto observamos os dois passarem em disparada, levantando vento e poeira.

Lanço um olhar para a minha melhor amiga.

– Não te convidaram pra essa cavalgada?

– Não é o tipo de cavalgada que eu quero.

Dou uma risada e olho para o cabelo dela preso no alto, com cachos caindo por todos os lados.

– Acabou de chegar?

– Hadley Jean Finch, seu Foxx favorito precisa de um abraço – interrompe Griz, chegando ao nosso lado.

Ela o abraça com gosto e depois engancha o braço no dele, e Griz claramente adora. Nós três ficamos observando Ace e Faye desmontarem dos cavalos e rirem de alguma coisa. *Desde quando Ace ficou tão bem-humorado?*

– Griz, você tá convidando pra jantar toda mulher bonita que aparece na cidade? – pergunta Hadley.

Ele ri.

– Ela é deslumbrante, não é? Tenho um bom pressentimento em relação a essa moça. – Meu avô me olha por cima da cabeça de Hadley e continua: – Meus netos podem até entender de bourbon, mas não entendem nada de química…

Talvez eu não entenda muito *dessa* química que ele diz, mas sei exatamente como é senti-la. Não consegui me livrar dessa sensação desde que ela voltou. Griz aperta o meu ombro e começa a caminhar em direção à varanda, mas solta:

– Talvez vocês dois devam começar a ir atrás do que querem, em vez de ficar esperando que simplesmente aconteça!

– Não é o momento, Griz – murmura Hadley.

Dou um beijo na cabeça dela.

– Ouvi dizer que você tá saindo com o chefe dos bombeiros.

Ela levanta os olhos e sorri.

– Defina "saindo".

– Sair para comer. Aproveitar a companhia um do outro…

Ela suspira.

– Linc, é como se você não me conhecesse. Eu tô é *trepando* com o chefe dos bombeiros… – Então abaixa a voz: – E com o recruta mais novo.

Levanto as sobrancelhas.

– Os dois sabem disso?

– Sabem. – Ela assente, sorrindo. – Ah, pode acreditar que eles sabem.

– Aff, mulher – digo, com um sotaque forçado, de propósito. Sei que tem mais por trás disso e, quando ela quiser, vai me contar.

Porque, por mais que a minha melhor amiga se divirta e vá para onde o vento leva, ela anseia por estabilidade. Foi por isso que começou a passar tanto tempo com a gente quando era menina, por mais caóticos que eu e meus irmãos fôssemos. Sempre tivemos jantares em família. Griz estava sempre presente para perguntar onde tínhamos ido e quais eram as novidades. Ninguém se importava o bastante com Hadley pra fazer as mesmas perguntas, até ela passar a frequentar a nossa casa.

– Proximidade é tudo – continua Hadley. – Você sabe que o meu terraço tem acesso direto ao quartel dos bombeiros do outro lado da rua…

Faço o possível para prestar atenção, mas não consigo evitar olhar para os estábulos. Ace pega as rédeas dos dois cavalos enquanto Faye o acompanha. *Sorrindo, sorrindo, sorrindo*. Por que ela está passando tempo com ele? Não consigo tirar da cabeça o jeito como o corpo dela encaixou no meu. Nem o cheiro dela, que ficou nos meus dedos naquela noite. Ou no quanto estive perto de atravessar a cerca que separa as nossas casas e trepar com ela do jeito que eu queria.

E agora Faye está jogando a cabeça para trás, rindo de alguma coisa que Ace disse. Ele *não* é tão engraçado assim.

Meu bom senso vai para o espaço.

– Já volto – interrompo.

– Tá certo… – responde Hadley, e escuto a risada dela quando percebe para onde estou indo.

Minhas mãos se contraem ao lado do corpo enquanto tento pensar no que vou dizer quando chegar lá, mas nada me ocorre. Minhas botas raspam no concreto enquanto sigo pela trilha que leva às portas duplas do estábulo. A única coisa de que tenho certeza é que não quero meu irmão perto dela. *Podemos chamar uma pessoa de louca quando ela sabe que o que está prestes a fazer é, precisamente, uma loucura? Uma loucura sem precedentes.*

Se não fosse a brisa fresca entrando pelas portas abertas, ninguém diria quantos cavalos tem aqui dentro. O lugar é impecável. A voz de Faye explode em outra risada perto dos últimos boxes, e aquilo não deveria mexer comigo, mas mexe. O eco daquele som se infiltra sob a minha pele e provoca uma irritação

que eu não sentia há muito tempo. E que me faz querer tomar algo que não tenho direito de querer. Ela está usando uma camisa masculina larga, abotoada só até a metade – e é melhor que não seja dele – e uma calça preta justa que some dentro das botas de vaqueira, essas mais gastas do que as roxas que estava usando no Bottom of the Barrel.

Ace ri de alguma coisa que ela diz, e o sorriso ainda está fixo no rosto quando me vê.

– Oi, Linc.

Ele tira a sela do cavalo que estava montando.

– Oi – digo, com a respiração pesada, mantendo os olhos apenas em Faye. – Preciso de um minuto.

Faye olha rapidamente para Ace e depois para mim.

– Ace, eu deixo os cavalos prontos antes da gente entrar para o jantar.

E, por ser meu irmão, ele não faz mais perguntas. Respeita o fato de eu precisar de privacidade. Com ela. Ace hesita por um instante, tentando compreender a situação. *É isso aí, meu irmão… essa é minha*.

– Ótima cavalgada, Faye – diz ele, batendo no meu ombro. E, com um meio sorriso ao passar por mim, acrescenta: – Se quiser repetir, estou às ordens.

– Filho da puta – murmuro, baixinho, só para ele ouvir.

Os ombros de Ace sacodem com uma risada curta enquanto ele se afasta.

Faye pega a caixa de equipamentos e solta um suspiro antes de dizer:

– Estou morrendo de fome.

Tiro a caixa da mão dela e coloco de volta no banco de onde a pegou. Dou mais um passo, invadindo o espaço dela.

– O que você tá fazendo aqui?

À medida que avanço, ela recua.

– Me parece óbvio que eu estava com o seu irmão. – Faye ergue o queixo, em desafio. – Fazia tempo que eu não dava uma boa cavalgada. – A indireta é mais do que clara.

– Não – falo em um grunhido. Ela examina o meu rosto, tentando entender o significado daquela palavra. – Você entendeu errado. – Quando as suas costas encontram a parede, Faye para. Deixo apenas espaço suficiente entre nós para respirarmos. – Eu não gosto de ser enganado, então vou perguntar de novo: o que você tá fazendo aqui? Em Fiasco. E não vem com história sobre ser atração principal no clube da Hadley ou sobre o que Maggie anda fazendo. Vocês duas mal se olham na cara.

Levanto a mão e afasto o cabelo do rosto dela. Não sei o que acontece quando

estou perto dela que faz eu me sentir bem. Eu deveria ignorar isso. Seguir com a vida. Esquecer completamente aquela noite no beco. Apagar cada minuto daquela noite no milharal antes que a minha vida fique ainda mais complicada e confusa. Não deveria querer estar perto de alguém em quem não confio.

– De todos os lugares onde você poderia dançar… por que aqui?

Ela levanta o rosto e se aproxima, enquanto enrolo uma mecha do cabelo dela no dedo. Puxo levemente, inclinando mais a cabeça dela para cima. Exatamente como eu quero. Faye mantém os lábios entreabertos, como se estivesse decidindo se vai me deixar conduzir.

– O que te faz pensar que isso é da *sua* conta?

Os olhos dela descem para a minha boca quando respondo:

– É da *minha* conta quando você começa a trabalhar no clube da minha melhor amiga. É da *minha* conta quando você aparece para jantar na casa da minha família. É da minha conta quando você esconde algo de mim envolvendo as minhas filhas, *porra*.

– Merda – diz ela, soltando o ar. – Elas são muito convincentes. Ainda mais quando colocam uma cachorrinha no meio…

Não consigo conter uma risadinha e a irritação começa a ceder.

– Eu sei. – Balanço a cabeça devagar. – Elas descobriram como evitar pedir as coisas para mim. Simplesmente vão lá e fazem. – Nem sei por que estou contando isso. – Elas compraram uma vaca. Dottie. Pra ser sincero, estou mais impressionado do que qualquer outra coisa.

Ela solta uma risada.

– E agora você tem uma cachorra chamada Kit pra aumentar a coleção.

Estou mais relaxado e não consigo evitar rir com ela.

– Acho que eu deveria estar bravo, mas…

Ela pousa a mão no meu peito e minha respiração falha, fazendo com que eu interrompa o que estava falando. Seus dedos deslizam pela linha dos botões da minha camisa.

– Eu nunca conheci de verdade o meu pai. Minha mãe teve vários namorados passageiros. O pai da Maggie ficou mais tempo, mas nunca demonstrou alegria com a minha presença. E os outros só se interessavam pela minha mãe, não pela família que vinha a reboque.

Ela observa meus dedos percorrendo o interior de seu pulso, então continua:

– Suas filhas têm sorte de saberem o que é amor de pai – diz baixinho.

As palavras aquecem o meu peito. Saber que meu amor por elas é visível até para alguém de fora da família me faz sentir que estou no caminho certo.

Quando levanto o queixo de Faye e afasto uma mecha de cabelo loiro de seu rosto, o sorriso dela desaparece. Nossos olhos ficam presos por um instante. Então ela olha para a minha boca. Não entendo como passamos tão rápido da irritação para a vulnerabilidade… e agora para um tesão que nenhum dos dois consegue ignorar. É uma insanidade.

Sim, doçura, eu também quero te beijar.

Venho querendo beijá-la há mais tempo do que estou disposto a admitir.

– Nós dois sabemos que isso não é uma boa ideia – digo, mas não soa nem um pouco convincente.

– Você tá certo. Não é mesmo – responde Faye com um suspiro. Mas as palavras morrem quando os dedos dela se fecham ao redor do tecido da minha camisa, me puxando mais para perto. Ela me segura como se a última coisa que quisesse fazer fosse parar. Ou me soltar.

Pigarreio, tentando lembrar por que estou me contendo. Com Faye tão perto assim, não consigo encontrar uma resposta. Então digo a única verdade que realmente importa:

– Eu não confio em você.

A respiração dela falha quando meu polegar desliza do seu maxilar até a boca.

– Mas quer confiar – diz Faye, sem desviar os olhos da minha boca. – Assim como eu quero te odiar.

Passo o polegar pelo lábio inferior dela.

– Mas não odeia.

Ela balança a cabeça lentamente de um lado para o outro. *Não*. A língua aparece para umedecer o lábio inferior. E, apesar de todos os motivos para parar, só consigo pensar em como seria ter aquele corpo enroscado ao meu. Em como, com poucas palavras ousadas, ela me deixa excitado e pronto para que ela me dê permissão para conseguir exatamente o que quero.

– Então, o que a gente faz agora?

16

FAYE

O cheiro dele me envolve por completo – o calor do carvalho carbonizado e uma acidez leve, como uma cereja embebida em bourbon. Lincoln embaralha a minha capacidade de julgamento, confunde as minhas lembranças e praticamente apaga todos os motivos que eu tinha começado a listar de por que essa história entre nós não deveria ir além do que aconteceu naquele beco. O jeito como seguro a camisa dele e o tecido amassado em minhas mãos demonstram o meu anseio, e é como se eu não tivesse controle.

As coisas das quais estamos nos curando, nos escondendo e tentando igualmente esquecer parecem convergir quando estou com Lincoln. E ele se assemelha a uma rede ou um escudo. Eu não deveria me sentir segura junto de alguém que já viu o pior de mim. O mesmo homem que me mandou ir embora do único lugar que eu já quis chamar de lar. Mas me sinto. Eu me sinto segura. E não quero soltá-lo.

O som de um sapato arrastando terra no piso de concreto faz com que viremos a cabeça na direção do corredor principal dos estábulos. O som se mistura ao de um cavalo chutando na baia. Logo depois, meu celular vibra no

bolso de trás. Estamos sendo interrompidos de todas as maneiras possíveis.

– Linc? Faye? – chama Hadley da frente dos estábulos.

Quando tento me afastar, ele me mantém presa, ainda colada ao seu corpo, a milímetros de sua boca, e sentindo o pau dele pressionado a minha barriga. Estou praticamente vibrando de expectativa quando Lincoln encosta a testa na minha.

– Vou aguardar a resposta.

Então, o que a gente faz agora?

Assim que me acostumo com o jeito como ele me segura, com o corpo tão próximo, Lincoln recua. Passa a mão pelo cabelo, da testa até a nuca. É o único indício de que está tão afetado quanto eu pelo que acabou de acontecer. Quando nossos olhares se encontram, o sorriso que ele me dá é pecaminoso. Com toda aquela confiança e aquelas covinhas, duvido que muitas mulheres digam não a esse homem.

Engulo em seco e pego o celular.

– Preciso ver quem é.

CORTEZ

O que você acha de um trabalhinho extra, gatinha?

Não percebo que Lincoln está olhando por cima do meu ombro quando desbloqueio o celular.

– Não pensei que você estivesse tendo um encontro mesmo com o Cortez naquela noite.

– Não era um encontro – respondo, balançando a cabeça. Não vou contar o que eu estava fazendo com Cortez no bar. Para Lincoln, meu trabalho é apenas o de dançarina burlesca. – Achei que isso tivesse ficado claro quando rebolei nos seus dedos – acrescento, com um toque de provocação, enquanto digito a resposta.

FAYE

Se quer que eu faça qualquer outra coisa para você, vou precisar de um panorama mais completo aqui.

E, antes que eu diga qualquer outra coisa a Lincoln, ele já está na metade do corredor principal dos estábulos. Respiro fundo e afasto os últimos minutos da mente, me concentrando no meu trabalho, no verdadeiro motivo para estar aqui. Um motivo que está ficando mais difícil de esconder quanto mais sou puxada para a órbita de Lincoln Foxx.

E, embora eu não tenha encontrado nada relevante no celular dele, no de Ace pode ser outra história.

CORTEZ

Blackstone é só uma peça de um quebra-cabeça maior. Quais são as chances de você conseguir monitorar Atticus Foxx?

Ainda não sei até onde vai o envolvimento do irmão Foxx mais velho com Blackstone e, pior, só conheço uma fração da história, já que Cortez não me dá mais informações.

FAYE

Você nunca adivinharia onde eu tô agora.

CORTEZ

No Hooch's?

FAYE

Não. A Marla ainda não me serve nada além de água.

CORTEZ

Não me surpreende. Mas você tá perdendo, ela fez torta de leitelho semana passada.

FAYE

Eu te odeio. E estou na casa dos Foxx agora. Vou ver o que consigo fazer.

CORTEZ

Dá um jeito.

FAYE

Vamos ver se eu vou querer compartilhar.

– Entendo o apelo.

Levo a mão ao peito e me assusto assim que ouço a voz. Não esperava que tivesse alguém encostado à direita das portas, mas Hadley está ali, aparentemente esperando por mim.

– Você me assustou – digo, rindo. – Não sabia que tinha gente aqui fora.

– Está frio pra caramba hoje, né?

Abro a boca para responder, mas ela não deixa.

– O que tá acontecendo entre você e o Lincoln?

Queria muito saber.

– Sinceramente, não faço ideia – respondo, com honestidade.

Ela suspira e diz, em um tom brincalhão:

– Eu entendo. Até o último fio de cabelo. – É fácil ver como Hadley gosta dele. Os dois têm uma leveza que me faz sentir acolhida e vista. – Sou curiosa pra cacete quando se trata das pessoas que eu amo, então pode ter certeza de que vou me meter nisso depois. Quem sabe a gente pode beber alguma coisa juntas depois do jantar?

Sorrio com a franqueza dela.

– Um drinque parece uma ótima ideia – respondo, enquanto entramos pela porta principal da propriedade.

O piso do hall de entrada tem um enorme "F" gravado, com a cabeça de uma raposa envolvendo a letra. Se eu tivesse esquecido onde estava, essa casa teria me lembrado na hora. As cores viris se misturam ao cheiro de tabaco, carvalho tostado e bourbon, deixando mais do que claro que esse lugar fica no coração de Fiasco, Kentucky.

Laney circula pela enorme ilha da cozinha, picando folhas de hortelã, com um longo pedaço de bala de alcaçuz vermelha pendurada no canto da boca.

Ela levanta os olhos e nos vê na mesma hora.

– Finalmente! Vocês duas demoraram uma eternidade. – Laney sorri para mim. – Fico tão feliz em te ver de novo, Faye. Hadley te convenceu a ir ao Midnight Proof mais tarde? Degustação de coquetéis sazonais! – Ela olha ao redor, como se procurasse alguém, e sussurra alto: – Foi assim que ela me convenceu a amar essa cidade de vez.

Grant grita do outro cômodo:

– Ouvi isso, docinho. E não é nem um pouco verdade, Faye. Hadley não teve nada a ver com isso. Não escuta a minha esposa, ela tem fama de mentirosa.

Isso faz Laney rir, com uma expressão de culpa no rosto.

Olho para Hadley, distraída com Kit, que mastiga o pompom da bota dela.

– Hadley, há quanto tempo você abriu o Midnight Proof?

Ela abre um sorriso de orgulho e responde:

– Comprei no ano em que fiz 30 anos. E foi a melhor coisa que já fiz. Deu trabalho transformar aquele buraco no que é hoje. Tive que reformar o prédio inteiro e acabei alugando o andar de cima para as meninas da Crescent de Lune.

– O café delas é ótimo – acrescento.

Ela aponta para mim, séria.

– Bom pra cacete.

– Amém – diz Laney.

– A maior parte do prédio é do Midnight Proof. E ainda tem um apartamentinho no último andar, projetado especificamente para trepadas de uma noite só.

– Encontros – corrige Laney, bem na hora em que Ace entra na cozinha.

Hadley coloca uma framboesa na boca.

– Às vezes, encontros podem ser divertidos. Mas eu prefiro uma boa e velha trepada – diz com um suspiro.

Ela dá uma piscadela e não consigo deixar de rir.

– Conversas totalmente apropriadas acontecendo aqui entre as meninas – diz Ace, enquanto pega copos baixos em um dos armários.

Hadley não perde o ritmo.

– Você vai ter que fazer um pouco mais do que revirar os olhos e ranger os dentes se quiser me chamar de boa menina, papai.

Laney e eu nos viramos uma para a outra, com os olhos arregalados. Mantenho a expressão neutra porque, por mais que eu queira rir, Ace não parece estar achando aquilo nem um pouco divertido, e Hadley parece pronta para um duelo verbal.

– Eu disse AS meninas, Hadley – diz ele, e vai até a bancada pegar a salada de frutas que Laney acabou de preparar e levar para o outro cômodo.

– Tem certeza? Às vezes, pessoas mais velhas tendem a esquecer o que acabaram de dizer. – Ela dá um sorrisinho falsamente tímido, com a cabeça inclinada, como se fosse a própria imagem da inocência.

– E às vezes pirralhas atrevidas… – Ele se interrompe quando Laney e eu mal conseguimos segurar o sorriso.

Hadley continua parada ali, olhando para a porta por onde ele acabou de sair, como se estivesse em êxtase por uns bons dez segundos.

– Você ouviu isso, né? Tipo, meu cérebro nem entrou em curto ao ver ele naquela maldita calça jeans, imagina. JEANS! – sussurra ela em voz alta para Laney. – E ele me chamou de pirralha *atrevida*. Que porra foi essa?

Dou uma risada e olho para Laney em busca de alguma explicação, mas ela apenas balança a cabeça enquanto pega a travessa de torradas francesas e leva para a varanda envidraçada.

O ar frio da noite me atinge assim que entramos no espaço. Vejo Lincoln na mesma hora e, antes que eu consiga fazer qualquer movimento, Kit apoia as patas dianteiras nas minhas pernas.

– Oi, coisinha linda. Gostou do seu ossinho?

Ela late em resposta, o que imagino ser um sim, enquanto Lily se aproxima.

– Ela acabou de te responder? – pergunta Lily.

– Ela é muito inteligente – digo, e faço carinho atrás das orelhas da cachorrinha, que se inclina para receber mais. – Não é? Você é uma mocinha muito inteligente.

– Faye, posso sentar do seu lado? Quero te mostrar um truque.

Lark não parece interessada – na verdade, ela tem me lançado olhares atravessados desde que entrei.

Levanto os olhos e pego Lincoln me observando com Lily. Apesar do que aconteceu entre nós, não esqueci o que ele disse sobre não me querer por perto da família dele. E entendo por que é tão protetor.

Articulo para ele sem som: *Tudo bem?*

Ele não responde de imediato, apenas continua a me encarar com uma expressão séria por alguns instantes antes de assentir.

Griz interrompe:

– A convidada de honra se senta ao lado do homem mais velho da mesa. – Esse acolhimento todo me pega de surpresa. Griz indica a sua direita, onde há uma cadeira vazia esperando. Quando me sento, ele volta a falar: – Fico feliz que

tenha aceitado jantar com a gente.

Sinto o rosto quente diante daquelas palavras gentis.

Griz bate palmas, se endireita na cadeira e pega uma garrafa alta do que imagino ser bourbon.

Minha irmã aproveita o momento para se inclinar do outro lado e jogar um balde de água fria em mim:

– Não se sinta confortável demais aqui, Faye. Você pode ter esquecido, mas não faz parte dessa família.

– Interessante esse comentário – sussurro. – Ainda mais levando em conta que a única família que me restou prefere mandar eu me foder a conversar de verdade comigo.

– Dói, né? – rebate ela.

Tento não deixar que as palavras me atinjam.

Quando olho ao redor, percebo que Hadley está prestando atenção no que acontece entre mim e Maggie e articula, sem som: *Babaca*.

Solto uma risadinha, e Maggie me mostra o dedo do meio, apoiando o rosto na mão.

Volto a olhar para os que estão na mesa e percebo que Lily também deve ter visto a cena. Ela está boquiaberta de surpresa, olhando para mim como se perguntasse: *Você viu o que sua irmã fez?*

Sim, criança. Eu vi.

Laney começa a falar sobre as degustações privadas que vão começar no próximo mês na Foxx Bourbon. Grant assiste animado enquanto ela comenta sobre os mestres destiladores do Tennessee que virão participar. Ele sorri para ela com tanto carinho que é impossível não perceber quanto a adora. Quando passa os dedos pelas costas da esposa, ela inclina a cabeça para trás, se derretendo com o toque. Não consigo evitar pensar em como aquilo deve ser bom. Esse carinho, esse cuidado. Não se parece com nada que eu já tenha vivido.

Griz provoca Hadley sobre o trio de jazz que ela contratou para o Midnight Proof:

– Você chama aqueles palhaços de músicos – resmunga ele. – Deveria contratar uns rapazes bons, do country das antigas, para tocar lá.

– Não combina com o clima do lugar, Griz – responde Hadley, dando de ombros.

Ace observa em silêncio. Nossos olhares se encontram e sorrio discretamente, em um agradecimento por me permitir estar ali com a família dele. Ele responde com um aceno breve de cabeça e isso faz com que eu me sinta ainda pior pelo

que estou prestes a fazer. Não é preciso passar muito tempo com a família Foxx para perceber quanto amor existe ali. Respeito. Apoio. É reconfortante estar na órbita deles, mesmo que seja só por uma refeição.

Lincoln conversa com Hadley, animado, gesticulando bastante, e isso me faz parar para observá-lo. Ele tem uma vida tão completa – tão diferente da minha –, mas ainda assim sinto uma conexão forte entre nós quando estou com ele.

– Você tem um sorriso bonito – diz Lily, mastigando três pedaços de bacon empilhados enquanto tenta equilibrar uma moeda entre dois dedos.

Mordo o lábio inferior. Até ela falar, eu nem tinha percebido que estava sorrindo. Olho para Lark, que me encara com um semblante fechado. A menina com certeza me viu olhando para o pai dela.

– O papai sempre diz que dá pra saber muita coisa sobre uma pessoa pelo sorriso dela – continua Lily. – Eu consigo fazer essa moeda desaparecer. Quer ver?

Estendo a mão para pegar a calda, mas acabo pedindo para ela me passar. O nervosismo está tirando meu apetite, mas não quero deixar transparecer. Quando Lily me entrega a calda, despejo um pouco sobre o que restou da minha torrada francesa e digo:

– É claro que eu quero. Mas que moeda?

Lily olha para baixo, confusa.

– Ué, cadê?

Quando olho para o outro lado da mesa, pego Lincoln me observando. A atenção dele deixa a minha boca seca.

– Olha a mão direita dela, Lily – fala Lincoln.

A menina olha para mim, confusa, e depois para a própria mão.

Quando levanto os dedos, deixo rolar uma pedra cinza opaca, revelando cristais roxos afiados.

Lily me encara com um sorriso.

– Você carrega ela com você.

– Tenho precisado de um pouco de coragem extra ultimamente. Deixo no meu bolso. – Então abro a mão esquerda, revelando a moeda encaixada entre o indicador e o dedo médio.

Lily arregala os olhos.

– Como você fez isso? Meu Deus. Faye, você precisa me ensinar.

– Claro. É só prática. E prestar atenção nas pessoas ao redor. – Ergo os olhos para o pai dela. – É tudo uma questão de criar uma distração.

Sinto um aperto de nervosismo no peito ao dizer isso, porque é exatamente

no que esse jantar se transformou. Uma distração.

• • •

Nada parece claramente suspeito. A Foxx Bourbon é um grande negócio e, embora fosse preciso uma equipe para analisar tudo a fundo, não há nada aqui que valha a pena compartilhar com o FBI. Eu já suspeitava que a empresa estivesse indo muito bem, mas a movimentação financeira é impressionante.

Foi fácil entrar no escritório de Ace quando pedi licença para ir ao banheiro. O melhor momento sempre é logo depois de o jantar ser servido, quando todo mundo está concentrado na comida. Levei menos de dois minutos para me conectar à rede de convidados, depois ao VPN e, a partir daí, ao celular dele. Consegui instalar via nuvem o mesmo aplicativo de espelhamento que venho usando no celular de Lincoln, e agora tenho acesso completo ao que o irmão Foxx mais velho faz no dispositivo dele, que, inclusive, é muito organizado. Há um sistema para os arquivos, e os e-mails estão quase todos marcados como lidos ou sinalizados. A única comunicação que consigo ver entre ele e Blackstone é um e-mail sobre bourbon sendo vendido por um valor bastante absurdo em um leilão. Vou analisar isso com mais calma depois.

Estou dividindo a minha atenção entre rolar a tela e ouvir Hadley falar sobre o cardápio de bebidas sazonais que estamos provando no Midnight Proof. O movimento está tranquilo, e não tão cheio quanto costuma ser nas noites de apresentação.

– Você não precisa ficar naquela casa com a sua irmã sendo uma cretina – declara Hadley, como se fosse óbvio, atraindo a minha atenção de volta para a conversa e para os drinques. – Pode usar o lindo apartamentinho para trepadas de uma noite lá em cima.

Solto uma risada.

– Obrigada, mas escolhi ficar na casa. Maggie não ficou feliz em me ver, mas, por mais brava que esteja comigo, alguém espancou minha irmã, e não vou deixar ela morando sozinha naquele lugar até ter certeza de que não vai acontecer de novo.

Hadley me observa com atenção.

– Você é meio assustadora, Faye. – Ela aponta para mim, movendo o dedo de cima a baixo como se estivesse me desenhando no ar. – Tipo… você é

absurdamente bonita e vem nessa embalagem bem apetitosa, mas tenho a sensação de que partiria pra cima de qualquer um se fosse preciso.

Ela não está errada.

Laney entra na conversa:

– Hadley tem um jeito todo especial de fazer elogios, né?

– Foi o melhor que recebi em muito tempo – digo, sorrindo dentro do copo.

– Agora é oficial. Você é a pessoa mais descolada que eu conheço, e estou apaixonada por você – afirma Hadley, rindo.

Laney protesta:

– Ei, e eu?

– Sempre e para sempre, amor. Mas, fala sério, uma dançarina burlesca? Ela é mais sexy que a Cher no filme com um terço da trindade suprema, e ainda é divertida. – Hadley olha para mim e aperta o meu braço, antes de acrescentar: – Faye, você é muito divertida.

Franzo o cenho.

– Trindade suprema?

Laney revira os olhos.

– Christina Aguilera estava naquele filme. E a trindade, segundo Hadley, é Britney, Christina e Pink.

– É óbvio – digo, sem vacilar.

Hadley ergue os braços, sarcástica.

– Viu só?

Não consigo evitar rir com Laney.

E, por alguns minutos naquela noite, esqueço o que me levou até lá e o que ainda preciso fazer. Pela primeira vez em muito tempo, me sinto bem, cercada por pessoas que parecem estar se tornando minhas novas amigas.

Meu celular vibra.

FOXX

Preciso falar com você.

O eco de humor da conversa com as meninas transparece na minha resposta.

FAYE

Parece sério.

Tento manter uma expressão neutra no rosto, mas não consigo fazer isso a tempo, porque Laney pergunta:

– Quem tá te fazendo sorrir assim, Faye?

– Não é nada disso… – digo, e mantenho os olhos fixos nas bolhas no copo, enquanto espero para ver que tipo de resposta vou receber.

FOXX

Abre a porta.

Ele está na minha casa?

Mas é Hadley quem pergunta:

– Esse *nada* por acaso usa óculos e tem um sorrisinho que às vezes dá vontade de arrancar da cara?

FAYE

Não posso. Lamento. Não tô em casa.

Sorrio com o comentário dela, mas completo com:

– Então, onde a gente parou?

Coloco o celular em modo *não perturbe* e guardo no bolso. Depois eu resolvo isso.

Hadley bate palmas.

– Tá certo. Mudando de assunto. Gostei. A gente volta nisso depois. O que acham de um Espresso Martíni, talvez com um shot de licor de pistache? – pergunta, já pegando a coqueteleira.

Ergo uma sobrancelha e olho para Laney ao responder:

– Acho que a gente vai sair bêbada daqui.

Hadley começa a servir e me corrige:

– Altinhas.

Ela sorri, levantando o dedo.

– Um brinde às amigas altinhas.

17

LINCOLN

Química sempre foi o meu maior vício. O bourbon tem seu lugar, é claro – afinal, sou um Foxx. Mas me sinto eufórico com a sensação de resolver um problema. De transformar partes em um todo e ajudá-las a evoluir para algo novo. Sei exatamente a combinação de grãos necessária para ajustar um sabor antes de ele ir para o barril. A ciência disso, o que acontece antes mesmo de tocar o carvalho-americano carbonizado, é o que me excita. Endireito o corpo – aparentemente, não tanto quanto Faye Calloway me excita. *Cacete, o que aquela mulher tem?*

Estou tenso desde o jantar. Em geral, os jantares em família aliviam qualquer coisa que a semana joga em cima de mim, mas hoje eu vi Faye se encaixar na minha família com tanta facilidade que não consegui desviar os olhos. Eu seria até capaz de lidar com a atração que sinto por ela, mas, quando a vi fazendo Lily rir, e depois saindo com Laney e Hadley para uma noite só de garotas… não soube o que sentir. Eu queria beijá-la. Queria ouvi-la gozar de novo, só que, dessa vez, queria que ela gritasse bem alto, enquanto cavalgava o meu pau. Queria aquela mulher na minha cama, mas também longe da minha vista ao mesmo

tempo.

Meu celular vibra com uma mensagem dos meus irmãos.

ACE

Vou precisar de ajuda amanhã à noite.

GRANT

Essa mensagem é para alguém em específico?

ACE

Vou precisar de força bruta.

Sei o que isso significa. Às vezes operamos em zonas cinzentas para manter os negócios no caminho certo. Nos últimos tempos, tenho andado com a adrenalina lá em cima, portanto, se ele precisa de força bruta, fico feliz em ajudar. Grant sempre seguiu as regras, Ace gosta de entortá-las, e eu gosto de surpreender e partir para cima.

LINCOLN

Estou dentro.

Está quieto aqui fora hoje, muito mais quieto do que meus pensamentos. O ar frio torna minha respiração visível, mas gosto da calma que sinto quando estou na escuridão.

– Que porra eu tô fazendo da vida? – digo para mim mesmo. Mas, antes que decida me levantar, escuto o barulho de uma porta de carro batendo.

– Obrigada, Del – cantarola Faye. – Não, eu tô bem. Obrigada pela carona, grandão.

Apoio os cotovelos nos joelhos e escuto ela cantarolar enquanto sobe pela entrada da casa.

– Esse sutiã é uma merda – diz para si mesma, ajeitando a blusa enquanto tira as botas ao chegar ao patamar da varanda.

– Você tá bêbada?

Ela solta um gritinho e leva a mão ao peito.

– Que merda, Foxx! – Faye dá uma risadinha nervosa. – Não, não tô bêbada. – Ela larga a bolsa e se aproxima. – Altinha. Mas não quis arriscar, então pedi pro Del me dar uma carona.

Internamente, aplaudo a decisão correta, embora ligeiramente inconveniente. Perdi meu pai e minha mãe para um motorista bêbado, então gosto de saber que ela é esperta o bastante para não arriscar, por mais perto que estivesse de casa.

– Sabia que ele é a melhor pessoa? O Del. O único que já se esforçou por mim. Talvez em toda a minha vida.

Eu não tinha ideia de que ela mantinha contato com ele.

– Foi ele que te contou que a Maggie tinha sido presa?

Faye inclina a cabeça para o lado e não responde.

– Tem tanta coisa que você não sabe. – Ela olha para o meu celular. – Muito mais do que eu não sei sobre você…

– Duvido – digo quando ela se aproxima.

Apoio o peso do corpo nos cotovelos e olho para baixo, entre os joelhos.

As meninas ficaram com Griz hoje à noite, e acabei bebendo bourbon demais. Então fiquei encarando a casa escura de Faye antes de decidir vir até aqui e esperar por ela. *Estou achando que vou conseguir o que com isso?*

Os pés dela param entre os meus, me obrigando a erguer a cabeça e inclinar o corpo para trás para olhá-la.

– Você tem noção da hora, não tem? – pergunta Faye, enquanto afasto as pernas, convidando-a a chegar mais perto.

Ela mudou de roupa depois do jantar, porque trocou a camisa larga e a calça preta por um suéter rosa e calça jeans azul. O suéter solto é largo o bastante para revelar o melhor busto que já vi em muito tempo quando ela se inclina e apoia as mãos nas minhas coxas. Faye segue a direção do meu olhar e abre um meio sorriso.

– O que você tá fazendo na minha varanda, no escuro, a essa hora, Lincoln Foxx?

Ela abaixa os olhos para a minha virilha. A calça de algodão azul-marinho é boa para dormir, mas não deixa muito à imaginação. Estou meio duro desde que a gente se encontrou nos estábulos. Agora, com as mãos dela em mim e aquele jeito de morder o lábio inferior, isso muda de forma bem evidente – e sei que não passa despercebido a ela.

– Por que voltou agora? – pergunto, tentando arrancar uma resposta honesta desta vez.

Mas ela ignora a pergunta, como esperado, e desabotoa o jeans. Eu me inclino e apoio os braços ao longo do encosto do balanço da varanda – se é que dá para chamar assim. Parece mais uma cama suspensa, presa por cordas grossas ao teto. Faye tira a calça, joga para o lado e leva as mãos aos meus ombros. Então, ajusta o peso do corpo, coloca os joelhos nas laterais das minhas coxas e paira acima do meu colo. Murmuro baixinho:

– Tá frio aqui fora. Quer entrar?

Ela balança a cabeça devagar.

– Gosto daqui – diz, em voz baixa, e se acomoda no meu colo, roçando no meu pau enquanto se ajeita.

Pego a manta ao meu lado e passo ao redor das costas dela.

– Essa casa não parece mais um lar. Tá tudo diferente. – Ela respira fundo. – Maggie reformou tudo e se livrou de qualquer coisa familiar, a não ser esse balanço. Sinto que consigo respirar e pensar aqui fora.

Afasto o cabelo do rosto dela.

– No que você pensa?

Faye sorri.

– Naquela noite. No milharal. Com você. Mais vezes do que gostaria de admitir. Em como aquela noite me transformou de formas que ainda estou tentando entender. – As sobrancelhas dela se contraem. – Penso em como minha irmã me odeia.

– Não acho que ela te odeie. Maggie só está com raiva de você… – digo, deslizando os dedos pelos dela, ainda apoiados no meu ombro.

– Ah, não. – Faye ri, mas soa triste. – Maggie não suporta que eu esteja aqui. Está furiosa por eu ter ido embora, mas não me quer de volta no mundo dela. Ela não sabe a história toda. E, mesmo que soubesse… – Ela balança a cabeça, interrompendo o próprio pensamento. – Maggie é a única pessoa que resta da minha família, e eu não a conheço mais.

Seria insuportável até imaginar uma ruptura desse tamanho entre mim e meus irmãos. Eu não teria sobrevivido aos últimos cinco anos sem eles. E Faye tem lidado com tudo sozinha.

– Alguém agrediu a Maggie. E ela não fala sobre isso. Ninguém nesta cidade, onde todo mundo sabe da vida de todo mundo, tem algo a dizer. Tem alguma coisa errada… os detalhes não encaixam. – Ela volta a me encarar, como se estivesse tentando montar alguma coisa na cabeça. – Não sei por que eu tô te contando isso – murmura, e tenta sair do meu colo, mas eu a mantenho onde está.

– Não. – Pigarreio, e continuo com a mão no quadril dela para que fique ali. – Eu gosto de você aqui.

– Por quê? – pergunta, com as pálpebras pesadas. – Por que é bom ficar perto de você assim?

– Eu não sei – respondo, soltando o ar.

Mas eu sinto também. Não entendo, mas… *porra*, eu também sinto.

Faye inclina o corpo para a frente, roçando no meu pau. Quando nossos olhares se encontram, não consigo decifrar o que ela está pensando. Faye é intrigante, imprevisível, e o que existe entre nós é perigoso.

– Eu te odeio um pouquinho.

Preciso conter um sorriso porque, ao dizer isso, ela mexe o quadril de leve.

– Eu também te odeio um pouquinho, doçura.

O sorriso que brincava nos lábios dela desaparece.

– Você me chama de doçura, mas sabe muito bem que estou longe de ser doce, Foxx.

– É aí que você se engana. – Puxo o quadril dela para a frente. O movimento a traz mais para perto e pressiona o peito dela contra o meu. – Nunca provei nada tão doce quanto o que você deixou escorrer nos meus dedos.

Ela solta um arquejo trêmulo, os olhos fixos na minha boca.

– Te ver de óculos mexe comigo – diz, com um sorriso provocante. Então, estende as mãos para as laterais da armação preta e desliza os óculos pelo meu nariz, para tirá-los do meu rosto.

Fico olhando enquanto ela fecha os óculos e se inclina para colocá-los na borda atrás de nós.

Quando volta a me encarar, mais próxima agora, há algo em seu olhar que entendo antes mesmo de ouvir as palavras.

– Me beija – ela pede, em um sussurro.

O ar quente que sai dos lábios dela se mistura ao frio da noite, e consigo ver, não apenas sentir, o que está pedindo.

Passo o braço ao redor das costas dela, prendendo o seu corpo ao meu, e deixo acontecer. Seguro o queixo de Faye com a outra mão e roço o polegar em seu lábio inferior, enquanto os meus dedos se perdem no cabelo dela. Não há convencimento ou hesitação – apenas um som faminto que vibra no meu peito quando a minha boca encontra a dela. Faye se entrega com facilidade e solta um gemido suave contra os meus lábios, então abre a boca e deixa a língua encontrar a minha em um ritmo lento e provocante.

Eu me perco no jeito como ela me toca, nas unhas se cravando na minha

nuca, no movimento dos quadris, na forma como a sua boca me provoca. Me torno escravo daquele beijo naquele instante, e só o que consigo pensar é que nunca vou querer parar de beijá-la.

18

FAYE

Minhas unhas deslizam ao longo da pele quente de Lincoln e meus dedos se perdem em seu cabelo curto. Não consigo me conter e puxo de leve, só o bastante para que ele saiba que eu quero isso. Talvez tenham sido os drinques de hoje ou essa atração que não conseguimos evitar entre nós, mas estar perto dele embaralha toda a minha capacidade de julgamento. Confunde lembranças e praticamente apaga qualquer controle que me resta. O jeito como Lincoln desliza a língua pela minha e me mantém firme junto ao corpo dele faz um gemido de desejo subir pela minha garganta.

Ele sorri contra meus lábios em resposta.

– Consegue sentir o que você está fazendo comigo? – sussurra ele.

Murmuro baixinho em resposta, e tenho plena noção do que estou fazendo com ele enquanto volto a mover o quadril.

Lincoln passa o polegar pelo meu lábio inferior.

– Que boca perfeita – diz, soltando o ar de forma audível.

Coloco a língua para fora e umedeço o dedo dele.

Lincoln não perde tempo. Espalha a umidade pelos meus lábios antes de

deslizar o dedo até o meu queixo. Meu corpo vibra com cada pequeno movimento desse homem.

– Foxx – digo em um suspiro, então me inclino para a frente e rebolo de novo.

– Isso, assim – diz ele, com prazer.

Essas duas palavras me atingem em cheio, e fazem meu corpo reagir em expectativa.

Me atrapalho quando tento tirar o moletom dele. A camiseta que está por baixo vem junto, e sou recompensada com a visão de um peito largo, com pelos curtos aparados e coberto por tatuagens escuras que se espalham do peitoral direito até o ombro. Um desenho de palavras contornando o que parecem ser três janelas no interior do bíceps, apenas duas preenchidas com tinta colorida. Letras cursivas descem pela lateral de seu corpo e desaparecem no cós da calça. A pele dele está quente quando deslizo os dedos pelo seu abdômen e os enfio no cós.

– Você é bonito, Foxx.

Ele solta uma risadinha.

– Quanto você bebeu, doçura?

Eu o encaro nos olhos e sorrio.

– Tô só apreciando a vista.

Olho ao redor. Não há nenhuma luz além da lua e das lâmpadas fracas perto da porta. Mas, mesmo no escuro, sei exatamente o que estou fazendo.

– Se você está buscando consentimento, já tem.

Lincoln dá outra risadinha.

– É mesmo? – Ele passa a língua pelo lábio inferior enquanto brinca com a barra do meu suéter, deslizando os dedos ao longo do tecido e deixando arrepios pelo caminho. – Faz tanto tempo que eu quero te tocar, te saborear…

Então, ele corre a ponta dos dedos pela curva do meu seio, por cima do suéter, e puxa o tecido para baixo o suficiente para ver o decote marcado pelo sutiã. O toque de Lincoln parece mapear cada curva, como se ele estivesse descobrindo o que gosta. Minha respiração acelera. Preciso de mais.

Abro mais a gola e abaixo o topo do sutiã de cetim, deixando meus seios escaparem.

Ele passa a mão pelo rosto e pela boca.

– Cacete, você é linda.

E aquelas palavras de aprovação, mesmo que só reafirmem o que já sei sobre mim, funcionam como uma droga. Eu quero mais. Lincoln se inclina para a

frente e captura o meu seio com a boca. Meu ventre se contrai e minha boceta lateja pela maneira como ele me devora. Quando passa a língua por um mamilo, Lincoln geme como se fosse uma sobremesa que esperou pacientemente para provar.

Abro a boca para pedir mais, mais e mais, só que tudo o que sai é um "Por favor", sussurrado.

O peito dele vibra em aprovação.

Movo o quadril na direção dele, e seu pau se encaixa bem no meio da minha boceta, atingindo o meu clitóris com precisão. Embora roçar em Lincoln Foxx não estivesse nos meus planos para hoje à noite, dou mais uma rebolada.

– Ah, porra – digo com um suspiro. É bom demais.

Lincoln se recosta e crava os dentes no lábio inferior e fica olhando enquanto me esfrego nele. Sem a menor vergonha, afasto o quadril para trás e avanço de novo ao longo do comprimento dele – o tecido fino da calça é a única coisa entre nós. *Porra, eu quero esse homem*. O arquejo dele é reação suficiente para me fazer repetir o movimento.

– Está gostoso? – Eu me inclino para a frente e sussurro contra os lábios dele.

Lincoln morde o meu lábio inferior.

– Mais do que você imagina. – Então pressiona o meu corpo contra o dele com mais força.

Afasto os quadris de novo, repetindo o movimento.

Lincoln me segura pelos pulsos e prende as minhas mãos atrás das minhas costas.

– Olha só você, toda cheia de tesão.

Sorrio com o tom provocador e com a forma como ele prende uma das minhas mãos atrás de mim e guia o meu quadril com a outra. Arqueio as costas e continuo me movendo contra ele – para a frente e para trás, me entregando ao ritmo e à pressão que desejo. Deixo escapar um gemido. A imagem de nós dois juntos deve ser obscena, e isso me faz sorrir ainda mais. Se eu não estivesse à beira de um orgasmo, ia querer ver Lincoln explorar todo o meu corpo com a boca. Me esfrego nele de novo. A sensação no meu clitóris me faz arquejar, a pressão crescendo e se espalhando pelo corpo.

Os dentes de Lincoln roçam o meu pescoço, provocando outra onda de sensações intensas. O som da respiração pesada dele e os meus arquejos são o único aviso antes de eu gemer alto demais e ele cobrir a minha boca com a mão. Gozo tão forte que as minhas coxas tremem. Meu abdômen se contrai e meu corpo lateja enquanto uma onda quente me envolve. Continuo a gemer enquanto

termino de liberar toda a energia acumulada, até que cada parte de mim relaxa.

Eu me deixo cair contra o peito de Lincoln, e os dedos dele se afastam da minha boca e percorrem minhas costas, acalmando os tremores restantes. Estou ofegante. Meu cabelo está grudado no pescoço e na testa, mas me sinto exausta demais para afastá-lo.

– Já é a segunda vez – sussurro. – Eu gozei duas vezes com você, e você não…

– Eu gosto muito de ver você perder o controle – diz Lincoln, com um leve sorriso na voz, enquanto passa os dedos pelo meio das minhas costas.

Me aconchego a ele. Eu me encaixo tão bem ali que fica difícil querer sair. É íntimo demais, mas nenhum de nós interrompe o momento. Tudo fica silencioso por um tempo.

Só quando acordo com o som de estalos de balas Pop Rocks e de vozes discutindo baixinho é que percebo que adormeci em cima de Lincoln. E ele ainda está aqui.

– Eu consigo ver os pés dele. Sei que ele está aí – diz uma das meninas, a um ou dois passos de distância.

A manta está puxada sobre nós, os braços de Lincoln ao meu redor e nossas pernas entrelaçadas. Ele se afasta um pouco para trás para que eu veja o seu rosto enquanto sussurra:

– Se a gente ficar bem quieto, talvez elas vão embora. – Ele sorri e fecha os olhos.

– Eu estou sem calça – digo o mais baixo possível.

– Vamos ter um espetáculo privê se eu puxar essa manta de vocês dois? – diz Griz em voz alta. Meu Deus, tem uma plateia de verdade aqui.

– O que é um espetáculo privê? – pergunta Lily.

Rezo para que ele não responda.

Escuto Lark se apressar a dizer:

– Não é nada que você precise saber agora.

– Muito bem – diz Lincoln, então se senta e puxa a manta para me cobrir melhor. – Nada de espetáculo privê. – Ele encara Griz. – A gente só pegou no sono aqui fora.

Pisco por causa da claridade do dia e esfrego os olhos, ciente de que a minha maquiagem deve estar um desastre. Lily nos observa do chão, acariciando Kit, enquanto Griz toma café e espera. Mas é Lark quem me encara primeiro, com uma expressão severa.

– A gente foi pra casa e você não estava lá. Aí a Kit farejou você e… – ela faz uma pausa e cruza os braços – você tá aqui.

Caramba… não sou a pessoa favorita dela nesse momento. Odeio essa sensação de decepção.

– Pai, você tá sem camisa – comenta Lily.

Ai, meu Deus.

Mas ele nem parece nervoso quando diz:

– Acabei dormindo. A Faye é muito quente, então tirei o moletom. – Ele pega os óculos e os coloca como se nada tivesse acontecido.

– Pai, estamos no inverno – argumenta Lily.

– Um inverno leve – responde ele, já se levantando. – Preciso de café.

– Só trouxe esse – diz Griz, levantando a xícara.

– Quanta gentileza – murmura Lincoln, enquanto estica os braços acima da cabeça. – Café da manhã? – pergunta ele, já pegando o celular em algum lugar do chão e começando a digitar.

Não consigo disfarçar a expressão de surpresa que com certeza está estampada no meu rosto. Lincoln Foxx quer me levar para tomar café da manhã? Isso é inesperado. Talvez até mais do que ser acordada pelo avô e pelas filhas dele observando atentamente o que estávamos fazendo aqui fora.

Tenho a sensação de que ainda estou dormindo. Definitivamente com um pouco de ressaca, mas totalmente despreparada por ter que encarar duas crianças e a realidade desta manhã.

A porta da frente se abre de repente.

– Estamos dando uma festa aqui fora? – pergunta Maggie, animada demais. – Faye, Linc, o que vocês estão fazendo aqui na varanda? Achei que tinha ouvido vocês dois ontem à noite, mas…

– Eu tô bem. Não tô com fome agora.

Ele sorri de volta para mim. É uma troca de olhares cúmplice que parece… boa.

Olho para Lily, que ainda faz carinho em Kit, que, por sua vez, está mastigando a guia.

– Obrigada por cuidar dela ontem à noite.

Minha atenção se volta para a bolinha de pelos marrom e preto que rosna baixinho.

– Kit.

Ela para o que está fazendo e olha para mim com a língua para fora.

– Você se comportou direitinho ontem? – pergunto.

Lily responde:

– Ela foi muito boazinha. Dormiu no chão bem do meu lado. E hoje de

manhã tomou as vitaminas que os filhotes precisam tomar, e a gente foi até os estábulos. Acho que ela gosta de outros animais.

Talvez seja um bom momento para oferecer ajuda às meninas com essa situação do cachorro. Olho para Lincoln antes de perguntar a Lily:

– Você gostaria de me ajudar com a Kit? Talvez ela possa ficar com você nas noites em que eu trabalhar até mais tarde?

Lily arregala os olhos, então assente, com uma expressão de cumplicidade no rostinho.

– Que ótima ideia, Faye – diz um pouco mais alto, como se tivéssemos ensaiado. – Pai, a gente pode? Eu prometo que vou passear com ela e dar comida. Vai ser tipo um trabalho, mas eu só vou ser paga com tempo com a cachorrinha.

Ele se inclina na minha direção, coçando o queixo, e sorri. Uma das covinhas aparece quando diz:

– Você é boa. Tenho que admitir.

Apoio o queixo na mão, tentando não sorrir. Ele sabe exatamente o que aconteceu ali – acabou de ser passado para trás.

– Tudo bem, Lily. A gente pode levar a Kit pra casa agora. E depois você vai ter que me explicar como conseguiu adotar um cachorro sem um adulto por perto.

– Ai, meu Deus, pai, sério?! – grita Lark, ao mesmo tempo que Lily solta um gritinho.

É barulho demais para alguém de ressaca, mas é difícil não achar graça.

– Ouviu isso, Kit? – diz Lily, enquanto a cachorrinha late, tão animada quanto elas.

– Que tal vocês duas agradecerem à Faye por cuidar da Kit pra vocês?

Lily cantarola:

– Obrigada, Faye.

Lark me dá um sorrisinho rápido.

– Obrigada.

Lincoln se ajoelha à minha frente.

– Tenho uma coisa pra te perguntar – diz, enquanto amarra o tênis.

Meu sorriso vacila diante de todo o caos que acabou de acontecer por causa de Kit.

Ele se levanta e pergunta:

– Como você gosta do seu café?

– Por quê? – pergunto, curiosa.

– Foi uma coisa que meu irmão me disse uma vez. Ficou na minha cabeça e

queria saber.

Endireito o corpo, consciente de que as meninas estão observando.

– Depende. Tem dias que só quero um café puro e forte. Em outros, quero algo doce e gelado.

Ele sorri com a resposta.

– Vai me trazer café, Foxx? – pergunto, com um sorriso curioso.

Os lábios dele se curvam de um lado, revelando a covinha. Então, Lincoln diz:

– Talvez da próxima vez.

Ah, inferno, quero beijar esse homem de novo. Sentir ele de novo. Não foi para isso que vim para esta cidade – para ter encontros noturnos e flertes de manhã com *Lincoln Foxx*. Então por que parece tão bom? Tão fácil?

Ele bate palmas, no gesto mais típico de pai, e diz:

– Muito bem, vamos, meninas. Quem quer comer panqueca no Hooch's?

– Eu! – grita Lily, pulando, enquanto Kit imita. – Mas a gente já tomou café.

Lincoln sorri e aperta o ombro dela.

– Um brunch, então?

Eles descem os degraus e encontram Griz lá embaixo.

Lincoln olha por cima do ombro e me dá uma piscadela antes de chamar:

– Lark, vamos, filha, estou com fome!

– Eu vi, sabia? – diz Lark para mim, parada no degrau de cima da varanda.

Meu estômago afunda porque não tenho ideia de *onde* ela viu.

– Nos estábulos, na casa do tio Ace. Você ia beijar meu pai.

Engulo em seco.

– Eu ia.

– Lark, você vem? – chama Lincoln da entrada de carros.

– Ele é o melhor pai do mundo – diz ela, erguendo o queixo, embora eu veja o leve tremor. – A gente não precisa de mais ninguém.

É fácil me perder na atração que sinto por Lincoln e esquecer que ele tem uma vida inteira centrada nessas duas meninas que dependem dele. Nunca tive coragem de dizer isso a nenhum dos homens que passaram pela vida da minha mãe. Mas também me sentia assim. Ameaçada com a possibilidade de eles tirarem de mim qualquer parte dela. Então, ignoro o jeito como meus olhos ficam marejados, e digo a única coisa que posso.

– Tudo bem. – Assinto, esperando que ela entenda.

Lark não diz mais nada e se afasta. Solto um suspiro pesado, tiro a manta do colo e me levanto – mas então me lembro de que estou sem calça. *Cacete! Tá muito frio.*

Meu celular vibra em algum lugar debaixo da manta. Tateio ao redor tentando encontrá-lo. Onde ele está, caramba? Quando finalmente o encontro, tenho que afastar o cabelo do rosto com um sopro.

FOXX

Elas estragaram meu momento. Eu queria ter te dado um beijo de despedida.

Sorrio sem perceber para o celular, até que escuto:

– Então você tá namorando o Lincoln Foxx? – pergunta Maggie, me assustando, e se apoia na porta.

Puta merda. Inclino a cabeça para trás, solto o ar com força e gemo internamente. Não vale nem a pena mentir em relação a isso. Ela com certeza estava em casa esse tempo todo.

– Tecnicamente, não.

Maggie arqueia as sobrancelhas.

– Pareciam dois guaxinins brigando aqui fora.

Mostro o dedo do meio.

– A gente não tá namorando, não. Só… se esfregando e dando uns amassos. – Deixo de lado aquela trepada em público com os dedos dele. A minha irmã não precisa saber desse pequeno detalhe.

Maggie solta uma risada. E não consigo evitar um olhar de lado para ela, com um sorrisinho no rosto ao ouvir aquele som.

– É sério? – Tento entender o que ela pode estar perguntando. – Com o Lincoln. É sério?

– Parece que sim.

Minha irmã segura a xícara com as duas mãos e olha na direção do milharal, deixando o que acabei de admitir pairar no ar por alguns instantes.

– Só toma cuidado. Todo mundo que se envolve com um daqueles homens acaba…

– Acaba como, Maggie? – pergunto, deixando escapar uma risada constrangida.

– É só fofoca da cidade. – Ela se vira para entrar em casa, mas ainda acrescenta: – Esquece. Isso não se aplica a turistas.

19

FAYE

Todo o meu trabalho duro e as longas noites observando e apaziguando Brock Blackstone tinham como objetivo a ida a esse evento. Foi precisamente por isso que voltei a Fiasco. E, ainda assim, ali estava eu, às quatro da tarde do dia desse leilão privado, prestes a entrar com toda a naturalidade do mundo em uma boutique de cidade pequena, torcendo para encontrar algo que atendesse às minhas necessidades.

A Loni's Boutique fica entre a Fiasco Flores e a Sorveteria Fiasco. Quando cruzo a porta, sou agradavelmente surpreendida pelas araras com suéteres modernos dispostos em um degradê que vai do verde ao azul. Mas é o manequim à esquerda, perto da mesa de lingerie, que está vestido com o tipo de peça que a noite de hoje pede. Sexy, elegante e meticulosamente confeccionada. As camadas suaves de chiffon rosa-claro envolvem o manequim, enquanto a luz capta o brilho de cada conta de cristal costurada, do corpete e das alças até a saia na altura da coxa. As alças são tão finas que quase parecem inexistentes, não fosse o reflexo dos cristais. O comprimento e a posição deles dão um drapeado ao vestido que cria um decote na altura perfeita.

– É lindo – diz Lily, parando ao meu lado.

Dou um pulinho de susto, porque não tinha percebido que ela estava ali.

– Oi... – Olho para trás dela e vejo Laney, entrando com Grant logo atrás, enfiando as mãos nos bolsos assim que a porta se fecha. – O que vocês estão fazendo aqui?

– Lark queria ver se já tinha umas camisetas novas de banda – diz a mais nova dos Foxx, revirando os olhos. – Eu gostei desse vestido. Você vai comprar?

Sorrio para ela e tia Laney acena para mim quando se aproxima.

– É bonito demais para não comprar.

A dona da loja se aproxima e oferece:

– Se você quiser, posso fazer alguns ajustes rápidos.

– Isso seria fantástico.

– Muito bem, vou tirar algumas coisas que tinha guardado no provador e já deixo tudo pronto para você. Acho que esse vestido vai ficar perfeito no seu corpo – diz ela.

– É para alguma apresentação? – pergunta Laney.

Lanço um olhar para Grant, que está nos observando. O homem sempre foi bom em intimidar os outros. Lembro bem de quando ele deu uma das sessões de treinamento na academia – ele era uma das poucas unidades K9 nessa parte do estado quando ainda estava na polícia. Parece até que vai começar a me interrogar agora – ou muito em breve, pelo menos.

Não estou mentindo quando respondo:

– É para uma apresentação que estou planejando, mas aparentemente esqueci a parte mais importante.

– Laney! – chama Lily do fundo da loja.

Quando olho para Grant, dá para perceber que ele está tentando juntar as peças a meu respeito. Duvido que Lincoln tenha deixado o irmão completamente no escuro.

Ele pigarreia.

– Então… Del me contou que manteve contato com você. Disse que você ajudou ele aqui e ali com alguns trabalhos quando estava lá em... onde mesmo?

Cruzo os braços e sorrio para ele, respondendo com tranquilidade:

– Louisiana. Eles precisavam de alguém pra conversar com algumas pessoas que se apresentavam em um clube. Para ajudar a refrescar a memória delas sobre coisas que tinham visto, mas que talvez não tivessem achado suspeitas.

– A gente nunca perde esse faro, né? – comenta ele. – Não importa se a gente se aposenta ou muda de área; sempre fica aquele instinto, aquela sensação de que

tem alguma coisa errada.

Ele sabe que não é só por isso que estou na cidade… só preciso torcer para que não atrapalhe a noite de hoje.

– Acho que sim.

– Tio Grant – chama Lily, me salvando de ter que responder a mais perguntas. – A gente pode comprar chinelos iguais? Será que tem um número grande pra você também?

Ele assente enquanto se afasta, indo até a sobrinha e a esposa.

Pelo canto do olho, vejo Lark remexendo na pilha de camisetas.

– Eu fui nessa turnê. Estava em Washington, e alguém disse que, se eu quisesse ver Dave Matthews Band ao vivo, teria que ser no The Gorge.

Ela me lança um olhar rápido e volta a mexer nas camisetas. Acho que está me ignorando, mas pergunta mesmo assim:

– E você foi?

– Assistir ao show lá? – Dou uma risada. – Não. Estava esgotado. Mas consegui um ingresso com cambistas em Seattle e ouvi algumas das minhas músicas favoritas.

Ela para de procurar o tamanho certo e simplesmente se afasta.

Merda de cidade pequena... Não tem motivo para eu esbarrar com eles aqui. E, por mais charmosa que seja a loja, a última coisa para a qual eu estava preparada era um interrogatório e a hostilidade de uma pré-adolescente. Para falar a verdade, o que mais me afeta é a frieza da pré-adolescente. Não sei por que quero que ela goste de mim, mas a verdade é que eu quero.

Uma hora depois, o vestido – que talvez seja o mais bonito que já usei – está perfeitamente ajustado ao meu corpo. Parece até desperdício usá-lo para alguém como Brock Blackstone. Mas não tenho outra opção. Faltam pouco menos de três horas para eu estar pronta para entrar no carro que vem me buscar. Ele não perguntou por que era para me pegar no Midnight Proof, mas eu não ia dar o endereço da fazenda da minha família. Quanto menos Blackstone souber sobre quem eu era antes de Rosie Gold, melhor.

– Então você também faz joias agora? – pergunta Maggie, encostada no batente da porta do que agora é meu quarto improvisado. – Mais um truque escondido na manga?

– Pois é – respondo. Estou tão concentrada na minha tarefa que as palavras dela demoram a fazer sentido. – Espera... como assim?

Maggie olha ao redor do quarto, avaliando o equipamento de academia que precisei afastar para abrir espaço para as minhas coisas. Vejo o seu olhar se fixar

na fileira de pequenas armas dispostas no chão, perto do elíptico.

– Acessórios *interessantes*.

– Sou uma mulher solteira que trabalha tirando a roupa para entretenimento alheio. Seria descuido, quase burrice, não ter algum tipo de proteção comigo.

– Ouvi falar de algum tipo de evento importante hoje à noite. É pra lá que você vai?

Isso me faz estacar. Fecho os olhos e balanço a cabeça, tentando entender o interesse repentino dela.

– E como você ficou sabendo disso?

Ela cruza os braços.

– Uma pergunta melhor: por que você vai?

Ficamos nos encarando por um momento, nenhuma de nós disposta a revelar. Mas é ela quem cede primeiro.

– Tem muita coisa que você não sabe. Mas, por algum motivo, tenho a sensação de que sou eu quem está por fora das coisas.

Estreito os olhos para ela e solto um suspiro.

– Então por que você não me esclarece, Maggie? Eu não sou a vilã aqui.

– Tem certeza disso? – murmura ela, e ergo a cabeça, surpresa.

– O que você tá querendo dizer? – grito, quando ela sai para o corredor.

Mas, como sempre, Maggie não responde.

– Belo vestido, aliás – diz, e alguns segundos depois escuto a porta da frente bater.

Fico parada ali, meio atônita, tentando entender o que acabou de acontecer. Sei que há mais coisa por trás disso, mas esta noite não é o momento de descobrir.

O vestido foi um achado em mais de um sentido. Precisava combinar com o acessório que vou usar essa vez – o colar longo e cintilante que tem um detalhezinho extra. A câmera de 2 mm custou menos de cinquenta dólares e se encaixa perfeitamente no centro do colar de ônix com cristais. O meu celular vai funcionar como ponto de acesso Wi-Fi dentro da minha bolsinha de mão, para que tudo que eu presenciar hoje à noite seja gravado e armazenado na nuvem. A tecnologia não precisa ser complicada para trabalhar a meu favor – entre o software de espelhamento que programei e aparelhinhos baratos como esse, a investigação particular se torna muito mais abrangente do que simples vigilâncias e anotações.

Não vou deixar escapar um único momento nem um único rosto. Passei as últimas semanas fuçando um monte de e-mails e pedidos de transporte de

empresas de frete relacionados aos leilões de Blackstone. Esse tipo de aquisição pode significar muita coisa. Mas se o FBI estava na cola de um leilão privado, isso quer dizer que havia mais do que quadros autênticos e ovos Fabergé à venda. Cortez ainda não botou as cartas na mesa, mas isso não significa que eu não possa encontrar outras maneiras de vê-las. Sendo assim, mergulhei nos detalhes do que exatamente Blackstone vinha "adquirindo" para a noite. Eu não ia pagar para ver.

A "guia de conhecimento de embarque", documento emitido pela transportadora listando o que foi entregue na propriedade de Blackstone, não era o que eu esperava – uma grande quantidade e variedade de medicamentos para disfunção erétil, fertilizantes e produtos químicos, e um item único que dizia apenas "cobras", o que, novamente, é preocupante, mas acho que Cortez não seria tão evasivo com algo como contrabando de répteis. Nada disso parecia ter importância de fato; eram apenas detalhes.

– A única coisa que preciso de você, Faye, é a confirmação dos participantes – diz Cortez pelo celular. – Se o leilão acontecer e você estiver por perto, preste atenção em quem está comprando.

Puxo com cuidado as alças do vestido sobre os ombros e fecho o zíper na lateral da cintura.

Viro de lado e, caramba, está perfeito.

Quando pego o celular na pia do banheiro, faço questão de que ele me ouça:

– Você pode me dizer exatamente em quem eu devo prestar atenção, Cortez. Isso facilitaria bastante o meu trabalho.

Jogo o batom dentro da minha bolsa cintilante, que tem um compartimento especial costurado onde posso guardar a minha faca karambit – a lâmina pequena tem um anel para o dedo, facilitando o manuseio quando necessário. Ajusto o elástico da cinta-liga, que sustenta as meias sete-oitavos e serve como um lugar conveniente para prender o spray de pimenta, do tamanho da palma da minha mão. Não é grande coisa, considerando que não sei do que Blackstone é capaz, mas ter armas faz com que eu me sinta mais segura. Sempre foi assim.

– Tudo o que posso dizer é que, se alguma coisa parecer errada, ou se você precisar sair de lá, saia. Não vai ter uma equipe a postos para invadir o lugar. Tenho algum apoio, mas você precisa agir como se estivesse sozinha. Preciso que fique ligada.

Fico repetindo as palavras de Cortez na cabeça – se alguma coisa parecer errada, saia. É como dizer a alguém "se cuide". Não acrescenta nada além do fato de que a pessoa não quer que você se machuque. É claro que vou prestar atenção

e confiar nos meus instintos – já faz um tempo que venho trabalhando sozinha assim.

O trajeto de carro é rápido, mas me sinto preparada. A maquiagem, as joias, junto com as armas e o vestido deslumbrante, funcionam como uma máscara, enquanto subo os degraus e caminho pelo tapete vermelho que leva até a propriedade. Quando passo por mais alguns seguranças posicionados ao longo do corredor principal, percebo o olhar de Blackstone percorrendo o meu corpo. Afasto o arrepio repulsivo que isso me provoca e sorrio.

– Rosie – diz ele ao me receber na entrada do salão principal. – Faz muito tempo que não vejo uma coisinha tão linda quanto você. – Ele beija meus nós dos dedos, os lábios úmidos com mais baba do que o necessário, mas faço o possível para controlar a reação de nojo. – Está pronta para ser minha hoje à noite, coisinha linda?

Blackstone levanta o meu braço e me gira para admirar o que estou vestindo. Já acalmei a mente e me preparei para estar totalmente mergulhada no papel de Rosie Gold. Senão, teria vomitado em cima do terno Brioni que parece apertado demais no pescoço e nos braços dele.

Forço um sorriso provocante e me aconchego junto ao corpo de Blackstone.

– Brock, estou sempre pronta.

– Ótimo. – Ele ergue a mão e chama uma garçonete. – Vou querer um uísque Ginger e, por favor, traga uma taça de champanhe para a minha garota linda aqui. – O homem ainda está segurando a minha mão e beija os nós dos meus dedos novamente. *Mais baba*. – Venha, quero exibir você.

Um salão de baile como esse deveria ser envolto em cores exuberantes e iluminação quente, mas, em vez disso, parece frio, rígido e quase estéril. Design moderno, linhas perfeitas, tons genéricos e frios de cinza e preto – o oposto do que a maioria dos moradores de Fiasco consideraria "rico". As pessoas reunidas em grupos pelo espaço não são muito melhores. Os homens usando smokings de grife estão apenas ligeiramente envolvidos nas conversas, porque, à medida que passamos, cada um deles vira a cabeça exibindo um sorriso ou nos seguindo com o olhar.

Só quando Blackstone me puxa para o colo, cravando os dedos nos meus quadris, é que percebo que ele quis dizer que vai *literalmente* me exibir. Todas as pessoas que o cumprimentam também são apresentadas a mim – a Rosie Gold *dele*. Empoleirada na perna do cara como se ela fosse um pedestal. Se não estivesse concentrada em registrar mentalmente cada nome importante que reconheço, repetindo-os para que fiquem devidamente gravados, estaria enojada

com o cheiro do hálito de Blackstone na minha pele. Ou com o jeito como a mão dele desliza do meu quadril até a barra do meu vestido. Preciso fazer um grande esforço para não me encolher de repulsa a cada vez. Faço questão de não me deter em nenhum rosto ou lugar por muito tempo. Sinto a pulsação acelerada enquanto conto as pessoas e tento me lembrar dos itens nos documentos de remessa. Será que vou conseguir relacionar os objetos com as pessoas que me foram apresentadas? Estou imersa demais nos meus pensamentos, tentando não esquecer nada.

Em razão disso, só noto o pequeno grupo de homens se aproximando quando vejo Blackstone levantar o braço, chamando-os.

– Senhores. Venham se juntar a nós.

20

LINCOLN

A dor irradia pelos nós dos meus dedos quando a pele dos dois primeiros se rasga, e o impacto sobe pelo antebraço até o cotovelo. Balanço a mão dolorida ao mesmo tempo que Joel cospe sangue e uma sequência de desculpas esfarrapadas que nem me abalam a essa altura. Desculpas valem menos quando você está espancando alguém para dar um recado.

– Linc, eu não quis fazer isso, cara...

Flexiono a mão e o interrompo, antes que termine a mentira:

– Você não quis colocar uma caixa no porta-malas? Não quis usar o seu cartão de acesso às 3h43 para entrar na destilaria e se servir de um barril de bourbon?

Apoio as mãos na cintura e fico olhando esse homem, com quem já bebi em churrascos, mentir na minha cara dizendo que não vem roubando a gente há seis meses.

– Eu precisava do dinheiro extra, cara. Tenho contas e gente pra pagar.

– Olha pra mim, Joel.

Aponto para o meu rosto.

– Você trabalhava pra gente. Recebia salário e todos os benefícios. Mas você sabe que isso termina aqui.

Puxo o braço para trás e acerto um último soco no estômago dele, logo abaixo das costelas.

– Tá certo – diz Ace atrás de mim. – Acho que ele entendeu. Não é, Joel? Ficou claro?

Ele tosse e assente.

– Vou precisar ouvir você dizer, Joel.

– Eu entendi – responde ele.

– Ótimo – diz Ace, digitando no celular. – Linc, precisamos ir.

Joel me encara, com o nariz e o lábio sangrando, esperando pelo que vou dizer em seguida.

– Seu emprego vai estar te esperando na segunda-feira – digo, enquanto corto a abraçadeira plástica que usei para prender as mãos dele na grade da doca de carga.

– Você não vai me demitir?

– Seu pai trabalhou aqui, Joel. E seu tio também – diz Griz do outro lado do galpão. – Não acho que ficariam orgulhosos de saber que o sobrenome deles está associado ao roubo de uma marca que ajudaram a construir. – Ele pigarreia. A leveza habitual de Griswald Foxx desaparece nesses momentos. No lugar dela surge o homem que construiu esse negócio com mão de ferro. Foi assim que ele sempre conduziu as coisas, e foi assim que aprendemos. – Você trabalha aqui há mais de vinte anos. Por que iríamos te demitir, Joel? Me parece que você acabou de ter um gostinho do que te espera se isso acontecer de novo, não?

Joel engole em seco e assente.

– Sim, Griz.

– Ótimo. Vai se limpar. Te vejo na segunda-feira. E você vai fazer horas extras não remuneradas até compensar o que roubou.

Uma toalha branca acerta o meu rosto.

– Vamos – diz Ace.

– Eu dirijo – falo, enrolando a mão no pano. – Griz, você consegue voltar para casa?

Ele sorri.

– O carrinho de golfe está carregado. Vão lá se divertir vocês dois.

– Já tinha tempo que a gente não fazia isso – comento, já contornando a frente do meu Jeep para sair da destilaria.

Desabotoo o paletó para entrar. Há duas manchas de sangue na minha

camisa branca, mas isso não me incomoda. Tenho um paletó todo preto, lavado a seco, esperando por mim.

Enquanto termino de ajustar as abotoaduras, Ace diz:

– Você sabe que o traje é black-tie, não é? Não é só usar roupa toda preta.

– Meu último smoking foi destruído. Além disso, não vou colocar uma porra de uma gravata-borboleta pra jogar pôquer e bajular algum idiota que quer uma fatia das nossas vendas, Ace.

– As vendas nos leilões da Blackstone Auctions dobraram o nosso lucro líquido, e isso só no ano passado. É um nível muito acima do que Maggie conseguiu com as vendas dela no mercado secundário. Se a gente quer continuar à frente na revenda das nossas garrafas mais valiosas, precisamos ter uma conexão direta com quem está organizando essas vendas. Blackstone pode ser um babaca, mas é o tipo de cara que consegue coisas para as pessoas. Nosso bourbon está em jogo, e, se a gente apertar algumas mãos hoje, já vai ter valido pelas conexões. Só precisamos decidir até que ponto estamos dispostos a sujar nossas mãos.

Vinte minutos mais tarde, estamos entrando em uma propriedade logo depois da divisa de Fiasco. Enquanto seguimos pela longa entrada, logo se vê que o lugar é um pouco pretensioso demais. Parece mais um museu do que uma casa. O paisagismo é impecável, com uma grande fonte no centro da rotatória, e uma iluminação que se perde no céu noturno.

– O que mais vai ser leiloado aqui? – pergunto a Ace.

– Só sei o que negociei diretamente com Blackstone. Nossas garrafas raras. Quero ver para onde vão e por quanto. Fora isso, não faço ideia.

O manobrista abre minha porta e a de Ace. Saio do carro, abotoo o paletó e guardo os óculos por enquanto.

– Quanto vamos gastar?

– Nada – responde ele enquanto atravessamos as portas duplas. Um tapete vermelho se estende da entrada até o salão principal ao final do longo corredor. – Estamos aqui só para fazer lobby.

As pessoas, na maioria homens de smoking, estão espalhadas ao redor. As poucas mulheres presentes estão servindo bebidas ou vestidas como peças de exibição. Fica claro que é um clube de homens.

– Atticus e Lincoln Foxx, que reviravolta interessante.

Wheeler Finch nos cumprimenta enquanto se aproxima. Logo atrás dele vem Waz King. Wheeler anda por Fiasco como se mandasse no lugar, enquanto Waz age como seu capacho. Eu odeio os dois. Finch & King podem ser a principal

marca de corridas de cavalo no Kentucky, mas são oportunistas nojentos até a alma.

Ouço Ace resmungar "Merda..." pouco antes de chamar uma garçonete que passa por perto.

Não me surpreende ver Wheeler em um lugar desses – se o evento já parecia suspeito antes, a presença dele só confirma. Vou ter que contar para Hadley que vi o querido papaizinho dela hoje, pretensioso como sempre, de paletó branco e gravata-borboleta preta, circulando entre um juiz do circuito e o suposto candidato ao governo no próximo ano.

– Wheeler – diz Ace, com um aceno. – Waz.

Wheeler estala a língua.

– Como vai a minha filha? Ainda está trabalhando como babá pra você?

– Sua filha comanda um dos negócios mais bem-sucedidos de Fiasco – retruco, tentando fazê-lo perceber o quanto a pergunta foi mesquinha. – Ela gosta de estar com a minha família. Isso inclui minhas filhas.

Waz se mete:

– Ela também faz favores pra você, Ace?

Quando Ace está prestes a mandar ele calar a boca, Wheeler interrompe:

– Vai dar uma volta, Waz. Blackstone queria mostrar alguma coisa brilhante. Vai lá ver o que é.

Mas é o som de risadas atrás de Wheeler, em um grupo cercado por poltronas de couro e luz de velas, que chama a minha atenção. Mais do que isso: faz o meu coração disparar e o meu estômago se contrair.

Não cheguei a comentar com Ace sobre o que está rolando entre mim e Faye, mas ele chega mais perto e pergunta em voz baixa:

– É quem eu estou pensando, não é?

Cerro os dentes, pressionando os molares com tanta força que me surpreende não ouvir estalarem.

– É. É ela.

Percorro com os olhos cada centímetro do que está ao meu redor e ainda não consigo processar que diabos ela estaria fazendo aqui. Faye disse que eles eram "amigos", mas esse joguinho de "exibição" que Blackstone está fazendo não parece nada com o que eu chamaria de amizade.

Blackstone levanta a mão roliça que segura um copo de uísque com gelo e chama:

– Senhores. Juntem-se a nós. – Ele solta uma risadinha, como se não estivéssemos perto o bastante para ouvir quando diz: – Dois Foxx e um Finch.

Quando vejo onde a outra mão dele está, fico possesso. Faye está sentada no colo do homem, que tem a outra mão pousada na coxa dela, quase na dobra onde a perna encontra o quadril. Como se ela fosse dele. *Que porra é essa?*

Respiro fundo para me acalmar e para não reagir e arrancá-la de cima dele. A mão de Blackstone não deveria estar em cima dela. Por que Faye está permitindo isso? Sinto Ace me olhar de lado enquanto encaro a mão de Blackstone. *Filho da puta*.

Quando damos um passo à frente e os olhos verdes dela encontram os meus, vejo o pânico na mesma hora. Faye fica tensa, seus ombros nus se erguem ligeiramente enquanto o peito vacila com um suspiro contido. O vestido de noite rosa-claro cintila sob a luz baixa. O cabelo está escondido sob uma peruca em tons pastel de pêssego e rosa, mais ou menos na altura dos ombros, como o loiro natural dela.

Ela não olha para mais ninguém além de mim, tentando descobrir o que eu posso dizer ou fazer em seguida. Não deixo transparecer nada, porque, por mais que eu queira arrancá-la do colo de Blackstone e puxá-la para mim, sei que ela vem me contando meias-verdades desde que apareceu em Fiasco, e esse não é o lugar nem o momento para exigir explicações. Espero ter essas respostas depois, porque já cansei de esperar. Por ora, vou entrar no jogo.

– Senhores, gostaria que conhecessem alguns dos meus convidados – diz Blackstone, e começa as apresentações para a meia dúzia de homens ao redor dele. Mas não registro nenhum outro rosto, nenhum nome. Estou concentrado apenas no dela. – E essa coisinha linda e reluzente é a minha Rosie Gold.

Os olhos dela permanecem conectados aos meus só por mais um instante antes de ela sorrir e nos cumprimentar com educação. Mas é Wheeler que diz:

– Rosie Gold. Interessante. Você não é exatamente o que eu esperava. A dançarina burlesca do Midnight Proof, certo?

Ela levanta o olhar para ele e sorri, mas é um sorriso de fachada.

– Sr. Finch, é um prazer vê-lo. E, sim, tenho me apresentado no Midnight Proof. Sua filha foi mais do que generosa ao me convidar para uma curta temporada no lindo bar dela.

Wheeler a observa por um instante antes de provocar:

– Você me lembra alguém, mas, até onde eu sei, essa pessoa não pisa em Fiasco há anos.

– Uma grande coincidência – diz Blackstone, esvaziando o copo. – Essa gracinha sentou a bundinha perfeita direto no meu colo em Nashville, e acabou sendo uma puta coincidência ela estar se apresentando aqui no Kentucky

enquanto eu resolvo alguns negócios.

Ele passa os lábios pela curva do ombro dela, como se tivesse o direito de tocá-la daquele jeito. Isso me faz cerrar o punho ao lado do corpo... e Faye percebe, quando seus olhos voltam para mim.

– Eu sabia que ela seria uma bela peça de exibição para esta noite.

Já ouvi o suficiente.

– Se me dão licença. Vou ver o que tem de bourbon no seu bar.

Ace me acompanha, assentindo em despedida para o pequeno grupo. Não vou olhar para ela de novo. Não posso. Quando chegamos ao bar, ajeito as abotoaduras que aparecem por baixo do meu paletó, enquanto repasso mentalmente inconsistências que venho notando desde que Faye voltou para a cidade.

Lanço um olhar ao atendente.

– Foxx Bourbon, a garrafa Prohibition, puro.

– Dois, por favor – diz Ace, então se vira para olhar novamente para o grupo de onde acabamos de sair. – Ela não está em Fiasco só para dançar no Midnight Proof, não é?

– Eu já estava com a sensação de que tinha alguma coisa... Sei lá, ela estar na cidade agora é meio estranho. Depois vi que ela estava com o Cortez.

– Um encontro? – pergunta Ace, franzindo o cenho.

Dou um sorriso de lado, lembrando de como aquele "encontro" terminou, com meus dedos fazendo-a se derreter do lado de fora daquele bar.

– Não era um encontro.

– Grant disse que ficou surpreso por ela não ter ido para alguma área da polícia – continua Ace, tomando um gole de bourbon enquanto continua a observar. Ele cutuca o meu braço para que eu olhe quando Faye se afasta do grupo e segue pelo corredor, desaparecendo de vista. – Se formou como a melhor da turma, tinha praticamente um emprego garantido na polícia de Fiasco e, de repente, vai embora e decide virar dançarina?

– Se eu te disser que sei exatamente por que isso aconteceu, mas não tenho todos os detalhes, você confia em mim e desiste desse negócio com o Blackstone? – digo a Ace, enquanto vejo Blackstone ir atrás dela. – Tem alguma coisa errada.

Meu irmão me observa por um instante antes de terminar o copo. Ele dá um tapinha no meu ombro.

– Então acabou.

Ele olha para onde eu estava olhando, mas Wheeler Finch interrompe:

– Interessante ver você aqui, Atticus. Não esperava encontrar outro empresário como eu neste evento.

Ace solta uma risadinha baixa, que sei que é mais irritação do que qualquer outra coisa.

– Nós dois sabemos que eu não sou nada como você.

– Seja educado, Foxx. Não vamos esquecer o quanto vocês dois gostam de coisas que pertencem a mim – diz ele, sorrindo para o bartender.

Eu poderia jurar que ouvi meu irmão quase rosnar com esse comentário.

Mas sou eu quem responde, porque minha melhor amiga merece mais respeito do que isso:

– Se está falando da sua filha, quero que se lembre de que Hadley não pertence a você.

Ele me ignora e vira o bourbon. *Idiota pretensioso*. Wheeler olha ao redor, na direção do grupo de onde acabamos de sair.

– Imagino que você reconheceu a Calloway. Que coincidência interessante, ela acabar na cama com o Blackstone. Ele me contou alguns detalhes bem explícitos sobre a sua pequena Rosie Gold.

Sinto o peito apertado só de pensar nisso. Passo os olhos por todo o salão, procurando por Faye – por mais que eu queira ir embora, não há a menor chance de sair daqui sem ela.

21

FAYE

Waz me observa como se não soubesse se deve me chamar pelo meu nome verdadeiro ou tentar tirar proveito da situação. Assim que vi Wheeler Finch entrando, soube que teria que pensar rápido. Tenho a sensação de que fui jogada em algo muito mais sério do que eu esperava. Por mais preparada que eu estivesse para hoje à noite, não esperava ver Lincoln caminhando na minha direção, impecável em um smoking preto. E estava ainda menos preparada para a forma como o meu corpo reagiu na mesma hora. Ele mal piscou quando fomos apresentados, parecendo tão surpreso quanto eu ao me ver. Seus olhos só se afastaram das mãos de Blackstone em mim quando fui chamada de "a minha Rosie Gold".

Merda, isso acabou de ficar muito mais complicado. Aperto a minha bolsa de mão e me inclino mais na direção de Blackstone, porque sei que esse é o melhor momento para dar o próximo passo.

– Vou ao toalete e pegar uma bebida depois. Quer alguma coisa?

– Rosie... Vai logo lá, então, antes de o leilão começar – diz ele em um sussurro alto, inclinando-se para roçar o nariz no meu pescoço.

Odeio ouvir o meu nome artístico na boca desse homem. Não sei bem por que, mas Blackstone faz com que soe como uma ameaça. Só desejo uma pessoa perto de mim assim, me desejando desse jeito, e essa pessoa nem sequer olhou na minha cara desde que foi para o bar. Um arrepio de nojo sobe pelas minhas costas e preciso me esforçar para não me afastar do toque do anfitrião.

Ele dá um tapa na minha bunda, mas, em vez de me encolher ou mandá-lo se foder, eu sorrio e sigo calmamente pelo longo corredor que leva ao banheiro. Também é o mesmo corredor que dá acesso à suíte principal e ao escritório. Com sorte, tenho dez, talvez quinze minutos, no máximo, antes que Blackstone comece a se perguntar onde fui parar. A sala está cheia de homens de smoking, ou seja, a mulher de vestido curto rosa com paetês vai fazer falta se alguém estiver prestando atenção.

Não há porta no escritório, já que a arquitetura do lugar privilegia arcos abertos em vez de portas fechadas. Olho por cima do ombro e me certifico de que nenhum segurança está passando por esse corredor. Entro, sentindo a pulsação latejando nos ouvidos. Como já venho monitorando a pegada digital de Blackstone, espero encontrar algo, qualquer coisa que me diga mais do que apenas qual de seus associados está presente. A mesa desorganizada está coberta por uma variedade de listas de tarefas escritas à mão, quase ilegíveis. Examino os blocos de anotações sem alterar a posição dos papéis. Mas não há nada além de detalhes que já identifiquei nos documentos de envio. Bufo, pego a minha faca escondida e tento abrir a gaveta superior trancada, mas ela não cede. Quando coloco a faca de lado, noto um pequeno post-it com a palavra "MONTANA" anotada.

– Vocês viram alguém passar por esse corredor? – ouço ao longe.

Merda, merda, merda. Vou para o centro do cômodo e começo a digitar no celular. Não tenho tempo de sair daqui, então vou ter que convencê-lo de que entrei por engano.

– Ah, então é aqui que você está, Rosie – diz Blackstone, apoiado no batente da porta.

Levo a mão ao peito e sorrio ao me virar.

– Nossa, você me assustou.

Ele vem na minha direção com aquele olhar que evito a todo custo – a satisfação de estar a sós com algo que deseja.

– Com quem você tá falando? – pergunta, no mesmo instante em que o celular dele vibra no bolso.

Quando Blackstone pega o aparelho, abre um sorriso que me embrulha o

estômago.

Fui eu que mandei a mensagem:

ROSIE GOLD

Vem me encontrar...

– Rosie, Rosie – brinca ele. – Você é uma safadinha. Tenho uma sala cheia de gente importante e você quer brincar comigo, é isso?

Merda. Não faço ideia de como vou sair dessa.

Entro no papel e dou um sorrisinho insinuante.

– Eu sei que o seu leilão está prestes a começar, mas achei... – solto um suspiro – que talvez fosse divertido brincar um pouco.

Lanço aquele olhar provocante em que sou especialista e tento passar por ele, mas Blackstone se adianta e bloqueia o meu caminho.

Ele desliza o dedo pelo meu braço e diz:

– Você viu todos aqueles homens lá fora babando por você? Isso te excita?

Normalmente, sim. Quando estou no palco e no controle. Mas não fazendo esse trabalho. Não neste exato momento.

– Você é minha, não é, Rosie? – diz ele, levando a mão à minha cintura.

Engulo em seco e assinto, enquanto os dedos dele percorrem o meu braço, sobem pelo ombro e cruzam a clavícula. Minha pele se arrepia onde ele toca e me preparo mentalmente para beijar ou socar esse homem, o que for preciso.

– Senhor? – interrompe um dos seguranças da porta.

– Agora não – responde Blackstone, sem tirar os olhos do meu decote.

Que nojo.

Quando olho para o segurança e reparo no cabelo perfeitamente penteado e nas costeletas marcantes, hesito. É o mesmo homem de expressão rígida que me recebeu na delegacia de Fiasco no dia em que fui soltar Maggie. Um alívio toma conta de mim. Eu não achava que ele fosse do FBI.

O "segurança" tira um palito da boca e insiste:

– Senhor, a sala do leilão está enchendo e me pediram para avisar que há um problema com um lance silencioso.

Blackstone me encara e ergue o meu queixo.

– Fica aqui. Quero brincar antes da noite começar de verdade.

Sorrio e concordo, tentando impedir que meu corpo se contraia de nojo diante da promessa.

Ele se vira e passa pelo agente disfarçado.

– Vamos, então. Onde exatamente estão me chamando?

O segurança lança um último olhar na minha direção antes de seguir Blackstone pelo corredor. Parece que Cortez estava mesmo me dando cobertura. Mas não tenho a menor intenção de esperar ele voltar. Preciso sair daqui. Lido com as consequências depois.

Não encontrei nada nesse escritório além da iminência de um assédio sexual. Para mim, chega. Seja o que for que Blackstone esteja oferecendo aos seus clientes nesses leilões privados, não é o que o FBI quer. Não é ele o alvo, e sim um dos convidados. Vão usá-lo como fonte de informação. Ou, no mínimo, como um peão, para chegar a alguém mais importante.

Volto pelo corredor em direção às portas duplas que levam ao que parece ser um terraço e tento calcular a distância até o estacionamento com manobrista. Não percebo o clique de um isqueiro fechando nem o assovio baixo, até que a melodia estranha chama minha atenção.

– Você seguiu um caminho interessante, garota. Burlesco?

Estaco ao ouvir aquela voz inesperada. O sotaque sulista é parecido demais com o do homem que enganou minha mãe, fazendo-a acreditar que a amava. Ainda assim, o timbre da voz de Waz King é um pouco mais irritante do que o do irmão dele, Tullis.

Endireito os ombros, ignoro a pergunta e sigo pelo corredor em direção à frente da propriedade, onde o carro que me trouxe está à espera. Ele me acompanha com passos lentos e um sorriso dissimulado no rosto que me irrita profundamente.

– Para onde você vai? Achei que fosse uma das atrações do leilão de hoje à noite.

Um arrepio percorre meu corpo só de pensar nisso.

– Só preciso tomar um ar – digo, quando uma rajada de vento frio toca minha pele e levanta ainda mais meu vestido curto.

Seguro a barra com uma das mãos, enquanto a outra já está ocupada com a bolsa e o celular. Não dá tempo de voltar e pegar meu casaco. No bolso da frente, tenho uma pequena faca disfarçada de chave. E, de repente, me dou conta de que a minha karambit ficou na mesa de Blackstone. *Merda*. Passo a mão pela lateral da bolsinha brilhante. No compartimento escondido, há um taser do tamanho da palma da minha mão, carregado. Solto um pequeno suspiro de alívio. Não vai causar um grande estrago, mas pode me dar tempo para correr, se for preciso.

– Faye, Faye, Faye – diz ele, estalando a língua, sem intenção de desistir. –

Este é um lugar muito... interessante para te encontrar.

Waz caminha ao meu lado agora e inclina o corpo para olhar para minha bunda.

Um arrepio de nojo percorre meu corpo quando paro subitamente e digo com o máximo de firmeza que consigo reunir:

– Estou apenas existindo aqui, Waz. Assim como você.

Mas ele ignora minhas palavras e me examina lentamente dos pés à cabeça.

– Ouvi dizer que você voltou para a cidade. A Maggie comentou que você está dançando no Midnight Proof. Eu queria ver com meus próprios olhos, mas Hadley não gosta que os parceiros de trabalho do pai dela frequentem o lugar. Talvez eu precise dar um jeito de entrar escondido para assistir a um show...

– Duvido muito que minha irmã esteja falando de mim por aí, muito menos que tenha te contado o que estou fazendo em Fiasco.

Ele murmura para si mesmo, como se guardasse um segredo que está louco para revelar.

– Tem muita coisa que você não sabe sobre sua irmã. A começar pelo fato de que ela me deve um bom dinheiro... entre outras coisas. E espero que pague.

Quando fui embora, Waz ainda estava treinando cavalos. Foi Tullis quem passou a se concentrar menos no treinamento e mais na supervisão de toda a equipe e a logística da Finch & King. Pelo visto, eles deixaram o "s" de lado depois que Tullis saiu de cena. Mas, depois de ouvir isso, de confirmar que Waz fala com frequência com minha irmã e que ela tem trabalhado com ele, tenho uma sensação horrível de que estou diante da pessoa que espancou Maggie antes de ela ter sido presa. Reprimo um arrepio, pigarreio e digo:

– Então trate disso com ela. Não comigo.

– Já tratei. Fiz questão de que ela escutasse direitinho.

Filho da puta.

Waz dá um passo rápido à frente, o que me obriga a recuar. Meu salto vacila na grama. O chão fica duro e congelado nessa época do ano.

– Você passou um bom tempo fora, Faye. Acho que não percebeu como as coisas funcionam por aqui agora.

Tento me equilibrar, enquanto olho para os lados em busca da melhor rota de fuga.

Prefiro não fazer nenhum escândalo aqui fora, mas é angustiante saber que só tem nós dois aqui. Ou pelo menos era o que eu achava.

O borrão de um corpo alto vestido de preto atrás de Waz chama minha atenção. Tudo acontece muito rápido nos instantes seguintes, com duas mãos se

fechando nos ombros de Waz, puxando-o para trás e desequilibrando-o. *Lincoln*. Isso dá tempo de sobra para que o elegante Lincoln Foxx avance com dois passos largos e o braço já a meio caminho de acertar dois socos no nariz de Waz, antes que o canalha consiga sequer se firmar. O estalo da cartilagem no segundo golpe, junto com o jorro de sangue, deveria derrubá-lo, mas baratas são mais resistentes do que parecem.

A mais de 6 metros de mim, o sorriso ensanguentado de Waz está carregado de um interesse calculista enquanto ele se levanta.

– Eu deveria saber que você estaria com um Foxx. Não demorou nada para a Shelby se aproximar deles também.

Olho para Lincoln, sem entender a referência.

O peito dele sobe e desce rapidamente, o punho ainda fechado e tremendo ao lado do corpo.

Waz ri e cospe.

– É melhor tomar cuidado com essa aqui, Lincoln. Ela tem o hábito de matar homens.

Meu estômago se revira. Isso não é nada que Lincoln provavelmente já não tenha considerado, mas ouvir as palavras em voz alta deixa minha garganta seca, e meus dedos se contraem em torno do spray de pimenta que está na minha mão.

Lincoln não hesita ao responder:

– Eu sei exatamente quem é a Faye. E acho que você a está subestimando, porque, se eu tivesse que apostar, diria que essa mulher tem pelo menos uma arma em cada mão, e está pronta para fazer o que for necessário com elas. – Ele olha para mim por cima do ombro, dá uma piscadela e completa: – Legítima defesa.

Waz me encara, ignorando Lincoln.

– Faye, a gente precisa ter outra conversa. Vamos incluir a Maggie da próxima vez. As Calloway sempre surpreendem. – Ele cospe mais sangue, que cai bem na frente do pé de Lincoln. – Foxx, aquelas suas filhinhas estão crescendo tão rápido...

Dou um passo e entro na frente de Lincoln. Pego o spray de pimenta, destravo e espirro direto no rosto de Waz. Tento proteger Lincoln o máximo que posso. Ele me segura pelos quadris e tenta nos afastar do resíduo do spray.

– Isso é por encostar na minha irmã – digo entredentes.

Waz solta uma sequência de palavrões e tropeça nos próprios pés quando recua, caindo sentado com força.

– Você tá morta, garota.

Solto uma risada curta e vou até ele, que tenta se afastar.

– É melhor escolher bem quem ameaça, Waz. Como você mesmo disse, eu tenho o hábito de matar homens.

Ser pega de surpresa pela lista de convidados de hoje e saber que Waz machucou Maggie já seria suficiente para me levar ao limite. Mas ouvir aquele desgraçado mencionar as filhas de Lincoln foi o que me fez perder o controle.

Minhas mãos tremem, ainda sob o efeito da adrenalina, enquanto cubro o nariz e a boca, tentando não inalar o spray que acabei de usar.

– Faye – diz Lincoln, naquela voz grave. – Eu disse para a gente ir. – Ele pega minha mão, entrelaça nossos dedos e me puxa para longe dali.

Lincoln solta uma risada.

– Isso foi muito foda, doçura.

Solto um suspiro irritado. Com a adrenalina ainda disparada, volto a pensar no que Waz disse e eu não entendi*: Não demorou nada para a Shelby se aproximar deles também*.

– O que ele quis dizer? Quando falou sobre minha mãe?

Lincoln franze o cenho enquanto continuamos a caminhar. Quando ele vira a cabeça para me encarar, suas palavras saem ao mesmo tempo que a compreensão me atinge:

– Shelby e Griz tiveram um relacionamento. Foi por pouco tempo... talvez alguns meses antes de ela... – Ele pigarreia. *Antes de ela morrer*. – Griz se apaixonou pela Shelby. – A voz de Lincoln muda e ele olha para trás enquanto continuamos a andar. – Você não sabia?

Penso no que ele acaba de revelar, tentando assimilar a nova informação. *Minha mãe e Griz Foxx?* Então faz sentido a conversa fácil entre Maggie e Griz – a familiaridade e a proximidade que eu percebi. Ele conviveu com minha mãe, o que significa que ela também conviveu com ele. Lincoln dispensa o manobrista, abre a porta do passageiro de um Jeep turbinado e me ajuda a entrar. Continuo meio aérea, encarando a estrada à frente enquanto ele pisa fundo no acelerador. Tento puxar o ar, mas não consigo. *Perdi tanta coisa...*

Depois de alguns minutos, Lincoln quebra o silêncio:

– A gente zoava o Griz por estar arrumando um monte de coisas para fazer fora da destilaria. E aí, um dia, Shelby apareceu no jantar em família. Maggie foi com ela algumas vezes também. E Griz... – Ele troca a marcha e o Jeep dispara. – Eles estavam felizes. Foi bom ver meu avô assim de novo. Já fazia muito tempo desde que perdemos minha avó. – Lincoln engole em seco e continua a falar, sem que eu diga nada. – Foi a Shelby que fez o Griz procurar outras distrações, levou

ele para os clubes do livro dela. E para bazares. No começo, ela era quieta, não falava muito. Mas os dois riam juntos. Às vezes, bastava um olhar entre eles para começarem a rir. E isso sempre fazia Lark e Lily rirem também. Acho que você teria gostado de ver sua mãe com ele.

Meus olhos ficam marejados só de eu imaginar minha mãe feliz. Nunca pensei que ela tivesse encontrado esse sentimento. Sempre a imaginei como a deixei – arrasada e triste pelo que precisou fazer naquela noite.

– Eles não eram um casal óbvio, mas, quando você via os dois juntos, não havia dúvida de que o mais velho dos meninos do bourbon estava mesmo apaixonado pela vaqueira do rodeio.

Enxugo a lágrima que escorre enquanto mantenho os olhos fixos no borrão escuro de árvores e céu. Eu teria feito qualquer coisa para ver minha mãe com alguém que a fazia se sentir assim.

– É por isso que o rodeio vem para a cidade. Eles fazem o evento profissional de fim de temporada aqui em Fiasco. A Foxx Bourbon patrocina, e o restante do dinheiro é doado para instituições locais. Griz disse que era um presente para ela... a princesa do rodeio dele.

Respiro fundo. Isso não é o que eu esperava descobrir ao voltar para casa. Ergo os olhos, tentando impedir que mais lágrimas escorram. Ainda bem que o interior do carro está escuro. É nítido o modo como Lincoln está falando tudo isso tão abertamente, com tanta gentileza. Respondendo à minha pergunta quando sei que ele tem muitas a fazer.

– Esta cidade tem muito a dizer sobre pessoas que se apaixonam por um Foxx. O que aconteceu com minha avó é visto como uma tragédia. E aí meus pais morreram alguns anos antes disso e tudo desandou. Primeiro a Fiona, depois a Olivia e depois a Shelby... – Lincoln se interrompe e sinto o peito apertado quando olho para ele. – As pessoas acham mais fácil culpar alguma coisa, então Fiasco decidiu chamar essa "coisa" de maldição dos Foxx. – Ele solta uma risada sarcástica antes de murmurar: – Às vezes parece mesmo a porra de uma maldição.

– Você não acredita nisso, acredita? – Inclino a cabeça, esperando uma resposta que não vem.

Lincoln faz a próxima curva com rapidez e acelera fundo na estrada.

Então, me lança um olhar rápido enquanto examino o seu perfil.

– Eu tô a fim de uma bebida agora. E você?

– Uma bebida cairia bem mesmo – respondo, enquanto me acomodo melhor no banco de couro. – Tem algo além de bourbon?

O canto direito da boca dele se curva para cima, formando aquela covinha charmosa, quase escondida pela barba por fazer.

– Não acredito que você acabou de me dizer isso.

22

LINCOLN

– O cheiro aqui ainda é tão bom! – diz ela, e inclina a cabeça para trás, os olhos fechados enquanto caminhamos em direção à destilaria. – Não existe outro lugar onde o ar cheire como se canela, açúcar e pão tivessem tido o encontro mais delicioso da vida.

Engulo em seco, a boca salivando com a forma como Faye descreve. É um lembrete de como este lugar é especial.

– São os açúcares se quebrando no mosto que estamos usando. A fermentação cria esse cheiro de pão, e, somado ao vento da estação, isso é a cara de Fiasco. – Sorrio, enquanto giro a chave de metal para a esquerda, destrancando as portas duplas de carvalho, e empurro para abri-las. – Todo mundo diz que o cheiro fica mais forte na umidade do verão, mas acho que é mais intenso, mais nítido, no frio.

As luzes com sensor de movimento iluminam o bar de degustação e acendem as luminárias a gás espalhadas pelas paredes da entrada. Um belo detalhe que Ace chamou de "exagero", mas neste momento estou feliz por não ter dado ouvidos a ele.

– Queria fazer umas perguntas – digo, entrelaçando os dedos aos dela.

– Eu sei.

O bar de degustação é feito de carvalho branco americano, o mesmo usado nos nossos barris, mas foi tingido com um tom escuro para manter a estética acolhedora. Gosto de passar a mão pela superfície – um hábito meio aleatório meu, sempre que estou aqui.

Faye olha ao redor como se estivesse fazendo um inventário. Catalogando cada detalhe. Sempre sinto um certo orgulho ao perceber que fui eu quem construiu e promoveu a importância deste lugar. Que ele é tanto lar quanto trabalho. Nunca pensei que fosse voltar a experimentar essa sensação até me tornar pai.

– Só tem bourbon aí... – diz ela, observando enquanto examino o que está exposto e pego algumas garrafas das prateleiras. – É contra as regras dizer a Lincoln Foxx que eu não amo bourbon? – Ela franze o nariz e abre um sorriso.

Envolvo dois copos Glencairn com os dedos – os pequenos copos que usamos especificamente para degustação – e os coloco diante dela.

– A fabricação do bourbon tem muitas regras. E, para ser chamado por esse nome, precisa seguir todas elas.

Pego uma garrafa da prateleira do meio e sirvo um pouco. Viro o copo na boca, deixando o álcool queimar na língua. Para despertar o paladar.

Faye apoia os cotovelos no balcão e diz:

– Tirando o que se refere ao bourbon, acho que regras podem ser perigosas.

Me inclino na direção dela, ajusto os óculos no nariz, e me permito vê-la de verdade. Já vi Faye sob tantas luzes diferentes…

– Quase tão perigosas quanto segredos.

Ela sorri e encontra o meu olhar.

– Mas você e eu temos alguns segredos, não é mesmo?

Não respondo de imediato. Deixo o olhar que trocamos se alongar por mais alguns segundos. Sirvo um pouco da edição reserva do nosso bourbon em um copo e o blend especial em outro. Então me aproximo, levanto o copo e observo o líquido sob a luz quente.

– Acho que temos menos segredos um do outro do que de outras pessoas.

É verdade, mas é a primeira vez que qualquer um de nós dois diz isso em voz alta.

– Esse bourbon é o que eu mais gosto de beber. Foi um acidente... um mosto que deu errado. Ainda é 51% milho, mas o trigo e o centeio foram feitos de forma incorreta. Quase quebrou as regras. – Dou um gole antes de explicar o que

o torna especial. – Eu estava distraído e a lavanda que Lark tinha deixado na minha área de trabalho caiu no lote de teste. Aí pensei: por que não? Vamos ver no que dá. Aquela semana foi a pior da minha vida. Eu tinha descoberto que a minha esposa não estava... – Paro a frase no meio. – Eu tinha acabado de ser chantageado por uma mulher em um milharal. Então disse "que se foda, vamos ver o que sai disso".

Ela levanta o copo também, imitando o gesto.

– Então isso é basicamente culpa minha.

– O que significa que você não pode odiar – retruco, com um sorriso de lado.

Levo o copo ao nariz para sentir os aromas. Esse tem teor alcoólico mais alto – mais agressivo, mais intenso, mas facilita beber os próximos.

– A gente brinda a quê? Socos e spray de pimenta?

Ela solta uma risada inesperada enquanto observa a cor, girando o bourbon no copo.

– Ao bourbon e aos segredos – diz.

– Ao bourbon e aos segredos – repito, e encosto levemente o copo no dela. – Dê um golinho e deixe a bebida envolver a boca e a língua.

Quando Faye sorri de verdade, a pinta sobe um pouco, os olhos se estreitam e os lábios se curvam de um jeito que dá vontade de imitar.

Ela inclina o copo e fecha os olhos ao engolir.

– É... continua tendo gosto de queimado.

Não é a primeira vez que escuto isso, mas, vindo dela, é uma graça.

Sigo ao longo do balcão, passando os dedos pelas garrafas que construíram a nossa marca – o Edição Caubói de Grant, o 1910 de Griz e as Reservas Especiais Prohibition (uma menção à época da Lei Seca). E, embora Ace e eu sejamos os responsáveis pela maior parte do nosso Straight Rye e do Bourbon de barril único, os mais disputados, não temos um blend que seja especificamente nosso. Mas essa garrafa que pego agora, com o logotipo preto da Foxx em relevo, é uma das minhas favoritas, simplesmente porque foi engarrafada no primeiro ano em que comecei aqui como mestre destilador.

Faye se inclina para a frente, o vestido rosa descendo o suficiente para mostrar parcialmente os seios da forma mais apetitosa.

– Levanta os olhos, Foxx – diz ela, sorrindo, enquanto passa a ponta dos dedos pela borda do copo. – Você não usava óculos quando eu morava aqui.

Tiro a rolha da garrafa.

– Foi presente de aniversário de 38 anos... minha visão foi para o espaço. Tudo ficou meio borrado. E, pelo visto, luzes de Natal não deveriam parecer

fogos de artifício. Mas, no fim das contas, sai perdendo quem não tem astigmatismo.

Faye solta uma gargalhada.

– Todo mundo sabe que o charmoso Foxx, pai solo, também é meio nerd? – Ela estende a mão. – E não falo nerd de forma negativa. Acho que pessoas muito inteligentes são subestimadas. Nerds ficaram com má fama nos anos 1980 e nunca conseguiram mudar isso. – Faye arregala os olhos, solta um arquejo e pergunta, empolgada: – Já ouviu falar em "nerdlesco"?

Não consigo evitar encará-la com um certo ceticismo.

– Não é possível que isso exista mesmo. E você nem sequer era nascida nos anos 1980.

Ela aponta para mim, tentando conter um sorriso.

– Não é essa a questão, Foxx. E, sim, "nerdlesco" existe. Alguns figurinos... – Faye morde o lábio de propósito. – São uma delícia! E só estou dizendo que tenho a sensação de que você me deixou ver alguns lados seus que poucas pessoas veem.

Abro as abotoaduras.

– Talvez. – Deixo o que ela disse pairar por um momento entre nós, então dobro e enrolo as mangas. – Já está pronta para me contar o que estava fazendo lá hoje? Parecia um tipo diferente de apresentação.

Ela fica em silêncio por um instante, depois puxa a bolsa pelo balcão, mexe lá dentro e tira uma pedra longa, em um tom entre o cinza e o marrom, e coloca em cima do tampo de madeira.

– Eu preciso de um pouco de coragem agora – diz, virando a pedra e deixando à mostra os cristais roxos irregulares.

Sinto um calor agradável no peito, engulo em seco, e passo os dedos pela superfície áspera da pedra que minha filha deu a ela.

– Elas gostam do jeito como você fala com elas.

Deslizo os dedos pelos dela.

– Como eu falo com elas? – pergunta Faye, inclinando a cabeça.

– Não sei. – Sorrio e continuo, em tom de brincadeira: – Talvez você possa me dar umas dicas. – Vejo Faye desviar os olhos, sorrindo. – No primeiro dia em que te encontraram na varanda, elas me disseram que você sabe escutar. E que trata as duas como se quisesse conhecê-las. Alguma coisa assim.

– Acho suas filhas incríveis. Elas têm interesses peculiares e não têm o menor problema em dizerem o que sentem – fala Faye, e eu sorrio, pensando em como minhas filhas são corajosas por mostrarem tudo isso. – Elas são o que são e não

ficam se justificando. Algumas pessoas levam uma vida inteira buscando isso. Acho que a Lark ainda tem um pé atrás comigo, mas eu entendo. Já passei por isso. Ter que ser extremamente protetora com o pai ou a mãe. – Quando ela sorri para mim dessa vez, sinto as pernas bambas.

– Foi isso que você fez? – pergunto. Sei que tem mais coisa sobre aquela noite no milharal. E, agora, depois de passar um tempo com Faye, me dou conta de que a ideia de ela ter matado Tullis King a sangue-frio nunca fez sentido. – Você estava sendo extremamente protetora?

Ela muda o peso do corpo no banco, cruza os braços e percorre as tatuagens com o dedo.

Está tentando decidir se pode confiar em mim. Se deve me contar os detalhes. Eu sei mais do que a maioria, obviamente. Não levei muito tempo para perceber de quem era o sangue espalhado na camisa dela. Os comentários sobre o desaparecimento de Tullis King só surgiram semanas depois. Talvez antes, mas eu estava ocupado demais lidando com o meu próprio inferno para prestar atenção no dos outros.

– Não houve tempo para processar nada. Minha mãe era uma pessoa boa e amava com os olhos e os braços abertos. Foi ela que me disse para seguir meus instintos, encontrar um caminho que fizesse minha alma feliz. E o jeito como ela amava os cavalos... – Faye sorri, com saudades, mas a expressão logo se apaga. – Naquela noite, minha mãe estava com medo. Muito abalada. – Ela respira fundo, encarando o copo à sua frente. – Então, deixei de lado qualquer escrúpulo e fiz um levantamento do que era necessário para fazê-lo desaparecer. Se havia alguém capaz de sair impune de uma situação daquelas, esse alguém era eu. Afinal, tinha passado os últimos seis anos da minha vida aprendendo a ler uma cena de crime e montar um caso. Ciências forenses na faculdade, estágio e depois a academia de polícia. Eu sabia o que seria procurado e analisado. Aí entrou em ação um instinto protetor.

Calma, inteligente, forte. É só o que consigo pensar enquanto Faye compartilha comigo o que viveu naquela noite.

Passo o polegar pela lágrima que escorre pelo rosto dela antes que caia sobre a pinta.

– Minha mãe não me deixou chamar a polícia. E ela tinha razão. Podíamos até ter amigos, mas Tullis King e o irmão tinham as pessoas na palma da mão e na folha de pagamento. Então, fiz uma escolha. Maggie comentou que a mamãe estava bebendo mais do que o normal ultimamente, mas minha irmã gosta de dramatizar as situações. Eu deveria ter escutado e voltado para casa antes.

Ela faz uma pausa, mas continua:

– Tullis King era um babaca condescendente quando estava de bom humor e um porco desprezível quando não estava. Quando voltei com o que precisava para tirá-lo de lá, ele já estava morto. E minha mãe estava praticamente catatônica. Então eu enterrei Tullis e os pertences dele.

– E aí eu te encontrei – digo, me colocando ao lado dela.

Faye solta uma risada baixa e triste.

– E aí você me encontrou. E eu entrei em pânico.

– Você pensou rápido. – Inclino a cabeça. – A chantagem foi uma escolha criativa. Raciocínio rápido. Não sei se eu teria conseguido agir assim – digo com um sorriso calmo, tentando aliviar o peso de tudo.

Os ombros de Faye relaxam, ela descruza os braços e fica me encarando por algum tempo, antes de levar a mão até a minha camisa e esfregar o tecido entre os dedos.

– Você me perdoa? Por te colocar nessa situação absurda e...

– Não há nada para perdoar. Eu teria feito o mesmo para proteger minha família. – Já sei o suficiente. Faye protegeu alguém que amava e, para mim, não há nada de errado nisso. Pelo menos parte da verdade basta por enquanto. – Tenho mais perguntas.

Ela se afasta um pouco, criando uma distância que não quero entre nós.

– Imaginei que tivesse...

– Eu sei que tem mais nessa história de você ter voltado para Fiasco. Sei que você não me beijaria daquele jeito naquela noite, não gozaria para mim como gozou e depois se sentaria no colo do Blackstone se não houvesse uma explicação muito boa.

Faye abre a boca para falar, mas levanto o segundo copo de degustação entre nós.

– Quando você estiver pronta para me contar tudo, cada segredo seu, Faye Calloway, eu vou ouvir. Mas não quero mais ouvir nada pela metade. Agora, prefiro tomar um drinque com uma mulher muito sexy, muito bonita.

Aqueles olhos verdes me encaram de um jeito que faz com que eu me sinta desejado e, talvez, necessário.

Em vez de pegar o copo, ela ergue o queixo e entreabre os lábios.

Mergulho o dedo no copo artesanal e molho os lábios dela com o bourbon. Os dedos de Faye apertam a minha camisa com mais força e ela me puxa bem junto ao corpo, abrindo as pernas para me dar espaço. Então, passa a língua pelos lábios para provar o bourbon.

– Muito bem, Foxx – diz, em um tom baixo e suave que me atinge em cheio. – Só um drinque?

Enfio os dedos no cabelo dela e colo meus lábios aos seus, como venho querendo fazer desde que a deixei naquele balanço da varanda. Faye deixa escapar um murmúrio baixo ao primeiro toque dos nossos lábios e, segundos depois, aprofunda o beijo como se também estivesse esperando por isso. O jeito como essa mulher beija envolve o meu corpo inteiro – tudo ao redor ainda pode até existir, mas não importa. O gosto do meu bourbon na língua dela deixa meu pau tão duro que não consigo conter o gemido.

Ela sorri contra a minha boca e segura minha camisa com força, me puxando ainda mais, apagando qualquer espaço ou hesitação.

Levo as mãos aos quadris dela e trago-a para a beirada do banco. A saia sobe por suas coxas enquanto Faye abre mais as pernas para mim, e enfio os dedos em sua carne, fazendo com que ela solte um gemido profundo. Não consigo evitar olhar para baixo por um segundo – o corpo dela me excita de um jeito inédito para mim.

Quando me afasto, Faye me segura com mais força, e, para ser sincero, isso é bom pra cacete. Ela precisa de mais. Me quer mais perto. Exige que eu fique, em vez de simplesmente aceitar ou presumir que vou embora.

Faye morde meu lábio quando me afasto de novo, mas dessa vez não é para sorrir ou aproveitar o beijo.

Mantenho a voz baixa enquanto a encaro, então deixo os olhos descerem para o lábio inferior inchado dela e digo:

– Abre.

23

FAYE

Um arrepio percorre meu corpo e passo a língua pelo lábio inferior – o mesmo em que ele sempre fixa o olhar. Então faço exatamente o que ele pede. Lincoln tira os óculos, dobra as hastes com calma e sorri para si mesmo. A mão dele alcança meu pescoço, os dedos se enredando no meu cabelo, enquanto inclina minha cabeça no ângulo que deseja.

Abro a boca no exato momento em que ele leva a garrafa de bourbon aos lábios. Lincoln bebe, se inclina sobre a minha boca e passa o líquido para mim. Ele nem me permite saborear a bebida. Mal me deixa engolir antes de capturar meus lábios outra vez. O bourbon escorre pelos cantos da minha boca enquanto passo os braços ao redor dos ombros dele. Arquejo quando ele me coloca sentada no tampo do bar e minha bunda encontra o carvalho escuro e frio. Lincoln corre os dedos pelas minhas costas e me puxa para a beirada, enquanto deslizo a ponta dos dedos por sua nuca e deixo que eles se percam em seu cabelo. Ele solta um gemido satisfeito e se inclina sob o meu toque.

– Agora diz que você não gosta de bourbon – provoca.

Sua boca desce pelo meu pescoço para capturar com mais um beijo o que

escorreu.

– Acho que não consigo fazer isso. – Sorrio.

Aquela boca voraz continua o seu caminho pelo meu corpo – Lincoln afasta as alças do meu vestido e passa os lábios pelo meu ombro. Com a boca ainda colada à minha pele, murmura:

– Me diz que sabor você sentiu.

Deixo escapar um gemido baixinho e entro no jogo. Essa talvez seja a melhor preliminar da minha vida.

– Senti o sabor defumado da madeira.

Seus dentes roçam na minha pele, enquanto ele puxa mais o tecido para baixo e deixa a boca percorrer o volume do meu seio até arrancar o sutiã. O movimento faz meu corpo ter um leve espasmo e preciso conter o sorriso que ameaça curvar meus lábios. Quando os olhos de Lincoln encontram os meus, para checar se está tudo bem, meu sorriso e o aceno de consentimento liberam um gemido quando a língua dele desliza sobre mim.

– O que mais? – pergunta, a voz rouca.

Então, ele captura o mamilo com a boca e passa a língua lentamente, tão devagar que sinto cada ponto que ele toca. Isso acende uma labareda dentro de mim e me faz tremer de desejo.

Jogo a cabeça para trás com a intensidade da sensação. Os movimentos da boca chupando meu seio e a pressão entre minhas pernas se intensificam.

– Era mais doce...

Sou interrompida quando Lincoln abaixa o outro lado do vestido, levando junto a renda do sutiã. Dessa vez, ele não saboreia: devora, como se estivesse faminto.

Lincoln passa os braços ao redor da minha cintura e me puxa mais para perto. Minha bunda fica na beirada do bar e, por um instante, sinto frio quando ele se afasta, se ajoelhando no chão e abrindo meus joelhos.

– Venho querendo muito sentir o seu gosto de novo. Muito mesmo.

Os olhos azuis dele observam minha reação.

Estou quase ofegante e faço sinal para que continue. Lincoln desliza o nariz pela minha boceta.

– Ai, meu Deus – sussurro.

– Hummm, concordo, doçura.

Ele afasta a minha calcinha e passa a língua de baixo para cima, me fazendo gemer. Estou com o corpo tenso de desejo quando ele se levanta, toma mais um gole de bourbon e sorri para mim.

Lincoln segura minha nuca e me puxa.

– Tem algo em beijar essa sua boca perfeita que me deixa louco.

Com os lábios ainda úmidos, ele me beija de novo. *Cacete, eu quero mais*.

Tento abrir os botões da camisa dele, ansiosa para tirar do caminho qualquer barreira entre nós. Mas Lincoln se afasta e apoia a testa na minha – sua respiração pesada acompanha a minha.

– Agora o bourbon perdeu a graça pra mim – diz, brincalhão. – Espero que saiba disso.

Ele termina o trabalho que comecei com os botões e tira a camisa – o corpo dele é absolutamente perfeito. Lincoln tem o tipo de peitoral e de ombros que fazem qualquer mulher se perder neles. As tatuagens percorrem o lado direito do peito e do ombro e descem pelos braços fortes. Minha boca chega a salivar ao ver os braços dele se tensionarem enquanto abre o cinto – *por que isso é tão sexy?*

Ele chuta a calça para o lado e fica parado na minha frente, só de cueca boxer preta, decidindo o que fazer comigo agora. Quando desliza a mão por aquele pau duro e deliciosamente grosso, passo a língua pelos lábios.

– Nunca mais vou conseguir apreciar um bom bourbon sem sentir o seu gosto junto – diz.

Sorrio, soltando um suspiro.

– Ai, Senhor...

Passo os dentes pelo lábio, jogo as pernas para cima do balcão e fico em pé. Então, alcanço o zíper nas costas, abro e deixo o vestido cair.

– Acho que também não vou conseguir beber de outro jeito, Foxx.

O sorriso dele em resposta é quase uma recompensa – covinhas marcadas, olhos cerrados.

Lincoln faz um gesto com o dedo, me chamando.

– Nada de ficar em pé no meu bar de degustação.

Fico completamente nua, deixando o olhar dele percorrer meu corpo.

– E trepar no seu bar de degustação?

Ele reage na hora: me puxa para baixo e me joga sobre o ombro.

– Já estou velho demais pra isso. Preciso de um lugar confortável pra fazer o que quiser com você.

Os dentes dele roçam na minha bunda enquanto atravessamos o corredor.

Solto um gritinho misturado com uma gargalhada.

– Está mesmo fazendo jus ao seu apelido, doçura. Essa bunda é uma delícia!

– A vista daqui também não é ruim...

Deslizo a mão pela parte de trás da cueca dele.

Uma porta de correr é aberta e só o que vejo são garrafas de bourbon iluminadas. Ele me coloca em cima de um sofá de couro marrom.

– É outro cômodo secreto? – pergunto, erguendo as sobrancelhas.

Esse espaço e aquela sala lá de cima… estou começando a achar que os irmãos Foxx têm um monte de cantinhos escondidos para receber mulheres sempre que querem.

Os olhos dele percorrem meu corpo de cima a baixo, com uma expressão de desejo explícito que é um espelho do que estou sentindo.

– Chega de perguntas.

Não tenho o menor problema em obedecer. Quero tanto esse homem que já esqueci qualquer possível motivo pelo qual isso seria uma má ideia.

Recuo um pouco e abro lentamente as pernas, mantendo os olhos presos aos dele.

Mas Lincoln desvia o olhar para acompanhar o movimento dos meus dedos deslizando pelo meu próprio corpo. Sinto a intensidade do desejo e da plena apreciação dele, enquanto seus olhos percorrem minhas curvas, se detendo primeiro nas suas partes favoritas, antes de voltar para minha boceta. Quando meus dedos passeiam mais por entre as minhas pernas e sinto o quanto estou molhada, fico ainda mais excitada.

– Deixa eu te ver – sussurro.

Com os olhos fixos em mim, Lincoln tira a cueca boxer e a joga para o lado com um chute. Então, fica em pé, exibindo o pau em riste – e é uma visão de tirar o fôlego. Grosso, rígido, com a glande úmida, apontando exatamente para o que quer. Lincoln envolve a base com a mão, segura firme e começa a fazer movimentos lentos.

– Continua olhando pra mim assim, doçura. Isso... – Ele passa a língua pelos lábios. – Diz que me quer. Preciso ouvir.

Deslizo novamente os dedos pela minha pele, dos seios até a boceta, em um ritmo provocante, lento.

– Pede "por favor".

Lincoln dá um sorrisinho de lado e continua com os movimentos de vai e vem naquele pau rígido, com firmeza, mas sem pressa.

– Por favor.

Solto um gemido baixo – ele fez exatamente o que pedi. Isso me excita de um jeito que nem imaginei ser possível. Dois dedos roçam meu clitóris enquanto digo o que ele quer ouvir.

– Foxx, eu quero você. – Empurro esses mesmos dedos, ainda úmidos, mais

para dentro da boceta. – Quero tanto você... – balanço a cabeça, com um sorriso cheio de má intenção – ... que não consigo pensar em mais nada além da sua boca e do seu pau fazendo uma bagunça em mim.

– Cacete, doçura. – Ele morde o lábio inferior e se aproxima mais. – Me lembra de pedir "por favor" mais vezes.

Ele se ajoelha bem na minha frente, os olhos acompanhando cada movimento dos meus dedos.

– Se eu esquecer de te dizer depois – continua Lincoln, enquanto se inclina para dar um beijo logo acima do meu umbigo –, você é a mulher mais linda que eu já vi. E desse jeito... – Ele beija meu seio direito, depois o esquerdo, então sua boca desce até o centro da minha boceta, me fazendo gemer – Eu não vou sair o mesmo homem daqui.

Lincoln leva a mão ao meu pescoço e me puxa para a frente com firmeza, de um jeito dominador. Meu gosto em sua boca, nossa respiração acelerada e a intensidade do desejo entre nós tornam o beijo quase avassalador.

Antes que eu me perca de vez no ritmo da língua de Lincoln contra a minha, ele se afasta e puxa minhas coxas mais para perto, abrindo-as. Então, com as mãos firmes, se inclina e beija minha boceta, como se estivesse agradecendo por ela ser exatamente o que ele queria. Minha respiração falha quando ele separa meus grandes lábios com a língua, explorando cada centímetro em um único movimento lento e deliciosamente calculado.

– Ai, meu Deus – sussurro em um gemido.

Ele sorri para mim.

– Sim, doçura, posso ser isso pra você também.

Não consigo evitar retribuir o sorriso. Então, fecho os olhos e digo em um suspiro:

– Então me mostra.

Ele geme também ao ouvir aquilo e, de repente, sua boca e seus lábios estão por toda parte – deslizando da entrada da minha boceta até o clitóris – e mal consigo respirar enquanto seus dedos percorrem minha carne. Provocando. Me levando ao limite, me deixando à beira de implorar para que ele me preencha. Lincoln me lambe, me degusta, soltando uns gemidos graves de vez em quando, como se estivesse aproveitando cada instante.

Ele me penetra primeiro com um dedo – e rapidamente passa para dois quando solto um gemido de alívio –, curvando-os e encontrando aquele ponto perfeito dentro de mim. Quando abro os olhos, vejo que está me observando. Acompanhando cada reação, registrando exatamente do que eu gosto.

– Se masturba – ordeno em um arquejo.

Lincoln não responde, só faz o que eu mando. *Que delícia...* Enquanto seus dedos entram e saem de mim, ele envolve a base do pau com a mão e faz dois movimentos curtos, depois mais um, bem lento. O polegar desliza pela cabeça, recolhendo a umidade que já se acumula ali. Lincoln fecha os olhos, como se aquele toque fosse exatamente o que ele precisava.

O gemido rouco que ele deixa escapar me faz perder o controle de vez. Meus dedos ficam dormentes, e aperto os olhos com força, enquanto meu corpo se contrai. Aquele entorpecimento já familiar percorre a parte de trás dos meus joelhos e sobe pelas coxas, até que minha vagina começa a pulsar em reação ao toque dele e eu gemo, o corpo todo trêmulo agora com o orgasmo que me percorre inteira. A escuridão atrás das minhas pálpebras se dissolve e o tempo parece parar por um instante. Quando a onda de prazer começa a ceder, sinto os lábios de Lincoln voltarem para minha boceta, com meu corpo ainda trêmulo. Abro os olhos bem na hora em que ele retira os dedos e substitui pelo toque da língua, saboreando a recompensa pelo que acabou de me dar.

– Preciso foder você agora. Me diz que eu posso, por favor.

Há um traço de desespero em sua voz que me faz sorrir.

Fecho os olhos, ainda meio zonza.

– Bom menino, Foxx, lembrou de pedir "por favor".

Ouço a risada dele, enquanto se afasta.

– Porra... isso fez o meu pau pular.

Quando abro os olhos, Lincoln já está do outro lado do cômodo, perto da mesa, em busca de um preservativo. E a vista não é nada ruim. Lincoln Foxx tem coxas grossas e uma bunda tão redondinha e mordível que me faz passar a língua pelos lábios.

Quando ele se vira de novo, segura um preservativo entre dois dedos.

– Esse jeito que você tá me olhando... – Ele balança a cabeça. – Tô muito ferrado.

Mordo o lábio e fico olhando Lincoln desenrolar a camisinha. Estou mais do que pronta para recebê-lo. Ele aperta o próprio pau e ergue o queixo.

– Vem cá.

Levanto e o abraço pelos ombros, encontrando seus lábios, enquanto ele gira o corpo e me leva para o sofá. Sento em seu colo, como fiz antes, e me esfrego nele.

Lincoln solta o ar por entre os dentes e fecha os olhos, enquanto tomba a cabeça para trás e encosta no sofá de couro.

– Tão pronta pra mim... – murmura, as mãos firmes nos meus quadris.

Provoco de novo. Do mesmo jeito. Fazendo com que o pau dele me abra e deixando nós dois cheios de tesão quando rebolo devagar.

– Olha – sussurro.

Ele abre os olhos.

Acompanhamos o movimento enquanto desço devagar, apoiando os braços nos ombros dele. O polegar de Lincoln encontra o meu clitóris na mesma hora, e começa a acariciar a área sensível com a pressão certa, como se estivesse me agradecendo por recebê-lo tão bem. O jeito como ele me toca, como me observa, intensifica cada sensação, ao mesmo tempo que o pau dele me alarga até eu me sentir completamente preenchida. Movimento lentamente os quadris e sinto cada centímetro dele. Deixo escapar um gemido ofegante quando Lincoln me puxa para a frente, e me penetra ainda mais fundo. Encosto a testa na dele e sussurro:

– Isso...

Ele completa em uma voz baixa e rouca, antes que eu termine de falar:

– Caralho, que delícia.

Volto a mover os quadris, sentindo todo o meu corpo despertar. Lincoln se inclina, passa a mão ao redor da minha cintura e captura os meus lábios em um beijo. Nossas línguas se encontram com urgência, sem tempo a perder.

– Não me canso de você. Eu quero... – diz ele, enquanto roça os dentes pelo meu ombro, e logo suaviza o toque com um beijo.

No ângulo em que estamos, meu clitóris roça nele a cada movimento, mas preciso de mais. Meu gemido baixo é o que faltava para levá-lo ao limite.

– Que se foda tudo. Quero não... eu *preciso* de mais. Se segura em mim.

Ele se levanta comigo no colo. Eu o abraço pelo pescoço e envolvo a cintura dele com as pernas. Lincoln me segura pelos quadris enquanto nos leva até a lateral do sofá.

– Preciso foder você de verdade agora – diz, e deita o meu tronco no encosto do sofá.

Concordo, ansiosa, enquanto ele segura as minhas coxas por baixo e faz exatamente o que disse. Ele me fode. Com força. Fundo. Num ritmo tão intenso que mal me deixa respirar. Não demora muito para eu começar a dizer o nome dele entre gemidos.

Meu orgasmo faz com que ele me segure ainda mais firme. A pele úmida de suor, o ritmo cada vez mais acelerado, até que ele goza com força – mesmo com os dentes cerrados, Lincoln geme alto, o que me deixa toda arrepiada. O corpo

dele estremece todo antes de cair para a frente, ofegante.

Lincoln beija o meu peito, no lugar onde os lábios dele repousam.

– Nunca mais vou ser o mesmo – murmura entre beijos suaves que fazem meu coração disparar.

Porque não consigo evitar pensar que isso realmente acabou de mudar *tudo*.

• • •

– São lindas – comenta Lincoln, enquanto passa os dedos pelos contornos da minha tatuagem. – As cores e as flores combinam com você.

Estamos deitados, ainda embolados um no outro, em um silêncio tranquilo. Sem vontade de nos movermos, nem de pensar demais. Só querendo aproveitar o que acabamos de compartilhar.

– Sempre gostei dessas tatuagens florais vibrantes nas mulheres. E gosto de como ficou em mim agora. – Sorrio. Não há um significado específico para a escolha do desenho, só achei bonito. E precisava muito de alguma coisa bonita em uma fase em que tudo parecia feio e confuso. – Quando saí de Fiasco, tive dificuldade para acreditar que merecia qualquer coisa. Muito menos alguma coisa bonita. Passei por um estúdio de tatuagem, depois de ver umas dançarinas incríveis num show burlesco, e resolvi entrar.

Estou deitada no peito dele, a cabeça apoiada bem na altura do coração. Alguém tão forte e musculoso não deveria ser tão aconchegante, mas a verdade é que estou quase pegando no sono. Mesmo com os pelos do peito de Lincoln fazendo cócegas no meu rosto.

– E a sua tatuagem... – deslizo os dedos pelas linhas que contornam a lateral do corpo dele. – Meninos do Bourbon.

A pele de Lincoln ainda está úmida de suor, mas não me importo. Gosto de tocá-lo.

– Meus irmãos também têm. – Ele pigarreia. – Nossa mãe chamava a gente assim... os meninos do bourbon dela. Se meu pai ainda estivesse aqui, teria feito uma também. Ele faria qualquer coisa por ela.

Contorno outra parte da tatuagem.

– Essas flores são para as meninas?

Lincoln assente, enquanto brinca com as pontas do meu cabelo loiro.

– E o copo de bourbon é meio óbvio. – Passo os dedos por um espaço

vazio. – E esse aqui?

– Quando elas eram pequenas, tudo era difícil... muito mais do que agora. – Ele solta o ar devagar. – Eu não tinha me dado conta de como fazia pouco como pai até me ver sozinho, tendo que fazer tudo. – Seus lábios se curvam em um sorrisinho de lado, como se estivesse aliviado por não se sentir mais tão sobrecarregado quanto alguns anos antes. – Eu sempre me esquecia de levar coisas para elas se distraírem. Liv se lembrava de tudo: livrinhos de colorir para quando a gente ia a algum restaurante, miçangas e massinha de modelar para salas de espera, mas eu sempre me esquecia. Eu já me considerava sortudo quando conseguia chegar aos lugares no horário, imagina se ia me lembrar de levar coisas para mantê-las ocupadas depois. E nem sempre queria dar meu celular para elas ficarem vidradas em vídeos infantis, então isso dava a elas um lugar para desenharem. Elas só precisavam levar as canetinhas, e eu deixava.

Ele sorri enquanto conta. E é fácil demais sorrir de volta.

Lincoln me encara enquanto seus dedos percorrem o contorno das minhas flores.

Observo suas mãos deslizando pela minha pele.

– Ficou só no contorno por algum tempo e, aos poucos, fui adicionando cor – digo, com um sorrisinho. – Levou tempo, mas, no fim, essas flores pareceram sempre ter feito parte de mim.

Minhas palavras pairam no ar enquanto os dedos de Lincoln continuam a seguir as linhas da tatuagem.

Ele pigarreia e muda de posição. Seus dedos param quando ele pergunta:

– O que você estava fazendo no leilão do Blackstone ontem à noite?

Eu sabia que não conseguiria evitar essa explicação por muito tempo.

Respiro fundo para reunir um pouco de coragem antes de responder:

– A dança burlesca não é a única coisa que tenho feito desde que fui embora.

Lincoln se vira de modo que possa continuar me abraçando, enquanto olha para o meu rosto.

– Depois daquela noite no milharal, eu sabia que não conseguiria entrar naquela delegacia de cabeça erguida. Não era aquele tipo de policial que eu queria ser... já começar com um monte de mentiras nas costas. Ir embora tornou mais fácil deixar para trás essa parte de mim. Mas aí o Del... – Sorrio ao pensar nele. – O Del sempre foi uma espécie de mentor em vários sentidos. E acabou colocando a ideia de ser investigadora particular na minha cabeça. O processo de certificação foi simples, e eu não tinha grandes expectativas... nem em relação a mim, nem a ninguém. – Engulo em seco e me viro para olhar para ele. –

Observar detalhes, fazer as perguntas certas e conversar com as pessoas sempre foram meus pontos fortes. O Del me mandava informações de casos e eu dava o meu parecer. Isso acabou levando a outros trabalhos. E agora um deles me trouxe de volta para cá.

– Blackstone? – confirma Lincoln, franzindo o cenho.

Assinto e acrescento:

– Eu precisava me aproximar dele. Vigiar, investigar o passado, procurar coisas que ajudassem a entender os clientes dele. Aqueles que não estão "nos registros". O FBI está montando um caso contra alguém ligado a ele aqui em Fiasco. Eu precisava entrar naquele leilão. Eu menti – digo, engolindo o nervosismo que sinto por confiar isso a ele. – Blackstone é trabalho, não é um amigo.

– Um trabalho que te trouxe de volta para a sua cidade natal e para a cama de uma das pessoas que estavam naquele evento – conclui Lincoln.

– Exatamente.

Procuro em seu rosto alguma reação ao que acabei de dizer.

Ele afasta o meu cabelo do ombro e passa o polegar pelo meu queixo enquanto me afasto um pouco do peito dele.

– Não estou surpreso com nada disso. Você fica linda demais naquele palco, mas poderia ter escolhido qualquer lugar para dançar. E, mesmo assim, escolheu Fiasco.

– Eu sabia que seria difícil, mas subestimei... – Balanço a cabeça. – Subestimei como seria o impacto de te ver de novo.

É a vez de ele engolir em seco.

– Eu não gostei de te ver no colo de outro homem.

Meu corpo se aquece com aquela admissão e não consigo conter o sorriso.

– Um pouquinho de ciúme?

Lincoln passa a mão pelo rosto, escondendo o sorriso, enquanto decide o que dizer.

– Ciúme não é uma palavra forte o suficiente. Não gostei do Blackstone desde a primeira vez que vi o cara, mas ver ele te tocando... eu quis quebrar as mãos daquele desgraçado primeiro e depois cortar a garganta dele quando comecei a pensar no que mais ele pode ter tocado.

– Acho isso estranhamente sexy – murmuro e apoio o queixo no peito dele, deixando aquelas palavras me envolverem. – Minha atuação no palco faz com que as pessoas olhem, às vezes toquem, mas isso é trabalho. E eu gosto do que faço, Foxx. A investigação particular me permite sentir que ainda atuo onde

sempre quis atuar, só que com alguns ajustes e do meu jeito. Assim como eu amo o que o burlesco me faz sentir. Isso não é algo que eu esteja disposta a mudar.

– Ótimo. Eu não quero que você mude. – Ele me puxa para mais perto e beija o alto da minha cabeça. – Eu só precisava esclarecer um pouco a situação para não acabar matando um homem por encostar em alguém que estou começando a considerar minha.

Arregalo os olhos e sinto o coração falhar uma batida.

– Sua?

Lincoln abaixa os olhos para mim e seus lábios se curvam em um sorriso preguiçoso.

– Ainda consigo sentir o seu gosto, doçura. Meu pau está duro de novo só de pensar no jeito como sua boceta o recebeu. Só de lembrar que sei exatamente como meter para acertar aquele ponto exato... – Ele solta o ar. – Sim, você já é quase minha.

Gosto do jeito como isso soa. De como faz com que eu me sinta. Mas não tenho coragem de concordar, por isso beijo o peito dele e deixo que as verdades que compartilhamos esta noite se acomodem ao nosso redor. Há algo libertador em contar a ele por que estou aqui. Compartilhei mais do que Cortez gostaria, mas essa é a minha vida, e não sei se já me senti tão segura de mim como aqui, agora, nos braços de Lincoln.

Ele está olhando para o teto, com um braço dobrado atrás da cabeça, e é fascinante ver esse lado dele pela primeira vez. Vulnerável, tranquilo, talvez até confortável, sem a necessidade de manter uma fachada para os outros. Eu reconheço isso. Faço a mesma coisa.

Beijo o seu peito, sorrindo contra a pele quente, aproveitando esse momento muito mais do que deveria.

– Foi divertido.

Tento me sentar, mas Lincoln passa os braços ao meu redor rápido demais para que eu consiga me afastar mais do que alguns centímetros.

– Foi mais do que divertido, e você sabe disso.

Os lábios dele pairam diante dos meus, perigosamente perto. E não consigo evitar me inclinar em sua direção.

Quando me afasto, passo os dedos pela barba dele.

– Tenho mais uma pergunta – diz ele. E, como da última vez, fico nervosa sobre o que pode ser. – Como você gosta do seu bourbon?

Solto uma risada e mordisco o lábio dele.

– Do jeito que você quiser me dar, Foxx.

24

FAYE

Lincoln Foxx não estava nos meus planos. Voltei para fazer um trabalho. Para tirar minha irmã da cadeia. E agora tudo isso parece uma mentira. Uma meia-verdade que contei a mim mesma, porque a vulnerabilidade torna as pessoas fracas. Eu podia ser muitas coisas, mas ser *dele* não era uma opção. Ou era?

Já faz uma semana desde o leilão – e, coincidentemente, do melhor sexo da minha vida. E é só nisso que penso – nas mãos de Lincoln por todo o meu corpo, na sua boca, nas palavras dele. E em como isso funcionaria. Meu telefone vibra no bolso enquanto ajeito com o atiçador a tora que acabei de colocar na lareira. Estamos naquela parte esquecida do inverno, quando ainda não está fazendo frio suficiente para a neve acumular, nem está quente o bastante para permitir que a gente esqueça o casaco.

Hadley perguntou se eu ainda estaria por aqui em fevereiro, no Dia dos Namorados. Estou começando a me sentir em casa de novo, por isso não pensei muito na resposta. Foi fácil dizer sim. Não tenho outro trabalho encaminhado, o que também foge do meu padrão, mas acho que estou meio fora do eixo desde que cheguei.

FOXX

Quando exatamente vou te ver de novo?
Fico lembrando de você se contorcendo embaixo de mim e isso só me dá mais vontade de te ver. E ficar esperando até a gente se esbarrar não é a forma como eu gosto de ir atrás do que quero.

FAYE

E o que você quer?

FOXX

Achei que fosse óbvio...

Fico olhando para as chamas laranja e amarelas dançando ao redor das toras antes que elas tomem conta da madeira nova. Um sorriso curva o canto da minha boca enquanto avalio como responder à pergunta dele. Já trocamos uma boa quantidade de mensagens sobre coisas aleatórias. As minhas favoritas são as mais simples: *Oi, doçura*. Consigo ouvir a voz de Lincoln dizendo isso enquanto encosta os lábios nos meus, e isso me provoca uma reação que nem sei explicar direito.

Será que é muita ansiedade responder que quero vê-lo *agora mesmo*? Nossa noite juntos não sai da minha cabeça, por vários motivos. E já se passou um bom tempo sem repeteco.

Assim que cheguei em casa na manhã seguinte ao leilão, subi todo o conteúdo que consegui e compartilhei com Cortez. Eu esperava alguma repercussão pela minha saída repentina e pelo encontro com Waz, mas não tive absolutamente nenhuma notícia de Blackstone.

Então, hoje de manhã, Cortez confirmou que o leilão privado foi interrompido uma hora depois de Lincoln e eu sairmos. Foi feita apenas uma prisão. Brock Blackstone foi detido, mas nenhuma acusação foi formalizada. Isso me deixou com uma sensação ruim no estômago – essa história não vai simplesmente desaparecer. Fiasco vai ser o campo de batalha do que quer que esteja por vir. O que levanta a questão: em quem o FBI está mirando?

CORTEZ

Sua contribuição para esse caso foi excelente, Faye. Seu trabalho no arquivo Blackstone está concluído. Entre a vigilância dos últimos meses que você compartilhou, somada ao que e a quem conseguimos identificar durante o leilão privado dele, seu contrato foi oficialmente cumprido.

Minha irmã passa pela sala de estar e chama a minha atenção. Ela parece apressada, mas a chamo assim mesmo.

– Maggie.

Nós duas precisamos conversar. Há muitas perguntas que não aceito mais que ela evite, especificamente sobre Waz. Seja lá no que for que Maggie esteja envolvida com Waz King, é problema – isso é óbvio. Mas, depois do meu encontro com ele e do fato de que Waz e Wheeler Finch estavam naquele leilão, minha irmã está na linha de fogo. E, por mais estremecida que esteja a nossa relação, não desejo de forma alguma que ela se machuque ainda mais.

Maggie volta de costas e se apoia no batente da entrada com um suspiro.

– Sim, eu bebi os seus refrigerantes. Vamos considerar isso parte do seu aluguel.

Eu a encaro sem entender, a princípio, então abro um sorriso.

– Cala a boca. Eu não vou pagar aluguel porque sou dona de metade disso aqui. Mas para de pegar minhas coisas, por favor.

Ela ergue as sobrancelhas.

– Tudo bem. Então para de mexer nos meus equipamentos de academia.

Minha intenção nesse momento não é discutir sobre isso, portanto não lembro a ela que os equipamentos mencionados estão no *meu* antigo quarto. Prefiro mudar logo de assunto.

– Por que você está trabalhando para a Finch & King?

Maggie me encara, os ombros tensos enquanto endireita o corpo. Não sei o que ela está buscando nos meus olhos, ou se só está tentando decidir se dizer a verdade funcionaria. Mas, em vez de uma resposta, ela devolve com uma pergunta:

– Por que você tá aqui?

A campainha toca, mas ela não se move para atender até tocar de novo um segundo depois. Sem dizer nada, Maggie segue pelo corredor para abrir. Ouço enquanto destranca a porta e tira a corrente, mas, com a exceção de um "oi", não escuto mais nada.

– O quê?! – Maggie sussurra alto. Ela nunca soube falar baixo.

– Que bom te ver também, Maggie.

A voz faz com que eu me levante e me aproxime com passos leves.

– A menos que você queira plateia, vai ter que falar mais baixo, Cortez.

– Você não atende o telefone – diz ele, enquanto espreito por trás do sofá.

Maggie tenta manter a porta meio fechada. E, quando volta a falar, seu tom é ainda mais alto:

– Seus amiguinhos da delegacia já pegaram meu depoimento. Não tenho mais nada a acrescentar. – Ela abre mais a porta agora e olha por cima do ombro diretamente para mim. *Ou seja, Maggie sabia que estava falando alto demais, que eu ouviria*. – Ele é todo seu – diz, então se afasta e deixa a porta aberta como um sinal para Cortez entrar.

Quando ele me vê encostada no batente da sala, parece surpreso e hesita antes de entrar. É uma linguagem corporal interessante para alguém que veio aqui me ver. Mais curioso ainda é a presença dele. Depois daquela mensagem de trabalho seca, achei que não seria necessária uma visita pessoal. *A menos que não seja eu o motivo de ele estar aqui*. Alguma coisa na breve conversa entre os dois não me convence.

– Eu estava torcendo pra você ainda estar aqui, Faye.

Prendo o cabelo em um coque frouxo, sento de novo na cadeira onde estava e olho de relance para a neve que começa a cair do lado de fora.

– O que você queria me dizer?

– Só que o Rodeio Beneficente de Fiasco começa hoje à noite. Um fim de semana inteiro de montarias em touros e cavalos lotando a cidade.

– Você encerrou o meu caso por mensagem, mas quis me falar do rodeio pessoalmente? – retruco com o cenho franzido, então olho de relance para Maggie. – Que porra é essa, Cortez? Por que você tá aqui?

Maggie inclina a cabeça, assistindo à conversa com uma estranha mistura de irritação e divertimento.

Meu telefone vibra com outra mensagem.

FOXX

Oi, Faye. Você sabia que as cavernas de Fiasco têm a maior concentração de geodos e estalagmites dessa parte do país?

Quando eu disse a Lincoln que achava inteligência sexy, não achei que ele

fosse seguir pelo caminho de fatos aleatórios sobre geologia. Espera, isso parece...

FAYE

Lily?

FOXX

Exatamente!

Algumas pessoas talvez imaginem que filhos sejam um fator brochante no relacionamento com um homem. Noventa e nove vezes em cem, eu concordaria. Mas, dessa vez, acabo de encontrar um pai solo que tem filhas tão encantadoras quanto ele.

FAYE

Estou surpresa por você ter escolhido me escrever sobre fatos aleatórios em vez de fazer compras on-line ou qualquer outra coisa quando o mundo está ao alcance dos seus dedos.

FOXX

Não! Lark e eu já passamos do limite fazendo compras para a Dottie e para a Kit. A Kit veio de graça, mas a Dottie foi um presente do cofrinho dos palavrões, que tecnicamente ainda é dinheiro do papai... Mandar mensagem pra você pareceu uma escolha melhor.

FAYE

Cadê o seu pai?

FOXX

Nesse exato momento, ele tá encarando a sua casa. Mas não conta pra ele que eu te falei isso. Você quer me ajudar a encontrar mais pedras comuns e pedras preciosas pra minha coleção um dia desses? Por que o seu nome no celular do meu pai é Doçura?

Sinto o rosto quente quando leio aquilo e sorrio ao ler o apelido.

– Então isso é um sim? – pergunta Cortez, chamando novamente a minha atenção.

Balanço a cabeça, enquanto tento me concentrar de novo na conversa.

– O quê? Um sim para o quê?

Lanço outro olhar para Maggie, tentando entender o que está acontecendo entre eles.

Cortez sorri para mim.

– Pra você ir comigo ao rodeio hoje à noite.

E, por mais que eu não queira, sei que só há uma forma de conseguir respostas tanto dele quanto de Maggie.

– Me pega às seis – digo, então sigo em direção à escada e volto a conversar com Lily.

FAYE

Vou adorar te ajudar a encontrar pedras comuns e pedras preciosas um dia desses.

• • •

– Você vai me contar o verdadeiro motivo de ter aparecido lá em casa hoje? – pergunto a Cortez, já sentada no banco do passageiro do SUV dele.

– Uma pergunta melhor, gatinha: você vai ficar em Fiasco?

Eu sei quando alguém está desconversando. E já estou bem cansada dele me chamando por um apelido que não conquistou o direito de usar.

– Faye – corrijo.

Ele olha de relance, a cabeça inclinada.

– Não sou a sua gatinha, Cortez. Pode me chamar pelo meu primeiro nome

ou pelo sobrenome.

Ele assente e pigarreia.

Sei que a situação ficou desconfortável por minha causa, mas não estou nem um pouco interessada em deixar Cortez confortável nesse momento. Só tem uma pessoa que quero ouvir me chamar de *gatinha*... ou de *doçura*.

Apoio o cotovelo na porta do carro e observo enquanto ele passa por algumas estações no rádio até parar em um rock clássico. Depois disso, seguimos em silêncio até entrarmos no estacionamento lotado, com uma tensão incômoda pairando entre nós.

O rodeio beneficente acontece em uma arena coberta. O calor úmido típico da temporada de rodeio, que costuma grudar na pele de todo mundo, não está presente de forma alguma. Em vez disso, flocos de neve cobrem os carros ao longo da entrada.

– Ainda não descobri por que minha irmã estava com hematomas pelo rosto e pelo corpo. Alguma ideia?

– Claro que tenho, mas você conhece sua irmã – responde ele, rápido demais.

Ergo as sobrancelhas.

– Não, na verdade não conheço. Parece que você conhece a Maggie melhor do que eu.

Observo a linguagem corporal relaxada dele e tento perceber se fica mais tenso conforme passamos por mais pessoas entrando pelos portões principais. Há barracas alinhadas nas laterais, onde comerciantes locais vendem de tudo – de bebidas quentes a cintos e fivelas com turquesas. Rodeio é a desculpa para tirar o chapéu do armário e calçar a melhor bota. Os profissionais usam jeans e couro praticamente todos os dias, mas o Kentucky não é exatamente território de caubóis. Ainda assim, eles ficam muito bem de calça jeans surrada e camisa Henley, com acessórios como copos de uísque e muito charme. Incluindo o homem que me acompanha no momento – Cortez está à paisana, mas ele e eu somos parecidos nisso: raramente desligamos o modo trabalho. Ele pode ter me convidado para vir, mas está sempre de serviço.

Duas mulheres sorriem para ele quando passam por nós. Cortez inclina a aba do chapéu e retribui com um sorriso inocente, ignorando completamente o jeito descarado como elas o examinam dos pés à cabeça.

– Você tá saindo com alguém? – pergunto. – Essa é a segunda vez que a gente sai e você não mencionou ninguém...

– Me diga você – responde ele com um sorrisinho presunçoso. – Como você mesma disse, é a nossa segunda vez saindo juntos.

– Ah, para com isso. – Dou uma risada. Tento não pensar com quem eu terminei a noite da última vez que saí com Cortez e no que fizemos. – Não é por isso que estou perguntando.

Entramos na fila de uma das barracas e dou uma olhada ao redor. Não sei exatamente o que estou procurando, mas sinto um arrepio de empolgação quando vejo Griz Foxx. Olho para trás de onde ele está, procurando Lincoln.

– Quem você tá procurando? – pergunta Cortez, acompanhando o meu olhar.

Solto o ar e decido que é melhor ir direto ao assunto, sem mais enrolação:

– Você tá dormindo com a Maggie?

Ele dá uma gargalhada, jogando a cabeça para trás.

– O quê? Não. – Então olha por cima do ombro. – Pelo amor de Deus, Faye, por que você pensaria isso?

Dou de ombros, tentando concluir se a reação dele é mais encenação do que verdade. Me adianto um passo quando chega a nossa vez de pedir.

– Qual a chance de eu conseguir um Hot Toddy?

Marla me dá um sorriso contido quando estendo uma nota de vinte.

– Acabou.

Cortez disfarça uma risada.

Romey dá um tapa no braço dela e ri.

– Você é uma bruxa, Marla. – Então, sorri para mim. – São cinco dólares, Faye.

Marla faz questão de ir para a próxima mesa, onde estão vendendo rifas.

– Ignora ela – diz Romey, enquanto me entrega o troco. – Sei que tem muita coisa acontecendo na sua vida no momento, com o lance da sua irmã e a sua volta para a cidade...

– Eu não voltei para a cidade, Romey.

Ela afasta as minhas palavras com um gesto de mão.

– Isso é detalhe. Marla adora guardar rancor, e você ficou tanto tempo longe que já pode ser considerada uma turista.

Meu estômago afunda com a ideia de não pertencer mais a este lugar. *Se ao menos essas pessoas soubessem quantas vezes eu quis estar aqui.* Como eu planejava jamais deixar a cidade depois de voltar da academia de polícia.

– Ela saiu daqui e começou uma vida badalada sem a gente – comenta Cortez, parando ao meu lado.

Ele pisca para mim com aquele sorriso torto que, tenho certeza, lhe garante muita atenção por aqui.

Romey alterna o olhar entre nós, sorrindo.

– Vocês dois teriam filhos lindos.

Cortez me encara sorrindo, só esperando a minha reação.

Nunca me imaginei tendo filhos com ninguém. Mesmo quando os meus planos incluíam ficar em Fiasco, isso parecia uma decisão distante. Eu queria construir uma carreira, me estabilizar e só então decidir se essa escolha fazia sentido para mim. Agora, qualquer caminho parece incerto demais para sequer considerar a possibilidade.

– Ter filhos não combina exatamente com meus planos de vida nem com a minha carreira – digo em um tom brincalhão.

Romey me dá um sorriso condescendente enquanto corta dois pedaços pequenos do bolo que vende.

– As meninas do Tentação estavam falando em pedir pra você dar uma aula de dança.

– Sério?

Fico surpresa. Nunca me pediram isso antes. Sempre achei que não fosse o tipo de dança que gostariam de ver, muito menos aprender, em uma cidade pequena.

– A Mable é capaz de ensinar balé de olhos fechados, mas não faz ideia de como rebolar ou se soltar na dança.

– Foi a Srta. Mable que me ensinou a dar os primeiros passos de dança – respondo, lembrando de como sempre gostei de dançar.

– Agora ela está dando uma aula de ioga para nós, da terceira idade, aos sábados. Você deveria dar uma passada lá. – Ela cutuca meu cotovelo e balança as sobrancelhas. – Aí pode mostrar pra gente alguns desses movimentos que ouvi por aí que você faz.

Não consigo conter um sorriso, quando imagino como seria.

– Vou pensar.

Ela leva a mão ao lado da boca, como se fosse falar um segredo.

– E quanto a ter filhos... cada um sabe de si. Só sei que aquelas meninas Foxx não param de falar de você. – Romey aponta para trás de mim. – Não foi só a sua dança burlesca que chamou atenção por aqui.

Quando olho por cima do ombro, para onde ela indicou, Lark Foxx está encostada na arquibancada, me observando. Duas fileiras acima, Lily aponta para a enorme bola de chiclete que está fazendo, os olhos arregalados. É impossível não sorrir para elas.

– Vou lá falar com aquelas duas.

Aceno para me despedir de Romey e sigo em direção à arquibancada, mas Cortez para antes de chegarmos e apoia os braços na cerca.

– Quero que saiba que conseguimos convencer Blackstone a cooperar.

Aquilo captura a minha atenção na mesma hora. Imito a postura dele e pergunto em voz baixa:

– E ele está cooperando com o quê?

– Ainda não posso falar. Mas é exatamente o que esperávamos que fosse acontecer. Você montou um caso sólido contra ele... o homem estava envolvido com umas coisas bem pesadas. Tráfico de drogas, de animais exóticos, e uma quantidade preocupante de encontros com universitárias que mal chegaram à maioridade. É uma lista longa.

– E você está me dizendo que ele não era o alvo principal?

Ele balança a cabeça lentamente, enquanto olha ao redor.

– Um peixe maior?

– Alguém com alcance maior – responde Cortez.

Ele endireita o corpo e acena para um peão que se aproxima.

– Cortez, por que você está me contando isso agora? Eu venho pedindo essas respostas faz tempo. – Solto o ar, frustrada. Estou cansada de evasivas – Vai me dizer no que minha irmã está metida ou não?

Sigo o olhar dele até o outro lado da arena. E lá está Maggie, conversando com Wheeler Finch enquanto mexe no celular. Ela parece exatamente a Maggie Calloway que eu conhecia antes de ir embora. Cabelo loiro caindo em ondas pelas costas, calça jeans muito justa e um suéter azul curto que destaca o batom vermelho. Maggie sempre foi a Calloway mais extrovertida, sempre se metendo em encrenca – era pega bebendo em jogos de futebol do colégio; parada pela polícia porque estava dirigindo chapada –, mas sempre dava um jeito de escapar de consequências mais sérias. *Acho que agora a conta chegou.*

Não é a primeira vez que me pergunto como ela se envolveu com a Finch & King. Pelo que todos dizem na cidade, Maggie é desenvolvedora de sites e foi responsável pelas páginas do Tentação e do Foxx Bourbon. Mas sei que ela faz muito mais do que isso para a família Foxx. E talvez isso também valha para a família Fish & King.

Cortez solta o ar quando Maggie deixa a conversa de lado e começa a caminhar na minha direção.

Uma risadinha ao meu lado chama a minha atenção.

– Ela é uma vagabunda. Ouvi dizer que tá trepando com os dois – diz a morena, meio bêbada, em tom de fofoca.

A amiga ri.

– E é interesseira também. Aposto que faz *mais* do que só mexer com dinheiro. Dizem que pagou boquete em um policial para sair da cadeia.

A raiva explode no meu peito e me viro para encarar as duas. Dá para perceber que Maggie está ruminando alguma coisa pelo jeito como a postura dela muda. Ela ouviu. Há alguns minutos, minha irmã parecia totalmente à vontade, relaxada, conversando com um dos peões de rodeio. Odeio saber que ela acabou escutando as asneiras vindas da mente fechada de algumas pessoas dessa cidade. *Cretinas do caralho*.

Meu telefone vibra.

BLACKSTONE

Você tem escondido alguns segredos de mim, Rosie. Não estou mais interessado em relevar nenhum deles.

ROSIE GOLD

Parece que você também tem guardado segredos, e de muita gente.

BLACKSTONE

Eu gostei dos nossos momentos juntos. Toma cuidado. Tem muita gente observando, Rosie. Mas você adora isso, né? Ser observada?

ROSIE GOLD

Eu diria pra você ir se foder, mas nós dois sabemos que você gosta desse tipo de coisa.

BLACKSTONE

Não me provoca, Rosie.

ROSIE GOLD

... mas esse é o meu trabalho, Brock. E agora parece a hora certa pra dizer adeus.

Bloqueio o número e guardo o celular no bolso. No momento, Blackstone já tem gente suficiente prestando atenção em cada passo que dá. Ele é a menor das minhas preocupações. E, por mais que ainda possa ser uma bomba-relógio, já que está em Fiasco, sei que o FBI tem o bastante para mantê-lo sob controle.

Cortez arrasta os pés. Quando olho de volta para ele, está encarando o chão, ponderando o que vai dizer. Ele começa:

– A gente deveria conversar sobre...

– Cortez, seu filho da puta. – Um dos peões de montaria se aproxima de onde estamos encostados, em um passo despreocupado, e o interrompe.

Isso funciona como a distração perfeita para eu pegar o que quero, plantar o que preciso e ainda ter tempo de devolver tudo.

Mas a morena que está mais próxima de mim chama minha atenção quando solta um suspiro ofegante e dispara:

– Meu Deus, falando em chupar alguém... Juro pra você, se quiser transar bem gostoso, é só dar uma passada naquela destilaria e procurar você sabe quem.

Meu estômago se aperta quando escuto isso. Essas duas mulheres passaram de falar mal da minha irmã para louvar os méritos sexuais do homem com quem acabei de passar uma noite inteira. Tenho que rir por dentro, senão vou acabar me sentindo uma idiota. Porque eu estava justamente naquela destilaria, sendo muito bem comida. *Puta que pariu*. Eu não deveria sentir nada ouvindo isso. A parte lógica do meu cérebro sabe que eu e Lincoln somos dois adultos agindo em comum acordo, e que o que ele fez antes de mim ou escolher fazer depois é irrelevante.

– Já volto – murmuro para um Cortez distraído.

Olho para onde a minha irmã estava. *Aonde ela foi?*

25

LINCOLN

– Você tá parecendo um caubói com esse chapéu, pai – diz Lily, com os braços cheios de coisas.

Ela coloca a língua para fora para pegar uma pipoca do balde temático que custou uma fortuna.

Sorrio e toco a aba preta de camurça do chapéu em agradecimento pelo elogio.

Laney encosta o ombro no meu e começa a dizer:

– Eu sei que vocês são cavaleiros e meninos do bourbon, mas com esses chapéus e aqui dentro dessa arena, vocês três são...

Ela interrompe o que ia dizer e começa a rir quando Grant a levanta pela cintura e a coloca do outro lado dele na arquibancada.

– Se importa de parar de dar em cima da minha mulher só para variar?

– Ah, qual é – respondo, abrindo os braços. – Laney, é melhor você parar de dizer que eu sou o mais bonito e que se contentou com o Grant... – Um soco acerta minhas costas. – Ai, inferno. Vai se foder você também, Ace.

– Pai! – grita Lily com a boca cheia de balas PEZ. – Já são vinte hoje.

Esfrego a parte de trás do ombro.

– Onde você arrumou essas balas PEZ?

Ela revira os olhos e dá de ombros.

– Em casa. No meu estoque de emergência para grandes eventos. Você sabe que eu preciso delas quando tem muita gente.

– Sim, filha. Eu sei.

Sorrio. Isso foi uma coisa que inventamos alguns anos atrás para ajudar Lily a se sentir corajosa. Combinamos que, se fosse preciso, ela poderia comer as balas PEZ para ganhar superpoderes. Ou, pelo menos, dar a ela um tempinho para encontrar coragem para enfrentar qualquer coisa difícil.

Olho de relance para Lark. Sei que ela não sabe muito bem o que pensar sobre esse meu lance com Faye. Para ser sincero, também não sei bem o que dizer.

Percebo como ela está quieta e fico observando-a. Ela tem andado mais calada na última semana. Conheço minhas meninas melhor do que a mim mesmo. Quando Lark fica quieta é porque está remoendo alguma coisa. No primeiro ano depois que a mãe delas morreu, ela quase não falava. Mas eu também não perguntava muito, e isso foi culpa minha. Não vou falhar com elas como falhei com Olivia.

– Lark – chamo.

Ela se vira e me dá um sorriso contido. *Sim, tem alguma coisa errada*. Faço um gesto para ela se aproximar.

Ace pergunta a Lily:

– Lily, quanto o seu pai já te pagou por todos os palavrões?

Ela sorri e os lábios azuis por causa do algodão-doce que acabou de comer me provocam um aperto no peito. Lily parece estar feliz hoje.

– Bem, a gente gastou uma boa parte do dinheiro do cofrinho com a Dottie.

Ace ri.

– Ah, claro. E como está a vaca Dottie?

– Ela está passando mais tempo com Hal até a gente resolver a questão do celeiro – digo a ele.

Lily se senta do outro lado de Ace e começa a falar sobre o tipo de feno que ele dá para os cavalos dele e se é o mesmo que ela deveria dar para a nossa vaca.

Um movimento de cabelo loiro e uma jaqueta jeans com os dizeres *Esse não é o meu primeiro rodeio* nas costas chamam a minha atenção. Meu pulso acelera enquanto penso em todas as formas como me deliciei com o corpo dela.

A camiseta do Red Hot Chili Peppers de Lark bloqueia minha visão.

– O que você quer, pai? – pergunta Lark.

– Queria te perguntar uma coisa. – Inclino a cabeça, convidando-a a se sentar ao meu lado. – Na verdade, duas.

Ela levanta os pés e os apoia na arquibancada da frente, os tênis Converse decorados com rabiscos e desenhos de personagens em formato de comidas.

– Eu encomendei a decoração da festa do pijama. Deve chegar qualquer dia desses. Você só precisa me dizer que tipo de comida prefere, a não ser que queira ir comigo comprar.

Ela assente e diz:

– Tá bom, eu vou com você.

A pergunta para amaciar não teve o efeito que eu esperava.

– Você tá quieta hoje – comento, encostando o joelho no dela. – Talvez não só hoje. Quer me contar alguma coisa?

Lark se inclina para a frente e apoia os braços cruzados nos joelhos enquanto observa a multidão que veio ver o rodeio.

– Você olha muito pra ela – diz, os olhos fixos na mulher que eu estava encarando.

Não tinha me ocorrido que Faye pudesse ser o motivo do silêncio de Lark, mas deveria ter considerado essa possibilidade. Olho ao redor do nosso grupo. Todo mundo está concentrado nas próprias conversas, nos dando um momento só nosso.

– Isso te incomoda? Eu olhar para alguém... ou gostar de alguém novo?

Sinto um súbito nervosismo enquanto observo minha filha, tentando entender a reação dela e se vou ter coragem de continuar.

– Não sei – responde Lark, o cenho franzido, realmente pensando na pergunta. – Acho que me acostumei a sermos só nós três. Nunca tinha pensado em você olhando para alguém que não fosse a mamãe.

Passo o braço ao redor dos ombros dela e me aproximo mais.

– Eu entendo.

– Quer dizer, eu sei que as mulheres da cidade gostam de você... – Ela faz uma careta exagerada que me faz rir. – Mas você nunca olha pra elas. Não do jeito que olha pra Faye.

Palavras maduras demais para alguém que está crescendo rápido demais.

– Você tá certa, meu amor. Eu tenho olhado pra Faye.

– Ela é muito bonita – afirma Lark, observando Faye encostada na cerca.

– É sim. – Sorrio e me inclino mais para perto dela. – E inteligente. E acha vocês duas incríveis.

Lark se vira para mim.

– Você disse que ela é inteligente, então é lógico que ela acha. – Sorrio, enquanto vejo vários pensamentos passando pelos olhos da minha filha, que observa o meu rosto com atenção. – Você é a melhor pessoa que eu conheço, pai. Só tô tentando entender como isso funciona.

Puxo ela para mais perto, tentando conter a emoção que ouvir minha filha dizer que eu sou a melhor pessoa que ela conhece provoca. Cara... às vezes essas coisas acertam a gente direto no peito.

– Isso o quê?

Lark suspira.

– A vida.

Solto uma risada.

– Se descobrir, me conta tudo em detalhes depois?

Ela encosta a cabeça em mim e deixamos a piada pairando no ar enquanto os palhaços do rodeio entram pelos portões principais.

– Não sei o que vai acontecer, Lark. A vida já deu umas enrabadas na gente, não deu?

Lily se inclina para a frente, apontando para mim.

– Cofrinho dos palavrões, pai.

Lark começa a rir e sussurro para ela:

– Na boa, como é que ela conseguiu ouvir?

Algumas meninas do time de softbol de Lark se aproximam da arquibancada perto da área de saída dos touros. Aperto o ombro dela e digo:

– Você e a sua irmã são tudo para mim. Sempre foram e sempre vão ser. E prometo que não importa para quem eu olhe, isso não vai mudar.

Os olhos dela ficam marejados enquanto ela assente em resposta, e os meus também.

– Vou lá ficar com as minhas amigas. Tudo bem?

– Claro.

Sorrio quando ela se levanta para ir.

– E, pai – chama Lark antes de se afastar mais. – Ela olha pra você também. Quando você não tá olhando, Faye sorri quando olha pra você.

Dou outra olhada na direção dos cercados dos cavalos e não sei por que isso me surpreende. Sei que Faye se sente atraída por mim. É impossível não ver ou sentir a química entre nós, mas ouvir essa observação vinda de Lark tem um peso diferente.

Um tapa no meu ombro me traz de volta à realidade.

– O que eu perdi? Por que você está com essa cara? – pergunta Hadley, se jogando no assento vazio ao meu lado. Ela estala os dedos na frente do meu rosto. – O que aconteceu? Achei que o Ace fosse surtar antes de você, Linc.

Aperto a bochecha dela, que começa a rir.

– Hadley Jean – brada Griz. – Trate de se comportar aí.

Em um tom monótono, Ace diz:

– Isso, Hadley, se comporta.

– Agora você quer que eu me comporte? – Ela inclina a cabeça. – Tá ficando mais mole na velhice, papai?

Ace se levanta como se estivesse sentado em brasas e começa a descer os degraus de metal.

– Para com essa merda de "papai", Hadley.

Ela sorri e ergue as sobrancelhas.

– Por quê? Isso mexe com você?

Griz está praticamente gargalhando com a cara enfiada no copo de café.

Ace olha para os portões de metal e eu vejo o momento em que ele decide que não vai simplesmente ir embora dessa vez. Seu olhar passa por uma fileira de mulheres ali perto, um grupo carinhosamente conhecido como "marias-rodeio". Mulheres que gostam de uma pegação com os caubóis. Algumas observam a cena quando Ace volta a encarar Hadley.

Balanço a cabeça em negativa. Ace vai tirar ela do sério – algo que ele raramente faz, mas, agora, acho que Hadley foi longe demais.

– Hadley – diz Ace. – Não sinto absolutamente nada quando você fala essas coisas. Só acho constrangedor o esforço que você faz. – Faço uma careta quando ele desce mais um degrau antes de acrescentar: – E eu posso ser mais velho que você, querida, mas não tem nada de mole em mim.

Ele inclina a cabeça na direção das mulheres.

– Pode perguntar para algumas delas amanhã.

– Puta merda – deixo escapar, então me inclino para a frente, com os cotovelos apoiados nos joelhos, e me viro para Hadley.

O rosto dela está vermelho, e não sei se a minha amiga está prestes a chorar ou a explodir.

– Quer dar uma volta?

Ela me ignora, ainda encarando Ace.

– Querida?

Solto uma risada.

– Talvez ele tenha cansado do seu "papai".

– Mas *querida*? Tipo, eu aceitaria princesa, ou até meu bem... – Ela se recosta na grade de metal atrás de nós, completamente atordoada. Do alto da arquibancada, dá para ver o estádio inteiro. – Esse não era o nome de um dos cavalos dele?

Agora que estou parando para pensar...

– Era. A égua do Ace quando ele era criança se chamava Querida.

– Ótimo, uma égua morta. Acho que deve ser o que eu mereço.

Cutuco de leve o joelho dela.

– Você tá bem?

– Eu sempre tô bem. É com você que eu tô preocupada.

Olho além dos portões, na direção das barracas de comida. Uma loira de curvas generosas, chapéu de caubói, vestido quase inexistente e botas de vaqueira roxas captura toda a minha atenção. Ela e o policial fortão ao seu lado.

Hadley acompanha o meu olhar.

– Eu sabia.

– Sabia o quê? – pergunto, tentando fingir que ela ainda não percebeu o que está acontecendo.

Que estou de quatro por uma mulher que é um alerta vermelho ambulante.

– Você e a Faye. Achei que fosse só a novidade. E, bem, você é um galinha. Então... – Ela ri quando belisco o seu braço. – Ai, seu babaca!

– Hadley, cinco dólares – grita Lily do outro lado, agora sentada com o tio Grant e a tia Laney.

– Coloca na minha conta, Lily.

Solto uma risada e balanço a cabeça.

– Você sabe que ela realmente tem uma conta sua. Está na geladeira. Você deve mais de trezentos dólares.

– O que elas estão fazendo com todo esse dinheiro?

– Financiando uma minifazenda. Já te falei que a Lark deixou um panfleto do Hooch's para mim? Gatinhos. Elas querem gatinhos para aumentar a coleção.

– Você já tentou dizer não?

Ela ergue as sobrancelhas, porque sabe muito bem que isso não é meu forte.

Eu a encaro com firmeza.

– Quero ver você tentar. Essa é a única coisa que minhas filhas herdaram da Olivia além dos cachos loiros. Eu nunca conseguia dizer não para aquela mulher. Juro, estou criando duas pequenas golpistas.

– Faz sentido.

Uma voz ecoa pelo alto-falante: *SENHORAS E SENHORES, BEM-VINDOS À*

NOITE PRO-AM DO RODEIO DE FIASCO! TODA A RENDA DE HOJE SERÁ DOADA...

Ela cutuca meu joelho.

– Parece que tá uma confusão danada nessa sua cabeça. E talvez não tenha nada a ver com a mulher para quem você não para de olhar lá embaixo, mas sei reconhecer aquele brilho de sexo gostoso, Linc. E você está irradiando isso.

Olho para ela, sorrindo, sem entregar nada. Não sei o que estou pensando agora. Depois daquela conversa com Lark e agora essa...

– Beleza – diz Hadley, pensativa. – Não leva a mal o que eu vou dizer.

– Você sabe que quando fala isso o efeito é o contrário.

Ela coloca uma pipoca na boca.

– Lincoln, você é muito bom em fazer as pessoas acreditarem que está feliz. Mas esquece que eu te conheço. Lembro muito bem da expressão no seu rosto no dia do seu casamento. E também quando suas filhas nasceram. Assim como sei quando você está flertando com alguém que mal te interessa. Daqui a anos, vou lembrar da sua expressão quando você olha para Faye Calloway.

Olho para a minha melhor amiga, e sei exatamente o que ela quer dizer.

– Eu dormi com ela.

Hadley dá um tapa no meu braço.

– Eu sabia! Foi bom? Aposto que foi absurdo de bom.

– Xii. Dá pra falar mais baixo? – digo, rindo. Como não consigo parar de sorrir, passo a mão pela boca e respondo: – Foi bom pra cacete. Não consigo parar de pensar nisso. Nela.

Meu olhar se desvia novamente para Faye. *O que ela tá aprontando agora?* Parece que ela sente o meu olhar, porque vira a cabeça e olha por cima do ombro. Leva um segundo para ela me encontrar na multidão. Quando isso acontece, aquele sorriso lindo de canto faz meu coração bater forte e meu corpo reagir na hora.

– Nossa, olha só pra ela.

Hadley concorda e assente com exagero.

– Ah, eu tô olhando. Tenho um crush enorme nela. Não conta pra Laney. – Minha melhor amiga sempre soube aliviar o clima enquanto faz as perguntas óbvias. – Então é só isso? Uma paixãozinha e diversão por um tempo?

Passo o polegar pelo meu dedo anelar vazio. Minha vida é complicada. Tenho duas filhas e um mundo inteiro de amor e dor antes de Faye aparecer. Mas, droga, eu gosto que ela esteja na minha vida agora. Não preciso esconder isso de Hadley.

– Pode ser a melhor coisa que já vivi. Não sei se quero deixar algo assim passar.

Hadley encosta em mim, sorri e estende o punho fechado. Encosto o meu no dela e seguimos com o nosso cumprimento de dedos entrelaçados e batidas de cotovelo.

Volto novamente a atenção para Faye, que observa duas mulheres ao lado enquanto Cortez conversa com um peão. Então ela desliza a mão até o bolso traseiro dele e pega o celular. Fico boquiaberto.

– O que ela tá... – digo baixinho pra mim mesmo.

Faye mexe no aparelho por um instante e o devolve para o bolso dele. Cortez nem percebe. Essa mulher fica cada vez mais interessante.

Laney me chama do outro lado da arquibancada:

– Ei, Lincoln, tudo bem se a gente levar as meninas pra dormir lá em casa hoje? Acho que a Julep tá com saudade da Kit.

– Vão levar a cachorra também?

Laney olha para Grant, que beija o topo da cabeça dela.

– Sim, a Kit também – responde ele.

– Não se importa de perder a festa na destilaria, irmão?

Grant faz um gesto despreocupado, como se fosse óbvio que não se importa.

– No momento em que a Lark mencionou alguma coisa chamada salada de balas pra Laney, eu já sabia que nossos planos tinham mudado. – Um sorriso ilumina seu rosto. – Minha garota vai estar comigo. Então tô de boa.

Gosto de como isso soa – *minha garota*. Abaixo os olhos para a mulher linda que entrou na minha vida de novo, e penso... *minha*.

26

FAYE

– Maggie, espera – chamo.

Ela continua andando como se não me ouvisse e apressa o passo em direção aos estábulos, onde os cavalos estão sendo preparados e deixados impecáveis para as provas de três tambores.

– Você sabe que mulheres como aquelas só fofocam porque a vida delas é chata pra caralho, não sabe?

Ela gira na minha direção e a sombra de um sorriso começa a curvar os seus lábios antes de desaparecer.

– Que mulheres?

Não consigo evitar sorrir.

– Maggie! – grita uma mulher na primeira baia. Ela acena com entusiasmo e Maggie segue na sua direção. – Por favor, me diz que essa é a Faye.

Sorrio com educação quando nos aproximamos. A mulher, de cabelo preso em uma trança francesa bem apertada caída sobre o ombro, está ajustando a correia da sela. Dá para perceber que ela vai competir na prova de três tambores esta noite. A calça jeans azul-escura e a camisa de um laranja intenso com

logotipos estampados no ombro e no peito entregam que ela faz parte do circuito profissional, não do amador.

– Faye, sua irmã me contou um pouco sobre a irmã mais velha descolada dela.

Ela sorri para Maggie, e, pela troca de olhares entre as duas, fico me perguntando quanto disso foi um desabafo sobre eu ter ido embora. Também me pergunto qual o nível de intimidade entre as duas.

Sorrio com o elogio.

– Prazer te conhecer.

A mulher tira a luva de montaria e estende a mão. Em vez de pressionar Maggie por mais detalhes sobre quem ela é, deslizo a mão pela lateral do pescoço da égua Appaloosa.

– Ela é linda.

– É mesmo. – A mulher olha de relance para Maggie antes de dizer: – Vi Shelby Calloway montar quando era criança. Ela fazia aquelas curvas como ninguém. Ainda estou tentando entender como ela conseguiu cravar aqueles tempos. – Ela balança a cabeça. – Tô sentindo que você tá louca pra me dizer o que eu tô fazendo errado, Maggie.

– Você tá mudando a direção do peso do corpo cedo demais. – Maggie beija o focinho da égua, logo abaixo da focinheira. – Isso faz com que ela abaixe os ombros quando entra na curva.

Ergo as sobrancelhas ao ouvir a orientação. O jeito como ela fala me lembra a nossa mãe. Primeiro observa, depois faz um pequeno ajuste que faz toda a diferença.

– Viu? Eu sabia que você ia perceber na hora onde eu estava errando – diz a competidora, sorrindo para Maggie.

O sino toca na arena, e, na mesma hora, a voz do locutor anuncia os nomes das competidoras profissionais da noite.

Enquanto monta no cavalo, ela diz:

– Foi um prazer te conhecer Faye. Espero ver vocês duas na festa da Foxx Bourbon mais tarde.

– Talvez – responde Maggie, enfiando as mãos nos bolsos de trás.

Minha irmã tem um sorriso largo no rosto enquanto olha a competidora trotar em direção à arena.

– Você gosta dela – afirmo, vendo a forma como Maggie parece relaxada, talvez até satisfeita, pela primeira vez desde que cheguei.

– Eu gosto de como ela monta – responde Maggie. – Ela é boa. Talvez até

melhor do que a mamãe era. – Minha irmã solta o ar. – Por que ela parou de montar?

Respondo baseada no que eu sei:

– Acho que ela queria ser mais... mãe, cuidadora. Bater recordes em rodeios não era tão importante assim. – Fico olhando os cavalos se movendo pela arena, os peões caminhando com aquele passo largo e a multidão gritando e aplaudindo cada um deles. – Acho que ela estava atrás de um tipo diferente de felicidade.

– Que com certeza não encontrou com o Tullis – diz Maggie, e acena para outro grupo de competidores. – Foi ele quem disse que o jeito como ela treinava cavalos não era profissional. Dá para acreditar numa merda dessa? Um riquinho babaca teve a audácia de dizer isso pra ela?

– Eu não sabia disso.

Me sinto desconfortável por não saber desse detalhe.

Ela olha na direção da aglomeração perto da entrada principal – onde as pessoas se juntam ao redor das mesas e fazem fila para comer – como se estivesse procurando alguém.

– Bom... – diz com um suspiro – tem muita coisa que você não sabe.

– Maggie, eu sei que você não entende por que eu fui embora.

Ela solta uma risada sem humor.

– Faye, eu sei exatamente por que você foi embora.

Enquanto caminhamos, procuro em seu rosto qualquer sinal de que o que vem a seguir não é a verdade.

– Eu não deveria estar lá, mas estava… – diz Maggie, olhando direto para mim.

– Onde? – pergunto, parando no meio do caminho.

As pessoas passam ao nosso redor.

– A mamãe não estava em casa quando voltei para buscar minha identidade falsa. Eu ia encontrar uns amigos no bar e tinha esquecido o documento em casa. – Ela balança a cabeça e sinto o estômago apertado. – Não acredito que estou te contando isso aqui, no meio dessa gente toda.

Ela me pega pelo braço e me puxa para longe da multidão. Depois de olhar mais uma vez por cima do ombro, continua:

– A mamãe chegou com o Tullis naquela noite, mas o Waz estava com eles. Os três estavam na cozinha.

Me afasto um pouco para encará-la. *Como eu não sabia disso?*

– Fiquei sentada no topo da escada e não me mexi quando ouvi o Waz gritar primeiro com o Tullis, depois com a mamãe. Eu sabia que ela e o Tullis andavam

discutindo sobre alguma coisa relacionada ao treinamento, mas aquilo parecia diferente. A mamãe disse que sabia o que eles estavam fazendo e que não podia permitir que continuassem. Aí ela gritou. Ouvi alguma coisa pesada cair no chão. E depois ficou tudo em silêncio. Eu continuei completamente imóvel, sem fazer barulho. – O rosto de Maggie está corado e a emoção parece mais intensa quando ela continua: – O que ouvi em seguida foi Waz ameaçando a mamãe. Ele disse que, se ela falasse uma única palavra sobre aquilo, acabaria igual ao irmão dele. E que não seria ela engasgando com o próprio sangue no chão da cozinha... seriam as filhas dela primeiro. Depois ela.

Solto um arquejo e levo a mão à boca, enquanto meus olhos ficam marejados. Não estou entendendo mais nada – Maggie só pode estar enganada. Não havia nenhum sinal de que mais alguém estivesse lá. E a mamãe não disse nada quando eu cheguei...

Maggie enxuga as poucas lágrimas que escorrem pelo seu rosto antes de voltar a falar:

– Eu não conseguia me mexer. Não queria ver o que tinha feito ela gritar daquele jeito, mas sabia que tinha sido o Tullis. Não sei quanto tempo passou, mas aí você entrou. E sabe muito bem o que aconteceu depois.

Fico zonza ao ouvir aquilo. Como ela nunca disse nada? O que estava acontecendo para justificar que Waz matasse o próprio irmão e deixasse uma testemunha?

– Você chegou a falar...

Mas ela balança a cabeça, as lágrimas voltando a escorrer antes mesmo de eu terminar a pergunta.

– A mamãe não disse uma palavra. E eu não sabia como tocar no assunto. Quando você foi embora, ela se fechou por um tempo. Mas depois começou a sair com o Griz e voltou a ser a mesma de antes. Então deixei pra lá. Tentei olhar para a frente, não para o passado. – Maggie pigarreia. – Ela estava feliz... por um tempo, ela estava feliz. Até que se foi.

Solto o ar, tentando assimilar o que minha irmã acabou de contar. Não foi assim que eu vi tudo na época. Não havia sinais de que mais alguém tivesse estado lá. Ou talvez houvesse, mas eu só conseguia enxergar a minha mãe. Fico ansiosa, e de repente me sinto enjoada. Penso no que isso pode significar para ela, e tudo o que sinto se transforma em uma raiva protetora.

– Você sabe de tudo isso e, mesmo assim, está trabalhando pra ele? Pro Waz e pro Wheeler? Em que tipo de merda você se meteu pro Waz ter te espancado daquele jeito, Maggie?

Ela me lança um olhar furioso e cruza os braços. Parecendo frustrada, rebate no mesmo tom irritado:

– Está fazendo as perguntas erradas, Faye. Você voltou para a cidade tão decidida a ser a salvadora, a protetora, que nem parou para pensar que talvez houvesse mais coisa por trás disso tudo.

Esfrego o pulso e tento não ficar na defensiva, porque ela está certa. Então mordo a língua e deixo que continue.

– Eu não fui contratada para desenvolver sites. Eles queriam que eu usasse minhas habilidades com código e números. Que mexesse nos sistemas de apostas paralelas, manipulando as probabilidades. Já venho fazendo isso há um tempo. – Maggie muda de posição, cruza os braços de novo e olha ao redor, antes de concluir: – Era uma forma de tentar pegar o Waz. Eu estava desviando dinheiro extra para a conta dele. Eu queria que desse a impressão de que ele estava tirando dinheiro por fora. Desviando uma parte do Wheeler Finch. Mas aquele filho da puta percebeu. Eu disse que tinha sido um erro, mas tenho certeza de que ele não acreditou. E fez questão de deixar bem claro que o meu "erro" não ia se repetir. – Ela solta um suspiro e balança a cabeça. – E agora esses rumores sobre cavalos sendo dopados e abatidos... – Os olhos de Maggie ficam marejados diante da ideia. – Tá vindo chumbo grosso por aí, Faye. – Ela passa a mão embaixo dos olhos, para disfarçar a emoção.

Maggie se enfiou em uma situação perigosa. Waz King é mais do que um idiota ou um babaca qualquer. O homem é um monstro. Matou o próprio irmão a sangue-frio. Ameaçou minha mãe. Agora minha irmã. Bater em uma mulher é fácil para alguém assim.

Maggie me dá um meio sorriso e algo naquela expressão cheia de orgulho me faz parar e juntar as peças. Ela não vai deixar isso acontecer de novo – e precisa de ajuda. Então tudo faz sentido.

– É por isso que você tá falando com o Cortez, não é? – Puxo ela para mais perto, impedindo que se afaste. – Maggie, responde.

Mas ela apenas dá de ombros.

– Mais de uma pessoa é capaz de fazer o que acredita ser certo, Faye.

Quando o berrante soa, a plateia vai ao delírio. A amiga de Maggie acena para ela ao lado do portão. Quando minha irmã me dá as costas, a parte que ainda não entendo escapa de mim, porque preciso saber:

– Maggie – chamo, e ela olha para mim por cima do ombro. – Sobre o que eles estavam discutindo? Naquela briga entre a mamãe, Tullis e Waz?

Ela ergue o queixo e responde:

– É isso que ainda estou tentando descobrir.

27

FAYE

FOXX

Vi que a Lily roubou meu celular. Valeu por distrair ela. Acho que preciso mesmo mudar a minha senha.

Onde você se meteu, doçura?

Cortez também perguntou se eu tinha te visto. Deu o fora nele de novo? O cara deve ser péssimo.

Vou estar na casa do Ace hoje à noite depois do rodeio. Quero te ver.

Não sei como responder. Minha mente está completamente tomada pelo que Maggie me contou. Passei o rodeio todo sentada em uma cabine do banheiro, com a sensação de estar paralisada. Cortez me ligou duas vezes, mas eu não tinha ideia de como lidar com ele. Tem mais coisa nessa história, mas de uma coisa eu tenho certeza: se o FBI está atrás de alguém, não é só de Waz King. Ele vem com

o pacote completo. E isso me faz lembrar do que Cortez disse, “alguém com alcance maior...”

Repassei cada detalhe daquela noite na mente e, em nenhum momento, considerei a possibilidade de alguém além da minha mãe ter esfaqueado Tullis. Minha mente está entrando em parafuso com isso e com o fato de que acreditei em uma coisa completamente errada pelos últimos cinco anos. Sinto um aperto no coração e um embrulho no estômago. Então, digo exatamente o que quero quando respondo à mensagem.

FAYE

Também quero te ver.

Pode até ser que a cidade inteira não esteja espalhada pela casa e pelo terreno de Ace e Griz Foxx, mas, que parece, parece. Passo as mãos pela camiseta longa presa por um cinto, que já usei muitas vezes como vestido no palco, mas que aqui parece curta demais. Tiro a jaqueta quando entro e a entrego ao serviço de chapelaria, bem formal. Minhas botas roxas de vaqueira favoritas não são apropriadas para um rodeio, mas em uma festa pós-evento cheia de testosterona e de mulheres loucas por atenção, pode apostar que vou usá-las.

Todos os cômodos por onde passo estão cheios de chapéus de caubói, mas estou procurando por um tipo muito específico de colírio para os meus olhos. Especificamente, um caubói de óculos e com as covinhas mais lindas. Na cozinha enorme, vejo um grupo maior de peões reunido, tomando bourbon, enquanto Griz faz todo mundo dar risada. Seu bigode branco e espesso se curva para cima e ele se deleita com cada segundo de atenção. Dá para entender por que minha mãe se sentiu atraída por ele. Griz é um senhor bonito, mas também é do tipo que domina o ambiente. Puro charme e carisma – e Lincoln tem exatamente a mesma presença.

Atravesso o cômodo seguinte, sigo para a área externa e, olhando ao redor, parece uma festa cenográfica. Só que essa está recheada de caubóis de rodeio, bourbon e um leve toque de sensualidade no ar. Como se ninguém fosse sair dali sem beber alguma coisa boa e sem uma promessa de sexo. Para ser sincera, eu também quero as duas coisas.

Vejo Hadley sentada no bar ao ar livre, cercada por um grupo de homens. Sorrio e penso na facilidade com que ela se tornou uma amiga.

– Olha ela ali. Faye! – Hadley acena para que eu me aproxime. – Essa é, de

longe, a dançarina burlesca mais talentosa... – Ela se inclina para mim e continua: – Desculpa desde já por te constranger. – Então endireita o corpo e completa: – E a mais sexy que eu já vi. Se vocês nunca foram ao Midnight Proof, essa é a deixa para ver a Faye antes que ela nos deixe.

Sinto uma certa angústia diante da ideia de deixar tudo isso.

Um dos caras fala em voz alta:

– Ela está aqui agora... que tal uma prévia, benzinho?

Nunca entendi por que ser o centro das atenções enquanto danço é tão poderoso, mas é. Há muitas formas de distorcer isso, mas, na verdade, é só algo que me faz bem.

Sorrio para o homem que deu a ideia.

– Acho que vou precisar de um drinque primeiro.

Hadley me estende um copo com uma pedra de gelo e pelo menos dois dedos de bourbon. A cor âmbar é um pouco mais clara do que a garrafa que provei com Lincoln, mas ainda assim quero um gole. Quando estico a mão para pegar, um braço surge por trás de mim – o cheiro de carvalho e cereja ácida faz com que eu queira me inclinar para aquele abraço que já conheço tão bem, antes mesmo de ele tirar o copo da minha mão.

Lincoln pigarreia antes de falar com o pequeno grupo ao redor do pátio pouco iluminado:

– Na verdade, Faye prefere beber bourbon de outra forma.

Inclino a cabeça para trás a fim de olhar para ele e... inferno, não consigo evitar sorrir com a insinuação. As mangas compridas arregaçadas revelam o começo da tatuagem que desce pelo braço dele, e preciso conter um gemido de prazer ao vê-la. Conheço aquela tatuagem. Sei onde ela começa, onde termina e o que significa. E quase derreto de vez diante das covinhas marcadas enquanto ele leva o copo à boca.

Pego o copo de volta antes que toquem os lábios de Lincoln.

Pelo canto do olho, vejo uma das mulheres que estavam falando perto dos portões, no rodeio – a mesma que insinuou que poderia tê-lo se quisesse. *Acho que não. Nesse momento, Lincoln Foxx é meu.*

Eu funciono bem com plateia e estou me sentindo ousada – e um tanto vingativa.

Me afasto do calor do corpo de Lincoln, que está colado às minhas costas, me viro para ele e ergo o copo.

– Isso aqui tem gosto do 1910, mas talvez você possa confirmar o meu palpite, Foxx.

Ele dá um sorrisinho presunçoso, enquanto me afasto em direção a Hadley, ainda debruçada sobre o balcão do bar.

Dou uma piscadinha para ela.

– Tive uma degustação privada na destilaria...

Quando me volto novamente para Lincoln e vejo o jeito como ele está me olhando... É como se quisesse me devorar, saborear todo o meu corpo de novo. Faço um gesto com o dedo para que ele se aproxime enquanto caminho devagar até o centro do bar externo.

Hadley aumenta o volume da música e as mulheres ao redor se inclinam para ver melhor o que está acontecendo. *Ah, queridas, esperem só para ver...*

Lincoln segue o meu comando e, quando já está junto a mim, se inclina perto do meu ouvido e sussurra:

– Você tá sexy pra cacete. Vai mostrar pra todo mundo que eu sou seu, doçura?

A resposta é um sonoro sim da cabeça aos pés. Olho para ele e assinto lentamente, deixando claro que é *exatamente* isso que vou fazer.

– Você confia em mim? – pergunto, a voz um pouco mais alta.

Ele dá uma risadinha – um som que vibra entre as minhas pernas –, e olha ao redor.

– Sim, doçura, confio.

Eu não sabia o que esperava que ele dissesse, mas a afirmação me estimula a continuar. Levanto o queixo e dou um sorrisinho de lado antes de dizer:

– Ótimo. De joelhos, Foxx.

Os assovios e gritos que isso provoca ao redor me fazem morder o lábio para conter um sorriso mais largo. Mas um sorrisinho escapa mesmo assim.

Hadley assovia, joga uma almofada do banco do bar e acerta o rosto de Lincoln, arrancando uma risada dele.

Lincoln é tão mais alto que eu que, mesmo quando se ajoelha – primeiro um joelho, depois o outro –, ainda fica quase na altura dos meus olhos.

– Se vocês querem um show burlesco, podem ir ao Midnight Proof e pagar para assistir. Mas agora – não consigo evitar o sorriso que curva ligeiramente os meus lábios quando olho rapidamente para Lincoln, antes de continuar a me dirigir ao pequeno público que reunimos – estamos na Foxx Bourbon. E tive o privilégio de receber uma demonstração de um mestre destilador sobre a melhor forma de apreciar um bom bourbon.

Os olhos de Lincoln se prendem aos meus e ele solta uma risadinha abafada, porque sabe exatamente o que estou prestes a fazer.

– Incline o copo e observe a cor. – Inclino meu copo na direção do fogo que crepita no centro das mesas espalhadas ao redor. – Depois, dê uma leve "mastigada" à la Kentucky.

Dou um pequeno gole e giro o líquido na boca. Alguns assovios ecoam do grupo enquanto as mãos de Lincoln sobem pela parte de trás das minhas coxas e se acomodam logo abaixo da barra do meu vestido, deixando um rastro delicioso de arrepios.

Elimino qualquer espaço restante entre nós e pressiono a parte inferior do meu corpo contra o peito dele, enquanto suas mãos sobem e descem pelas minhas coxas, me puxando mais para perto, me incentivando a me aproximar ainda mais. Respiro pelo nariz e engulo a bebida.

– Deixe que o bourbon envolva a sua boca... talvez você possa até aproveitar um pouco essa queimação antes de deixar a bebida descer pela garganta.

O clima muda do burburinho animado para aquele tipo de tensão sensual que eu adoro. Lanço um olhar para as duas mulheres que estavam falando, sem qualquer constrangimento, sobre tudo o que queriam fazer com esse homem, e sorrio ao ver que encaram a cena de olhos arregalados.

Meu olhar volta para Lincoln.

– Pronto para a sua degustação, Foxx?

As covinhas aparecem no sorriso que surge por um instante em seu rosto, mas ele não responde. Em vez disso, inclina a cabeça para trás quando deslizo a mão até a sua nuca. Meus dedos roçam a linha do cabelo e sobem o bastante para se enroscar nos fios e encontrar apoio. Levo o copo aos lábios, bebo o restante do bourbon, então inclino a cabeça dele exatamente no ângulo que eu quero.

Lincoln passa os braços ao redor das minhas coxas quando o calor e o sabor atingem a minha língua, então sua boca se abre para mim quando me inclino para a frente. Encosto os lábios nos dele para dar a Lincoln exatamente o que prometi – um gostinho de bourbon. Mas ele não interrompe o movimento. Seus lábios macios e úmidos encontram os meus, fazendo cada centímetro do meu corpo arder. Ignoro as gotas que escorrem pelo meu queixo e a plateia ao nosso redor, que explode em gritos e assovios. Estou totalmente perdida no fato de que Lincoln não hesitou em participar da cena. E no fato de que isso vai dar o que falar por muito tempo.

Ele engole cada gota que ofereço e deixa claro para qualquer um o que estamos fazendo. Sua língua se entrelaça à minha quando ele inclina a cabeça e me puxa o mais forte possível contra o corpo.

Sou pega de surpresa quando Lincoln se levanta de repente e me joga por

cima do ombro. Um gritinho e uma risada escapam dos meus lábios quando ele diz:

– Se nos derem licença.

Ele atravessa a casa comigo e sai direto pela porta da frente. Mal registro por quem passamos, mas não deixo de notar a forma como Maggie encara a cena. Ela estava conversando com Griz e a competidora de barris. Ouço Griz gritar:

– Já estava na hora!

Lincoln inclina o queixo na direção dele e murmura:

– O velho acha que é cupido.

Ele desce os degraus rapidamente e rio quando dá um tapa na minha bunda ao pisar na calçada.

– Pode me colocar no chão agora.

– De jeito nenhum – responde, já abrindo a porta do lado do passageiro do Jeep. Ele me coloca no chão, me fazendo deslizar por seu ombro e seu peito, beija a minha boca e fala junto aos meus lábios: – Você tem ideia de como foi sexy ser "reivindicado" assim?

Seus dedos se enfiam no meu cabelo e ele devora a minha boca, deixando bem claro o que aquilo causou. Sinto a adrenalina no peito, que me deixa com os joelhos bambos. Quando se afasta, Lincoln apoia a testa na minha e pressiona o corpo contra o meu. Minhas pernas estão meio enroladas nele, pela forma como estou sentada no banco do carro.

– Oito minutos.

– O que acontece em oito minutos? – Sorrio contra os lábios dele, enquanto roubo outro beijo.

– É o tempo até eu te colocar na minha cama e ter você esfregando a boceta na minha cara e me lembrando do meu novo sabor favorito.

Solto um murmúrio de aprovação e me ajeito no banco enquanto ele fecha a porta e corre até o lado do motorista, engata a marcha e sai apressado da entrada de carros.

Lincoln me olha enquanto envolve minha coxa com a mão e abre as minhas pernas.

– Pensei que o seu sabor favorito fosse bourbon – digo, provocando.

Bebi muito pouco, mas me sinto embriagada por esse momento. A proximidade, o jeito como Lincoln me segura, como me olha, seu desejo tão palpável.

– Então você não estava prestando atenção, doçura. – Ele passa a língua pelo lábio inferior, um braço no volante, enquanto o outro me segura como se não

conseguisse parar de me tocar. – Sabia que não consigo parar de pensar em você?

Viro o corpo, encostando as costas na porta, deixando o vestido subir enquanto abro as pernas para ele.

– E no que você pensa?

Ele me olha duas vezes e ri, como se não acreditasse no que está prestes a acontecer.

– Ah, doçura... você vai mesmo fazer um show particular pra mim?

Sem pensar, deixo as palavras escaparem dos meus lábios:

– Eu te dou qualquer coisa que você quiser, Foxx. É só pedir.

– E se eu pedir mais? – Os olhos dele se alternam entre mim e a estrada.

Sinto um frio no estômago. Ainda não estou preparada para definir o que sinto por ele. Só sei que quero estar com Lincoln hoje. Talvez por mais tempo do que isso.

– Você tá me olhando como se fosse uma pergunta difícil, doçura.

– Você sabe que é. Isso é... complicado. Você tem uma vida inteira, filhas e... – olho ao redor do carro por um instante, enquanto me sinto invadida por uma onda de vulnerabilidade – você tem uma cachorra e uma vaca, pelo amor de Deus. Eu não tenho nem um apartamento pra chamar de meu. Pedir mais seria...

Sou interrompida quando Lincoln vira o volante, para o carro no acostamento, solta o cinto e se aproxima de mim. Suas mãos deslizam pelas minhas pernas, então se enfiam por baixo das minhas coxas, me puxando para ele.

– Eu nunca quis alguém do jeito que eu quero você. Isso é muito louco, não sei explicar. Só sei que gosto do jeito que você faz eu me sentir.

– E como eu faço você se sentir?

Cubro os olhos assim que termino de falar, envergonhada por estar sendo esse tipo de mulher – ansiosa por aprovação e pressionando o cara para me dar mais do que pode agora.

Mas Lincoln afasta a minha mão do rosto e ergue o meu queixo para que eu olhe para ele. As luzes azuis do painel são fracas, mas ele sorri para mim. É um sorriso doce com um toque diferente de outros sorrisos que já me deu.

– Olha pra mim.

Faço o que ele pede.

– Sinto que não preciso fingir quando estou perto de você. Que posso ser exatamente quem eu sou, sem ter que ser nada além de um homem fascinado por uma mulher linda.

– Fascinado? – digo em tom provocativo e mordo a parte interna do lábio

para conter um sorriso.

Ele assente, mas não para por aí. Coloca meu cabelo atrás da orelha, acomodando as mechas com cuidado.

– Quero uma mulher que não tenha outra intenção a não ser ajudar as pessoas que ama. Quero ser um homem bom o bastante para uma mulher assim.

Inclino a cabeça para o lado e a apoio no banco de couro.

– Você foi longe agora.

– Fui mesmo. – Ele sorri com confiança. – Já está com medo?

– Desde o momento em que você me chamou de doçura – respondo com sinceridade.

É muito difícil conter o arrepio que percorre meu corpo quando ele me olha assim – a covinha provocante à mostra, os olhos buscando nos meus a confirmação de que eu o quero da mesma forma que ele me quer.

– Eu falei sério. Não sou o mesmo depois de ter ficado com você. Mas, se isso for demais, eu vou entender. Tenho duas filhas incríveis. E, aparentemente, animais também, agora – acrescenta, em tom brincalhão. – Um avô espirituoso. Irmãos sem os quais eu não teria sobrevivido. Uma cidade que acha que somos amaldiçoados... o que é outra provação do caralho que eu nem sei se já superei totalmente. E um negócio de bourbon que é exaustivo e difícil pra cacete às vezes, mas que diz tudo a meu respeito.

– Não tudo – sussurro. Sorrio depois de tomar uma decisão. – Você é ma-ra-vi-lho-so com a língua...

Ele se recosta, os olhos cerrados, ciente de que esse é o meu limite por enquanto. Ainda não estou pronta para dizer o que quero. A verdade é que nem sei.

– E? – provoca.

– E com as mãos. – Passo os dedos pelo pescoço. – Com os dedos, e o jeito como você sabe exatamente o que vai me fazer gozar. Só de pensar em todas as maneiras como você pode me enlouquecer...

Lincoln se inclina para a frente, passa o braço ao redor do meu corpo e me puxa para me beijar. Não é doce nem suave. Não há hesitação alguma. A língua dele desliza pela minha e sinto isso na pele e direto na boceta. Mas, em vez de continuar, Lincoln se afasta com a respiração ofegante e volta a se ajeitar no banco do motorista.

– Acho bom você dizer que me quer, doçura.

– Sim, Foxx. Eu quero você.

Ele volta para a pista e acelera fundo.

– Ótimo. Agora afasta a calcinha e me mostra quanto.

Não consigo conter um sorriso ao ouvir a ordem. Esse homem consegue ir de sério a sexy em um piscar de olhos. Em um instante, está me dizendo que eu o transformei, e no instante seguinte respeita o meu tempo para lidar com isso que a gente está tendo. Talvez seja porque ele é mais velho, ou porque já viveu uma vida inteira antes de eu aparecer, mas gosto disso.

O arrepio que as palavras dele provocam sobe pelos meus braços, e acato sua ordem mais uma vez, me expondo para ele.

Lincoln praticamente rosna:

– Me dá uma provinha.

– Você é um depravado, Foxx – digo, e sorrio enquanto deslizo dois dedos entre os lábios da minha boceta.

– Sou, mas você gosta de ficar toda molhada por minha causa, não gosta, doçura?

Me adianto para dar a ele o que pediu. Ajoelhada no banco, levo os dedos molhados até a sua boca, mas, quando ele entreabre os lábios, afasto a mão, provocando. Estalo a língua e, em vez de deixá-lo lamber, passo os dedos pelo lábio inferior dele.

Cortando a minha provocação, Lincoln segura o meu pulso e leva os meus dedos à boca. O jeito como ele geme e passa a língua pela ponta dos meus dedos faz meu corpo ansiar por mais e inclinar, tenso, em direção ao que está por vir.

– Cacete – diz Lincoln em um gemido.

Ele puxa o cinto de segurança e prende ao redor do meu corpo, antes de acelerar pela estrada tão familiar para mim. Em cerca de um minuto, ele entra na garagem, contorna a frente do carro, abre minha porta e estende a mão.

– Onde estão as meninas? – Não tinha pensado que elas poderiam estar em casa.

Ele me detém na porta e me beija – por tempo suficiente para me deixar um pouco tonta, mas ainda assim um tempo curto o bastante para me fazer querer mais. Quando se afasta, entrelaça os dedos nos meus e diz:

– Grant e Laney ficaram com elas e com a Kit hoje.

Entramos na casa e ele me guia pela escada, pela sala de estar e pelo corredor até uma suíte de hóspedes no térreo. Lincoln acende as luzes, mas deixa um pouco mais baixas e me entrega o celular dele.

– Hoje à noite, a única coisa com que eu vou me preocupar é você.

Ele leva a mão atrás da cabeça e puxa a camisa pelo colarinho, se despindo e jogando-a de lado. Um Lincoln Foxx sem camisa, me olhando de cima a baixo

enquanto desafivela o cinto, é uma visão que nunca vou esquecer.

– O que eu quiser? – pergunta, reforçando o que eu tinha prometido.

Nem uma única parte minha tem qualquer interesse em voltar atrás. Então me encosto na porta enquanto ele vai até a cama e se senta na beirada, de pernas abertas.

– O que você quiser.

28

LINCOLN

– Me atiça – digo, enquanto abro mais as pernas e me inclino para trás, apoiado nos braços estendidos.

Um sorriso sexy surge nos lábios de Faye, como se mal pudesse esperar para fazer exatamente o que estou pedindo. Ela inclina o quadril para a direita e desliza com facilidade para a esquerda, já me seduzindo como a sereia que é. Passo a língua pelos lábios e ainda consigo sentir o gosto dela. Está sendo um esforço enorme esperar que Faye venha até mim.

– Você está com cara de quem tá com fome, Foxx – diz ela enquanto tira as botas.

Meu olhar percorre o seu corpo, dos pés agora descalços subindo pelas pernas torneadas e pelas coxas, enquanto ela puxa a barra do vestido até os quadris.

– Faminto, gatinha.

Ela hesita por um instante quando a chamo assim.

– Me mostra – diz Faye, puxando o vestido por cima dos seios e jogando de lado. Então, olha para o meu colo e inclina o queixo na minha direção. – Me

mostra o que eu estou atiçando.

Mudo de posição e solto o cinto, puxando o couro, e logo estou abrindo o botão para baixar o zíper da calça. Meu pau está duro desde que Faye me colocou de joelhos na festa. E agora já está com a glande úmida, ansioso pela atenção dela.

– Olha só você... linda. Me mostra onde você quer a minha boca – digo, os olhos fixos nos seios dela.

Ela me lança um olhar provocante, morde o lábio e desliza os dedos até o meio do corpo contornando o sutiã rosa transparente.

– Eu quero você aqui. – Seus mamilos estão inchados, pedindo para serem lambidos e chupados. Ela leva as mãos às costas, solta o fecho e deixa a peça escorregar pelos braços até o chão. – Aqui.

Faye se vira, me mostrando a curva das costas, e passa os dedos pelo ombro, subindo pelo pescoço até logo abaixo do maxilar.

– Quero a sua boca e os seus dentes passando por aqui.

Estou tão hipnotizado por ela que apenas assinto em silêncio. Meu corpo inteiro reage a cada movimento dela, a cada ponto que ela toca, como se eu estivesse ligado a um fio desencapado.

Faye enfia os dedos na lateral da calcinha, se inclina e faz a peça descer pelas coxas até o chão. Seus dedos sobem pela parte de trás das pernas, até a dobra da bunda, contornando cada lado enquanto ela se vira de novo para mim.

– Quero a sua boca e a sua língua aqui primeiro. – Ela segue a linha onde a calcinha estava, passando pelos quadris até o centro do corpo, então desliza dois dedos pelo meio das pernas e solta um suspiro quando passa pelo clitóris. Saber o quanto Faye já está molhada me faz engolir um gemido. – Depois você vai me foder devagar. Fundo. Bem aqui.

Sento mais ereto quando ela se aproxima.

– Seu corpo – murmuro quando Faye chega perto e passa os dedos pelo meu cabelo. – O jeito que você olha pra mim... – Encosto a testa na dela, que agora está de pé à minha frente. – Não consigo explicar o quanto isso é bom. E quando você me toca...

Ela desliza os dedos da minha nuca até a frente do meu cabelo e inclino a cabeça para trás para encará-la.

– Quando eu te toco...

– Eu sinto que sou importante. Pra você. Nesse momento. Nunca estive tão consciente de um simples toque. Do seu gosto, do seu cheiro, de te ver me querendo.

Balanço a cabeça, sorrindo.

Ela se ajoelha diante de mim e olha para cima por entre os cílios escuros. Então, enfia os dedos no cós da minha cueca, me faz levantar o quadril, e puxa pelas pernas até tirá-la por completo.

– Quero você na minha boca quando me disser que sou bonita.

– Puta merda... – Solto o ar com força quando ela envolve o meu pau com a mão e o leva até os lábios, passando a língua por ele.

Jogo a cabeça para trás com a sensação quente e molhada da boca de Faye. A língua brinca com a cabeça do meu pau antes de ela abocanhar de novo, indo mais fundo.

Solto um gemido e emaranho os dedos no cabelo dela, então puxo apenas o necessário para acompanhar o ritmo com que a sua boca sobe e desce no meu pau.

– Você tá linda assim. Sua boca em mim... apertada desse jeito... e essa língua que não perde um centímetro.

Ela geme com o elogio.

Uma mão acompanha a boca, enquanto os dedos da outra estão enterrados na minha coxa. Ela engole e geme ao meu redor, me chupando tão gostoso que me perco na sensação daquela boca perfeita. Isso está me levando rápido demais ao limite.

– Porra, isso tá bom demais...

Arquejo quando ela aperta mais com a mão e engole, a garganta se contraindo em volta do meu pau. Quando Faye se afasta, seu peito sobe e desce enquanto ela recupera o fôlego e olha para mim como se estivesse tão perdida nesse momento quanto eu.

– Vem cá, preciso sentir o quanto você está molhada depois de me chupar – digo, e puxo-a para a cama.

Ela solta uma risadinha quando a deito de costas e começo a beijar todo o seu corpo.

– Tudo em mim, principalmente a minha boceta, está latejando por sua cau...

Ela não termina o pensamento.

Um suspiro pesado e um murmúrio escapam pela sua garganta quando passo a língua por entre os lábios da boceta dela. Caralho, ela está encharcada. Deixo a língua bem plana e subo de novo, sem deixar nada para trás. Quando os quadris de Faye tremem por causa do meu toque no clitóris, eu a mantenho firme no lugar e chupo aquele ponto perfeito, arrancando um gemido rouco da garganta dela.

Sorrio contra o seu corpo quando ela completa com:

– Lincoln Foxx, *caceeete*!

– Vamos garantir que eu não esqueça nada – digo.

Então passo a língua pela entrada da boceta dela, deixando beijos pelo caminho, seguindo cada ponto que ela indicou no próprio corpo. Subo pelo peito, ao redor dos seios, por cima deles, então sugo um mamilo. Faye se contorce enquanto subo de novo pelo seu corpo e esfrego o rosto no pescoço dela.

– Era aqui que você me queria, né?

Ela assente e levanta o queixo para me dar mais espaço, enquanto sussurra:

– Por toda parte...

Passo os dentes pelo ombro dela e dou uma mordidinha que faz Faye soltar um gemido baixo. Então fico de joelhos para virá-la de bruços. Ela ri, surpresa, e olha por cima do ombro, vendo os meus dedos percorrerem suas costas conforme me movo mais para baixo na cama. Agora, passo a língua pela parte de trás da coxa de Faye, me deleitando com o tremor que percorre o seu corpo. Meu pau roça na pele dela, e chega a doer, de tão duro e pronto que estou.

– Quis lamber bem aqui desde aquele vídeo que você me mandou sem querer – digo, antes de passar os lábios e depois a língua pela dobra perfeita onde a coxa encontra a bunda.

Bom demais. Faye geme quando dou um tapa na bunda dela e a aperto com força.

– Foxx – diz, em um arquejo.

Com a minha ajuda, ela gira o corpo para o lado e me posiciono bem atrás. Afasto as pernas dela e abro bem a boceta para ver exatamente onde quero meter. Ela está pingando, a entrada brilhando de desejo. Esfrego a ponta do meu pau pelos pequenos lábios e a penetro devagar, centímetro por centímetro. Faye arqueia as costas para me receber melhor e deixa escapar mais um gemido quando estou completamente dentro dela.

– Isso. Empina a bunda e deixa eu te foder, minha linda.

Faye passa a perna por cima da minha e se abre mais, para que eu a penetre mais fundo. Meus dedos brincam com o clitóris no ritmo em que nossos quadris se encontram a cada investida. Em segundos, o corpo dela fica tenso e sinto que ela prende a respiração, já muito perto de gozar.

– Não para – sussurra Faye, no exato momento em que é dominada por um orgasmo intenso, que faz todo o seu corpo se contrair e estremecer ao meu redor.

– Os sons que você faz quando goza...

É a minha vez de gemer, porque mal estou conseguindo me segurar.

Ela sorri ao ouvir aquilo, os olhos fechados, o cabelo bagunçado.

– Quero outro – digo, e mudo a posição em que estamos para poder ver o rosto dela dessa vez.

Com Faye deitada por baixo de mim, agora, afasto mais as pernas dela e volto a penetrá-la, beijando o seu ombro.

– Ah, porra, Foxx – diz ela em um arquejo, quando arremeto mais fundo.

Dou um segundo para que ela se acostume a essa posição.

– Vou devagar – digo, enquanto ela ergue o queixo para me beijar.

Quero dar outro orgasmo a ela, por isso movimento os quadris lentamente, indo mais fundo a cada investida. Estamos quentes, suados, e é tudo sexy pra cacete... Em poucos segundos a boceta de Faye se aperta ao meu redor, pulsando, arrancando de mim um gemido gutural. Meu orgasmo se expande pelas extremidades do meu corpo, fazendo minha pele vibrar, e se intensifica até me tomar por completo, tirando meu fôlego.

O calor e a umidade a preenchem e ela solta o som de prazer mais lindo que já ouvi. É o momento mais íntimo e vulnerável da minha vida: os olhos de Faye presos nos meus, as mãos me agarrando com força e a respiração acelerada que não consigo controlar. Os olhos dela se enchem de lágrimas enquanto me encara, então Faye se inclina em busca de um beijo que eu jamais lhe negaria. Nossos lábios e línguas se encontram como se estivéssemos selando o que quer que isso seja entre nós. Uma confirmação de perfeição.

– Isso foi... – diz ela, e só o que consigo fazer é beijá-la, responder do único jeito possível, porque não foi só sexo.

O que acabamos de fazer mudou tudo o que eu estava pensando e transformou em certeza.

Ficamos deitados em silêncio, um emaranhado de corpos suados, ainda recuperando o fôlego, até que ouço Faye rir e abro os olhos.

– Você estava sorrindo de olhos fechados – diz ela, passando o dedo por meu nariz e meus lábios.

Seguro seus dedos e beijo cada um antes de responder:

– Você me deixou bobo. Talvez um pouco delirante também. – Com as pernas ainda trêmulas, me levanto para pegar uma toalha no banheiro, então me dou conta. – A gente não usou camisinha.

Faye se apoia nos cotovelos, olhando para o próprio corpo.

– Não estou nem um pouco preocupada. Uso anticoncepcional desde os 18 anos e já faz... – Os olhos dela encontram os meus quando confessa: – Tirando

você, só fiquei com mais uma pessoa na vida.

Isso me surpreende, mas não posso dizer que não gosto da ideia.

– É loucura da minha parte odiar esse outro cara?

Ela ri enquanto limpo as suas coxas.

– Você com certeza já odeia.

Faye fecha os olhos e franze o rosto de leve.

– Eu não tinha grandes planos em relação à minha virgindade. Só sabia que não tinha pressa e, de repente, já estava na casa dos vinte. Eu estava na academia de polícia e meu parceiro adorava flertar. Então aconteceu algumas vezes, mas eu não quis mais.

– Me diz que esse parceiro não era o Cortez.

Estreito os olhos.

– Meu parceiro não era o Cortez – repete ela, a voz mais aguda no final.

– Com certeza eu odeio ele – digo.

Faye se levanta, me beija e segue para o banheiro. Eu me deito, a cabeça apoiada nos travesseiros, e entendo que não tenho o direito de sentir ciúme de alguém do passado dela – não quando eu também tenho um.

Ela volta para o quarto, pega o vestido no chão, mas antes que consiga começar a se vestir, eu me sento e a puxo para mim.

– Você não vai a lugar nenhum.

– Eu não estava prestando atenção quando chegamos, mas esse não é o seu quarto.

– É a suíte de hóspedes. Mas é o meu quarto. Eu não uso mais a suíte principal...

Assim que digo isso, me dou conta de que Faye já deve ter ouvido falar muito a respeito, mas que não sabe realmente o que aconteceu na noite em que Olivia morreu, ou sobre a conversa que ainda estava martelando na minha cabeça antes de eu encontrá-la na entrada do milharal.

29

FAYE

Ele examina meu rosto com atenção. Tudo que sei é que Olivia morreu na mesma noite em que eu o beijei e o chantageei. A cidade de Fiasco só falou disso nos dias seguintes, depois que enterrei um corpo – Olivia Foxx caída no chão da cozinha, vítima de um aneurisma cerebral. Ela era jovem demais, cheia de vida, e tudo aconteceu sem aviso. É assim que a morte sempre pareceu para mim.

Eu odeio aquela noite por muitos motivos, e odeio ainda mais pelo tanto que machucou Lincoln.

– Sabia que a primeira vez que eu te vi, você estava destroçando um pêssego? – pergunta ele, e passa os dedos pelo próprio rosto para mostrar exatamente o que quer dizer com "destroçando".

Solto uma gargalhada e me ajeito ao lado dele.

– Ou você não dava a mínima, ou estava simplesmente bom demais. E me lembro de pensar que queria ser assim. Toda melada e sem se preocupar em se limpar depois... Não me entenda mal. Não é do jeito sacana e sexual. Eu só fiquei impressionado. – Ele estende a mão e passa o dedo pelos nós dos meus. Um toque simples em um lugar que não deveria importar, mas a doçura do gesto me

faz desejá-lo de novo. – Foi no primeiro mercado de produtores do verão, algumas semanas antes de eu te encontrar naquele milharal.

– Eu lembro daquele mercado – digo, sorrindo com carinho. – E daqueles pêssegos. Foi umas semanas antes de eu voltar pra casa, depois de morar em Frankfort. Eu vim pra comemorar o aniversário de 20 anos da Maggie. A gente destroçou foi a torta que minha mãe fez com aqueles pêssegos. E aí dormimos na varanda depois de exagerar nos shots.

O sorriso dele não chega aos cantos dos olhos nem faz aparecer as covinhas.

– Minha vida naquela época parecia tão... – Ele encara o caminho que continua traçando na minha pele. – Nem tudo era ruim. Eu só nunca tinha falhado em nada como falhei na única coisa que prometi que faria.

Aproximo mais o corpo, mas não é suficiente para Lincoln, que passa as mãos por baixo das minhas coxas e me puxa para cima dele. Deixamos o silêncio se acomodar entre nós por algum tempo.

– O que você prometeu? – pergunto.

Passo os dedos pelo cabelo dele até a nuca, e Lincoln fecha os olhos.

– Que amaria minha esposa. Em qualquer circunstância. Que amaria Liv. E não fiz isso. Não o suficiente, pelo menos.

Franzo o cenho ao ouvir isso.

– Ela dormiu com outra pessoa – admite ele, e meus dedos param. – Talvez com mais de uma... ela não deixou claro. Só disse que estava seguindo em frente com a vida dela. E isso significava seguir sem mim.

Eu não esperava ouvir isso. Qualquer pessoa que conhecesse Lincoln e Olivia Foxx diria que eles eram apaixonados e felizes.

Os olhos de Lincoln encontram os meus, tristes, e ele move minha mão para que eu continue o que estava fazendo. Quando vejo o conforto que isso traz, acabo me sentindo confortada também.

– A gente andava sem paciência um com o outro. Muito sem paciência. Depois que a Lark nasceu, parecia que a Liv me odiava. Nenhum de nós dois fazia nada certo, do ponto de vista do outro. Ainda tínhamos nossos momentos de alegria, mas...

Ele balança a cabeça, traçando pequenas linhas no dorso da minha mão e no meu pulso, e continua:

– Achei que fosse só uma fase ruim. Que a gente precisava amadurecer juntos. Mas a verdade é que me afastei. Comecei a trabalhar mais horas. Não dei prioridade ao nosso relacionamento. Me dediquei às coisas que eu sabia fazer direito: produzir bourbon, ser pai, expandir o negócio. Mas, olhando agora, foi a

decisão errada. Liv disse: "Isso não tem mais jeito. A gente não tem mais jeito. E não tenho vontade nenhuma de tentar consertar. Deixei de te amar faz muito tempo." Nunca vou esquecer, porque foi uma das últimas coisas que ela me disse.

Sinto o coração apertado, e levanto o queixo dele para que olhe para mim.

– Lincoln, eu sinto tanto... Não sabia.

– Ninguém sabe, além da Hadley, e agora você. – Ele respira fundo. – Parecia errado expor isso para o mundo quando ela morreu de um jeito tão inesperado. Liv era tão jovem, e me mata saber que ela partiu desse mundo infeliz com a própria vida. *Odeio* isso. Mas eu estava com tanta raiva dela, e de mim, por ter que fingir que era o marido amoroso em luto. Eu não era... ainda estava com raiva dela. E odeio que as minhas meninas tenham que sofrer com a falta dela.

– Se eu soubesse...

Mas ele me interrompe:

– Eu odiei quando você me pressionou naquela noite, me colocando em outra situação impossível. – Os olhos de Lincoln se enchem de lágrimas que ele se força a não deixar cair. – Já estava tudo acabado entre nós. Liv queria terminar de vez comigo e aí ela morreu de repente. E fiquei paralisado por muito tempo por causa disso.

Apoio a testa na dele e o abraço com mais força.

– Eu sinto muito, muito mesmo.

Lincoln se inclina na minha direção antes de dizer:

– Eu não posso perder mais ninguém, Faye. As mulheres não sobrevivem depois de amar um de nós. Grant perdeu a filha do Del, a Fiona; Griz perdeu minha avó, depois a Shelby. Ace não chega nem perto de um relacionamento, casual ou não...

– E Grant e Laney? – pergunto.

– Eu vivo com medo de que um dia alguém me ligue dizendo que ela também se foi. – Ele passa a mão pelo cabelo e solta um suspiro pesado. – E me sinto um hipócrita porque disse ao meu irmão para parar de se boicotar, mas agora que eu encontrei... – Os olhos dele se prendem aos meus e sei o que está pensando.

– Não faz isso com você mesmo – digo, interrompendo. – Você é tantas coisas para tantas pessoas. Pai, neto, irmão, amigo... e isso só na sua vida pessoal. São muitos lugares em que precisa tomar a frente e fazer papel de forte. Eu tentei ser isso a vida inteira. É difícil todos os dias. E você faz parecer tão fácil. – Passo os dedos pela linha do cabelo dele até a nuca. – Não há nada de hipócrita em amar as pessoas da sua vida. Você pode se preocupar com o que vai acontecer ou pode escolher aproveitar as pessoas enquanto elas estão com você.

Lincoln assente de leve e se inclina na direção do meu toque. Certas partes desse homem se parecem muito comigo, mas a forma como ele faz as pessoas ao redor se sentirem bem e cuidadas sem parecer esforço algum me dá vontade de ficar sempre do lado dele. E, enquanto ficamos ali deitados, eu me permito fazer exatamente o que acabei de dizer a ele e aproveitar o que tenho com Lincoln Foxx enquanto posso.

• • •

O trovão se transforma em um ribombar baixo. Um zunido constante que parece não ter fim.

Abro os olhos, piscando, e vejo um focinho molhado cercado por pelos pretos e castanhos pousado na beira da cama, a poucos centímetros do meu rosto.

– Bom dia, Kit. – Os rosnados se transformam em ganidos enquanto o rabo dela bate no assoalho de madeira. – Cadê o Lincoln? – sussurro.

Ela pula na cama como resposta, o que seria mais problemático se Lincoln estivesse dormindo ao meu lado. As cortinas estão fechadas, mas deixam entrar luz suficiente para eu saber que o dia já nasceu. Nossas roupas da noite passada continuam espalhadas pelo chão e estou completamente nua debaixo desses lençóis. Deixo a cabeça cair de volta no travesseiro e faço carinho em Kit enquanto me lembro da noite e de como é estar envolvida pelo corpo de Lincoln. Não consigo conter o sorriso ao olhar para o teto alto e notar as cores das vigas de madeira. Fico aliviada por estar aqui e não em um quarto que ele tenha dividido com a esposa. Lincoln já teve muitas primeiras vezes na vida que eu ainda não tive – amor, casamento, filhas. É uma maré perigosa de pensamento para eu me deixar levar.

Kit solta outro rosnado.

– Sim, eu preciso levantar. Como você entrou aqui, afinal?

Demoro um minuto passando os dedos pelo cabelo e lavando o rosto para tirar o restante da maquiagem do rosto. Visto uma camiseta branca da Foxx Bourbon, bochecho com o enxaguante na bancada do banheiro e paro um instante à porta para ouvir, mas só escuto o apito de uma chaleira e o som de alguma coisa fritando.

Há muita coisa que deixei de dizer ontem à noite, mas uma parte de mim se

sente muito bem. *Feliz*.

Não contei a ele os detalhes que Maggie compartilhou comigo. O que ela viu. Eu não podia colocar Lincoln ou as meninas em perigo. E, se ele soubesse mais, eu também estaria em perigo. Ele é o tipo de homem que não mede esforços para proteger quem ama e pode até ser egoísta da minha parte, mas ainda não estou pronta para que me afaste ou, pior, faça algo que não deveria, como confrontar Waz.

– Como assim, "ela é sua amiga"? – pergunta Lily. Estaco na hora. Não tinha ouvido ninguém. *Merda*. – Ela é minha amiga também, né?

Lark responde:

– É, mas o papai também vai beijar ela.

Levo a mão à boca, tentando segurar o riso.

– Eca, por quê? Você tá falando de beijar na boca? – diz Lily. – Pai, ela é uma amiga de beijo, tipo o Jordan?

– Isso... Espera, quem diabos é Jordan, cacete? – pergunta Lincoln.

– Cofrinho dos palavrões – dizem as meninas em uníssono.

Dou um passo à frente, tentando ver se tem uma saída fácil dali. Não tem. Me contento então em ficar olhando para Lincoln usando uma dessas calças finas de algodão, preta dessa vez, baixa no quadril. Ele está com uma camiseta cortada e um boné preto virado para trás enquanto serve ovos mexidos de uma frigideira. Engulo em seco e meu rosto fica quente diante dessa imagem.

– Somos só nós três há um tempo já. E não tô dizendo que isso vai mudar, mas eu gosto da Faye. Gostaria de passar mais tempo com ela e quero ter certeza de que vocês duas estão de boa com isso – diz ele.

– E se a gente não estiver? – pergunta Lark.

Me encosto na parede do corredor e me esforço para ouvir a resposta.

– Aí eu teria que ver se ela esperaria por mim até vocês mudarem de ideia.

Não é a resposta que eu esperava e uma parte de mim quer comemorar, enquanto a outra fica apavorada com a possibilidade de ele estar falando sério.

– Bom, eu acho a Faye incrível. E acho que você deveria beijar ela o quanto quiser, pai – diz Lily enquanto mastiga alguma coisa.

Um garfo bate no prato como se tivesse caído e tento decidir se devo continuar ouvindo. Essa conversa é com as meninas. Não é para eu estar ouvindo.

– Lark, você viu a pinta no rosto dela. Não é coincidência – comenta Lily, e depois sussurra algo que não consigo entender.

O som das unhas batendo no chão de madeira fica mais alto quando Kit vira

em um canto e vem direto até mim, latindo como se estivesse me denunciando. Levo o dedo aos lábios, como se a cachorra fosse entender o gesto. Em vez disso, ela se senta na minha frente e começa a ganir.

– Bom dia – diz Lincoln, sorrindo ao olhar para o corredor.

– Oi – sussurro, então arregalo os olhos e aponto para as meninas. – Devo sair pela janela ou alguma coisa assim?

Ele estende a mão e se inclina para pegar a minha.

– Vem. Eu não posso esconder isso delas.

E só de ouvir isso percebo que estou completamente envolvida com um homem e com a bagagem dele. Mas, em vez de recuar e me afastar, eu me agarro a Lincoln.

– Olha quem eu encontrei espionando no corredor com a Kit, pessoal – diz - Lincoln.

A cachorra late ao ouvir seu nome. Lily acena e Lark diz:

– Oi, Faye.

É uma reação melhor do que eu esperava depois de ouvir aquela conversa.

– Oi, meninas. Obrigada por me deixarem invadir o café da manhã de vocês.

Lincoln beija o alto da minha cabeça e me leva até a bancada. Ele joga um pano de prato por cima do ombro e pega a frigideira.

– Muito bem, temos ovos mexidos. As duas comeram o bacon todo, mas... – Ele se vira e pega uma tigela. – Abacate. Aqui está o molho picante. E também temos morango e alguns figos.

E, por mais impressionada que eu fique com o fato de alguém estar preparando café da manhã para mim, são a caneca de café e o copo alto à minha frente que realmente me surpreendem.

– E eu não sabia o que você ia preferir tomar agora de manhã, então servi um café puro quente, como o meu. E um café gelado com leite condensado e canela. – Ele pega um canudo na gaveta e coloca no copo. – Tive que ligar para a minha cunhada pra perguntar que porcaria era um café gelado e adoçado, e chegamos a isso.

Ele tá falando sério?

– Você tá bem? – pergunta Lily ao meu lado. – Pai, ela tá bem?

Estou tendo uma comemoração interna por causa desse gesto do pai dela. É bom demais ser surpreendida assim por alguém. Encontro os olhos azuis de Lincoln por trás dos óculos de armação preta e me distraio com a covinha que aparece quando um sorriso satisfeito toma conta do rosto dele. O homem *sabe* que acertou.

– Qual você prefere hoje?

– O café puro já estaria ótimo, mas acho que estou com vontade de alguma coisa doce.

Dou um gole e ele pisca para mim. Aproveito o café da manhã que Lincoln preparou para todos nós, me sentindo estranhamente à vontade, enquanto ele conversa com Lily sobre a nova playlist dela.

– Essas bolas de espelho infláveis são legais. Vocês vão dar uma festa? – pergunto, olhando ao redor da sala e vendo um monte de decorações de festa ainda nas embalagens, de canhões de confete a serpentinas cintilantes.

– Faço aniversário nesse fim de semana, mas hoje é a minha festa do pijama – responde Lark. – É a primeira, e o papai caprichou. Ele até deixou a gente montar barracas individuais para todo mundo.

É impossível não sorrir com a empolgação dela. E com o fato de ela estar me contando isso.

– Eu também comprei um pijama especial – anuncia Lily, mas Lark corta a irmã.

– Pai, a Lily precisa mesmo ficar aqui o tempo todo? Não é justo. Eu só quero as minhas amigas, sem ela.

Lily empurra o prato e cruza os braços.

– Você é minha irmã mais velha, por que eu não posso ficar animada com o seu aniversário?

Ela desce da cadeira bufando e sobe a escada batendo os pés.

Lincoln lança um típico olhar de pai à filha mais velha, então se volta para mim enquanto eu como um pedaço de figo.

– Lark – diz ele, entredentes. – Isso foi maldade. Eu já disse que vou manter a Lily ocupada durante a maior parte da festa pra você ter tempo de ficar só com as suas amigas, mas não pode falar assim com ela. Sua irmã te acha a pessoa mais incrível do mundo.

Lark inclina a cabeça para trás e solta um suspiro dramático.

– Tá bom.

– Eu não me importaria de ter companhia hoje mais tarde. Se a Lily estiver livre, acho que podia ser legal fazer um tour por Fiasco com uma guia local.

Antes que Lincoln responda, Lily desce correndo as escadas, quase atropelando Lark.

– Sim, eu vou! Posso ir com a Faye, pai? Por favor, por favor.

Ele aponta para Lily e estreita os olhos desconfiado.

– Nós vamos conversar sobre o Jordan.

Ela arregala os olhos e balança a cabeça.

– Faye, por favor, diz para o meu pai que eu tenho 9 anos. Eu *não* tenho amigos de beijo... ainda.

Solto uma risada.

– Nisso eu não me meto. – Mas quando Lincoln se vira, ainda escutando, sussurro alto para ela: – Mas não me importo em saber desse babado.

30

LINCOLN

– Já decidiu o que vai fazer com o seu bourbon especial? – pergunta Griz, de braços cruzados, pronto para dar a opinião dele sobre o que eu deveria considerar.

– Ainda não – digo a ele. – Ace vetou minha ideia.

Kit arranha minha perna com as patas dianteiras. Pego ela no colo e coço debaixo de seu pescoço.

– Lark, acho que a Kit precisa dar uma volta.

Griz fica olhando e acrescenta:

– Você sabe que isso não é um cachorro de colo, não sabe?

E ele está certo. As patas da cachorra são do tamanho da minha mão e ela ainda nem terminou de crescer.

– Kit, diz para o seu bisavô que você pode ser o que quiser. E diz também pra ele parar de pegar no meu pé por causa do blend de bourbon – repito, em um tom baixo e debochado.

A cachorra olha para mim com a língua de fora, como se estivesse sorrindo. Então late, como se estivesse respondendo.

– Kit, diz pro seu pai que é meu trabalho ser excessivamente crítico e intrometido – retruca Griz, sem se perturbar, ainda fazendo as palavras cruzadas.

Lark ignora minha sugestão de levar Kit para passear e interrompe da sala de estar:

– Pai, tá faltando uma barraca.

Eu me recosto na cadeira e olho para o mar de barracas individuais cobertas por luzes brancas de Natal que ocupam toda a sala.

Griz se junta a mim e examina o mar de cobertores, luzinhas piscantes e barracas que tomaram conta da minha casa.

– Isso vai ser divertido.

– Foi preciso três idas à loja de ferragens para conseguir luzes suficientes para a sargento ali aprovar – digo, e aponto com a cabeça para Lark, que revira os olhos como se eu estivesse exagerando.

– Pai, eu tô fazendo 12 anos e nunca tive uma festa do pijama com as minhas amigas. Quero que seja perfeita.

Griz olha ao redor, com as mãos na cintura.

– Ainda não entendo por que as barracas estão dentro de casa.

Lark para de encher uma bola de espelhos, mas respondo por ela:

– Estética, Griz. É tudo uma questão de estética.

Ela solta o ar, aliviada, antes de voltar a encher a bola.

Tiro as botas com o pé e atravesso o monte de sacos de dormir e cobertores novos e felpudos que Lark implorou para comprar. Então me sento ao lado dela e ajudo a amarrar a aba branca da décima barraca montada.

– Acho incrível a estética que você tá criando, sabia? – digo a Lark, mas ela ainda parece insegura.

– Mas você não é uma garota de 12 anos com expectativas irreais para uma festa de aniversário na casa dos Foxx.

– O que eu posso fazer pra facilitar as coisas?

Ela não responde de imediato. Fica enrolando os dedos nas luzinhas ao redor da haste da barraca que está arrumando. Só quando percebo que minha filha está com os olhos marejados, segurando as lágrimas, é que entendo que tem alguma coisa errada. *Merda*.

– A mamãe teria deixado tudo bonito de verdade. Ela era boa em deixar as coisas bonitas. – A voz dela falha.

Lark se senta, cruza as pernas e fica olhando para as próprias unhas.

Reprimo as emoções que ameaçam tomar conta – ouvir isso me dá a sensação de que eu falhei. Que não sou o bastante para minhas filhas. E elas estariam

certas em pensar assim. Porque suficiente seria a mãe delas ainda estar viva. Mas não posso mudar essa realidade terrível. Assim como sei que os sentimentos de Lark não têm nada a ver comigo. Isso é apenas minha filha sentindo falta da mãe dela em seu aniversário.

Respiro fundo, esfrego a nuca e tento encontrar as palavras certas. A terapia ajudou todos nós a encontrar formas diferentes de lidar com a perda, mas isso não impede que os sentimentos apareçam e que a gente tenha que decidir o que fazer com eles.

Passo o braço ao redor dos ombros de Lark e aperto de leve.

– Suas amigas vão chegar por volta das cinco. – Inclino o corpo para trás e checo o relógio em cima do console da lareira. – A gente tem umas seis horas para gastar. E se a gente visse algumas fotos juntos? Posso te contar sobre a sua festa de 4 anos e de como sua mãe estava convencida de que conseguiria fazer um bolo arco-íris de seis camadas. – Olho ao redor da sala. – E, se você me der alguns minutos, posso dar um jeito de conseguir mais uma barraca.

– Tá bom.

Ela sorri.

Lanço um olhar por cima do ombro para Griz e Lily, que estão envolvidos em outra conversa. Quando volto a olhar para Lark, ela está secando as lágrimas. Talvez eu precise fazer com que ela sinta que tem mais do que só a mim para lidar com tudo isso.

– Quer que eu deixe a tia Hadley ou a tia Laney de sobreaviso para mais tarde, só por precaução?

Ela balança a cabeça e passa os braços pelo meu pescoço.

– Não, acho que a gente dá conta, pai.

• • •

DOÇURA

A gente tá voltando. Pode ser?

LINCOLN

Nesse momento, a situação está um caos com uma pitada de drama sobre quem vai dormir do lado da Lark. Mas sim, a Lily pode ficar comigo. Na verdade, eu tava me sentindo bem excluído.

DOÇURA

Posso ficar por aí também para te fazer companhia, se você quiser.

LINCOLN

Quero muito.

Cerca de trinta minutos depois, ignoro o frio e o fato de conseguir ver claramente o meu hálito no ar. Mas, no momento, a varanda é um refúgio silencioso longe de quinze garotas de 12 anos.

Faye sobe os degraus da varanda com uma Lily sorridente ao lado.

– Parece que você não se divertiu nada, né... – brinco com Lily.

Minha filha levanta os dois pulsos.

– Eu tenho muitas pulseiras de cristal agora. E a Faye me contou tudo sobre como a lua pode afetar o humor das pessoas, então a gente entrou naquela loja da médium maluca. Aquela que você sempre diz que não sabe do que ela tá falando, mas, PAI... ELA SABE! Aliás, ela *não* é maluca. Achei a mulher muito legal até. O nome dela é Pearl e ela é de escorpião, mas nasceu quando Mercúrio estava retrógrado, então disse que às vezes ela pode ser difícil de lidar. Talvez você não tenha gostado dela por isso, sem nem conhecer direito. Pearl disse que isso acontece mais do que a gente imagina.

Faye cobre a boca, tentando não rir. Ela está linda com um suéter de tricô largo caído de um ombro e uma legging que parece ter sido pintada no corpo.

– É, definitivamente você não se divertiu nada.

Lily sorri para Faye, olha novamente para mim e pergunta:

– Posso ir ver a Lark e as amigas dela agora?

Inclino a cabeça na direção da porta.

– Vai lá.

Volto a olhar para Faye e deixo de lado qualquer filtro.

– Você tá linda – afirmo, sem hesitar.

Olho para minha filha mais nova, que já entrou.

– Lily tem uma personalidade intensa. Obrigado por entrar na dela hoje.

– A médium foi um acréscimo de última hora. Espero que não tenha problema.

Entrelaço meu dedo mínimo ao dela e levo seu pulso aos meus lábios.

– Você é nova por aqui. Eu sei como é sair com aquela menina. Você nunca tá no controle, por mais que ache que está.

– Percebi isso assim que conheci a Lily – diz Faye, rindo.

Atravessamos um amontoado de bolsas e um mar de cobertores e barracas que já se estendem além da sala de estar. Um estrondo vindo de cima, como uma manada de elefantes, abafa qualquer outro som.

– Tem uma garota trancada no banheiro porque ficou brava com alguma coisa que outra disse. Depois a Lark ficou chateada porque não conseguiam chegar a um acordo sobre o que iam fazer. Será que eu preciso alimentá-las? Sinceramente, não sei como essas garotas vão conseguir conviver até amanhã de manhã.

Lily grita da bancada da cozinha:

– Não sei por que todo mundo tá chateado. Como é que pode, com toda essa quantidade de balas?!

Ela está sentada com as pernas dobradas em cima da bancada da cozinha e uma montanha de sacos de balas ao redor.

– O que você acha que elas iam gostar de fazer? – pergunta Faye.

– Você tá perguntando pra mim? – diz Lily, surpresa.

Faye dá de ombros.

– Você é irmã dela. O que acha que seria a coisa mais legal e divertida de fazer?

– Hum... salada de balas e ficar toda arrumada igual a você.

Faye sorri para mim e ergue as sobrancelhas, perguntando silenciosamente se tá tudo bem.

Segundos depois, Lark desce as escadas com umas oito meninas logo atrás.

– Pai, a gente pode... Faye! Oi.

Ela acena.

– Ouvi dizer que você tá dando uma festa. – Faye entrega a Lark um pacote pequeno, embrulhado em um tecido cinza com um laço. – Sei que você estava querendo uma específica, mas essa eu comprei quando vi a Dave Matthews Band em Seattle. Pode ficar um pouco grande, mas...

Lark abre a boca e arregala os olhos. Ela não é do tipo que grita – essa é a Lily –, mas está muito animada com o presente.

– Meu Deus, Faye. É muito incrível.

Lark olha para mim enquanto vira a camiseta de todos os lados.

– É incrível mesmo, filha – digo, espelhando o sorriso dela.

Lily se manifesta, ainda em cima da bancada, com a boca cheia de Skittles:

– Lark, Faye disse que pode fazer a maquiagem de todo mundo, se a gente quiser.

Lark ergue as sobrancelhas enquanto duas amigas soltam gritinhos animados e dizem que seria muito divertido.

– Sério mesmo? – Ela olha de relance para mim antes de se corrigir: – Não se incomoda de fazer isso?

– Vou adorar – diz Faye, olhando para Lily. – Sua irmã está preparando uma salada de balas. Não sei bem o que isso envolve, mas não tem como ficar ruim.

Empilho alguns jogos de tabuleiro que encontrei no quarto de serviço.

– Achei Twister e Detetive.

Antes que as meninas resmunguem, Faye diz:

– Eu adoro Detetive.

E, só porque a estranha bonita disse isso, todas compram a ideia. Nenhum "que sem graça", nada de olhos revirados. Duas das garotas começam a gritar e pular, e posso jurar que perdi a audição do ouvido direito quando Lark diz animada:

– Por favor, diz que você também tem mais dessas pedrinhas para os olhos?!

– Tenho. Deixa eu ir pegar os meus kits de maquiagem. Acabei de comprar umas pedrinhas novas também, então é o momento perfeito. Lily, quer ser minha assistente?

Lily desce da bancada com os olhos cintilando.

– Sério? Quero sim!

– Acho que a gente precisa de uma boa música. – Faye olha para Lark. – Vi as bolas de espelho e as pulseiras de amizade, então imagino que você já tenha uma playlist em mente, não?

Lark concorda com a cabeça, e todas começam a gritar nomes de músicas. Lily revira os olhos, como se não ouvisse exatamente as mesmas músicas que a irmã mais velha.

– Tãããão batidas.

Menos de duas horas depois, tem glitter por toda parte. Em cabelos e braços, bancadas e fronhas. Todas as quinze meninas têm algum tipo de brilho nas pálpebras. Metade está fazendo uma dancinha no meio da sala, enquanto o outro grupo tenta descobrir se foi a Srta. Rosa com a chave inglesa ou o Professor Black

com a faca. Mas o clima da festa mudou completamente. Os pequenos dramas se dissiparam e as minhas duas meninas estão sorrindo.

Me apoio na bancada da cozinha enquanto Faye guarda os últimos itens de maquiagem.

– Você mandou muito bem como assistente, Lil – digo para a minha caçula, enquanto ela termina com as balas PEZ que ainda restam no porta-balas.

Ela suspira.

– Brigada, pai. Deu muito trabalho.

Faye olha por cima do meu ombro – ela está na estação de trabalho que improvisou em cima do micro-ondas.

– Preciso ir.

Lark levanta rapidamente a cabeça do jogo.

– Obrigada por ajudar, Faye.

O resto da sala ecoa agradecimentos e elogios sobre como Faye é incrível e legal.

– Obrigada pelo convite, Lark. Suas amigas são muito divertidas.

Ela sorri e me lança um olhar enquanto coloca a bolsa enorme cheia de maquiagem no ombro. Então procura Lily.

– Até mais, Lily!

Minha caçula está com um cupcake enfiado na boca enquanto murmura um tchau e acena.

A vontade que eu tenho de que Faye fique me atinge como um tapa na cara. Odeio a ideia de ela ir embora e não estar aqui comigo para lidar com essa turma pela manhã.

– Até mais, Foxx.

Levanto a mão e aceno enquanto ela sai pela porta, porque, sinceramente, tenho uma casa cheia de pré-adolescentes que são a definição de pequenas fofoqueiras. Passo a mão pelo rosto e pela boca. *Que droga eu tô fazendo?*

– Ei!

Corro para fora, fecho a porta atrás de mim e desço os degraus até chegar ao meio da rua. Então abraço Faye com força e nossos lábios colidem. Os dedos dela sobem pela minha nuca e entram no meu cabelo, provocando aquela sensação que sobe pela minha coluna e por cada centímetro da minha pele que só Faye é capaz de provocar. Eu a abraço com mais força e deixo a minha língua explorar a dela antes de me afastar. Então sorrio junto aos seus lábios e dou mais um beijo nela.

– Volta mais tarde – peço.

Faye também sorri e estreita os olhos de um jeito provocante antes de morder de leve meu lábio inferior.

– Você tá com uma casa cheia de crianças.

– Detalhes.

Ela solta uma risada.

– Tem planos para o Dia dos Namorados?

Faye suspira, analisando meu rosto.

– Tenho um show no Midnight Proof.

– Ótimo. Vou assistir. E depois você é minha pelo resto da noite.

– Eu não... – Ela balança a cabeça, ainda sorrindo. – O que a gente tá fazendo, Foxx? – pergunta em voz baixa.

O tom vulnerável não é algo que estou acostumado a ouvir de Faye, mas gosto de que ela esteja disposta a me mostrar esse lado.

Aperto mais o seu corpo junto ao meu e digo a coisa mais honesta que consigo:

– Eu quero estar perto de você. Gosto mais de *mim* quando estou perto de *você*. Então deixa eu ficar perto de você, doçura. E a gente descobre o resto pelo caminho. Se deixa levar pelo que parece tão certo.

Faye deixa que eu deslize o nariz pelo rosto dela e sinto seu sorriso quando ela sussurra:

– Eu também gosto mais de *mim* quando estou perto de *você*.

Ela beija minha bochecha e começa a se afastar, mas ainda não estou pronto para deixá-la ir.

– Volta aqui. Deixa eu te beijar como se eu fosse sentir a sua falta.

– Você vai sentir minha falta? – provoca Faye.

Coloco uma mecha de cabelo atrás da orelha dela.

– Você tá fazendo isso ser bem difícil de não acontecer.

Faye segura meu rosto entre as mãos e me beija mais uma vez antes de se afastar e caminhar em direção à casa dela. Quando olha por cima do ombro e sorri para mim, entendo sem a menor sombra de dúvida que estou me apaixonando sério por ela.

Fecho os olhos antes de ter que encarar minhas filhas. Naquela manhã na varanda, debaixo das cobertas, consegui disfarçar e contornar, mas se elas estavam vendo isso aqui acontecer, então agora não tenho como me safar.

E, quando me viro, as duas estão com a cachorra na guia, me observando tentar descobrir como explicar o que acabei de fazer.

– Merda. – Passo as mãos pelo cabelo. Não avaliei direito a situação. Como

vou lidar com essa conversa? Encho as bochechas e solto o ar devagar. – Muito bem, às vezes adultos se beijam. Isso não...

– A gente sabe por que adultos se beijam, Sr. Foxx – diz uma das amigas da Lark, com naturalidade.

Ótimo. Elas nunca mais vão parar de falar disso.

Outras garotas já saíram para a varanda e o espaço agora está abarrotado de pré-adolescentes cheias de glitter. E tudo fica barulhento de novo, com uma sequência de perguntas direto para mim.

– Você vai casar com ela?

– A Faye é sua namorada?

– Minha mãe disse que Faye Calloway ia ensinar ela a dançar.

– Por que o seu cabelo tá tão bagunçado?

– Ela vai ficar em Fiasco?

Bato palmas e subo os degraus da varanda de dois em dois.

– Vocês estão virando as velhas fofoqueiras do clube do livro. – Sorrio para elas. Então abro a porta da frente e faço um gesto para que entrem. – Vamos colocar um filme e acender essas luzinhas.

– Você tá bem, filha? – pergunto a Lark, que foi a última da fila.

– A festa tá incrível, pai. Brigada. – Ela inclina a cabeça para trás ao passar por baixo do meu braço. – Tô feliz que a Faye também tava aqui.

31

LINCOLN

Pode ser só um dia qualquer, mas tem muita gente na cidade de Fiasco que se prepara para o Dia dos Namorados como se fosse o dia mais absurdamente importante do ano. Ainda mais quando cai em um fim de semana. A praça da cidade é iluminada em tons de rosa e vermelho e as lojas da rua principal ficam abertas até mais tarde para o evento anual que mistura Dia das Amigas e um passeio pela cidade com um copo de bebida na mão. A confeitaria Crescent de Lune também fica aberta até tarde hoje. Passo e aceno para as irmãs que comandam o lugar quando as vejo por ali moldando uma massa rosa. Quando desço o lance de escadas que leva ao Midnight Proof e atravesso as portas duplas de carvalho, é como se o lugar tivesse sido mergulhado nas cores do romance.

Lustres de cristal banham o ambiente com uma luz quente. O habitual veludo preto e as cortinas e objetos de decoração em verde-esmeralda profundo foram substituídos por vermelhos aveludados e um bordô intenso. Tecidos leves rosados se espalham de cada lustre até os cantos do salão. Tudo isso emoldura o palco circular no centro, iluminado em tons de rosa, apenas esperando a minha garota subir e impressionar a todos os presentes.

– Lincoln Foxx, saindo no Dia dos Namorados? – brinca Hadley quando me acomodo no único banco vazio do bar.

– Não imaginei que isso aqui ia estar tão cheio hoje. – Sorrio quando ela pega um copo baixo e serve a minha bebida favorita. – Gostei das asinhas.

Hadley abre um sorriso enorme, estende os braços e gira, exibindo as asas vermelhas em formato de coração presas às costas.

– Esse ano resolvi entrar no clima. Posso não ter namorado, mas pretendo deixar muita gente embriagada e cheia de tesão hoje à noite! Cupido safado, às suas ordens – diz, batendo continência.

Solto uma risada enquanto ela estende o punho.

Estico o meu também para um toque e seguimos com a combinação de ganchos de dedo e toque de cotovelo que compõe nosso aperto de mão. É bobo demais, mas faz a gente rir. Já houve muitas ocasiões na nossa vida em que precisávamos desesperadamente conseguir rir, e ser bobo ajudava.

– Lark e Lily me contaram tudo sobre o beijo no meio da rua. – Minha melhor amiga me lança aquele olhar que grita: *Eu sabia.*

– E como elas estavam quando contaram? – pergunto, erguendo o copo para brindar com o que quer que ela esteja bebendo hoje.

– Elas disseram que você quer que a Faye seja sua namorada e completaram com: "O nosso pai merece sorrir do jeito que ele anda sorrindo pra Faye."

– Você tá falando sério? – pergunto, e me recosto, sentindo um calor se espalhar pelo peito.

Achei que eu não conseguiria amar mais as minhas meninas do que já amo, mas aí elas vão e dizem uma coisa dessas...

– Lily tava nas nuvens com isso. Disse que a gente precisa ir ver a Pearl, a vidente dela, pra descobrir se vocês vão viver felizes para sempre.

Solto uma risada enquanto ela levanta o dedo pedindo um instante, e se afasta para servir um casal na outra ponta do bar. Quando volta, se inclina em cima do balcão e pergunta:

– Então essa história é séria? Você tá se apaixonando por ela?

A banda de jazz começa a aumentar o volume, o que significa que a minha garota está prestes a subir ao palco. Sempre contei tudo para Hadley – ela sabe até que Olivia queria terminar o nosso casamento antes de morrer. Minha melhor amiga sabe como eu me perdi por um tempo em mulheres sem importância para conseguir superar as muitas camadas de luto, mas ela nunca soube da minha história com Faye. Nunca contei sobre a chantagem nem sobre a noite no milharal. E agora fico feliz por não ter contado... gosto de ter isso só

entre mim e Faye. Passo o polegar pelo lábio quando penso em acordar ao lado dela. No jeito como ela se encaixa ao meu lado com tanta facilidade. No jeito como não penso demais nem me perco na minha própria mente quando estou com ela.

– Sinto que é sério – respondo. – Eu não teria deixado ela se aproximar das minhas filhas se não achasse que é sério.

E é isso que deveria me preocupar. Não é lógico nem racional, mas a maldição desgraçada fica sempre ali, me rondando. Só que a ideia de querer Faye, de me apegar a ela, não me dá vontade de me afastar, pelo contrário: faz com que eu deseje mantê-la mais próxima e protegê-la. Quero aproveitar cada momento e abraçar toda a incerteza. Vale a pena pelo tanto que eu me sinto bem com ela por perto.

Mas então Hadley faz a única pergunta para a qual não tenho resposta:

– Isso significa que ela pretende ficar?

Antes que eu consiga pensar no que dizer, o trompete solta um som grave e depois sobe para uma nota alta, sinalizando para o público prestar atenção. Dou um gole no meu bourbon – que tem um toque de carvalho mais defumado e notas de caramelo. Isso me faz lembrar como aprecio mais o sabor quando estou bebendo com a mulher linda que nesse momento está parada sob um holofote rosa. Solto o ar e respondo à pergunta que paira entre nós agora. *Ela pretende ficar?*

– A gente ainda não falou sobre isso, mas eu quero que ela fique.

Hadley dá uma batidinha no balcão.

– Parece o tipo de coisa que precisa de uma boa conversa. Use esse charme dos Foxx para mantê-la por aqui, Linc.

Agora é a vez dos instrumentos de corda, e o clima muda quando a cantora começa a entoar: "At last." A música, mais lenta que o usual, é a deixa para a iluminação do ambiente assumir um rosa mais quente. Faye surge com um laço de cetim vermelho enorme, perfeitamente amarrado sobre o peito, enquanto o restante da fita envolve o corpo dela, bem justa. Meu corpo reage na hora. Um arrepio que desce direto até o meu pau. Cacete, como eu quero essa mulher. A fita termina no alto das coxas, onde um pequeno pedaço de pele aparece antes de as meias arrastão vermelhas envolverem as pernas dela. Não consigo evitar sorrir enquanto assisto Faye flertar com o casal na mesa à frente.

As luvas arrastão vermelhas combinam com as meias, e ela leva a ponta do dedo médio até os dentes, puxando uma delas devagar e provocando a plateia com o mero ato de tirar algo tão simples quanto uma luva. Porra, ela está

maravilhosa, mas o jeito como domina o ambiente é ainda mais impressionante. É um talento que não se aprende nem se treina. Seu cabelo loiro brilha sob as luzes – cheio do mesmo glitter que tomou conta da minha casa depois da sessão de maquiagem para a festa de Lark. Apoio o cotovelo no balcão do bar, ajeito os óculos e me recosto enquanto ela se move pela plateia com aquele balanço hipnotizante dos quadris.

– Pelo amor de Deus, Linc. A mulher deixou todo mundo aqui praticamente salivando, e só tirou as luvas – comenta Hadley, impressionada.

– Linda – sussurro, os olhos fixos nos lábios de Faye quando eles se curvam em um sorriso sedutor.

Ela continua dominando o ambiente. Passo o polegar pelo lábio inferior e sorrio ao pensar em como vou aproveitar cada centímetro daquela mulher depois. Minha pulsação dispara quando nossos olhares se encontram, e é como se Faye estivesse procurando por mim, porque os lábios pintados de vermelho – combinando com os pequenos corações ao redor dos olhos – agora se curvam em um sorriso todo meu. Ela muda o trajeto e segue na minha direção, com passos sensuais que mantêm meu olhar preso nela.

A música cresce até o final justamente quando ela chega até mim na ponta do bar. Faye se aproxima, vira de costas para mim e encara o público antes de se sentar ao meu lado.

Assim que se acomoda no tampo do balcão, Hadley entrega a ela uma taça de champanhe. Faye ergue o copo enquanto a plateia vibra:

– Ao amor!

Ela dá um gole e concentra os olhos em mim. Levanta uma perna bem alto, depois a outra, enquanto desliza com facilidade do tampo e fica em pé bem ao meu lado. Faye se inclina para a frente e empina o quadril para a plateia enquanto apoia a parte de cima do corpo em mim, e preciso recorrer a todo o meu autocontrole para não interromper a apresentação e beijá-la ali mesmo. Faye segura a ponta da fita do enorme laço ao redor do seu corpo, estende na minha direção e diz, com um tom doce:

– Me desembrulha, por favor?

Não consigo evitar sorrir com o pedido... e com ela. Não sei como alguém consegue ser ao mesmo tempo absurdamente sexy e fofa demais. Mas ela é capaz disso.

E faço exatamente o que ela pede. A banda prolonga o final da música enquanto puxo a fita. Faye gira para longe de mim, desenrolando o cetim vermelho do peito até o alto das coxas, ficando apenas com duas franjas

vermelhas, em formato de coração, perfeitamente posicionadas sobre cada mamilo e uma calcinha minúscula – um coração vermelho cobrindo a frente, preso por duas tiras finas que levam a outro coração que mal cobre a bunda. Minha adrenalina dispara diante da cena.

Quando ela apoia as mãos nos quadris e faz o movimento certo para que as franjas girem, a plateia enlouquece – todo mundo aplaude, grita e assovia.

Há centenas de olhos sobre a minha garota, mas é só isso que eles vão conseguir. Um show. A fantasia, que não chega nem perto do que é de verdade – idolatrar essa mulher, saborear o jeito como eu a deixo excitada e ter o prazer de entregar à boca e ao corpo dela tudo o que exigirem.

• • •

Sinto o sorriso de Faye junto aos meus lábios.

– Você não deveria ser assim.

– Assim como? Bom de cama? – rio, tentando fazer piada. – Assim eu não estaria fazendo jus à minha fama.

Ela desliza a ponta dos dedos pelo meu queixo.

– O que foi mesmo que ouvi no banheiro do Bottom of the Barrel ou no rodeio... o pai solteiro galinha?

– Bem direto. – Faço uma careta e passo os dedos pela pele dela sem pressa. – Fiasco sempre vai falar de alguma coisa. Melhor que seja algo picante, como sexo e estranhos. É melhor do que ser o viúvo triste e solitário.

Ela inclina a cabeça e se apoia em um cotovelo.

– Com a promiscuidade eu consigo lidar. Mas isso... – ela examina o meu rosto, então seus olhos descem até o meu peito. – Você não deveria ser divertido e gentil. E definitivamente não deveria ser mais sexy do que já parece ser. E isso não deveria parecer...

Meu pescoço esquenta e, do nada, sinto um peso no peito.

– Parecer o quê, doçura? – Quero que ela diga. Preciso que seja ela a dizer, porque, se eu estiver errado e isso for só diversão para Faye...

Mas ela acaba com meu nervosismo quando diz:

– Não deveria parecer tão certo com você. A gente não deveria parecer tão certo juntos.

Sinto uma onda de alívio me atravessar. Ouvir isso de Faye dá a sensação de

que temos um novo segredo – um segredo que quero guardar porque é especial e só nosso.

– Hummm – murmuro, enquanto deixo as palavras dela assentarem e acalmarem a minha preocupação. Enfim parece que estou exatamente onde deveria estar. – Mas nós estamos. Talvez não devêssemos, por causa de como tudo começou, mas não acho que o que aconteceu precise ter qualquer relação com o que a gente decidir fazer.

Enquanto deslizo a ponta dos dedos pela curva inferior do seio dela, Faye sorri e deixa escapar um suspiro suave, satisfeito.

– Você é perigoso, Foxx – diz com um sorriso preguiçoso.

Gosto da sensação que ouvir isso provoca em mim. É como se eu estivesse conduzindo tudo, quando, na verdade, é ela que está. Faye fala comigo como se não tivesse nada a temer ou nada que a intimidasse. Entendo o que minhas filhas quiseram dizer quando falaram do jeito como Faye conversa com elas. É um jeito que passa sinceridade, verdade. Há atenção e ternura em tudo o que ela faz.

– Você sorri, e isso aqui – ela contorna a covinha no meu rosto com o dedo – é a sua arma secreta, porque faz você parecer fofo.

– Eu sou fofo.

Ela ignora meu comentário, mas seu sorriso fica mais largo. Viro a cabeça e prendo o dedo dela entre os dentes, arrancando uma risada.

– Viu? Perigoso.

Fecho os olhos quando Faye desliza os dedos pelo meu cabelo, e a sensação é tão boa que só consigo pensar: *Quero mais disso*.

Ela suspira e olha ao redor do apartamento em cima do Midnight Proof. Hadley me entregou a chave e disse para eu me divertir hoje à noite. É um belo estúdio. Tudo de alto padrão, sem poupar gastos, porque Hadley é assim. Ela deixou um bilhete para nós dois junto com um tubo de lubrificante que dizia: *Só para garantir... tenham uma noite bem sexy, pombinhos!*

– Graças a Deus pela Hadley e por esse lugar – digo a ela. – Depois da sua apresentação de hoje, acho que eu não teria conseguido esperar até chegar em casa.

Faye desliza os dedos de leve pelo meu peito e olha para mim com curiosidade.

– Vocês dois sempre foram só amigos?

Fico surpreso por ela não ter perguntado antes.

– Só amigos. Não existe atração nenhuma entre a gente. Hadley se tornou parte da nossa família e, em algum momento, virou minha melhor amiga. A

gente se ama, mas é o mesmo amor que tenho pelos meus irmãos. Sei que é assim para ela também.

A história de Hadley é mais complicada do que isso, mas vou deixar que ela mesma conte para Faye algum dia, se quiser.

Ela assente junto ao meu corpo, sorrindo.

– Hadley foi uma boa amiga pra mim desde que cheguei aqui. Entendo por que você a considera da família.

Faye ergue um pouco o corpo e desliza os dedos pelo meu pescoço e pelo meu peito.

– Isso é gostoso. Continua – digo, abrindo um pouco os olhos para observá-la. Sua boca se curva em um leve sorriso enquanto os dedos descem mais pela extensão do meu abdômen, e ela percebe que meu pau já está duro de novo. – Achei que você estivesse chegando aos quarenta, Foxx...

– Ainda não, doçura. – Inclino a cabeça para o lado, e solto uma risadinha. – Com um comentário desses, parece que você está querendo umas palmadas.

Aquele sorriso sedutor volta enquanto Faye vira o corpo, o peito roçando no braço do sofá e a bunda perfeita empinada na medida certa. Os seios deslizam pelo couro, e aquelas coxas firmes e a curva da cintura são um caminho que quero muito percorrer. Ela me olha como se estivesse igualmente excitada e pronta para fazer o que eu mandar.

Eu me sento, passo os dentes por um lado de sua bunda e ela solta um gritinho, empinando mais e pedindo outro.

Dou um tapa no mesmo lugar e aperto. Então cerro os dentes e digo:

– Seu corpo é sexy pra cacete. Mas essa boca... – Eu me coloco na frente dela e esfrego o polegar em seu lábio inferior. – Já tive muitas fantasias com essa boca. Abre. Língua para fora.

Porra... ela faz o que eu mando sem hesitar.

Bato a cabeça do meu pau na língua dela. Uma. Duas. Três vezes, antes de empurrar mais fundo. Tiro de novo enquanto ela me olha, os olhos dizendo que está pronta para tudo. De novo, uma, duas, três vezes, me deixando todo melado.

– Agora aperta meu pau com esses lábios lindos – mal consigo dizer, porque ela já está fazendo isso antes mesmo de eu terminar a frase.

Me afasto um pouco, roço meu pau nos lábios dela e sinto um arrepio percorrer o meu corpo.

– Deixa essa bunda empinada pra mim, gatinha.

Ela solta um som abafado ao redor da minha carne.

– Você gosta que eu te chame assim?

Gatinha. Mas, em vez de deixar que responda, empurro o pau dentro da sua boca, enquanto deslizo a mão pelo meio de suas costas. Ela me recebe tão fundo que engasga. Mas quando começo a recuar, ela envolve a minha perna com as mãos e me puxa ainda mais. *Cacete*.

Faye relaxa a garganta, me mantém ali e, com um som baixo – como se estivesse excitada com tudo isso –, faz o movimento de engolir. Jogo minha cabeça para trás e fecho bem os olhos, enquanto agradeço a qualquer força superior. Quando ela faz de novo, quase vejo estrelas com o movimento da garganta sugando a cabeça do meu pau. Solto o ar por entre os dentes, tentando me controlar, mas, caralho, isso pode ter acabado comigo.

Vou recuando devagar, sentindo como a boca de Faye deixou meu pau molhado, e levanto o queixo dela com os dedos.

Ela me observa por entre os cílios, os olhos marejados.

– Caralho, você é uma deusa – digo, passando o polegar pelos lábios dela, borrados pelo resto do batom vermelho. – Isso foi perfeito...

Me inclino para beijá-la, então me posiciono atrás dela.

– Empina essa bunda, gatinha.

Faye arqueia ainda mais a bunda para mim. Ajoelho atrás dela e deixo um dedo deslizar pela fenda da bunda e pela boceta molhada até o clitóris inchado. Brinco ali enquanto ela geme, contraindo a nádega, e, quando subo um pouco a mão, faço um carinho bem onde pretendo estapear. Em um movimento rápido, dou uma palmada e a deixo bem aberta. Preciso saborear isso. Passo a língua por toda a extensão da boceta encharcada dela, saboreando seus gemidos e o jeito como ela empurra o corpo contra a minha boca. Não deixo passar nada, do cuzinho apertado até a boceta que eu estou louco para foder.

Faye implora por mais, o som do meu nome abafado contra a almofada.

– Isso não vai ser suave, gatinha – digo enquanto desenrolo outro preservativo no meu pau. As coxas dela estão molhadas de tesão, e ela esfrega uma na outra em expectativa.

– Ótimo – diz em um gemido. – Me mostra.

Penetro a boceta inchada e molhada em um único movimento rápido e dou um tapa na bunda dela na primeira arremetida. *Cacete*.

O gemido de Faye agora sai junto com uma risada.

– É só isso que você tem pra me dar?

Fico olhando enquanto meu pau sai de dentro dela. É uma visão obscena – o rosa intenso da boceta e o jeito como ela me recompensa, cobrindo meu pau com a umidade do seu tesão. Envolvo o seu corpo por cima e puxo de volta contra o

meu peito. Então, enterro o rosto na curva do pescoço dela e inspiro.

– Me diz o que você quer. Eu faço qualquer coisa que você me pedir agora.

Faye murmura e se inclina para receber os beijos que deixo ao longo da sua pele. Então, guia a minha mão e leva meus dedos até o seu clitóris, enquanto soco dentro dela.

– Brinca comigo. E eu vou gozar nesse seu pau grosso e delicioso.

É tudo o que preciso ouvir. Arremeto o quadril com força, então recuo apenas o bastante para repetir o movimento, enquanto escuto os suspiros baixos que ela deixa escapar a cada investida. Movimento os dedos em círculos em seu clitóris até Faye começar a tremer nos meus braços.

– Eu vou... – grita ela, antes de a sua boceta começar a pulsar e se contrair ao meu redor.

Eu a penetro o mais fundo que consigo e, ainda assim, não parece suficiente. Nem quando ela geme o meu nome, me puxando para mais perto.

Faye se vira de frente para mim e junta os seios.

– Me lambuza toda, Foxx.

Arranco o preservativo e faço exatamente o que ela pede. Cubro seus seios e seu abdômen com o meu gozo enquanto o orgasmo me corta, me transformando em alguém que mal reconheço. Me apoio nos calcanhares e fico olhando enquanto ela espalha tudo pela pele rosada. Isso desperta algo primitivo em mim, uma sensação que eu nem sabia que existia. Parece que acabei de marcar essa mulher como minha – é obsceno e gostoso pra *caralho*.

Faye sorri enquanto ajudo a espalhar o resto pelo seu peito.

– Adoro isso.

Solto o ar e puxo-a para os meus braços. Ela ri, sem se importar com o suor ou com o gozo.

– Eu sei, doçura. – Roço os lábios no ombro dela e vou subindo pelo pescoço. – Eu adoro ainda mais.

32

FAYE

– Você sabe que está encarando, não sabe? – pergunto a minha irmã quando desço os degraus da frente e a pego parada, olhando fixamente para fora, hipnotizada pelo nosso vizinho, que está sem camisa tirando fardos de feno da traseira de um trailer.

– Sim, estou ciente disso – diz ela, e um toque de orgulho me faz abrir um sorrisinho ao lembrar que já passei as mãos por aquele peito delicioso. – Eu sei o que ele tá fazendo, mas por que o feno? Eles têm um cachorro, não cavalos.

– É para a vaca – digo, e fico olhando com uma atenção constrangedora. – Cadê a camisa dele? O tempo estava quase congelante hoje de manhã.

Maggie me lança um olhar confuso.

– Onde eles vão colocar uma vaca? Não tem celeiro na propriedade deles.

Dou um gole no meu café.

– Ele é dono de um quarto da maior marca de bourbon do mundo... Imagino que, se ele quiser construir um celeiro, vai construir.

Ela assente e solta uma risadinha.

– Não acredito que você tá dormindo com ele.

Parece muito mais do que só dormir com ele. Suspiro e lanço um olhar de lado para ela.

– A gente não dorme muito. E por que é tão difícil acreditar nisso?

Maggie solta uma gargalhada, então se vira totalmente para mim.

– Faye, você é essa mulher independente e foda. E ele é... pai.

Caramba, eu não esperava que ela dissesse isso.

– Ele é mais velho. Tipo, quase uma década mais velho que você – continua Maggie, estreitando os olhos, como se aquilo fosse a coisa mais absurda do mundo.

– Ele tem 38. Eu tenho 30. Não é nada de outro mundo.

Ela volta os olhos para a janela da frente e fala:

– Quer dizer, ele é bonito, isso é óbvio. É tipo um corpo de pai, mas em forma, só que mais robusto. – Maggie inclina a cabeça. – Mas é que o Lincoln também tem essa vibe de "vou cuidar de você". E você é...

Envolvo a caneca com as mãos e ajeito a postura, tentando não reagir antes mesmo que ela diga alguma coisa ofensiva.

– E eu sou o quê?

Ainda com os olhos fixos no nosso vizinho, na varanda telada dele, Maggie responde:

– Você sempre cuida de todo mundo. Sempre foi assim. Era você que dava um jeito nas coisas, principalmente quando a mamãe não conseguia, quando a gente era pequena.

Sinto um calor gostoso no peito e me vejo invadida por um alívio tão grande que não sei nem explicar. Mas ela continua:

– É compreensível você querer uma pausa de ser assim o tempo todo, que queira saber como é estar do outro lado.

Meus olhos embaçam, a garganta apertada, e viro a cabeça devagar para olhar para ela. Parece uma observação simples, mas quando alguém que conhece a gente de verdade fala isso em voz alta, é reconfortante. E ouvir isso de Maggie me dá a sensação de que estávamos nos devendo esse cuidado uma com a outra há muito tempo.

– A gente podia oferecer nosso celeiro a eles, já que quase não usamos – sugere Maggie. – A mamãe deixou esse lugar para nós duas, então, se você achar uma boa ideia, eu também acho.

Eu a encaro espantada, sem saber como processar aquilo, porque parece uma versão antiga de nós duas. Irmãs e amigas de um jeito que não era perfeito, mas que tinha amor e cuidado nos pequenos momentos. Uma amizade que ficava

clara na familiaridade com as coisas favoritas uma da outra – bolo no jantar, festinhas improvisadas e uma quase obsessão por *Da magia à sedução*. Nosso relacionamento era uma das coisas mais importantes do mundo para mim quando eu era mais nova. Só que eu nunca havia parado para reconhecer isso ou dar nome ao que a gente tinha. Era algo que eu me sentia muito sortuda por ter, e depois me senti punida quando perdi. E aceitei essa punição – pelas minhas escolhas, pelo que ajudei a enterrar e pelos limites que permiti que se confundissem. E tudo aquilo tinha sido pela pessoa errada – tudo aquilo era errado.

Minha voz sai rouca quando eu chamo:

– Maggie?

Ela continua olhando pela janela, os olhos marejados, quase com medo de me encarar.

– O que foi? – pergunta, o queixo trêmulo.

– Desculpe por eu ter parado – falo.

Maggie se vira para mim, as sobrancelhas franzidas, sem entender o que estou dizendo.

– Eu parei de cuidar de você. Deixei você e a mamãe.

Engulo o nó que se forma na minha garganta – uma onda de emoção carregada de remorso que precisa vir à tona e levar tudo. Eu tinha os meus motivos na época, mas deveria ter agido melhor.

Uma lágrima escapa e Maggie a seca rapidamente e balança a cabeça.

Antes que ela possa discutir, faço uma promessa:

– Eu não vou embora. Não posso mudar o passado, mas prometo que não vou te deixar de novo.

Maggie me olha de um jeito que parece que precisa me dizer alguma coisa. É como se quisesse dizer mais, só que, em vez disso, inclina a cabeça para a frente e apoia a testa no meu ombro. Há muito tempo minha irmã não fazia isso. Maggie nunca gostou muito de abraços – nunca foi uma pessoa de toques físicos, a menos que fosse nos termos dela. E, quando precisava de conforto, preferia apoiar a cabeça em alguém enquanto organizava os próprios pensamentos. Ela entrelaça o dedo indicador no meu e fala baixinho:

– Eu senti falta disso. Senti falta de você.

Olho para cima, tentando impedir que mais lágrimas escorram pelo meu rosto.

– Eu também – sussurro.

Ficamos assim por mais um instante, assimilando o momento, enquanto

observamos Lincoln jogando fardos de feno pela janela da varanda.

Maggie respira fundo, seca o rosto e sorri antes de atravessar a porta da frente e subir as escadas.

– Vou pegar aquele seu leque de burlesco com plumas rosa – diz.

– Espera... o quê? – pergunto, tentando entender o que ela disse.

– Tenho um encontro mais tarde – responde lá de cima.

Levanto um dedo e me viro para a escada.

– Primeiro de tudo, nem fodendo! – grito, rindo.

Ela me ignora e continua subindo. Quando chega quase no topo, para e olha para mim.

– Eu queria ir a um dos seus shows. No Midnight Proof. Você se incomoda?

Sinto um frio de empolgação no estômago, e já nem penso mais no pedido pelo leque de penas. Também pode ser nervosismo, diante da ideia de Maggie finalmente assistir a algo de que me orgulho de fazer. É uma parte de mim que se sente ao mesmo tempo vulnerável e fortalecida.

Engulo em seco e sorrio para ela.

– Nem um pouco, pelo contrário.

Ela sobe o restante dos degraus de dois em dois e desaparece de vista. Escuto a porta do banheiro sendo fechada e o chuveiro ligado. Quando volto para a varanda, sinto um alívio imenso – até agora não tinha me dado conta do peso que carregava com a ideia de ter perdido Maggie.

Continuo a olhar pela janela, vejo Lincoln rir quando o dono do trailer diz alguma coisa a ele, e não consigo conter um sorriso diante da cena. As mãos enluvadas dele se fecham ao redor da corda do fardo que está sendo içado até o trailer acoplado à caminhonete, os braços firmes e os bíceps se contraindo com o esforço. *Ele tem sido a distração perfeita*.

Quando o trailer sai da entrada da casa deles e desce a rua, abro a porta de tela da varanda. O ar está um pouco mais frio do que eu esperava, e o cheiro terroso do feno misturado à doçura no ar de Fiasco é revigorante nesse fim de manhã.

Meu celular vibra na minha mão.

FOXX

Tá gostando do show?

Levanto os olhos e, é claro, ele está olhando diretamente para mim com o

celular na mão. Meu Deus, esse homem é um absurdo. Como se estivesse tentando me provocar ainda mais, ele tira os óculos e seca a testa antes de colocá-los de volta.

FAYE

Você tá se exibindo?

FOXX

Tô tentando impressionar uma garota... Será que tá funcionando?

FAYE

Talvez um pouco. Onde estão Lark e Lily?

FOXX

Lá dentro, traumatizando a Kit com um suéter. Por quê?

Guardo o celular no bolso de trás, me aproximo um pouco mais da escada da varanda e viro o corpo para que ele consiga me ver melhor do ângulo em que está. Não é a roupa que eu normalmente usaria em um show, mas o efeito ainda vai ser o mesmo. Abro o zíper do moletom que vesti depois do banho e dou a ele uma visão perfeita, como ele acabou de fazer comigo. Lincoln está distante o bastante para que eu não consiga distinguir a expressão em seu rosto, mas vejo quando leva o celular ao ouvido no mesmo instante em que o meu vibra no bolso.

A voz do outro lado da linha é tão baixa e profunda que posso jurar que consigo sentir a vibração pelo celular.

– Você se sente confortável demais me mostrando esses peitos perfeitos sempre que eu penso neles.

– Eu mostro os meus peitos para muita gente. Mas você me mostrou o seu peito, então...

– É, mas nenhuma dessas pessoas vai sentir o gosto dessas belezinhas – murmura Lincoln, e meu corpo reage na hora. – Não vão ver seus mamilos

passando de um rosa suave e delicado para um rosa mais escuro, o bico rígido, só com um toque da minha língua. – Ele ergue o braço livre acima da cabeça e apoia no boné virado para trás. – Vou querer eles de sobremesa mais tarde.

Antes que eu consiga responder, o rugido de um motor de carro antigo invade a rua. A velocidade com que entra na garagem de Lincoln quase faz a cor passar despercebida.

– Hadley – diz ele, e consigo ver quando balança a cabeça. – Não deixo ela levar minhas filhas de carro para lugar nenhum. Agora você entende o porquê.

Dou uma risadinha ao ouvir aquilo, sem pressa de fechar o moletom, apenas ajustando o zíper o suficiente para cobrir o necessário.

– Te vejo mais tarde? – pergunta Lincoln, no mesmo instante em que Hadley abre a porta do carro.

Consigo ouvir a voz dela pelo telefone.

– Você tá carregando feno? O que é isso? Algum tipo de fantasia de fazendeiro que eu não fiquei sabendo? – Hadley segue o olhar dele direto até mim. Só consigo ouvir mais algumas palavras antes de ele desligar. – Meu Deus, vocês dois estão obcecados...

Solto uma risada alta. Ela não está errada. Fiquei rapidamente obcecada pelo jeito como me sinto quando estou perto dele. E Hadley não tem problema nenhum em apontar isso.

A música que vem de dentro ecoa até aqui. O rapper Biggie Smalls expõe a sua realidade – pode até ter sido tudo um sonho, mas a letra é boa demais para esquecer. E me faz sorrir.

Quando volto para dentro, Maggie está com o mesmo sorriso nostálgico enquanto desce as escadas. Ela sorri para mim, com uma toalha enrolada no cabelo, e há uma comunicação silenciosa sobre o que vem a seguir. A música toca alto pelas caixas de som espalhadas pela casa e entro no ritmo com ela no meio do corredor. Movimentos no estilo *No balanço do amor* se misturam com a coreografia de rua de "Top That", de *O poder mágico*. Estamos as duas rindo quando ela diz:

– A mamãe não aguentava a sua fase do rap. Ela nunca entendeu como Biggie ou Tupac podiam ser tão icônicos quanto Stevie ou Carly.

Rio ainda mais com a lembrança.

– Ah, eu lembro. Acho que nunca a vi tão empolgada sobre nenhum assunto quanto ficava quando falava de música ou de cavalos.

Maggie sorri e abaixa o volume enquanto recuperamos o fôlego.

– Você assistiu a algum show bom enquanto viajava pelo mundo?

– Não foi exatamente pelo mundo, nem de perto.

– Foi longe daqui. Lugares aonde eu nunca fui, que nunca vi... qualquer lugar fora de Fiasco parece meio que o mundo inteiro pra mim.

Ela vai até a cozinha e enche dois copos de água. Então me entrega um enquanto a sigo.

– Me conta sobre alguns desses lugares onde você esteve.

– Você já foi para Nashville, não foi? – pergunto, já sabendo a resposta.

Ela concorda.

– Nas férias de primavera antes da formatura. Fomos de carro, em um grupo, e passamos uma semana lá.

Maggie fez faculdade aqui mesmo, já que a Universidade do Kentucky tinha programa de equinos e programação. E ela sempre teve talento para as duas coisas. Nossa mãe sempre foi firme em dizer que Maggie não ia trabalhar com treinamento de cavalos na Finch & King. Isso sempre foi um ponto de conflito entre elas.

– Também fiz alguns trabalhos de investigação particular que me levaram a vários lugares – conto. – Louisiana por um tempo, depois fui para o Noroeste do Pacífico, perto de Bend, e depois Seattle. Passei quase um ano em Nova York trabalhando no caso de uma mulher que tinha sido assassinada, mas o cliente insistia que não.

Ela sorri e abaixa os olhos antes de dizer:

– Como eu disse, você é foda. – O elogio me provoca um certo orgulho. Maggie volta a olhar pela janela e muda de assunto: – Como é Nova York?

– Barulhenta. Movimentada. Diferente de como parece nos livros e nos filmes. As luzes da Times Square são intensas, assim como as multidões lá. A árvore de Natal no Rockefeller Center é só uma árvore, mas, cercada por aqueles prédios e pela pista de gelo, por algum motivo ali parece mais Natal do que em qualquer outro lugar.

– Mamãe sentia a sua falta no Natal. Acho que não te ver nessa época era o mais difícil pra ela.

Sinto um aperto no peito e me dá vontade de desabar, porque também era uma das épocas mais difíceis para mim.

O toque do celular dela interrompe a conversa.

– Merda – diz Maggie, e bufa enquanto digita rápido e guarda o aparelho no bolso. – Preciso ir.

– Tá tudo bem?

Torço para que ela me conte, mas sei que isso não deve acontecer.

Maggie pega a bolsa, abre a porta da frente e diz:

– Vai ficar.

Enquanto a observo sair com a minha caminhonete, sei que algo precisa mudar aqui. Odeio o fato de minha irmã ter sido obrigada a carregar a verdade do que aconteceu naquela noite. E que a única opção dela tenha sido ficar em silêncio. Eu a deixei com esse fardo em vez de conversar e confiar nela, e permitir que ela fizesse o mesmo. As explosões de temperamento, as apostas, tudo começa a fazer mais sentido agora.

Quais são suas escolhas quando o final nunca muda?

Os finais de Maggie sempre foram pessoas indo embora. Agora, chega. Não tem como eu ir embora sabendo que ainda há pontas soltas. E sabendo que Waz King não é só um cara nojento, mas sim um assassino, um manipulador e o causador da destruição da minha família. Isso não vai ser o fim da nossa história. Um dos meus maiores talentos sempre foi descobrir os segredinhos com poder de destruir alguém – e Waz tem muitos.

33

FAYE

Algumas coisas na investigação particular sempre funcionam bem para mim: fazer as perguntas certas, dar espaço para que as pessoas se comprometam sozinhas e uma boa distração – Cortez estava distraído no rodeio e foi assim que peguei o celular dele e instalei o aplicativo de espelhamento de tela. Eu sabia que ele não tinha ido até a nossa casa naquele dia para me ver – isso era óbvio. Mas interpretei completamente errado a troca de mensagens entre ele e minha irmã. Não era pessoal nem sexual. Era trabalho.

MAGGIE

Vai se foder, Cortez.

CORTEZ

Maggie, você fez merda. Você anda fazendo merda. E agora precisa fazer a coisa certa. Tem que conseguir o que eu preciso.

MAGGIE

E se eu não conseguir?

CORTEZ

Já falamos sobre isso. Então a gente esquece o nosso acordo. Temos provas suficientes do seu "negócio de desenvolvedora de sites". Aliás, o que você anda fazendo se chama furto qualificado. Mas nós dois sabemos que não estamos atrás disso.

Ela disse para todo mundo que era web designer, mas Maggie não está criando páginas ou reformulando sites. Ela vem manipulando o código das apostas fora da pista no Kentucky para a Finch & King, desviando dinheiro de um jeito que eu provavelmente nunca vou compreender. Maggie foi contratada por eles para "criar sites". Era a mesma história da Foxx Bourbon, mas nenhuma das duas empresas estava reformulando site algum – eram trabalhos de fachada. A Foxx colocou minha irmã para vender bourbon especial no mercado paralelo, mas a Finch & King a colocou para manipular sistemas de apostas para aumentar os ganhos deles. E Maggie fez tudo isso sem precisar sequer pisar em uma pista de corrida. Eu sabia disso pelo que a própria Maggie tinha me contado. Mas, se fosse isso que Cortez estivesse investigando, o caso estaria com o promotor e mandados de prisão já teriam sido emitidos. Mas não era o que estava acontecendo, o que significava que eles estavam atrás de alguma coisa maior. Minha irmã era um ativo do FBI.

Foi aí que Blackstone entrou na jogada. Eles precisavam de alguém envolvido com os negócios da Finch & King que tivesse rabo preso o bastante para ser pressionado e transformado em informante.

Empurro as portas da delegacia e examino o espaço atrás da recepção.

Vejo Del reunido com um pequeno grupo do outro lado do vidro e aceno. Ele levanta a mão, mas não é o típico gesto animado de sempre.

– Vim ver o agente Cortez – digo ao atendente da recepção.

Ele libera a minha entrada e aponta para o escritório no canto à esquerda.

– Vou avisar que você está entrando.

– Era de se imaginar que, depois de toda a merda que aconteceu com o

incêndio da Foxx, a gente teria um descanso – diz um policial à minha direita.

Inclino o corpo para ouvir melhor.

– Estou com o FBI na minha cola por causa desses cavalos que estão sendo abatidos. Dinheiro aparecendo em transferências anônimas para o Fiasco Savings Bank vindo de contas offshore também. O FBI ficou sabendo e agora a gente tá aqui, recebendo ordens do Cortez. Eu odeio aquele cara – resmunga o policial. – Isso sem contar essa merda de agente federal. Ouvi dizer que ela chega daqui a uma semana ou alguma coisa assim.

– Faye, o que você tá fazendo aqui? – pergunta Del, se aproximando. – Tem muita coisa acontecendo hoje, então, se você veio tomar um café...

Eu o interrompo com um sorriso contido.

– Tenho uma coisa pro Cortez.

Ele olha na direção do escritório de Cortez e depois para mim.

– Tá tudo bem? Achei que a sua participação no caso já tinha se encerrado.

Em vez de entrar nesse assunto, digo:

– Trago café na próxima, Del.

Ele assente, bem na hora que alguém chama:

– Delaney.

Ao mesmo tempo, Cortez me chama com um gesto.

– Oi, gatin... – Ele se corrige. – Faye. Eu ia mesmo te ligar.

– Qual é a sua com a Maggie? – pergunto direto, sem paciência para rodeios. E, sem dar espaço para resposta, levanto a mão. – E não vem com conversa fiada. Sei que você está usando ela, e tenho provas disso; só não entendi ainda pra quê.

Ele se recosta na cadeira e cruza as mãos.

– Fecha a porta – diz. Depois que faço isso e me sento, ele admite: – Ela tá trabalhando comigo, como informante. – Cortez solta um suspiro pesado, se inclina para a frente e toma um gole do café que está em cima da mesa. – Recebi denúncias sobre inconsistências em ganhos e probabilidades em relação ao número de apostadores. Os pagamentos não batiam. – Ele começa a listar lugares onde acontecem corridas importantes: – Saratoga, Belmont, Louisville, Lexington. Todos esses lugares apresentavam o mesmo padrão de ganhos, mas sua irmã é inteligente. Maggie redistribuía o dinheiro, por isso demoramos a encontrá-la. Ela fez parecer que tinha um problema sério com jogos, e não que era ela quem comandava tudo. Maggie foi muito sagaz com a encenação. Quando as pessoas começaram a ver sua irmã com Finch e King e perceberam que ela não estava mais aceitando novos clientes para criar sites... – Cortez balança a cabeça. – Isso não teria chamado atenção se a gente não estivesse em

uma cidade tão pequena. Mas foi só o começo.

Cortez se apoia na mesa e passa a mão pelo cabelo. A postura dele está estranha, como se estivesse tentando chegar a uma conclusão.

Então preencho as lacunas. Com os detalhes que não eram óbvios até agora.

– Finch e King já vinham levantando suspeitas há um tempo. Então, quando Maggie entrou nisso, vocês acharam que pudesse ser algo grande? É por isso que estão usando ela?

Ele inclina a cabeça, ponderando a resposta.

– Tem uma série de coisas acontecendo com cavalos, jóqueis, treinadores... até com proprietários. Se quisermos avançar, precisamos de provas. Maggie foi o começo.

– É por isso que Blackstone é essencial. Ele é outro informante? Como a Maggie?

Cortez precisava pressionar Blackstone do mesmo jeito que fez com Maggie – reunir provas suficientes para ameaçá-los: ou colaboravam ou enfrentavam a prisão pelos próprios crimes.

Mas Cortez olha além do meu ombro, através do vidro da porta, para a sala dos policiais, antes de se voltar novamente para mim.

– Era. Ele *era* essencial. Blackstone está morto.

Fico paralisada e demoro algum tempo para assimilar o que ele acabou de dizer. *Morto*. Isso não pode ser verdade. Sinto o peito apertado.

– O quê? – Aperto a ponte do nariz. – Como?

– Hoje de manhã. Recebemos uma ligação da equipe de limpeza da propriedade que ele estava alugando. A garganta dele foi cortada em dois lugares e Blackstone foi pendurado no salão de baile. Sangrou até morrer.

Meu estômago se revira e a bile sobe pela garganta quando um lampejo da cena do crime que encontrei cinco anos atrás atravessa a minha mente. Não existe coincidência. *O diabo mora nos detalhes*. Sei imediatamente quem é o responsável.

Cerro os dentes, me levanto e aponto para ele, deixando absolutamente claro que isso não é aceitável.

– Tira a minha irmã disso, Cortez.

– A gente está jogando no mesmo time. Eu não quero que ela se machuque, Faye. Nós sabíamos que isso ia além de manipular corridas de cavalo. É uma indústria inteira sendo manipulada. Blackstone era a pessoa que a Finch & King estava usando para adquirir grandes quantidades de drogas. Estamos falando de estimulantes de desempenho, cocaína, veneno de cobra. Tudo encontrado na

corrente sanguínea de cavalos testados depois das corridas e daqueles que foram encontrados mortos.

Os documentos de remessa do leilão particular dele tinham todos esses itens listados.

– Tivemos dois jóqueis, um veterinário e um treinador desaparecidos. Tenho caixas cheias de incidentes suspeitos, desde lesões até mortes de funcionários. – Ele passa a mão pela barba por fazer antes de acrescentar: – O relatório do legista nunca sinalizou nada na morte da sua mãe, mas como ela foi treinadora deles por muito tempo e aquele ataque cardíaco foi bem repentino, isso chegou a preocupar algumas pessoas do departamento em determinado momento.

A sala parece girar o suficiente para me desequilibrar, e me sinto ao mesmo tempo tonta e pesada. Recuo um passo e a parte de trás dos meus joelhos encosta na cadeira, me guiando para sentar. Foi por pouco. O que eles estão investigando vai derrubar uma indústria inteira. E agora minha irmã está no centro dessa história.

– Droga, Maggie.

Cortez se recosta na cadeira e pigarreia.

– Maggie me puxou para um canto naquela noite, antes de estar bêbada ou de ser presa. Ela me mostrou uma série de trocas de mensagens entre um treinador, um jóquei e Wheeler Finch falando sobre o vencedor da Tríplice Coroa da última temporada ter precisado ser sacrificado. Maggie disse que era o décimo primeiro naquele ano. E que tinha alguma coisa estranha naquilo. Ela não fazia ideia de que já estávamos montando um caso. E, de repente, eu tinha uma informante com acesso direto a tudo. E você já estava com tudo acertado para me entregar Blackstone. – Ele faz uma pausa e conclui em um tom contrito: – As irmãs Calloway eram minha arma secreta para derrubar um império.

– Nós não somos...

Mas Cortez me interrompe antes que eu possa dizer que ele não tem o direito de fazer isso.

– Quatro horas depois, Maggie foi detida por "embriaguez e desordem". Ela tinha sido espancada, estava machucada dos pés à cabeça e não quis falar. Recusou atendimento médico. Del tentou conversar com ela, até tentou envolver os federais, mas Maggie não quis saber. Não consegui mais nenhuma informação dela desde então, por isso venho pressionando. Ela recuou.

Eu sei que foi por causa de Waz King. Ela queria vê-lo pagar pelo que fez. Pelo que eu e minha mãe acabamos assumindo a culpa. É a única coisa que ninguém entendeu. A peça que nunca parece encaixar direito: ninguém,

principalmente mulheres, quer ser usado para o objetivo de outra pessoa.

Inclino o corpo para a frente e cravo um dedo na mesa dele.

– Só que você me deixou no escuro sobre tudo isso, Cortez. – Balanço a cabeça. – E agora a sua outra fonte está morta. Qual é o plano?

Ele cruza os braços.

– O plano é o mesmo, Faye. Montar o caso. Tanto você quanto eu sabemos que a única forma de isso acontecer é fazer do jeito certo. Precisamos de informantes.

– Você precisa de *provas* – digo, com firmeza. – E tenho várias maneiras de conseguir isso. Me deixa fazer o que eu faço melhor do que qualquer pessoa aqui. Se eu conseguir acesso às propriedades da Finch & King, ao centro de treinamento e talvez à sala dos funcionários, não tem como eu não conseguir exatamente o que você precisa. E, se eu der um jeito de entrar na residência particular de Wheeler Finch, não tem motivo para eu não conseguir plantar...

– Perdeu a porra do juízo, Faye? – me interrompe Cortez. Ele olha por cima do meu ombro para a sala da delegacia, então abaixa a voz: – Tem noção de que nada disso seria aceito em um tribunal?

E, assim que as palavras saem da minha boca, percebo imediatamente por que não funcionaria.

– Então consiga mandados. Envolva o promotor. Há formas de fazer isso dar certo aqui, Cortez.

– Você não ficou *tanto* tempo fora assim, Faye. – Ele me encara e solta o ar com força. – Acha que os irmãos Foxx têm influência? Isso não é nada comparado a Wheeler Finch e Waz King. Eles andam com pessoas muito ricas e poderosas. Estamos falando de juízes, advogados, escrivães... e eu não ficaria surpreso se também encontrasse gente da polícia local na folha de pagamento deles.

Penso nas pessoas com quem Wheeler convive – empresários, juízes, praticamente todo mundo nesta cidade. Cortez não está errado. Criminosos costumam escapar mais por tecnicalidades e erros no manejo de provas do que por qualquer outro motivo.

Tem história demais nisso. Coisas horríveis demais pelas quais minha família e eu já passamos por causa de Waz King e Wheeler Finch. Não tenho o menor interesse em esperar, assim como não tenho interesse em ver quando o FBI vai agir.

Quando me levanto e vou em direção à porta, Cortez diz:

– Faye, estou falando sério. Não quero você envolvida nisso.

Estou determinada, por isso sorrio e olho por cima do ombro.

– Envolvida em quê?

Finjo uma inocência que nós dois sabemos que não existe.

Não tem a menor chance de eu ficar sentada esperando Cortez resolver isso ou alguma coisa acontecer com a única fonte que ainda resta a eles.

34

LINCOLN

Guio o mais novo membro da família Foxx até a sua nova casa. Lark e Lily vão surtar quando voltarem da escola e a virem aqui.

– Você tem certeza de que a Maggie não se importa de a gente deixar a Dottie aqui?

Faye enfia as mãos nos bolsos de trás da calça jeans azul justa. Então olha ao redor do celeiro reformado e sorri.

– Foi ideia dela e, tecnicamente, eu sou dona de metade deste lugar, então a decisão é tanto dela quanto minha. – Ela examina as baias e as vigas acima. – Não entendo por que minha irmã investiu tanto dinheiro nisso e não tem pelo menos alguns animais para aproveitar.

Quando arrendamos os milharais para a Foxx, ela recebeu um bom dinheiro extra. Era necessário construir um espaço para armazenar a colheita.

Dottie muge enquanto passo a escova pelo seu corpo.

– Vou montar um cronograma para todos nós, para garantir que ela seja bem cuidada. Só porque Dottie está aqui não significa que seja sua responsabilidade. Já separei alguns vídeos no YouTube pra tentar descobrir como diabos se cuida

de uma vaca de estimação.

Faye assente.

– Ah, eu sei. – Ela tenta conter um sorriso e estreito os olhos.

– O que isso tem de engraçado? – pergunto, e levanto uma sobrancelha diante da expressão um tanto culpada no rosto dela.

– Bem... ai, meu Deus, isso pode dar muito certo ou muito errado... – Faye fecha os olhos por um instante. – Eu sei que você tem assistido a uma quantidade considerável de vídeos sobre cuidados e criação de uma vaca Highland, porque instalei um aplicativo de espelhamento escondido no seu celular e no do Ace.

De tudo o que ela poderia ter dito, por essa eu não esperava.

– E encontrou alguma coisa interessante? – pergunto, com uma risadinha.

Faye abre um olho só, hesitante.

– O Ace é muito organizado.

– Isso não é novidade. Eu estava torcendo pra você me dizer que ele manda nudes pra alguém ou que participa de um clube de tricô que se reúne nas noites de sábado.

Ela solta uma gargalhada.

– Isso foi bem específico. – Parecendo nervosa, Faye desliza a mão ao longo do pelo desgrenhado de Dottie. – Você tá bravo?

Deixo a escova de lado.

– Olha pra mim, doçura.

Faye desvia a atenção da vaca e seus olhos encontram os meus.

– Eu não tenho nada a esconder de você – digo. – E não estou bravo. Mas quero saber exatamente o que você encontrou no celular do meu irmão.

Ela se aproxima mais.

– Eu precisava de mais detalhes sobre o que você e o Ace estavam fazendo e se a ligação de vocês com o Blackstone...

Eu a interrompo e seguro o seu braço para puxá-la junto a mim.

– Continuo não tendo nada a esconder. – Engulo a emoção que surge pelo que vou dizer a seguir. – Você pode confiar em mim.

O carinho que ela faz em meu peito já é confirmação suficiente por enquanto. Para falar a verdade, não estou surpreso... Faye é investigadora.

Ela fica em silêncio por alguns minutos enquanto me abraça com força. Sempre que minhas meninas ficam quietas assim, sei que tem alguma coisa errada. Antes que eu pergunte, Faye ergue o rosto.

– Blackstone está morto.

Não era isso que eu esperava ouvir.

– O que aconteceu com ele?

Faye coloca uma mecha de cabelo atrás da orelha e respira fundo.

– Esse é o problema. Foi exatamente a forma como ele morreu que me deixou... – Ela balança a cabeça. – A garganta dele foi cortada em dois lugares. Blackstone sangrou até morrer e... – Faye pigarreia. – Foi esse mesmo tipo de ferimento que matou Tullis.

Procuro em seu rosto o que ela está tentando dizer. Porque, pelo que Faye tinha me contado, foi a mãe dela quem matou Tullis e deixou a filha limpar a bagunça.

– Mas sua mãe... – começo a dizer, mas ela me interrompe:

– Maggie estava lá naquele dia. E ouviu tudo antes de eu entrar na cozinha. Não foi minha mãe. – Uma lágrima escorre pelo canto do olho dela, mas Faye a seca rápido, claramente se esforçando para não desmoronar.

– Quando ela te contou isso? – pergunto, tentando entender como é possível que ela só esteja descobrindo isso agora.

– No rodeio. – Faye lança um olhar ao redor do celeiro, como se precisasse de um segundo para organizar as palavras. – Minha mãe não matou o Tullis. – Quando volta a me encarar, a expressão abatida em seu rosto me provoca um aperto no peito. – Foi o Waz.

Você tá de brincadeira comigo?

– Ele ameaçou minha mãe. Disse pra ela ficar de boca fechada sobre o que a Finch & King vinha fazendo, embora a gente ainda não saiba a extensão do que isso quer dizer. E depois disse que voltaria para descontar em mim e na Maggie se ela abrisse a boca. Acho que matar o Tullis foi a apólice de seguro do Waz. Ele deixou minha mãe numa situação em que ela pareceria ser a responsável pelo crime, caso ele precisasse de alguém para assumir a culpa, e abriu espaço para que ele mesmo tivesse uma importância maior na Finch & King.

Um soluço escapa do peito de Faye quando ela dá um soco na lateral da baia. Está furiosa e arrasada. Não a culpo.

A adrenalina dispara pelo meu corpo só de eu pensar no nível de perigo a que ela esteve exposta. E agora Blackstone aparece morto do mesmo jeito que Tullis? É específico demais para ser coincidência.

– Maggie nunca disse nada. Minha mãe não podia falar. E eu simplesmente supus o pior e enterrei a história – completa Faye, soltando o ar com força.

Eu a abraço novamente. Os ombros dela tremem e deixo que ela encharque a minha camisa com lágrimas.

Quando sua respiração finalmente se acalma, levo a mão ao rosto dela e

levanto seu queixo para que me olhe.

– Escuta – digo, com suavidade. Faye continua agarrada a mim, como se não conseguisse se afastar. – Não tinha como você saber ou impedir nada disso. Você protegeu a sua família com base no que sabia naquela época. É simples assim.

Ela fecha os olhos, como se estivesse sentindo uma dor física.

– Eu deveria ter prestado mais atenção. Se tivesse me atentado mais aos detalhes, talvez...

– Não – interrompo. – "E se" e "talvez" não são realidade. São suposições. Se não tomarmos cuidado e nos concentrarmos demais nisso, acabamos entrando em uma espiral. – Eu me inclino e beijo a testa dela antes de abraçá-la de novo. – Fiz isso por tempo demais e não me levou a lugar nenhum. A não ser à terapia.

Ela se afasta apenas o bastante para enxugar as lágrimas e soltar uma risadinha diante da minha tentativa meio sem graça de aliviar o clima.

– Prometo que não vou deixar nada disso chegar mais perto da sua família do que já chegou.

Cruzo os braços, captando o que ela está deixando de dizer.

– Então você tem um plano?

– O FBI precisa seguir as regras. Há camadas muito mais profundas nessa história do que imaginei, mas enquanto eles montam um caso... – Ela fecha os olhos, se recompondo. – Maggie é a única fonte deles. E ela já contou tudo o que podia sem que Finch ou King percebessem. Pelo menos, espero que não tenham percebido. Sei que o Waz está desconfiado, eu também estou no meio disso tudo, e agora ainda tem o que aconteceu com Blackstone.

Não estou gostando nada disso. Faye se tornou importante para mim de um jeito que eu nunca imaginei nem planejei. E não vou permitir que nada aconteça com ela.

– Isso coloca muita gente em perigo, Foxx. Não posso simplesmente ficar sentada esperando alguma coisa ruim acontecer.

Sinto exatamente o mesmo. Mas o que aprendi sobre essa mulher é que ela não vai sossegar.

– Você é inteligente e eficiente. E sei que a pior coisa que posso fazer é te dizer pra deixar isso nas mãos deles. – Passo a mão pelo maxilar, escolhendo bem as palavras. – Me diz como posso ajudar.

Faye parece estar sem palavras por um instante e fica apenas me encarando com uma expressão confusa.

– Assim, do nada?

Assinto e respondo:

– Assim, do nada.

– Preciso falar com a Maggie primeiro.

Eu também. Estendo a mão, ela segura, e puxo-a novamente para os meus braços.

– Só não espere que eu saia do seu lado.

– Tudo bem – responde Faye, assentindo, enquanto volta a fazer carinho em Dottie.

– O que você acha de aparecer lá em casa hoje para jantar um mexidão de luxo? – pergunto.

Gosto da ideia de tê-la à minha mesa, fazendo parte de algo que eu e as meninas fazemos algumas vezes por mês.

Faye sorri, curiosa.

– O que é um mexidão de luxo?

Abro a torneira e deixo o cocho cheio de água.

– Você vai ter que ir lá em casa para descobrir.

• • •

– Essa é a minha playlist favorita do momento. É um monte de mashups de uns DJs do TikTok. Eles pegam uns clássicos dos anos 1970, tipo ABBA ou Hall & Oates, e misturam com divas tipo Celine ou Mariah – diz Lark, enquanto ela e Faye compartilham os fones de ouvido e se inclinam sobre o iPad.

– Minha mãe gostava de colocar esse álbum da Mariah Carey pra tocar todo sábado de manhã. Era o nosso dia de faxina. E isso significava duas coisas: ninguém dormia até mais tarde e a música ia ser alta. Eu e a Maggie reclamávamos o tempo todo – lembra Faye.

Lark comenta:

– Eu também ia reclamar.

Eu me viro e pego a panela para ferver a água. A maior parte do que temos na geladeira combina melhor com arroz ou massa.

– Meninas, vamos de base de arroz, massa ou salada hoje?

Faye ouve a divisão de votos entre as três opções.

– A gente pode saber o que mais vai entrar?

Lily abre a geladeira e começa a listar os itens já usados pela metade e as sobras.

– Duas metades de tomate, cebola picada, um pouco de frango, e sobrou o camarão ao molho do papai. Ah, e ainda tem meia caixa de morango. – Ela se vira para mim. – Pai, isso é salsa ou coentro?

– Coentro – respondo.

– Arroz – decide Faye. – Tive uma ideia. Posso ajudar?

Lanço um olhar para Lark, depois para Lily.

– Ela pode ajudar?

As duas respondem que sim ao mesmo tempo, animadas, e estendo o braço, convidando Faye a assumir o comando.

– O mexidão de luxo é todo seu, doçura.

Pouco menos de uma hora depois, enxáguo o último prato e o coloco na lava-louças.

– Essa aqui definitivamente significa energia vibrante – diz Faye, apontando para uma pedra na pulseira no braço de Lily. – Vem, vamos descobrir se, usando isso durante a fase de lua nova, tem propriedades de cura que se transformam em outra coisa.

Lily ri.

– Você acha que funciona assim? Tipo, que tudo é conectado desse jeito?

Faye dá de ombros.

– Tudo está conectado de alguma forma. Pode ser que pedras e estalagmites sejam capazes de absorver alguma energia da Lua, não acha?

– Ou do Sol – acrescenta Lily, interessada.

– Pai – sussurra Lark ao meu lado.

Quando olho para ela, seus olhos continuam fixos em Lily e Faye.

– O que foi, meu bem?

Ela continua sussurrando:

– Isso tava, tipo, muito bom. Melhor do que o mexidão de luxo que a gente sempre faz. Nunca comi taco com morango, mas ficou bonzão. E acho que quero comer de novo qualquer dia.

Eu me inclino mais para perto e faço uma pergunta que espero que ela aceite bem:

– Então a gente deve convidar a Faye para jantar de novo?

Ela está olhando com atenção para a mesma cena que eu: Lily e Faye animadas com o fato de ser lua gibosa crescente e de Lily ter um agrupamento natural de citrino.

– É, acho que seria legal ter ela aqui – responde sorrindo enquanto pega o iPad e vai para a sala.

– Lark, você não pode assistir outro episódio sem mim – protesta Lily, e corre atrás da irmã.

Faye olha para o copo que deslizo para ela e toma um gole.

– Por que eu estou adorando isso? O que é?

Não é difícil sentir orgulho ao ouvir isso.

– É o bourbon que ando testando.

– Eu gostei – murmura ela, com um sorriso relaxado.

– Você tá bem mais leve do que hoje cedo – comento, quando ela se aproxima da cozinha.

Faye se coloca atrás de mim e passa os braços ao redor da minha cintura enquanto termino de enxaguar a última panela. Ela encosta a cabeça nas minhas costas e não demoro nem um segundo para secar as mãos e me virar para abraçá-la. Não sei quando isso começou – essa sensação de conforto que me envolve quando estou com ela –, mas em uma noite como hoje, sinto como seria fácil ter mais noites assim.

Enquanto me acomodo ao peso dela apoiado em mim e a abraço com força, surge um súbito nervosismo. No fundo, sei que o que temos pode desmoronar a qualquer momento, e estou disposto a fazer tudo que estiver ao meu alcance para que isso não aconteça.

35

LINCOLN

– Você tem um minuto? – pergunto, enquanto atravesso a cozinha de Ace.

Tanto ele quanto Grant estão com as xícaras de café a meio caminho dos lábios e claramente não esperavam me ver tão cedo. Julep cumprimenta Kit, que está na coleira ao meu lado.

– Senta.

Ela obedece e olha para cima, esperando a recompensa. Enfio a mão no bolso e tiro um biscoito do tamanho de uma moeda.

– Você viu a matéria, imagino – diz Ace, apoiado na bancada.

Olho para Grant, que me passa o celular. Na tela, há uma foto de nós três quando éramos crianças. Lembro disso do 75º aniversário da Foxx Bourbon. Foi uma das maiores comemorações que Fiasco já tinha visto. A manchete do artigo diz: *100 anos de bourbon e o segredo por trás de tudo*.

Levanto os olhos para meu irmão mais velho e ele parece satisfeito. Quando deslizo a tela, vejo escrito em itálico exatamente o que eu disse para Murray naquele dia e que, neste exato momento, parece mais verdadeiro do que nunca: *... o que existe dentro daqueles barris é chamado de "coração" por um motivo.*

Pode ser a água do Kentucky, a cultura vibrante do bourbon, mas acredito que o que faz o Foxx Bourbon ser o melhor é o orgulho colocado nesses barris e o respeito que a família Foxx tem pelo que faz. Ao comemorar 100 anos de bourbon, uma das marcas mais célebres mantém o coração no lugar certo enquanto evolui conforme os paladares e o público mudam.

O momento dessas palavras não poderia ser mais perfeito. Coloco a garrafa sem rótulo em cima da bancada.

– Grant, pega três copos.

Mas ele já se adiantou e desliza os três copos pelo tampo de mármore. Observo a viscosidade desse lote – os tons de marrom mais profundos fazem com que pareça mais um bourbon envelhecido em dois barris do que em um barril único, como era no início. Fazemos misturas específicas para momentos importantes da nossa vida desde que me lembro. Era uma das formas de acompanhar quais tinham sido nossos anos preferidos.

– Não havia nada de especial nesse lote. Era uma receita padrão: 71% milho, 16% centeio e 12% cevada. Envelhecida em barris no nosso armazém por quatro anos. – Olho para os dois antes de confessar o que venho fazendo. – Depois, deixados em infusão por duas semanas e meia com tomilho e pêssego para acrescentar doçura.

Grant sorri para si mesmo enquanto avalia o aroma.

Ace levanta o copo contra a luz para examinar a cor antes de cheirar, e me olha de relance.

– Doçura?

Assinto, tenso, enquanto meu irmão mais novo sorri ao dar um gole.

Ace balança a cabeça.

– Tenho que admitir, você e o Grant são dois cretinos que levam tudo ao pé da letra, né?

Grant comenta:

– Tem um perfil de sabor excelente.

Entro na conversa:

– Dá pra beber com gelo, puro e gelado, misturar, o que for. Mas abre espaço para um novo público. – Faço um gesto com o copo. – Se a gente quer ver a marca Foxx em mais copos, precisamos atrair quem normalmente não gosta de bourbon. Isso não precisa tirar nada das nossas raízes nem prejudicar o mercado tradicional, mas tem potencial.

Ace toma outro gole.

– Não é ruim. Talvez valha a pena testar com uma porcentagem maior de

centeio em vez de milho. O centeio pode trazer uma camada de especiarias para equilibrar o doce. – Ele dá de ombros antes de completar: – Vê o que mantém melhor o perfil de sabor.

A maioria das nossas misturas tem porcentagens maiores de milho. Isso deixa o mosto mais doce. Os açúcares interagem com o carvalho dos barris, e as variações de temperatura durante o envelhecimento são, segundo Ace, o que torna nossos perfis de sabor mais robustos. Nem sempre concordamos em tudo – nem mesmo com essa lógica –, mas esse feedback dele parece uma vitória. Uma das maiores da minha carreira, ouvir a aprovação do meu irmão mais velho.

– Não fica assim todo cheio de si, não. Você vai ter que contar pro Griz que quer colocar fruta no bourbon dele. E quero um lugar na primeira fila para assistir ao show de horrores.

– Alguém falou em show de horrores? – diz Hadley, entrando na cozinha como um furacão.

Ace solta uma gargalhada.

– Eu tinha esquecido que essa é a sua deixa para entrar em cena.

Ela sibila para ele como um gato.

Grant e eu trocamos um olhar divertido enquanto Ace volta a falar:

– O seu nível de maturidade nunca deixa de me surpreender, Hadley.

Ela joga a cabeça para trás e olha para o teto, rindo sozinha.

– Fácil demais. – Então foca em Ace. – Mas eu não vim por sua causa. – Ela volta a atenção para mim e diz: – Passei na sua casa pra te dar o contato daquele arquiteto e a Maggie estava sentada na sua varanda. Disse que precisava falar com você. Imaginei que você estaria aqui.

Hadley vê a garrafa na mesa e ergue as sobrancelhas, perguntando silenciosamente como foi a degustação. Ela sabia que eu ia apresentar a bebida aos meus irmãos hoje.

Dou um meio sorriso e uma piscadela para dizer que foi um sucesso.

– Ótimo. Quando estiver pronto, eu fico com uma caixa. Acho que vai ser um sucesso garantido.

Ace solta o ar.

– Puta merda.

– Enfim – diz Hadley, saindo pelo mesmo caminho por onde entrou. – Ela está nos estábulos com o Griz.

– Valeu, Hads – digo.

Lanço um olhar para Grant, curioso para saber a opinião dele. Quero ter

certeza de que estou tomando a decisão certa antes de colocar qualquer coisa em prática.

– Grant. – Faço um gesto em direção ao corredor. – Preciso falar com você um instante.

Ele franze o cenho, mas não questiona. Assim que temos um pouco de privacidade, digo:

– Uma hipótese.

Grant cruza os braços.

– Muito bem – resmunga. O rabugento de sempre. – Uma hipótese.

Imito a postura dele.

– Alguém está tentando montar um caso criminal, mas pedir mandados de busca ou vigilância poderia alertar o alvo e comprometer tudo. O que você faria?

A ruga entre as sobrancelhas dele se aprofunda.

– Eu quero saber...

Balanço a cabeça.

Ele inspira fundo.

– Muito bem, vou entrar na brincadeira. Seguir as regras é o que mantém um caso sólido. Mas imagino que conseguir mandados não seja possível porque talvez um juiz ou alguém acima esteja próximo demais da situação? – *Acertou em cheio*. Grant continua sem esperar pela minha resposta. – Fontes e testemunhas seriam a melhor opção para montar um caso assim.

Isso era o que Cortez já vinha fazendo. E é isso que coloca Maggie no centro de tudo o que Finch & King estão tramando.

Assinto e aperto o ombro dele, já me afastando.

– Obrigado.

Grant volta a falar quando estou chegando à porta:

– Se houvesse um clamor público...

Eu me viro para ouvir.

Ele abaixa os olhos por um momento e pesa as palavras, antes de dizer:

– Se houvesse atenção suficiente nas redes sociais ou se a pessoa envolvida fosse mencionada nas notícias como estando de alguma forma associada a esse crime, isso poderia fazer as coisas andarem. É difícil ignorar uma situação quando ela está bem na sua cara. Criar pressão pode ser uma opção.

Era *isso* que eu precisava ouvir. Bato os dedos no batente da porta e assinto novamente.

– Obrigado.

Ele me responde com um aceno contido e acrescenta:

– Cuidado.

Não digo mais nada, embora uma parte de mim queira dizer. Quando sigo para os estábulos, Griz e Maggie estão inclinados por cima da baia de um dos potros que nasceu no fim do outono passado. Ouço Griz dizer a ela:

– Resolver essa história não vai trazê-la de volta. Seja lá o que você esteja fazendo, precisa parar antes que alguém se machuque.

– Ele costuma dar bons conselhos – digo, chamando a atenção deles. – Griz, se importa se eu falar um instantinho com a Maggie?

Ele beija a lateral da cabeça dela, então apoia a mão no meu ombro e diz, antes de se afastar:

– Vai com calma, tá?

Não sei como Griz sabe de certas coisas às vezes. Talvez seja a minha linguagem corporal ou o jeito como encaro alguém que está causando problema e tenho medo de que isso acabe atingindo as pessoas que preciso proteger.

Assim que Griz já não pode mais nos ouvir, digo o que preciso dizer, em tom de alerta:

– Eu sei que você está se metendo em coisa grande. Não vem com enrolação para cima de mim, Maggie. O que você anda fazendo com a Finch & King?

Ela solta uma risadinha.

– Por que você se importa, Linc? Eu continuo fazendo o que você e o Ace me contrataram pra fazer. Já vendi a maior parte do que tinham reservado. O bourbon de vocês está circulando de verdade, e o lucro está aí pra provar.

– Eu sei bem, e nós dois sabemos que isso não tem nada a ver com o que eu estou falando.

– A Faye? – pergunta ela, enquanto passa uma cenoura para o cavalo.

– Se alguma coisa acontecer com você, ela vai ficar muito mal. Se você acabar do lado errado do que quer que esteja planejando, sua irmã vira moeda de troca. Eu viro moeda de troca. Minha família. Minhas filhas. E não vou deixar isso acontecer.

– Linc – diz Maggie, apoiando a cabeça nos braços cruzados em cima da porta da baia. – Ela te contou tudo, não contou?

Assinto, confirmando.

– Ela não vai simplesmente deixar isso se arrastar e torcer pra dar certo.

Quando a encaro, vejo em seus olhos que ela sabe que estou certo. Maggie está nervosa, mesmo que não admita.

Pego o celular, passo pelos contatos e faço uma ligação.

– Oi, Murray.

Sorrio para o telefone quando ele atende no segundo toque.

– Lincoln Foxx, eu estava me perguntando quando teria notícias suas – diz ele, animado. – O que achou da matéria?

Maggie me observa com curiosidade quando digo:

– Achei ótima. Queria te agradecer pessoalmente.

– Não tem o que agradecer – responde ele com gentileza. – Visitei várias destilarias e nenhuma me provocou a mesma sensação que a sua depois da nossa entrevista. Você realmente tem algo especial aí.

Aceito o elogio.

– Eu também acho. – Lanço um olhar para Maggie e torço para que isso siga o rumo que eu quero. – Escuta, Murray, conheço uma pessoa que talvez consiga responder às suas perguntas sobre o que está acontecendo nas corridas de cavalo por aqui. Achei que você gostaria de ouvir o que ela tem a dizer.

Isso chama a atenção de Maggie, mas não de um jeito bom. Ela se endireita e balança a cabeça para que eu pare.

Murray mexe em alguma coisa do outro lado da linha, provavelmente um gravador ou algo para anotar o que eu disser.

– Você tem algum nome pra eu poder dar continuidade a essa história?

Mas não entrego muito mais.

– Vou deixar isso nas mãos dela. Só queria que você soubesse que não me esqueci do seu pedido.

Trocamos mais algumas gentilezas antes de eu desligar.

Maggie cruza os braços e quase grita:

– Que porra foi essa, Linc?

Eu me apoio na cadeira à direita dela e fico na altura do seu olhar.

– Você está apostando todas as suas fichas no FBI para resolver isso e fazer com que as pessoas que fizeram mal a você e a sua família recebam o que merecem. Não gosto das probabilidades. – Ela entende de corridas e de apostas, e percebo o momento em que o que estou dizendo começa a fazer sentido. – Se isso tudo não terminar do jeito que você planeja – digo, e entrego o cartão de Murray –, agora você tem outra opção.

Maggie abaixa os olhos para o cartão, pouco convencida.

– Isso não vai resolver nada. Vai é criar um problemão.

– Às vezes é preciso criar um problema para consertar o resto.

– Eu já tomei decisões erradas em toda essa história, Linc – confessa ela, mudando o tom de voz enquanto inclina a cabeça e vira o cartão do repórter nas mãos. – Escondi coisas da minha irmã, da minha mãe e do Cortez. A porra do

FBI tá me pressionando. Não me importo com mais nada além de fazer o Waz pagar pelo que fez. – Ela segura o choro. – E isso já ficou...

Dou um aperto em seu ombro no melhor estilo Foxx e a interrompo:

– Eu sei como é se sentir empacado. Como é achar que não tem escolha a não ser fazer o que outra pessoa quer. Fazer a coisa certa às vezes se resume a proteger quem a gente ama.

Olho para o cartão na mão dela e dou uma batidinha nele.

– Esse é outro caminho.

Ela examina o meu rosto com atenção, tentando entender o que estou realmente dizendo. Então solta uma risadinha.

– Você ama a minha irmã – diz, como se não tivesse considerado essa possibilidade antes.

Sinto um calor gostoso no peito e sorrio.

– Eu protejo o que é meu, Maggie. E isso agora inclui a Faye.

Ela abaixa os olhos para as próprias unhas e aquilo me lembra Lark quando está perdida nos próprios pensamentos.

– Você guardou um segredo por muito tempo. Sei como isso pode dar a impressão de que está se afogando nele. Mas você é forte, Maggie. Assim como a sua irmã. E agora está em uma posição em que tem todas as cartas na mão. Se ficar perigoso demais pra você... pra ela.

Olho mais uma vez para o cartão na mão dela antes de me afastar.

– Isso aí é o seu plano de contingência.

36

FAYE

Clive faz a marcação com o baixo no mesmo instante em que Marshall entra com tudo no trompete e manda o melhor solo que ouvi em muito tempo. Por mais que Griz queira falar mal desses caras, eles estão entre os melhores músicos de jazz com quem já tive o prazer de me apresentar. O impacto do riff de piano chega no momento perfeito da música para encerrar o número.

Com leques de plumas de avestruz em tom rosa-claro abertos acima e abaixo de mim, me movimento pelo ambiente enquanto o holofote me acompanha. O vestido de cetim vermelho, justo, tem um decote cavado o suficiente para que, quando eu inclinar o quadril para trás e me curvar, o público seja instigado com um vislumbre do colo coberto de brilho e o topo das minhas franjas de strass. Eu queria um visual da Hollywood antiga, como sempre, mas a noite merecia um glamour extra. Nos sofás de veludo encostados no canto, Prue e Romey balançam os ombros no ritmo da música enquanto Marla bebe uma cerveja. Marla não sorri, mas solta alguns assovios altos nos intervalos.

Empino o quadril na direção do bar e levanto os braços com graciosidade enquanto giro um leque em cada mão. A música desta noite é uma versão blues

de “Feeling Good”, de Nina Simone, que descreve exatamente como estou me sentindo, por saber que há um plano em andamento.

Quando subo no balcão, conforme combinado, um shot de bourbon está à minha espera. Depois dos comentários sobre o showzinho que eu e Lincoln demos na festa pós-rodeio, Hadley achou que seria uma boa ideia incluir bourbon no final da apresentação.

Então, esta noite, quando a banda já está entregando as últimas notas, levanto o meu shot enquanto a cantora de jazz diz: “Senhoras e senhores, vocês foram um público maravilhoso. Um brinde à Foxx Bourbon pela última rodada, que é sempre por conta deles.” Ela ergue o copo na direção da porta e ali está ele. Lincoln Foxx, parecendo uma miragem, impecável de preto, com um meio sorriso desenhado nos lábios e as covinhas marcadas, causando um estrago na calcinha de cada mulher que o observa. Os olhos cor de oceano estão concentrados na única coisa que *ele* nota: eu.

Espero o público virar o copo, então faço o mesmo, e outro rosto familiar na plateia chama a minha atenção. Wheeler Finch está bebendo um cálice de vinho do Porto, recostado, relaxado, os olhos fixos em mim. Sozinho. Hadley deixou muito claro que Waz não tem permissão para entrar no Midnight Proof. Ele já se meteu em problemas suficientes e ela pediu ao pai para mantê-lo longe. Mas, por algum motivo, eu também não esperava ver Wheeler aqui. Não o vi em nenhum dos meus shows desde que comecei a me apresentar.

Hoje, de todos os dias, parece uma coincidência ruim. Um arrepio percorre minha espinha. Eu me esforço para manter o sorriso firme e evito olhar novamente na direção dele.

Mantenho o ritmo do final do número – fico de pé em cima do balcão e bebo meu shot de bourbon com estilo. Assim que o líquido desce pela minha garganta, Hadley puxa o cordão nas costas do meu vestido, que cai, enquanto balanço o quadril de forma exagerada. O short de cetim, bem curto, destaca a minha bunda, enquanto os adesivos de strass realçam cada seio e entregam ao público o final que eles tanto esperavam. Movimento os ombros e o quadril, fazendo o corpo inteiro vibrar no ritmo dos pratos da bateria, enquanto o trompete sustenta a última nota. Esse é o tipo de apresentação que ninguém esquece.

Desço do balcão de um pulo e sigo rapidamente pelo corredor até o pequeno camarim que Hadley improvisou a partir de um antigo depósito. Antes mesmo de começar a soltar o fecho do salto, alguém bate na porta e abre.

– Oi, doçura.

Solto um suspiro silencioso de alívio ao ver que é ele. Quando Lincoln entra,

estou sorrindo, e ele não para até me envolver com os braços e pressionar os lábios logo abaixo da minha orelha.

– Hum, você está com o cheiro do meu bourbon.

Inspiro profundamente o cheiro dele, amando a sensação de estar em seus braços – o aroma quente de carvalho tostado com um toque ácido, como cereja embebida em bourbon, invade meus sentidos. É delicioso.

– Não achei que você viria hoje. – Lanço um olhar para o relógio, que marca meia-noite e pouco. – Quem está com as meninas?

– Elas decidiram passar a noite com Griz, para aprender a tocar gaita. Lily disse que queria tentar ler a palma da mão dele. – Ele sorri, leva as mãos aos meus quadris e me observa. – E não gosto de perder o seu show...

Eu o interrompo com um beijo, ansiosa demais com o que vai acontecer esta noite. Lincoln geme contra a minha boca, me puxa para mais perto e me beija com intensidade – exatamente o que eu precisava que acontecesse agora.

Um pigarro e uma batida na porta aberta nos interrompem, e nos afastamos.

– Faye, só vim ver se ainda vamos tomar aquele drinque – diz Maggie, com confiança, apoiada no batente.

Não temos planos de tomar drinque nenhum, mas ela está tentando tirar Lincoln da jogada. Ele não deveria estar aqui e, como não lhe contei sobre o plano, provavelmente ele acha que vai me levar para casa agora que a minha apresentação acabou.

Mas Maggie e eu temos algo importante para fazer – algo que Lincoln vai descobrir depois, se tudo correr bem.

Dentro de uma hora, vamos estar nos estábulos da Finch & King, instalando o restante das câmeras de vigilância antes de a equipe chegar para o treino das cinco da manhã. Eu já tinha feito um tour pelos estábulos deles, que, como imaginei, funcionam como uma máquina bem azeitada. Os tours acontecem com frequência, até no inverno, e levam grupos pelos estábulos para alimentar os cavalos e observar os pastos cheios de animais. É a fachada para o que acontece nos bastidores – maus-tratos e manipulação criminosa de uma indústria que minha irmã e eu estamos determinadas a expor.

Eu já tinha instalado algumas câmeras pequenas do lado de fora, mas os pontos com mais atividade devem ficar dentro das instalações e dos escritórios.

Cortez usou Maggie como apoio e a mim como isca. As irmãs Calloway não vão mais jogar de acordo com as regras de outra pessoa. Não se trata apenas de fazer o certo. Para Maggie, o objetivo é vingança, enquanto para mim é proteger quem eu amo.

A temporada de corridas de cavalos vai começar em breve e, se depender de nós, a Finch & King não vai mais subir ao pódio. Se conseguirmos provas suficientes, eles vão acabar atrás das grades. No mínimo, podemos acelerar o trâmite do caso, se tivermos imagens e gravações do que acontece a portas fechadas.

Lincoln beija o meu pescoço e diz ao se afastar:

– Vou checar se as meninas já dormiram. Vem me encontrar quando terminar.

Sorrio quando ele beija meu pulso e se vira para sair. Ele aperta de leve o ombro de Maggie e dá um sorriso contido antes de seguir pelo corredor em direção ao bar.

Quando ele desaparece de vista, Maggie me lança um olhar preocupado.

– Notei um certo rosto na plateia hoje. – Sei exatamente de quem ela está falando. – Que diabos Wheeler Finch tá fazendo aqui?

Abotoo o cardigã e puxo a calça de moletom por cima da meia-calça e do short de cetim.

– Esse é o bar da filha dele. Talvez ele tenha vindo ver a Hadley.

Maggie rói a unha do polegar e balança a cabeça.

– Eles não são próximos. Hadley sorri e dá um beijo no rosto do pai quando o vê, mas fica só por isso mesmo. Pode ser uma visita aleatória, mas não acredito muito nisso.

Guardo a ametista da sorte de Lily no bolso e prendo o cabelo. Estou com calor e ansiosa com o que vamos fazer.

O cabelo de Maggie está preso em um rabo de cavalo, e a sombra escura está esfumada ao longo dos cílios. A blusa preta de manga comprida combina com o jeans wide-leg justinho.

– Você tá linda. Espera... vai encontrar alguém depois?

Ela revira os olhos.

– Ah, por favor, isso parece planejado demais. Dei uns matchs no Tinder caso a noite não renda.

Eu a encaro espantada.

– Vamos invadir várias propriedades da Finch & King e, dependendo da hora que a gente terminar, você ainda vai sair para um encontro aleatório?

– Gosto de ter opções – responde Maggie com as sobrancelhas arqueadas, enquanto seguimos pelo corredor do Midnight Proof até a saída dos fundos. – Não me julgue por ter encontros aleatórios só porque agora você tá pegando um pai de família gostosão. A gente sabe que você vai acabar na casa dele depois.

– Sagaz e bizarro – digo, com uma risadinha. – Mas não diga "pegando um pai de família gostosão" nunca mais.

– Falando nisso, você vai ter que limpar a sua barra com o Lincoln quando ele perceber que foi largado aqui – diz ela enquanto me segue escada acima, saindo pela porta dos fundos.

– Eu sei.

Depois eu conto para ele o que estou fazendo. Não gosto de esconder nada, mas preciso resolver isso com Maggie sem envolver mais ninguém.

A porta de metal que dá para os fundos se abre com um estrondo e sinto o frio assim que saio. Mas não é o aroma de croissants no ar nem o dos pinheiros da praça que me atinge, e sim o cheiro forte de colônia com um leve toque de cigarro.

Assim que a porta se fecha atrás de mim, percebo que deixei minha bolsa no camarim improvisado. Sem as chaves, não consigo entrar por aqui.

Um assovio baixo me faz estacar e arrepios percorrem a minha pele. Maggie também ouve, porque seus dedos roçam na minha mão, me incentivando a ficar em silêncio.

Viramos a cabeça ao mesmo tempo quando alguém diz:

– Acha que eu não sei o que você anda fazendo, pequena Maggie Calloway?

Waz ri sozinho e se afasta da parede escura do beco. *Merda*.

Maggie permanece em silêncio e se aproxima de mim. *Que diabos ele tá fazendo aqui?*

– Achei que você tinha aprendido daquela vez a não tentar emboscar uma mulher, Waz – digo, inclinando a cabeça. – Isso aí não cicatrizou muito bem.

– Faye. Você deveria ter ficado no seu mundinho de puta. Por que começou a se meter nisso? Não sei se Blackstone foi coincidência ou se você é tão esperta quanto a sua irmã. – Ele se aproxima mais, bloqueando a passagem do beco. Então estala a língua e também inclina a cabeça enquanto tentamos manter distância. – Maggie, Maggie, Maggie, você não aprendeu da primeira vez? Achou que eu não estava falando sério quando disse que, se tentasse me trair de novo, eu ia te cortar todinha?

Maggie não diz nada, parecendo calma demais, mas a adrenalina corre nas minhas veias, me deixando desesperada para resolver a situação.

Waz passa a língua pelo lábio inferior e o tabaco que estava mascando escorre quando ele cospe.

Maggie e eu ficamos tensas quando ouvimos o clique de um canivete se abrindo, e nossos olhos vão direto para a lâmina brilhante.

– Você armou para parecer que eu estava roubando o Wheeler. – Ele balança a cabeça lentamente de um lado para o outro. – Não imaginou que isso fosse me fazer ficar ainda mais de olho em você? Aquela surra foi só por diversão, garota. A gente só queria ver até onde você estava disposta a ir. Acha que Wheeler manda só porque aperta algumas mãos e nasceu nessa porra de cidade?

– É exatamente isso que eu acho – retruca Maggie, a agressividade vindo à tona enquanto o encara.

– Por mim tudo bem, Maggie. A verdade é que ninguém nessa cidade dá a mínima pra você. – Ele ri, os olhos arregalados e injetados, como se tivesse acabado de ter uma ideia brilhante. – Esse povo adora falar, né? Adora fofocar sobre quem está transando com quem. É isso que você anda fazendo com aquele policial, o Cortez? Tá dando pra ele? – Ele sorri, um sorriso lento e repulsivo que revela os dentes tortos. – Ou você é uma dedo-duro, igual aquele filho da puta do Blackstone? Ele sangrou mais rápido que o meu irmão. Quem diria que era só deixar a gravidade fazer o trabalho? Teria economizado um bom tempo com os cavalos que a gente precisa eliminar também.

– Você é um psicopata de merda – diz Maggie em um grunhido.

– Você fala como se isso não fosse de conhecimento geral. Eu não finjo ser algo que não sou. – Os olhos dele se voltam para mim. – Como você vem fazendo, Faye. – Ele fala como se estivesse juntando as peças naquele momento, como se até agora não tivesse percebido que eu não estou aqui à toa. – Wheeler não vai gostar de descobrir nada disso. Acabar com o que restou das Calloway não estava na minha agenda, mas eu adoro surpresas.

Outro arrepio sobe pela minha espinha quando Waz sorri para mim, mas aquela calma é só fachada, porque no segundo seguinte ele avança na direção da minha irmã. Prendo o ar quando Waz agarra o rabo de cavalo de Maggie e a puxa com força, assim que ela tenta se virar.

Ele segura Maggie junto ao peito e sussurra alguma coisa em seu ouvido enquanto ela grita. Minha irmã franze o rosto, como se o que Waz disse tivesse causado nela uma dor física.

Então vejo o pulso dele se mover.

– Não! – grito quando Waz gira a faca lentamente dentro do corpo dela. A lâmina entra até o cabo, exatamente na altura de um rim.

Maggie diz em um gemido baixinho:

– *Vai se foder.*

– Maggie, por que você iria querer morder a mão que te alimenta? – murmura ele, os olhos fixos na lateral do rosto dela. – A não ser que você

estivesse lá naquela noite... – Ele fala junto ao ouvido dela e meu estômago se revira. – Você viu algo que não deveria, garotinha?

Eu me sinto impotente. Minha irmã está com o rosto contraído e molhado de lágrimas. Sei que ela está se esforçando ao máximo para não ceder. Sua respiração sai pesada, audível, e ela se encolhe sempre que inspira.

– Isso dói, não dói? Alguém brincando com você? A sua mãe e o meu irmão só precisavam obedecer. Tullis não conseguiu manter a Shelby sob controle, então eu tive que me meter. – Com um sorrisinho de desprezo, ele passa a língua pelo rosto dela. – E não tenho o menor problema em fazer o que é preciso. Assim como você, Maggie. A gente faz o que precisa ser feito.

Ele se esfrega nela, arrancando um soluço do peito de Maggie, pouco antes de ela dizer:

– Me solta, seu filho da puta asqueroso.

Penso rápido, tentando encontrar uma forma de parar isso. Tento lembrar do que tenho comigo. Não estou com a minha faca karambit. E o meu taser está carregando. *Merda*. Olho ao redor, mas não vejo nada ao alcance que possa servir como arma.

Waz puxa Maggie ainda mais para perto, o braço contra o peito dela. Ele passa o nariz pelo rosto de minha irmã enquanto o corpo dela sobe e desce com a respiração difícil.

– Tem um ponto... – Ele arranca a faca das costas dela lentamente.

O grito gutural que rasga a garganta de Maggie faz a raiva superar o medo de que ele a machuque ainda mais.

Waz usa a faca, agora coberta de sangue, para apontar logo abaixo da orelha dela.

– Esse é o ponto certo. Se você acerta bem aqui, com alguma coisa afiada, não importa se é um cavalo ou um humano, fato é que qualquer criatura desobediente vai sangrar bonito. No começo sai rápido, como água de uma mangueira, depois continua a jorrar no ritmo do coração. – Ele solta um assovio baixo. – Dá um belo espetáculo.

– Já chega – digo entredentes, sentindo o sangue ferver enquanto meu coração lateja nos ouvidos.

Waz murmura em resposta:

– É mesmo? Acha que eu vou te obedecer só porque você dança com essa bocetinha apertada por aí?

Maggie estreita os olhos enquanto ele esfrega o rosto no dela. Seu olhar busca o meu, procurando uma saída. Quando abaixo os olhos, vejo a calça jeans dela

escurecendo, cada vez mais molhada à medida que o sangue se espalha. Sinto um aperto enorme no peito.

Então tomo uma decisão rápida e digo:

– Tá com ciúme, Waz?

Os olhos dele se voltam para mim, mas não deixo que responda.

– Quer alguma coisa que não pode ter?

Ele empurra Maggie para a frente com brutalidade e acerta um chute no meio das costas dela com tanta força que ela cai no chão a poucos metros dali. Na agitação do momento, tento chegar até a minha irmã, mas Waz me alcança antes.

Ouço alguém chamar meu nome, mas não consigo identificar quem é, porque a dor explode no meu estômago e reverbera pelas costas.

Waz me acerta de novo, antes que eu consiga reagir, mais forte dessa vez, arrancando todo o ar dos meus pulmões. Depois grita comigo, mas não consigo distinguir as palavras enquanto tento respirar. Ele segura o meu queixo e aperta com tanta força que a dor se espalha pelo meu rosto. Em um instante de clareza e desespero, levo a mão para trás do corpo, tentando alcançar o bolso. Meus dedos tocam a pedra que guardei ali antes de sairmos. Um lado liso, o outro irregular e roxo. As bordas não vão causar muito dano, mas, se eu acertar direito, vou conseguir assustá-lo o suficiente para me soltar.

Ele cospe na minha cara e diz:

– Eu deveria ter matado a sua mãe naquela noite também. Fazer o que sempre prometi. Depois iria atrás da Maggie. E deixaria você por último. Acho que você vai ser a mais divertida de ver sangrar.

Uso toda a minha força para tentar me mover, mas Waz me aperta mais cada vez que tento empurrá-lo. Eu grito, ofegante.

Ele olha na direção da minha irmã, mas não consigo vê-la.

– Maggie – chama Waz – Vou me divertir com você pri...

Mas as palavras morrem quando balanço o braço com toda a força que encontro e acerto o lado da cabeça dele, usando a pedra como peso.

Tudo o que acontece depois é rápido demais para que eu consiga acompanhar.

Lincoln grita o meu nome.

As mãos de Waz me soltam.

Meu corpo vacila e quase caio, enquanto Waz ri.

– Isso não vai fazer diferença – diz ele, segurando a lateral da cabeça e cuspindo o tabaco. – Tenho amigos em postos muito mais altos. Não vou simplesmente desapare...

É nesse momento que as palavras dele se perdem. Se eu piscasse, teria perdido o movimento de Lincoln. Com rapidez e precisão, ele pega a faca de Waz do chão e, sem hesitar, segura firme e corta a garganta do homem. Minha respiração falha quando vejo a pele se abrir como um zíper sendo puxado. O sangue jorra pelo pescoço de Waz, que leva a mão ao ferimento, enquanto Lincoln se vira e corre até mim.

Enquanto isso, Maggie fala ao telefone, as palavras saindo entre os dentes cerrados de dor:

– Cortez. Vem pra cá agora.

Waz cai de joelhos e, em seguida, de cara no chão.

Levo a mão à boca, soluçando, as lágrimas escorrendo.

– Olha pra mim – implora Lincoln, os olhos arregalados, cheios de pânico. Ele segura meu rosto entre as mãos e me puxa para junto de seu corpo. Desabo contra ele, em choque. – Olha pra mim, meu amor. Você tá machucada?

Ele examina o meu corpo, mas não sou eu que... Ah, meu Deus.

– Maggie!

37

LINCOLN

– Maggie! – grita Faye, em pânico. – Lincoln... Ah, merda. Tem muito sangue.

Tiro o casaco e o pressiono contra as costas de Maggie. Faye faz o mesmo com a própria blusa, comprimindo o ferimento na lateral do corpo da irmã. Ouvimos o som de uma sirene e, em questão de segundos, as luzes vermelhas e azuis varrem cada centímetro da entrada do beco atrás do Midnight Proof em padrões caóticos.

Cortez chega correndo e avalia rapidamente o caos que acabou de acontecer: Maggie inconsciente, sendo colocada em uma maca e levada para dentro da ambulância. Faye tentando se manter de pé. Minha mão direita e o braço cobertos de sangue.

Faye agarra a frente da minha camisa com força, sem dizer nada, como se implorasse por segurança, por algum tipo de estabilidade diante da cena da irmã sendo levada embora.

Cortez a examina rapidamente, de cima a baixo.

– Faye, você está ferida?

– É claro que ela está ferida. Faye está curvada desse jeito porque aquele

animal bateu nela. E essa é só a parte física, Cortez – retruco, irritado. – Essa situação nunca deveria ter saído do controle desse jeito, e você sabe disso.

Ele me encara, então olha para Waz caído em uma poça do próprio sangue.

– Quem fez isso?

A mão de Faye aperta ainda mais a minha camisa, trêmula como a respiração dela. Mas nós dois ficamos em silêncio e não trocamos sequer um olhar.

– Maggie deveria ter tido apoio. Ou algum tipo de vigilância, Cortez. Você tá entrando em uma cena de crime porque foi legítima defesa contra um desgraçado lunático que está solto nessa cidade há tempo demais. Todo mundo sabe disso.

Um policial uniformizado se aproxima com a fita de isolamento.

– Temos um morto no local e uma arma. – Ele olha para mim e para Faye. – Vamos...

Cortez examina Faye mais uma vez, então fixa os olhos na mão dela agarrada a mim. Não sei o que está tentando deduzir, mas ele pigarreia depois de algum tempo.

– Não há necessidade de efetuar qualquer prisão. Vou precisar que vocês vão até a delegacia depois, para prestar depoimento. Agora vão cuidar para que Maggie fique bem.

Faye assente, já avançando sem me soltar.

Ele lança mais um olhar na direção do corpo, e acrescenta:

– Pelo que vejo, isso foi legítima defesa. Vocês vão precisar confirmar isso, mas, pelo que ouvi na ligação da Maggie, e pelo que estou vendo aqui, é assim que vai ser registrado.

Assinto e mando uma mensagem para Grant. Ele vai saber nos orientar sobre o que acontece a seguir. E quais serão as consequências para mim depois de tudo isso, se é que vai haver alguma. Todos os músculos do meu corpo ainda estão tensos, a adrenalina disparada. Quando vi Waz segurando o rosto da minha garota daquele jeito, soube que faria o que fosse preciso. *Não vou perder mais ninguém*.

– Faye – chama Del, de dentro do Crown Vic escuro, acenando para nós. – Entrem. Eu levo vocês até o hospital.

Entramos no banco de trás e, assim que a porta fecha, ele arranca, praticamente alcançando a ambulância na estrada.

– Faye, meu bem, nunca foi minha intenção te colocar nessa situação. Eu sabia que tinha alguma coisa errada. Tive a sensação de que a Maggie não ia simplesmente apanhar daquele jeito e continuar trabalhando para eles. Quando

vi você falando com o Cortez, e depois do jeito como o Blackstone foi morto... sei que não era isso que você esperava.

Ela se inclina para a frente e segura o ombro dele, que dá uma palmadinha carinhosa na sua mão.

– Del, se você não tivesse me ligado, eu não sei o que teria acontecido aqui.

Quando chegamos ao hospital, foi um caos tentar descobrir qualquer coisa. Mas agora só nos resta sentar e esperar Maggie sair dessa – sinto um leve cheiro de cravo no corredor próximo ao quarto dela, enquanto os médicos avaliam a situação.

Os braços de Faye envolvem os meus ombros e nunca tive tanta vontade de abraçar alguém na vida. Ficamos em silêncio por um tempo que parece horas. O sangue seco nos meus sapatos e os respingos no meu braço são os únicos sinais de que acabei de matar um homem. Isso provavelmente vai me render mais algumas sessões de terapia, mas não sinto nenhum arrependimento pelo que fiz. O que importa é que Faye está segura.

– Obrigada – diz ela, em voz baixa. Isso não saiu como ninguém esperava. Faye se aninha em mim e roça os lábios no meu pescoço. – Passei tanto tempo tentando salvar outras pessoas... – Sua voz falha e ela se afasta. – Eu não sabia como era ter alguém tomando conta de mim desse jeito. Lincoln, sinto muito por ter te envolvido nessa história. Essa confusão toda nunca foi problema seu.

Passo o polegar pelo seu rosto para secar as lágrimas que escorrem.

– Olha pra mim.

Faye solta o ar com força e seus olhos encontram os meus. *Tão linda*.

– Oi – digo, baixinho, com um sorriso.

Consigo o que quero: ela sorri de volta e seu corpo relaxa.

– Oi.

– Escuta. Eu *não* vou... dizer que te amo enquanto você tá coberta de sangue e dentro de um hospital.

As mãos dela voltam à barra da minha camisa, agora brincando com o tecido.

– *Não* vou dizer que quero toda a sua confusão. Nem que ela é exatamente do tipo que combina com a minha.

Faye tenta morder aquele meu lábio favorito.

– Você não me envolveu em nada de que eu não quisesse fazer parte, doçura.

Aqueles olhos verdes lindos ficam ainda mais marejados enquanto ela escuta cada palavra e busca a verdade que estou lhe entregando.

– Tem muito mais aqui do que eu planejei. – Beijo seus lábios exatamente do jeito que eles vinham pedindo, com a suavidade necessária para deixar claro que

não vou embora. – Então *não* vou dizer o quanto eu quero que você fique comigo. E com as minhas meninas.

Ela sorri e solta uma risadinha, carregada de alívio.

– Tá certo.

Não quero que isso se perca em meio a todas as emoções desta noite.

– Quando isso tudo ficar para trás, quando você estiver pronta para ouvir essas coisas de mim, me avisa, tá bem?

Mas nesse momento ouvimos a médica pigarreando, e isso desvia a atenção de Faye.

– Srta. Calloway, sua irmã perdeu muito sangue, mas estou confiante de que ela vai ficar bem. Vamos precisar levá-la para a cirurgia. O ferimento nas costas foi tão profundo que eu queria ter certeza de que não há mais danos. Vou poder responder a mais perguntas quando tivermos uma avaliação melhor. Por enquanto, ela está estável, mas gostaria que fosse logo para a sala de cirurgia.

Meu telefone continua vibrando no bolso de trás e, quando pego o aparelho, vejo o nome de Hadley iluminando a tela. Há várias ligações perdidas dela e mensagens de Grant.

Beijo a testa de Faye e deslizo o dedo para atender.

– É melhor você estar bem – a voz de Hadley sai rápida.

Faye aperta o meu braço e vai em direção ao saguão do hospital enquanto meus irmãos e Griz passam pela recepção e vêm direto até nós.

– Eu estou bem. Estamos bem – digo a Hadley.

– E a Faye, como ela tá?

Grant inclina a cabeça e se ajoelha para examiná-la. Vejo todos checando se está tudo bem com ela, e a imagem de Faye integrada à minha família deixa o meu peito apertado. Como deveria ser.

– Ela está bem – digo a Hadley enquanto me viro e vejo o meu braço no reflexo da janela. Eu me distraio observando os contornos da minha tatuagem e as coisas mais importantes para mim: minhas filhas, o meu bourbon e o espaço vazio. – Se eu não tivesse chegado bem na hora...

Hadley me interrompe:

– Mas você chegou.

Eu pigarreio e vejo meus irmãos e meu avô parados diante de mim.

– Cheguei.

– Escuta, eu e Laney estamos na sua casa. Grant quis ir até aí, para estar por perto caso você precisasse. Imagino que Ace e Griz não estejam muito atrás.

– Estou olhando pros três agora – respondo enquanto Griz aperta o meu

ombro.

Ele fecha os olhos por um instante, o rosto contraído, e vejo a preocupação diminuir quando me inclino na direção do seu toque.

– As meninas estão dormindo e de pijama. A Kit também, o que é fofo demais, por sinal.

– E a Dottie? – pergunto.

– A sua vaca está no celeiro do outro lado da rua. Ela já estava lá quando cheguei e não saiu. Acho que está frio demais para a bichinha, que parece gostar mais do verão. Mas não importa – diz ela, rindo. – A gente tá bem aqui. Cuida da sua garota. Nós estaremos aqui, tá bom?

– Obrigado, Hads. Você é incrível, sabia?

Ela solta um suspiro dramático.

– É claro, meu *bff*. Te amo. Tchau.

Quando desligo, Ace segura meu outro ombro enquanto Griz diz:

– Del ligou para o Grant. Disse que houve um acidente. – Ele solta o ar com força e a voz sai meio trêmula – Vocês são as coisas mais importantes do mundo pra mim... – Seu bigode se move enquanto ele tenta conter a emoção. – Preciso que vocês continuem por aqui muito tempo depois que eu me for. Não o contrário. Entenderam?

Olho para Grant, que entende tão bem quanto eu que tudo pode ser tirado de nós rapidamente. Talvez não sejamos de abraços, mas um aperto forte no ombro tem mais peso entre nós do que qualquer outra coisa. Sempre foi assim. Aperto o ombro de Grant, que segura o de Ace. Nós quatro ficamos ali por um momento – um ponto de contato para nos certificarmos de que todos estamos aqui e estamos bem.

As portas duplas da ala do hospital se abrem; a médica passa por elas e estaca ao ver todos nós. Faye está encostada na parede, sorrindo, observando a cena.

– Fui instruída a levar Faye e Griz comigo para ver a Maggie.

Faye me olha por um instante, mas, antes de fazer qualquer outra coisa, vem direto para os meus braços e me beija. Não consigo evitar sorrir contra os lábios dela. Quando se afasta, ela sussurra baixinho, só para mim:

– Eu te amo.

Não tenho tempo de abraçá-la com mais força. Ela se vira e dá o braço para Griz. Fico olhando enquanto os dois se afastam em direção às portas.

– Doçura – chamo. – Você vai precisar dizer isso um pouco mais alto depois.

Ela olha por cima do ombro com um sorriso que fica imediatamente gravado na minha memória.

Comecei a me apaixonar por Faye Calloway na beira de um milharal, e continuei a me apaixonar quando a vi em um palco, diante de uma garrafa de bourbon, e todas as vezes que ela esteve nos meus braços desde então.

38

FAYE

Griz e eu seguimos a médica até que ela nos faz parar bem diante de uma porta fechada. Vemos um homem logo à direita, à paisana, com uma arma presa ao cinto de um lado e, do outro, um distintivo prateado de agente federal.

Griz segura o meu braço e murmura:

– Merda.

Mas só quando a médica abre a porta e somos conduzidos para dentro é que entendo exatamente o que está acontecendo. Minha irmã está sentada, vestindo roupas limpas, com o cabelo molhado e penteado para trás, com bolsas de gelo presas à lateral do corpo.

Meus olhos estão marejados quando digo:

– Maggie, você está bem.

Ela assente, e seu queixo está tremendo.

– Eu estou bem.

À direita dela, está uma mulher que me parece familiar, mas não consigo identificar. E Del.

– Bea Harper – diz Griz, se dirigindo à mulher. – Você só pode estar de

brincadeira.

Tento entender a dinâmica ali. Lembro que Del foi casado com Bea há muito tempo e que ela trocou o distintivo da polícia de Fiasco pela estrela reluzente no quadril, onde se lê: agente federal.

– Del, o que você está fazendo aqui? O que tá acontecendo? – pergunto, e o nervosismo me domina enquanto observo o rosto deles.

– Faye – diz Bea, que está encostada na parede mais distante. – Ouvi falar muito de você ao longo dos anos por causa do Del. E da sua mãe também. – Ela me encara, então olha para Maggie. – Vou ser direta. Tô puta por ter precisado voltar a Fiasco em tão pouco tempo, e por me ver envolvida em mais um drama com a porra da sua família, Griz.

Ele cerra os dentes e o bigode quase não se mexe quando fala:

– Para de reclamar e me diz exatamente o que vai acontecer aqui.

Mas é Maggie quem responde:

– Eu compartilhei informações com o FBI que podem me colocar em perigo. E, por causa disso, até que essas informações possam ser usadas corretamente...

Griz a interrompe e olha para Del.

– Você sabia disso?

– Eu sabia que a Maggie estava se metendo em coisas demais, mas não tinha ideia de até onde ia esse envolvimento. Você sabe que a Bea é a última pessoa na Terra a quem eu pediria ajuda.

Ela pega um cigarro de cravo e murmura:

– Vai se foder, Delaney...

Del lança um olhar de lado.

– Ou seja, o fato de eu ter tido que pedir um favor para minha ex-mulher... mais um favor, diga-se de passagem... já deveria dizer muito sobre a gravidade da situação, Griz.

Griz inclina o queixo na direção de Bea.

– Parece que você anda devendo muitos ultimamente. – Ele volta a atenção para mim. – Você vai com ela?

Olho para Maggie com o cenho franzido. Eu não tinha intenção de ir a lugar nenhum.

– Antes que você responda, Faye. O motivo de eu estar envolvendo vocês duas nisso é porque há uma certa sobreposição aqui. E – ela inclina a cabeça para o lado – acho que vocês precisam saber disso de antemão.

Griz troca um aceno com Bea antes de dizer:

– Eu prometi que nunca quebraria essa promessa. Que nunca trairia a

confiança dela. Mas vocês duas já passaram por coisa demais sem saber de tudo.

Eu me apoio na parede, confusa, e me preparo para escutar, enquanto vejo Bea digitar no celular descartável.

– Del, essa é a sua deixa para sair – diz ela.

Del dá um sorriso tenso ao passar por mim.

– Seja qual for a sua decisão, tenho orgulho de você.

Mordo o canto do lábio, tentando não desabar em lágrimas ao ouvir aquilo.

– Obrigada, Del – consigo dizer, com a voz embargada.

Ele me dá um abraço apertado e sai pela porta lateral sem olhar para trás. Minha respiração está trêmula.

Griz me olha e sorri, mas passa a mão pela nuca. É a primeira vez que o vejo tão tenso. Ele enfia a mão no bolso interno do paletó, tira um cartão-postal dobrado e me entrega.

Lanço um olhar na direção de Maggie antes de pegar e abrir. O papel está gasto nas bordas, como se tivesse sido aberto e dobrado inúmeras vezes. Na frente, há montanhas em tons azulados, cercadas por flores silvestres. Em letras grandes, lê-se: **BEM-VINDO A HIDEAWAY, MONTANA**. Quando viro o cartão, vejo uma marca de café no canto superior esquerdo e o cartão está endereçado a Griswald Foxx, em uma caligrafia cursiva que eu reconheceria em qualquer lugar. Meu coração dispara.

Mamãe.

Na parte da mensagem, está escrito: *Uma vida inteira não teria sido suficiente*.

– O que é isso, Griz?

Ele pigarreia.

– Acho que vale a pena ver com os próprios olhos. – Então faz um gesto para minha irmã. – As duas.

Entrego o cartão para Maggie enquanto as lágrimas escorrem pelo meu rosto e descem pelo pescoço. Não estou entendendo nada e olho para minha irmã, também com os olhos marejados.

– Maggie? Você sabia?

Ela cobre a boca.

– Não – diz, com um rápido balanço de cabeça.

– Fiz uma promessa a alguém por quem me apaixonei e que não consegui proteger – diz Griz, olhando para o dedo anelar vazio. – Nunca planejei me apaixonar de novo. Eu já tinha tido um grande amor e perdido. E tinha me conformado com isso. – Ele balança a cabeça e pisca para afastar as lágrimas. –

Mas sua mãe... Havia algo no jeito como aquela mulher falava e sorria. Era como um ímã. Eu não conseguia ficar longe dela. Não tinha nada que me envolver com uma mulher tão mais jovem, mas ela dizia que eu a fazia se sentir segura. E essas palavras, vindas de qualquer mulher, são poderosas. Até mais do que ouvir "eu te amo". – Ele sorri com carinho e outra lágrima escorre pelo meu rosto. – E ela acabou dizendo isso também.

Griz se senta na cadeira, pigarreia de novo e se inclina para a frente, com os cotovelos apoiados nos joelhos.

– Wheeler Finch não é um bom homem. É por isso que sempre abrimos a nossa porta para Hadley. Ele nunca foi um bom pai para ela. E Hadley não queria ficar perto dele, especialmente quando o pai estava tratando de negócios. – Ele me encara ao dizer: – Sua mãe se envolveu com a Finch & King porque era uma treinadora de cavalos incrível. Tullis se aproveitou disso, e não faço ideia do que ela viu nele, mas ele a convenceu de que estava apaixonado por ela e de que ela precisava dele. Fez sua mãe acreditar que ele poderia ajudá-la a ir mais longe naquele meio.

Ele faz uma pausa e engole em seco antes de continuar.

– Todos nós sabíamos que havia alguma coisa errada. Eu não conhecia sua mãe muito bem naquela época, mas qualquer um que prestasse atenção percebia... Marla, Romey, Prue. Todas elas disseram depois que sabiam que Tullis era encrenca. E, pensando agora, o que mais poderiam ter dito?

Respondo:

– Não teria feito diferença. Mamãe era teimosa, e ele a manipulou e fez gaslighting com ela por muito tempo.

– Tullis podia ter a reputação de ser um dos melhores treinadores de cavalos, mas era aí que as qualidades dele acabavam. Os dois irmãos King e Wheeler Finch transformaram as corridas de cavalos do Kentucky em um império bilionário, o que tornava os três intocáveis. – Ele olha para Maggie. – Você pode imaginar que Wheeler não ficou nada satisfeito quando Tullis desapareceu. A polícia tratou como um caso de desaparecimento depois que cartões de crédito usados em motéis pelo sudeste do país deixaram de aparecer após cerca de um ano e meio...

– Dois anos – corrijo.

Agora que tenho todos os olhares voltados para mim, resolvo que não faria mal deixar um pouco da verdade escapar.

Griz pensa por um momento sobre o que eu disse, mas, em vez de fazer perguntas, continua:

– Dois anos, então Tullis foi dado como morto. Mas o irmão dele, Waz, sempre insistiu que a sua mãe tinha algo a ver com aquilo. Manteve esse rumor vivo por muito tempo. E dizia que um dia provaria isso.

Waz é um psicopata, simples assim.

– Ela me contou o que aconteceu, o que Waz fez com Tullis. Como ele ameaçou sua mãe e vocês duas. – Griz passa a mão pelo bigode e pelo queixo. – Quando ele percebeu que havia algo acontecendo entre nós, tentou chantagear a mãe de vocês de outras formas ainda piores. Foi isso que fez tudo desandar para mim e para ela. Eu sabia que não conseguiria protegê-la. Não naquela época. Precisava cuidar dos meus meninos. Lincoln tinha acabado de perder a esposa. Estava tentando lidar com isso e com duas filhas pequenas. E Grant ainda estava zonzo depois da morte de Fiona. – Ele troca um olhar silencioso com Bea. Quando volta a me encarar, diz: – Então fiz uma escolha e pedi um favor. Um favor dos grandes.

Balanço a cabeça, atordoada.

– Griz, o que você tá dizendo?

– Que a sua mãe está viva – responde Bea.

Maggie se recosta e cobre a boca.

– Ai, meu Deus.

Meus olhos encontram os dela, e só o que consigo fazer é negar com a cabeça. Não pode ser verdade. Minha garganta está seca, como se o ar tivesse sido arrancado do meu peito.

– A única coisa que eu sempre soube fazer bem foi bourbon – acrescenta Griz. – Não sabia como mantê-la segura. – Ele levanta os olhos, tentando conter as lágrimas. – Meninas, não passa um dia sem que eu me pergunte se fiz a escolha certa ao ficar aqui. Sem ela.

Bea interrompe:

– E agora vocês têm a chance de vê-la. Se quiserem, levo vocês até ela.

Meu estômago afunda, entrando em conflito com o peito leve e a cabeça girando com tudo o que acabou de acontecer.

Harper olha para Griz e depois para mim.

– Isso está fora do protocolo e, sinceramente, já ultrapassei tantos limites que estou beirando a ilegalidade. – Ela dá um sorriso contido para Griz antes de ir até a porta. – Maggie não pode sair deste quarto se quiser entrar no programa de proteção a testemunhas. – Então olha para Maggie. – Você está com muita merda acumulada agora, garota. Vai ser muito mais difícil te tirar daqui e criar uma história convincente para servir de cobertura se decidir não fazer isso agora.

Maggie assente, os olhos vermelhos.

– Tá certo.

– Faye, temos uma janela curta para fazer isso – diz Bea.

– Eu não posso simplesmente ir embora – digo, levantando as mãos enquanto começo a segui-la. – O Lincoln...

– ... vai entender – me assegura Griz. – Vá ver a sua mãe. E diga que não se passa um dia em que eu não pense nela.

39

LINCOLN

Ainda estou meio grogue depois de cochilar na cadeira da sala de espera do hospital e demoro um instante para entender o que Griz está dizendo. Pigarreio e endireito o corpo.

– O que aconteceu?

Griz cruza os braços e fica parado diante de nós três, do mesmo jeito que fazia quando um de nós estava encrencado. Mas é a expressão em seu rosto que me deixa com um aperto no peito. Ele parece triste e apreensivo com alguma coisa.

– Griz, que porra tá acontecendo? – pergunta Grant, ao meu lado.

Ace se inclina para a frente, os cotovelos apoiados nos joelhos, olhando para baixo, como se já soubesse o que vem aí.

Com o olhar fixo em mim, Griz diz:

– O que aconteceu esta noite vai desencadear uma série de eventos. Há coisas que eu não posso contar para vocês. – Ele abaixa os olhos e passa a mão pela nuca. – Linc, você sabe o que Maggie vinha fazendo... investigando a Finch & King, mas o motivo dela para...

Ele para de falar, e, na mesma hora, eu sei que é por causa do que ela viu na noite em que Tullis morreu. De ter sido Waz King quem o matou.

Griz agora olha para Ace e continua:

– Tem mais coisa acontecendo do que até eu mesmo sei, mas de uma coisa tenho certeza: não é seguro para Maggie continuar aqui. Waz King pode estar morto, mas...

Ace termina a frase:

– Mas Wheeler não está.

– As irmãs Calloway precisam de um tempo – continua Griz, atento à minha reação, mas me sinto paralisado. – Para encarar o passado e lidar com essa situação. Não sei qual versão da história vai sair desta noite. Isso vai depender delas. Por enquanto, a versão oficial é que Maggie está na UTI.

Griz segura meu ombro e se senta na cadeira ao meu lado. Tento processar tudo o que ele disse. E tudo o que talvez não esteja dizendo.

– Me diz que ela vai voltar, Griz – digo, em voz baixa. – Ela não iria simplesmente embora.

Em vez de responder, ele afirma:

– Se ela se apaixonou por você como eu acho que se apaixonou...

Tiro os óculos, sorrindo para mim mesmo ao me lembrar do que ela sussurrou. Palavras que eu não tinha percebido como queria ouvir.

Griz sorri.

– Então ela vai voltar e fazer parte desta família – completa. – Minhas bisnetas acham que ela é a alma gêmea delas... e mulheres, especialmente mulheres Foxx, nunca estão erradas.

Olho para as minhas mãos, meu dedo anelar esquerdo vazio, e isso me traz uma sensação de liberdade. Hoje de manhã decidi deixá-lo sem a aliança. É a primeira vez que saio sem a aliança, sabendo que não vou colocá-la de volta. As meninas não perceberam, mas não me incomodaria se tivessem percebido. Eu só usava por causa delas.

– As pessoas sempre acham que a gente tem um único grande amor na vida, mas acho que quem disse isso nunca considerou todos os diferentes tipos de amor que podem surgir ao longo da nossa existência.

Meus olhos ficam marejados. Não quero desmoronar aqui, mas matei um homem esta noite. E, embora devesse sentir alguma coisa por isso, tudo em que consigo pensar é que não vou ficar bem se *ela* não sair de novo por aquela porta.

Griz passa a mão pelo bigode espesso.

– Eu tive a sorte de criar você e os seus irmãos. E o seu pai, antes disso. Tive

duas mulheres extraordinárias na minha vida que me amaram de um jeito que eu não merecia, mas as tive mesmo assim. Então veio você e teve duas meninas lindas, que se tornaram mais dois amores da minha vida.

Eu me inclino para a frente, os cotovelos apoiados nos joelhos, respirando fundo para me recompor.

– Amar alguém para depois essa pessoa ir embora...

Ele aperta a minha nuca, me interrompendo.

– Quando alguém parece ser a pessoa certa, você se joga. Amar alguém de novo não significa que um amor seja melhor ou maior que outro. Se você for esperto, vai se apaixonar quantas vezes o mundo permitir... às vezes pela mesma pessoa e por todas as versões novas dela que surgem ao longo dos anos. E, para outros, que passaram por perdas ou despedidas, de repente alguém novo aparece, te vira do avesso e, num instante, tudo parece ter voltado ao lugar. Não pense nem por um segundo que amar Faye não é a coisa mais corajosa que você já fez. Não desista dela ainda.

40

FAYE

– Você e Lincoln Foxx? – diz Bea, com um olhar de lado.

– Foi o que eu disse – acrescenta Maggie do banco da frente.

– Não me surpreende. Eles têm esse jeito... esses meninos Foxx.

– Eu voltei por causa de um trabalho e pela Maggie. Lincoln acabou sendo... um bônus – digo, dando de ombros, sem conseguir esconder o sorriso.

As duas soltam uma risada abafada. Então Harper acrescenta:

– Todos os meus bônus acabaram sendo um presente de grego, se é que você me entende.

– O último bônus que eu tive, eu fingi – suspira Maggie.

Mas, antes mesmo que eu consiga rir, Harper vira o volante, entra em uma pista de pouso privada e para bem ao lado de um pequeno avião que parece pronto para decolar.

– Eu entendo o apelo. De verdade – diz Harper, saindo do carro. – Griz era um pedaço de mau caminho antigamente.

Ela solta uma baforada de fumaça enquanto ajudo minha irmã a sair do carro, nos apressando até o avião.

Um piloto robusto está no topo da escadinha de embarque, de braços cruzados.

– Harper, você está ciente de que não sou seu piloto particular, certo? Existem serviços específicos pra isso. O seu próprio setor do governo, inclusive, tem uma frota inteira de aviões e pilotos para esse tipo de coisa.

– E mesmo assim você está aqui, Riggs – retruca ela enquanto sobe a escada. E diz, por cima do ombro: – Henry, essas são Faye e Maggie. Você nunca viu nenhuma das duas. Isso aqui é extraoficial. – Ela joga fora o cigarro de cravo. – Sabe como funciona, não sabe?

Seja qual for o histórico entre eles, o homem apenas resmunga e nos cumprimenta com um breve aceno de cabeça.

Cinco horas depois, após um voo relativamente longo e um trajeto curto de carro, saímos da estrada. Vemos apenas campos planos dos dois lados e montanhas à frente, e paramos diante de uma lanchonete pequena, uma construção quadrada, com uma placa onde se lê: Hideaway. Passa um pouco das sete e meia da manhã no horário local e a lanchonete parece fechada. Exceto por um único carro estacionado na frente e um cavalo castanho-amarelado amarrado a um poste.

Bea aciona o freio e abre a porta.

– Talvez vocês queiram tomar um café. E depois, Faye, você decide o que quer fazer. – Ela se espreguiça e pega outro cigarro de cravo. – Vocês têm vinte minutos. Depois disso, decidem se querem voltar ou se preferem ficar e ver o que Montana tem a oferecer.

Maggie pigarreia e sussurra:

– Isso está acontecendo de verdade, né? Não estou em alguma espécie de delírio pós-morte, achando que é real quando, na verdade, eu tô morta?

Belisco o braço dela.

– Ai! – grita Maggie. – Cacete, Faye.

Dou de ombros.

– Parece bem real pra mim. – Respiro fundo e seguro a maçaneta da porta. – Pronta?

Ela assente. Quando entramos na lanchonete, o sino da porta batendo contra o vidro me lembra o do Hooch's. Bato a neve que grudou nos meus sapatos no caminho do carro até a porta. A mulher atrás do balcão sorri para nós.

– Podem sentar onde quiserem, meninas.

Mas, quando percorro todo o salão com os olhos, estaco na única outra pessoa ali. Uma mulher sentada na ponta do balcão com uma xícara de chá e um

doce à frente, olhando para nós como se o mundo tivesse parado. Meu peito esvazia, então se expande, como se alguém tivesse soprado ar nos meus pulmões.

A mulher se levanta e diz, com os olhos marejados:

– Quando Bea me mandou mensagem, eu não achei que...

Ela leva rapidamente a mão à boca e fecha os olhos.

Mas é Maggie quem se move primeiro e vai até ela mais rápido do que eu imaginava que conseguiria nesse momento.

Elas se abraçam, e os únicos sons na lanchonete são soluços misturados à voz calma da minha mãe, uma voz que até este momento eu não tinha me dado conta do quanto sentia falta.

– Minhas meninas queridas. – Ela fecha os olhos e sussurra: – O que vocês estão fazendo aqui?

Ela se afasta e segura os braços de Maggie a uma certa distância.

– Olha só pra você, Maggie.

Ela morde o lábio, com uma expressão preocupada, então olha para mim por cima do ombro da minha irmã. Minha mãe ainda é linda. Vejo pequenos sinais de que o tempo passou – o cabelo ondulado, cor de trigo, agora tem mais fios prateados do que loiros e está cortado em um chanel curto. Ela usa uma calça jeans gasta, botas de vaqueira e uma camiseta de turnê da Carly Simon com um nó na cintura. O cardigã comprido parece feito à mão e é quente o suficiente para esse fim de inverno.

– Mãe... – é só o que consigo dizer antes de envolvê-la em um abraço.

Ela continua com o cheiro de sempre – lavanda e açúcar. *Cheiro de lar*.

– Ah, Faye, meu amor. – A voz dela falha. – Minha menina linda. Minha protetora. – Minha mãe se afasta para me olhar. – Me desculpa. Nossa, eu errei tão feio. – Ela faz uma pausa, segurando o choro. – Deixei você lidar com um problema enorme que nunca deveria ter sido seu. Me perdoa.

Balanço a cabeça.

– Eu sei – respondo em meio às minhas próprias lágrimas.

Ela olha ao redor.

– Annie, você pode trazer café para as meninas?

Nós nos sentamos em uma mesa, e minha mãe espera a garçonete se afastar antes de continuar.

– Obrigada, Annie. – Ela segura nossas mãos e pede: – Me contem tudo.

Maggie começa contando sobre a noite em que Tullis morreu. Diz que viu tudo. Que viu Waz matar o próprio irmão, ameaçá-la, e que eu achei que a nossa mãe é que tinha matado o homem.

– Nunca surgiu o momento certo para contar a vocês. E de que teria adiantado? Não tinha como eu saber o que estava por vir – diz Shelby. Ela olha para mim antes de retomar com o que Griz contou. – Que Waz continuou a te ameaçar.

Aperto a mão de Maggie.

– Achei que, se eu saísse da equação, vocês duas ficariam seguras. Eu não queria ir embora – diz minha mãe, erguendo os olhos.

Maggie enxuga as lágrimas.

– A gente fez uma cerimônia fúnebre pra você.

Acrescento:

– A cidade inteira te homenageou, mãe. Todas as mulheres do seu clube do livro. Todo mundo que te conhecia sentiu muito a sua falta.

– E eu encontrei meu próprio jeito de lidar com isso – diz Maggie. – Muito álcool e apostas. Mas isso serviu para pelo menos duas coisas. – Ela me olha. – Meus vícios acabaram sendo exatamente o que eu precisava para entrar no radar da Finch & King.

Nossa mãe olha para mim, confusa, então volta a encarar Maggie.

– Por favor, me diz que você não se envolveu.

– Ela fez mais do que só se envolver, mãe.

Passamos os minutos seguintes explicando exatamente o que nos trouxe até aqui. Mas isso, é claro, leva a ainda mais perguntas.

Então ficamos sentadas naquela lanchonete perdida no meio do nada durante boa parte da manhã, enquanto Maggie e eu contamos todos os detalhes – desde o meu envolvimento com Blackstone até o sistema meticulosamente montado que ela conseguiu entregar ao FBI. Falamos das gravações que consegui, do transporte de drogas por meio de leilões privados, do rastro de dinheiro, das apostas manipuladas fora das pistas, das mortes suspeitas de cavalos, treinadores e jóqueis, e de como tudo isso formou um caso apontando diretamente para a Finch & King.

Nossa mãe fecha os olhos quando pergunta:

– Eles estão procurando vocês? Esses homens têm tentáculos longos. Waz é o psicopata. Ele não vai parar de perseguir vocês. Mas Wheeler, mesmo sem sujar as mãos, não esquece nada. Ele contrata gente...

Mas eu a interrompo:

– Mãe, Waz está morto.

Ela olha de mim para Maggie com os olhos arregalados.

– Como?

– Ontem à noite. Lincoln estava lá – respondo. – Ele chegou bem a tempo.

– Lincoln Foxx? O neto do Griz? O que ele estava fazendo...

Maggie apoia os cotovelos na mesa e o queixo nas mãos.

– Ah, pois é, mãe. Quer saber a melhor parte? No meio de tudo isso, Faye ainda se apaixonou por ele.

Nossa mãe solta uma risada emocionada e diz:

– Tem alguma coisa nesses meninos Foxx. – Ela ergue as sobrancelhas. – Eu entendo. Também me apaixonei por um.

Olho pela janela para a tranquilidade da cidade onde minha mãe construiu sua nova vida.

– Griz não veio com você.

Ela balança a cabeça e toma um gole do chá.

– Ele tinha uma vida e uma família que precisavam dele. Aqueles meninos precisavam mais dele do que eu.

– Ele mandou dizer que pensa em você todos os dias – digo.

Os olhos dela ficam marejados novamente. Ela enxuga os cantos com o guardanapo.

– Bea escolheu Montana. É no meio do nada, mas é um lugar onde eu posso montar a cavalo em vez de dirigir, se quiser. – Ela dá uma risadinha. – Ela pode parecer ríspida, mas sabia que aqui seria um bom lugar pra mim. Quando cheguei, estava em péssimo estado. Tinha muita coisa para curar. – Nossa mãe contém a emoção para poder continuar. – Uma culpa enorme por ter ido embora. E por nunca ter tido a oportunidade de dizer o quanto amo vocês duas.

Seco as lágrimas e respiro fundo.

– O abrigo para cavalos que abri virou um lugar de cura. Para mim e para várias mulheres que precisam se reencontrar. Eu estava aqui havia cerca de um mês quando fui ao banco abrir uma conta e já encontrei uma conta aberta no meu novo nome. Tinha pouco mais de 250 mil dólares.

Maggie verbaliza o que estou pensando:

– Griz.

Nossa mãe sorri e assente.

– Foi o que imaginei. Ele é o melhor homem que já conheci. Tivemos seis meses juntos e foi o período em que mais me senti amada por um parceiro. Quando a gente tem isso, se sente uma pessoa de sorte. – Ela fica em silêncio por um instante, se recosta e olha pela janela. – E Bea tem sido uma boa amiga quando preciso de um rosto familiar. É uma vida simples e tranquila, mas é uma boa vida aqui. A melhor possível sem as minhas meninas lindas. Nunca vou me

perdoar por ter deixado o meu caos invadir a vida de vocês.

Enxugo as lágrimas que não param de cair.

– Eu nunca achei que teria essa oportunidade com você... Mais um momento para te dizer que te amo e que senti demais a sua falta.

Olho para o relógio e vejo que já passamos muito do tempo que Bea nos deu.

– Eu vi você uma vez – diz minha mãe, capturando novamente a minha atenção. – No palco de um clube na Louisiana.

– Mãe...

Nunca imaginei que ela tivesse me visto dançar daquele jeito. E não sinto vergonha, só orgulho.

– Tem uma coisa que você nunca soube, Faye. Que eu nunca tive a chance de te contar. – Ela segura a minha mão e o tom da sua voz me faz querer guardar cada segundo do que estamos tendo aqui. – Tenho muito orgulho da mulher que você se tornou. O jeito como você dança transmite o mesmo que eu sinto quando treino cavalos. Isso faz parte de quem você é. Não define, mas molda e fortalece. Encontrar algo que faz você se sentir a melhor versão de si mesma é o tipo de vida que eu sempre quis pra você. E investigação particular... – Ela sorri. – Você é uma pessoa naturalmente protetora com as outras, que resolve problemas, e isso sempre vai aparecer de alguma forma.

Eu não sabia que precisava dessa validação, mas as palavras dela me atingem em cheio.

Um barulho na janela nos sobressalta. Bea está do lado de fora, apontando para o relógio. Ela fala alto o suficiente para ser ouvida através do vidro e do silêncio do lado de fora.

– Hora de ir.

41

LINCOLN

Respiro fundo quando empurro as portas do celeiro e entro no espaço de trabalho improvisado que montei. Tenho estado distraído, mal ouvindo qualquer pessoa que cruza meu caminho. Sabe-se lá como, me voluntariei para organizar um evento da escola e não tenho a menor ideia do que estou fazendo. Errei tão feio a proporção de uma receita de grãos que a destilaria inteira ficou cheirando a cabelo queimado por três dias. E tudo isso por causa da única coisa que eu tinha decidido que nunca mais iria fazer: me apaixonar por uma mulher. *Merda, que saudade dela*. Como posso sentir tanta falta de alguém que conheço há tão pouco tempo?

Quando Lark disse: "Achei que a Faye vinha jantar aqui essa semana", quase desmoronei tentando explicar que ela precisou ir embora por um tempo e que eu não sabia quando voltaria. *Se* voltaria. Enviei mensagens e deixei recados de voz dizendo que estou com saudade, mas nada foi lido ou respondido. Não sei onde ela está, nem se está bem, e isso me corrói por dentro todas as noites, quando sinto meus braços vazios sem ela.

– Pai – diz Lily, rindo. – Acho que a Dottie gosta dos laços no cabelo. Ela tá

sorrindo.

A vaca definitivamente não está sorrindo, mas é dócil e deixa Lily colocar os laços enquanto Lark escova o seu pelo.

Vou até a baia que tem o nome de Dottie na frente e sorrio com a cena diante de mim.

Olho para as duas – Lily e Lark – e depois para as mais novas integrantes da família Foxx: Kit e Dottie. Uma vaca e uma cachorra. Não consigo conter o sorriso. Ajeito os óculos e digo:

– Eu não fazia ideia do que vocês estavam pensando quando decidiram trazer essas duas para casa. Mas agora entendo... O coração de vocês é enorme. Vocês fazem todo mundo nessa família sorrir e se sentir amado.

Lark olha ao redor do celeiro, para as baias vazias, e depois para mim. Seus olhos se enchem de lágrimas.

– A gente queria que você fosse feliz. Você disse que o momento mais feliz da sua vida era quando a gente estava feliz, pai.

Sorrio.

– E vocês estão felizes?

Lily abre um sorriso.

– Pai. Se isso tudo é pra você dizer que ama a Faye, a gente já sabe.

Eu não tinha considerado a possibilidade de elas simplesmente aceitarem que eu já estou apaixonado por alguém novo. Se foi rápido para mim, deve parecer rápido para elas também.

Eu me viro, olho para Lark e ela sorri.

– A gente ia precisar ser cega pra não perceber, pai. Você ama ela, não ama?

Olho para as vigas do teto e respiro fundo.

– Amo, sim, Lark. Amo muito.

Lily aponta para mim.

– Eu sabia. Na hora que eu vi a nossa marca de alma gêmea no rosto dela e aqueles diamantes perto dos olhos, tive certeza. Pai, você sabia que o nome do meio dela é Rose?

Na verdade, eu não sabia.

– Alôôô? – diz Lily, e joga os braços para o alto. – O nome do meio dela é uma flor, como o meu nome. Alma gêmea!

Solto uma risada.

– Muito sábia você, Lil. – Nem tento segurar as lágrimas. – Eu estava preocupado com a reação de vocês. Ela não é a mãe de vocês...

Mas Lark me interrompe:

– A gente teve sorte de ter a mamãe pelo tempo que tivemos.

Ela enxuga as lágrimas enquanto Lily apoia o queixo em seu ombro.

Lily entrega uma das suas pedrinhas para a irmã.

– Pega, Lark. Uma pedra de ônix para coragem.

Eu e Olivia já não estávamos nada bem antes de ela morrer – nosso relacionamento tinha perdido muito do que nos fazia felizes como casal –, mas ela era uma mãe incrível. O tipo de mãe que qualquer pai deseja para os filhos. Sempre vou ser grato a ela por isso. Pelas meninas. Sinto um orgulho enorme de ver as duas lidando com tudo isso – abrindo espaço para alguém novo.

– Ela amava demais vocês. Mais do que tudo.

Lark funga e sorri.

– Acho que a mamãe ia querer que a gente tivesse mais dessa sensação, de alguém que ame e queira passar tempo com a gente.

– Vocês duas são incríveis – digo, e passo a mão pelas costas de Lily.

– Isso é óbvio – sussurra ela.

Lark sorri para a irmã e passa o polegar pela superfície lisa da pedra.

– Pai, você é meu melhor amigo no mundo todo. – Ela hesita por um instante e franze o cenho. – Eu gostei da Faye desde o primeiro minuto. Fiquei com medo de ela tomar todo o seu tempo. Mas agora sei que isso não vai acontecer. Eu só não quero ficar triste de novo... Amar uma pessoa e depois perder.

Fico com um aperto no estômago ao ouvir isso, porque sinto o mesmo. Engulo o nó na garganta e levanto os olhos, tentando impedir que mais lágrimas escorram.

– A gente tem uma vida muito boa, só nós três. Eu não queria acrescentar outra pessoa a isso. A gente estava se virando bem sozinhos, não estava?

Lily enxuga os olhos e assente.

Lark solta uma risadinha.

– Mas aí apareceu a Faye.

– E me nocauteou completamente – digo, com um sorriso.

– Pai, era por isso que você detestava ela no começo? – pergunta Lily, sempre curiosa.

Elas não precisam saber todos os detalhes de como tudo começou, mas posso ser honesto o suficiente.

– Eu não conhecia ela. Tive uma impressão errada da Faye no início. – Respiro fundo. – Eu também tenho medo. De amar alguém e essa pessoa ir embora. Ou não voltar. Mas se ela voltar...

Lark completa:

– Então você vai deixar bem claro pra Faye o quanto a gente quer ela aqui.

– Sim, pequena, vou deixar bem claro pra Faye o quanto a gente quer que ela fique. E o tanto de amor que eu pretendo dar a ela.

– Nós – corrige Lily. – O tanto de amor que *nós* pretendemos dar a ela.

42

FAYE

Há 64 cavalos vivendo no rancho Hideaway Rescue. Além de quatro cachorros, alguns gatos de celeiro e duas dúzias de galinhas. Uma vaca Highland completaria bem o cenário. Sorrio quando penso em Dottie – em como Lark e Lily devem estar se divertindo com ela tão perto de casa. É lindo e tranquilo aqui, exatamente como a mamãe disse. Já faz pouco mais de duas semanas e ainda não conheci toda a propriedade. A neve que caiu de leve essa manhã é normal por aqui no fim de fevereiro, segundo mamãe. As manhãs frias dão lugar a dias frescos, sempre acompanhados por um sol enganosamente forte.

– Aquela ali à esquerda gosta de mandar em tudo; é a que está aqui há mais tempo. Quando chegou, estava bem magra, mas acabou sendo ela quem me curou. Acho que vê-la ficando mais forte me incentivou a fazer o mesmo – diz minha mãe, quando estamos sentadas no balanço da varanda.

– É lindo aqui – digo, então fecho os olhos e deixo o sol aquecer meu rosto.

– Você sente falta do Lincoln – fala Maggie. Não é uma pergunta, é uma constatação.

– Eu amo o Lincoln – respondo e solto um suspiro.

– Ele é um bom homem, Faye – diz a minha mãe, apertando minha mão com carinho antes de acrescentar: – Se eu pudesse ter escolhido alguém pra você, teria sido Lincoln Foxx.

Sorrio, olhando para nossas mãos juntas.

– Por quê?

– Lincoln sempre se entrega. Aos abraços, à família… Isso sempre me pareceu o que mais o diferenciava dos irmãos. Ele é muito parecido com Griz nesse sentido... Um contador de histórias nato, capaz de prender a atenção de uma sala inteira sem esforço, além de ser muito bonito.

– Ela tem razão – concorda Maggie, erguendo uma sobrancelha de um jeito que me faz rir.

Apoio a cabeça no ombro da minha mãe, porque estou muito ciente de que não vou poder fazer isso sempre – talvez nunca mais. Ela pode não ter mais a ameaça de Waz King, mas Wheeler Finch ainda é poderoso demais, esteja ele preso ou não. E o mesmo vale para Maggie. Eu sou a variável fora da equação – não sou uma ameaça para Wheeler, até onde ele sabe. Qualquer coisa ligada ao caso está conectada a Maggie. Del, junto com Bea e Cortez, vai se certificar de que permaneça assim.

Minha mãe pigarreia, interrompendo meus pensamentos.

– Um homem como Lincoln não é alguém que você ama e abandona. É o tipo de homem que você deixa te agarrar e depois faz de tudo para que ele nunca mais solte.

Meus olhos ficam marejados enquanto nós três observamos os cavalos correrem pela extensão do cercado mais próximo.

– Eu vou sentir a sua falta para sempre – digo, com a voz trêmula.

– Eu também nunca vou deixar de sentir saudade de você, minha menina linda – responde ela, e aperta a minha mão com força.

Maggie se levanta um instante depois e bate palmas.

– Muito bem, se essa é nossa última refeição juntas como garotas Calloway, então eu voto em bolo no jantar.

– Bolo no jantar – concordo, rindo, mesmo que uma lágrima escorra pelo meu rosto.

Minha mãe sorri e se levanta.

– Vou separar os ingredientes.

Eu levanto e me aproximo de Maggie. Ela apoia os cotovelos no corrimão da varanda e fica olhando a paisagem. O céu azul da tarde está salpicado de nuvens brancas – parece um dia perfeito.

– Se eu esquecer de te dizer depois, Faye – começa a falar e faz uma pausa. – Você é a minha pessoa favorita. Sempre foi. E provavelmente sempre vai ser.

Meu queixo treme enquanto tento segurar o choro diante daquelas palavras.

– Você sabe que eu te amo, não sabe?

Ela assente, cerrando os lábios para tentar conter a emoção. Quando encosta a testa no meu ombro, eu absorvo aquele momento e guardo tudo na memória para acessar quando precisar.

Alguns minutos se passam antes de eu sussurrar:

– Promete que vai ficar bem?

Ela levanta o queixo e respira fundo.

– Vai ser um tédio desgraçado aqui sem você.

Solto uma gargalhada.

– Tenho certeza de que você vai arrumar alguma confusão para se meter.

– Obviamente – diz ela, e entrelaça o dedo indicador no meu. – É ótima a sensação de fazer a coisa certa.

Abro um sorriso largo.

– Como assim?

Ela se vira e entra em casa, mas antes diz:

– Você vai ver.

43

LINCOLN

Essas devem ser as duas semanas mais longas da minha vida. Tiro os óculos e passo o braço pela testa para enxugar o suor. O inverno finalmente se foi e a primavera está fazendo um ótimo trabalho em nos lembrar de que está chegando. Alguns narcisos e tulipas começaram a brotar perto da caixa de correio e o sol aquece o telhado do celeiro o suficiente para que, ao meio-dia, eu precise ligar os ventiladores enormes que instalei.

As Calloway provavelmente vão gostar das melhorias que fiz aqui. Eu precisava de uma pausa de parte do planejamento que venho fazendo com Laney. O lançamento do Foxx & Doçura está chegando, e o burburinho que minha cunhada criou em torno disso teve como consequência a preparação de vários eventos e a ampliação das turnês. É bom ter um espaço só meu aqui, um respiro da destilaria e um lugar que me faz sentir mais perto dela.

– Lincoln Foxx – diz uma voz doce atrás de mim.

Respiro fundo e fecho os olhos, aliviado. Cada músculo do meu corpo relaxa. Solto o ancinho assim que me viro e vejo o rosto lindo dela na entrada do celeiro. Ela olha para o meu corpo, para a minha camiseta pendurada no bolso de trás da

calça. Sinto o seu olhar percorrer todo o meu corpo e, puta merda, adoro isso.

– Você voltou – digo, então corro até ela e a abraço com força.

Qualquer palavra que Faye pretendesse dizer morre quando os meus lábios encontram os dela. Beijar essa mulher é como me perder, mas, ao mesmo tempo, encontrar exatamente o meu lugar.

Ela se afasta só o necessário para dizer:

– Tem tanta coisa que preciso te contar. – Faye balança a cabeça, tentando impedir as lágrimas de caírem. – Mas nunca houve a possibilidade de eu não voltar, Foxx. Dessa vez, eu não teria conseguido ficar longe.

Seus dedos traçam a linha do meu maxilar e roçam a barba que tenho sido preguiçoso demais para fazer. Encosto o nariz no dela e sinto o cheiro de menta e baunilha nos seus lábios.

– Eu não conseguia entender. Quando eu não conseguia parar de olhar pra você, de desejar ficar perto de você, eu não conseguia entender o que fazia eu me sentir assim.

Ela examina o meu rosto, os dedos agarrados à minha camiseta.

– Obviamente, a minha personalidade brilhante – provoca.

E, embora ela não esteja errada, não é exatamente isso.

– Eu me dei conta do que te torna perfeita pra mim. – Afasto o cabelo do rosto de Faye, que me olha com atenção. – Você cuida da sua família e das pessoas de quem gosta, e isso sempre foi a definição de amor pra mim. Você é a definição de amor pra mim.

Um sorriso dança nos lábios de Faye e ela passa os braços ao redor do meu pescoço. Então, deixa a ponta dos dedos roçar nos cabelos na minha nuca.

– Como não ficar toda derretida com uma declaração dessas, Foxx?

– Tô só exibindo o meu charme. Pra fazer você ficar – respondo.

Eu a abraço com força, mas é como se não fosse o bastante, e Faye deve sentir o mesmo porque, sem pensar, eu a levanto no colo e as pernas dela envolvem a minha cintura. Ela desliza o nariz pelo meu pescoço e dá uma mordidinha de leve, despertando todo tipo de desejo de tê-la para mim.

– Roupa demais, doçura – digo, murmurando contra os lábios dela.

Faye começa a rir, e descubro que esse é facilmente um dos meus sons favoritos. Ela arrasta os lábios pelo meu maxilar, deixa que desçam pelo meu pescoço e diz:

– Você sabe que está um frio danado lá fora e você está sem camisa, né?

– Eu não sabia quando você ia aparecer, então estou assim há dias.

Ela solta uma gargalhada enquanto tiro o seu suéter pela cabeça.

Faye está usando apenas uma regata por baixo, e vejo que seu cabelo agora está todo bagunçado, quando seguro seu rosto entre as mãos.

– Você não me deixou falar. Disse "eu te amo" e foi embora. Como se encerrasse o assunto.

Ela sorri junto aos meus lábios e roça a língua de leve na minha – ansiosa para chegar aonde quer. Eu a afasto da parede e sigo para o fundo dos estábulos. Passamos por onde Dottie está mastigando feno. Faye lambe a lateral do meu pescoço e uma onda intensa de desejo sobe direto pela minha coluna até o meu pau.

– Aonde você está me levando agora, Foxx?

Quando chegamos ao cômodo mais distante, eu a coloco em cima do balcão que percorre todo o comprimento do espaço.

– Você tem noção de que isso é um celeiro e não um armazém de barris, certo?

– É só um espaço pequeno por enquanto. Venho fazendo uns testes com o meu lote especial.

Quando ela olha ao redor, vê uma das provas de rótulo que Laney deixou mais cedo.

Faye pega o rótulo e sorri. Ela olha de mim para o rótulo com uma expressão radiante.

– *Foxx & Doçura*. Você batizou um bourbon em nossa homenagem?

Eu me afasto dela e pego uma garrafa aberta do suporte que foi usado para degustação mais cedo hoje. Poderia ter deixado isso na destilaria, mas não queria que ficasse longe daqui.

– Eu precisava te ver no minuto em que você voltasse. Então me apropriei desse espaço. Assim podia ficar de olho na Kit e na Dottie e trabalhar um pouco enquanto as meninas estão na escola, e enquanto esperava pacientemente por você.

Dou um gole na garrafa, sentindo imediatamente a doçura do pêssego quando o bourbon toca a minha língua. É quase tão delicioso quanto a mulher à minha frente.

Faye sorri me vendo engolir, observando o movimento da minha garganta. O jeito como ela me olha, como se me desejasse muito, é algo de que eu nunca vou me cansar.

– Você está obcecado por mim – provoca Faye, enquanto suas mãos descem pelo meu peito em direção ao cinto.

– É, gatinha. Eu sou obcecado por você. – Mordisco o lábio dela. – Você tem

algum problema com isso?

– Não – murmura ela. – Quero um pouco disso aqui.

Faye solta o meu cinto enquanto puxo a frente da regata dela para baixo e vejo os seios transbordando por cima do sutiã rosa. Mas agora estou sem paciência, então puxo o sutiã para baixo para ver exatamente o que quero colocar na boca.

– Você vai ter quando eu disser que pode.

Ela arregala os olhos quando percebe como vai ser essa brincadeira. Então empina o peito para a frente, esperando para ouvir as minhas exigências.

– Junta esses peitos lindos pra mim.

Faye faz exatamente o que eu peço – segura as laterais dos seios, unindo os dois.

Eu arquejo e solto um gemido.

– Cacete, olha só pra você. – Eu me inclino para a frente, seguro a cintura dela e passo a língua pelo vale profundo entre os seios. – Só tem um jeito de você beber bourbon quando está comigo, doçura.

Faye sorri e, como a garota boazinha que é, abre a boca, colocando a língua para fora. Eu tomo um gole da garrafa e dou a ela exatamente o que pediu – um shot do nosso bourbon Foxx & Doçura.

Ela está sorrindo quando seus olhos se abrem e encontram os meus.

– Eu amo isso.

– Ótimo. – Sorrio de volta. – Eu te amo.

Ela deixa um pouco do bourbon escorrer da boca pelo queixo até cair direto nos seios. Sigo aquela trilha com a língua, gemendo contra a pele dela. Então puxo o quadril de Faye mais para a beirada do balcão onde está sentada e abaixo a legging que está usando.

– Se segura em mim.

Quando levanto seus quadris para tirar de vez a calça do caminho, Faye passa os braços ao meu redor. Eu me ajoelho e jogo a peça para o outro lado do cômodo, então abro mais os joelhos dela para sentir o cheiro do que é meu. Depois de deixar os óculos de lado, deslizo o nariz pelo meio da boceta dela e Faye estremece.

– Você tá tão molhada, gatinha.

Ela solta uma risadinha.

– Fico molhada só de pensar em você, Foxx.

Eu me levanto, desabotoo a calça jeans e desço o zíper. Então abaixo a cueca e seguro meu pau.

– Por mais que eu queira beber cada gota do seu tesão por mim, preciso dessa boceta linda e apertada em volta do meu pau agora mesmo.

– Foxx?

Cuspo na mão e passo pelo meu pau duas vezes antes de arrastá-lo pela boceta dela.

– Fala, gatinha.

Ela arqueja enquanto brinco com os seus grandes lábios.

Eu sei o que ela vai me pedir. É por isso que não deixo que termine de falar quando a penetro fundo e forte na primeira investida. Isso a faz arquejar mais uma vez e sua boca se abre antes que ela sorria para mim.

– Se eu esquecer de te dizer depois, eu te amo.

Beijo os seus lábios macios em resposta. Aquelas palavras percorrem minha pele como um toque suave e penetram em mim até o fundo da minha alma. Faye desliza a língua pela minha. Retiro devagar o meu pau que estava enterrado dentro dela. Então levanto mais o seu corpo.

– Prende essas pernas bem apertado na minha cintura, doçura.

Faye faz o que eu peço, encosta a testa na minha e sussurra:

– Senti sua falta.

Meus lábios roçam os dela enquanto eu a levanto do balcão, só o bastante para sair de dentro dela e penetrá-la de novo, provocando.

Faye geme contra os meus lábios enquanto meto nela e seus quadris acompanham as minhas investidas.

– Isso, esfrega essa boceta em mim – digo, num gemido, sentindo-a se contrair ao meu redor.

– Isso, Foxx. Olha pra mim enquanto eu te fodo – diz ela entre arquejos, o que me leva ainda mais perto do limite.

Consigo perceber pelo jeito que ela abre a boca, pela tensão no corpo, que o orgasmo está muito perto. Uma camada de suor cobre o seu peito enquanto ela mantém o ritmo, o corpo subindo e descendo do jeito mais lindo. Minha dançarina. Minha fantasia.

– Agora é a minha vez, gatinha.

Vou com ela até a parede lisa e, com as pernas de Faye ainda presas à minha cintura, uso a parede como apoio para me enfiar ainda com mais força nela, fazendo questão de roçar no clitóris a cada movimento.

A respiração de Faye se acelera e mal estou conseguindo me conter quando ela me abraça com mais força e treme nos meus braços. Deixo escapar um gemido longo e baixo, que rapidamente se transforma em total descontrole

enquanto a boceta dela pulsa ao meu redor.

– Não para, Foxx. Quero te ouvir gemer como homem.

E *essa* é a mulher por quem estou apaixonado. Rápida em me fazer ajoelhar diante dela, ver cada parte dela e, ainda assim, não me perder na queda. Faço exatamente o que ela manda. Quando ela está nos últimos espasmos do próprio orgasmo, sinto o meu atravessar meu corpo, do topo da cabeça até as costas, descendo pelo meu pau enquanto gozo dentro dela.

Solto um gemido tão alto que nem percebo que o som saiu de mim, mas Faye abafa o final, me beijando com toda a energia que nos resta. Apoio a cabeça em seu ombro, a respiração pesada e um sorriso atordoado contra a pele dela.

– Você vai precisar me dar mais uma dessa – murmura Faye. Seu corpo ainda está pressionado contra a parede, meus quadris mantendo-a no lugar enquanto deslizo para fora dela. – Acha que consegue acompanhar?

Solto uma risada baixa.

– Doçura, continua apertando essa boceta assim que eu fico duro de novo em um minuto.

E é verdade, mas o som dos freios do ônibus escolar me faz sair de dentro dela enquanto lhe dou um beijo na testa. Puxo a calça para cima, ao menos o necessário para não tropeçar, e vou atrás da legging dela.

Faye sorri para mim, ainda encostada na parede, atordoada, parecendo uma deusa satisfeita.

– Está com pressa?

Empurro meu pau meia-bomba para dentro da cueca enquanto abotoo a calça e afivelo o cinto.

Então me inclino e dou um beijo rápido em seus lábios.

– Sim, um pouco. E você também deveria estar, a menos que queira que as minhas filhas te vejam com os peitos e a bunda de fora.

Ela volta de vez à realidade, endireita o corpo e começa a se vestir.

– Ai, meu Deus – diz, rindo.

– São os riscos de se apaixonar por um pai solo.

Faye ajusta o sutiã no lugar e puxa a camiseta do Led Zeppelin para baixo, depois veste a legging rebolando os quadris. Quando passo a minha camiseta pela cabeça, ela faz um biquinho que me faz rir. Então ajuda a puxar a barra e me beija.

– As vantagens – diz contra meus lábios. – As vantagens de se apaixonar por um Foxx.

Escuto as portas duplas sendo abertas e as duas meninas falando com a vaca.

– Dottie, você tá muito linda hoje.

– Oi, Dottie, acho que a gente vai precisar aparar sua franja em breve.

Kit late várias vezes, anunciando a própria presença, e dispara pelo corredor principal do espaço.

Puxo Faye para mim e passo um braço ao seu redor.

Não planejei nada além de vê-la e abraçá-la. Não podia me permitir ir além sem saber se ela queria mesmo isso.

Mas agora não consigo evitar perguntar:

– Tem certeza de que é isso que você quer?

Faye inclina a cabeça para trás para me olhar. O barulho ao redor parece desaparecer enquanto ela passa os dedos pela minha nuca.

– Faye! Você voltou! – grita Lark.

E Lily completa com um gritinho que se mistura aos latidos de Kit.

Faye abre um sorriso tão largo que os olhos verdes quase se fecham e a pinta desaparece nas covinhas.

– Você é exatamente o que eu quero, Foxx. – Seus olhos se desviam para Lark e Lily, que estão paradas na entrada, sorrindo. – Você e suas meninas – acrescenta. Ela me dá mais um beijo antes de se virar e abrir os braços para minhas filhas. – Meu Deus, senti tanta falta de vocês. Me contem tudo o que eu perdi.

As duas meninas começam a tagarelar ao mesmo tempo, despejando uma lista de coisas que eu nem sabia que tinham acontecido nos últimos dias. Aparentemente, Laney e Hadley estão organizando uma festa só para mulheres para dar as boas-vindas a Faye.

– Montei uma playlist nova pra você, Faye. Acho que é perfeita para quando a gente estiver preparando o jantar – diz Lark, e começa a listar as músicas.

Lily fala por cima da irmã:

– Você chegou na hora perfeita. Hoje tem lua cheia, e dizem que vai ser rosa. E depois a gente pode ver todas as pedras rosa... Lark, eu tô falando.

Faye olha para mim e sinto... aquela calma. Aquele suspiro de satisfação de quem fez muitas escolhas erradas, mas de algum jeito encontrou uma que parece certa.

44

FAYE

– Faye – diz Cortez, entrando pela garagem. – Isso chegou pra você. – Ele joga um envelope na minha direção. – Ei, tenho um caso doméstico. E seria bom ter uma ajudinha para colher informações na vizinhança. Eles não estão interessados em falar com a polícia de Fiasco agora, mas talvez falem com você.

Assinto e fecho o casaco ao redor do corpo.

– Vou te mandar a fatura pelas minhas horas.

Ele dá uma batidinha no balcão da recepção, já caminhando de volta em direção à sua equipe.

– Você ganha melhor do que eu. Tem noção disso, né?

– E, imagina só, ainda é um bico – respondo, rindo sozinha.

O policial no balcão de atendimento me dá um meio sorriso dessa vez. As costeletas dele são tão espessas quanto o cabelo muito arrumado no alto da cabeça.

– Faye, me avisa quando quiser um assistente, se essa história sobre pagamento for verdade.

Pisco para ele.

Meu celular apita e, em poucos segundos, os celulares de toda a delegacia começam a apitar também. Antes mesmo de abrir o alerta de notícia, ouço um dos policiais dizer:

– Você só pode estar de sacanagem.

É a manchete do *The New York Times*, na editoria nacional: **Os homens por trás do maior escândalo da história das corridas de cavalos**, por Murray Ackroyd.

Leio a matéria sobre o histórico de vitórias e a longa linhagem de cavalos que conquistaram a Tríplice Coroa ao longo da última década e meia. O volume de dinheiro estimado que foi ganho e movimentado – e como houve desvio de fundos, dopagem de cavalos antes das corridas, a rede de treinadores, jóqueis e funcionários, todos ligados a uma única empresa: Finch & King. Tudo isso veio à tona por meio de uma fonte protegida e não identificada.

Maggie.

Saio da delegacia e sigo pela calçada em direção ao meu novo lugar favorito para ir aos sábados. Meu celular vibra.

FOXX

Assunto urgente. Você tá sendo convocada para pegar todas as balas certas para o bar de saladas de balas de hoje à noite. Segundo Lark, eu comprei o tipo errado de azedinhas.

Não consigo parar de sorrir enquanto respondo ao pedido muito sério dele.

FAYE

Passo pra pegar quando voltar para casa.

FOXX

Você tá chamando onde eu moro de casa agora?

FAYE

Foi um ato falho. Ainda tô aproveitando muito ter uma casa grande só para mim.

FOXX

Eu também ainda estou aproveitando muito. Que tal despacharmos as crianças e nos encontrarmos lá? Pai do ano perguntando hipoteticamente, é claro.

FAYE

Mas agora eu fiquei com desejo de salada de balas.

FOXX

Você disse desejo, doçura. Desse jeito você faz meus pensamentos tarados dispararem.

FAYE

Te amo, te vejo daqui a pouco.

FOXX

Anda logo, tô com saudade.

Abro a bolsa para guardar o celular, e a carta que Cortez me entregou chama a minha atenção. O envelope pardo não tem remetente e foi enviado para Cortez, mas aos cuidados de Faye Calloway. Quando abro, engulo em seco e sinto a garganta subitamente apertada. Faz cerca de seis meses desde que me despedi de Maggie e minha mãe. E, dessa vez, pareceu muito mais definitivo. A possibilidade de dizer adeus foi um luxo muito maior do que muitos tiveram, mas, ainda assim, eu queria mais. Maggie escolheu ficar com a mamãe e precisei esquecer onde estavam – ainda havia a possibilidade de que conhecidos e associados de Wheeler Finch fossem atrás da mulher que derrubou um império. Mas agora, quando reconheço a caligrafia que se repete em traços elegantes, sinto o coração mais leve.

Minha querida Faye,

Espero que, quando esta carta chegar, você já tenha visto as notícias. Ao que parece, agora eu sou a heroína. E se algum dia eu tiver a chance de jogar isso na sua cara, não pense que não vou fazer.

Ouvi dizer que a árvore de Natal no Rockefeller Center é só uma árvore. Mas que, por algum motivo, cercada por aqueles prédios ao redor e pela pista de gelo, lá parece mais Natal do que em qualquer outro lugar.

Eu gostaria de ver isso algum dia. Talvez você também.

Te amo. Tchau!

– M.

Seco as lágrimas que escorrem pelo meu rosto. Tenho tanto orgulho dela. Houve muitas coisas erradas no que Maggie foi forçada a enfrentar sozinha. Mas o maior erro de todos foi subestimá-la. Minha irmã tinha seus vícios e falhas – as apostas nunca fizeram bem a ela –, mas, ainda assim, conseguiu derrubar um império e decidiu não deixar que ninguém a fizesse de joguete.

Ela permaneceu no programa de proteção a testemunhas para garantir que Wheeler Finch não a encontrasse. Essa matéria no jornal fez com que qualquer pessoa com alguma ligação com as corridas de cavalos no Kentucky soubesse o que a Finch & King tinha feito. E, embora a maior parte dessas pessoas nunca vá saber o que minha mãe precisou sacrificar por isso, nem o que cada uma de nós foi forçada a sacrificar, nós atravessamos tudo isso vivas e sabendo como é sermos amadas.

A noite está quente, mas, pela primeira vez em todo o verão, a brisa equilibra a umidade e finalmente está agradável ficar do lado de fora. Enquanto caminho pela parte de trás da casa, sinto o cheiro perfeito de canela e açúcar no ar.

A tela inflável onde vamos projetar o filme está montada na beira do pátio. Lark está falando com Lincoln sobre alguma coisa e Lily está tentando jogar pipoca para o alto e pegar com a língua.

Lincoln está sentado entre as meninas, os braços abertos ao longo do encosto do sofá da área externa, a cabeça inclinada para trás enquanto olha para o céu. Sempre gosto de surpreendê-lo em momentos assim, de observar e registrar os detalhes de uma nova vida pela qual continuo me apaixonando mais a cada dia.

Kit late assim que me vê e sai correndo na minha direção, me recepcionando com um trote animado. Os três se viram para mim ao mesmo tempo, com sorrisos semelhantes.

– Faye! Olha só, a gente tá tentando decidir o filme de hoje. Lily quer ver

Campo dos sonhos ou *O diário da princesa* de novo – diz Lark, revirando os olhos. – Mas eu acho que deveria ser *Uma equipe muito especial*, já que a gente tem jogo de softbol nesse fim de semana.

– Talvez a gente possa ver alguma coisa nova? – sugere Lincoln. – Que tal o novo *Transformers* ou o filme dos *Caça-fantasmas*?

Lark faz uma careta, como se fosse a pior ideia possível.

Lily entra na conversa:

– Péssima ideia, pai. Você lembra por quanto tempo eu tive pesadelos com o Geleia quando tinha 7 anos?

Ele aponta para ela.

– Seu tio Ace não deveria ter deixado você ver aquele filme quando tinha 7 anos – diz, rindo.

Levanto as sacolas de doces.

– Eu trouxe as azedinhas certas e pipoca com manteiga extra – digo, levantando uma sobrancelha.

– Eu faço a pipoca! – Lark pega as sacolas e entra correndo, enquanto Lily vai atrás dela, cantarolando que a salada de balas é com ela.

Lincoln sorri para mim a alguns passos de distância.

– Eu vi a matéria – diz.

– Você falou com a Hadley? – pergunto, preocupada com ela e com as consequências que, sem dúvida, vão atingir a vida dela por causa de todo o caos que o pai trouxe para Fiasco.

Ele assente, pega a minha mão e beija.

– Ela tá assimilando o que aconteceu. Talvez precise de um tempo, mas ainda não chegou lá. Quando eu disse que deveria vir para a noite de cinema, Hadley falou que tinha planos com os bombeiros dela. – Lincoln dá de ombros e balança a cabeça. – Ela vai ficar bem.

Ele me abraça e esfrega o nariz no meu queixo antes de me beijar. Seus lábios encontram os meus e o beijo é intenso. Nossas línguas se encontram em um movimento lento que me provoca um arrepio de prazer enquanto ele me aperta mais.

Deslizo os dedos pelo seu pescoço e deixo que se percam no seu cabelo, mantendo-o junto a mim enquanto ele geme.

– Se você continuar se esfregando assim em mim, vai ser difícil prestar atenção no filme – digo, rindo.

– Doçura, tá quente demais pra fazer safadeza debaixo da coberta – diz ele, arrastando os lábios pelo meu pescoço.

O zumbido baixo das cigarras e o som irregular dos grilos preenchem o silêncio.

Segundos depois, Lark e Lily voltam correndo com duas tigelas grandes – uma com pipoca e outra com uma mistura enorme de balas e azedinhas. Elas se acomodam no sofá, enquanto Lincoln e eu nos ajeitamos juntos na poltrona. Sessões de cinema ao ar livre no verão se tornaram a nossa mais nova tradição. Desde o começo da estação, tenho passado ainda mais tempo integrada à vida deles. Tudo parece fácil e natural quando estou aqui com Lincoln e as meninas.

Lark dá play no filme e a música ecoa pelos alto-falantes ao redor. É uma noite comum que vou tentar guardar na memória com todas as forças.

Eu me aninho a Lincoln, deixando as costas apoiadas no peito dele, e ouço um suspiro sair dos seus lábios antes de ele sussurrar contra meu pescoço:

– Tem planos para beber bourbon mais tarde, doçura?

Sorrio e assinto enquanto me aconchego mais no seu abraço. Nós dois sabemos exatamente o que acontece quando falamos em beber bourbon juntos – sempre termina em uma melação deliciosa. E, embora eu fique absurdamente excitada nos braços dele, isso é só uma fração do que é estar com Lincoln, da sensação de estar protegida, de ser adorada e muito bem cuidada.

O que tenho com Lincoln Foxx parece maior do que uma palavra simples como amor. Quando estou com ele, a sensação é de lar.

Epílogo

LINCOLN

Pouco tempo depois...

Química não tem a ver só com a composição da estrutura e das propriedades de uma substância, mas também com a forma como essas substâncias interagem e mudam para criar algo. Sempre foi isso que me fascinou, o que me realizava ao fazer bourbon. Mas é mais do que isso. É algo complexo e emocional. Minha química com Faye Calloway desafia a lógica, porque não tornou as coisas mais complicadas. No fim das contas, foi muito simples: ela era o meu catalisador. Toda a minha vida passou a girar em torno das minhas duas meninas e de Faye. Tem também uma cachorra, uma vaca e seis pintinhos. E os pintinhos, surpreendentemente, dessa vez eu soube que iam chegar. Há um monte de mulheres que deixam a minha vida sempre um pouco fora de controle, mas, sem dúvida, completa.

– Pai, você quer ensaiar? – pergunta Lily, sentada em cima da bancada.

– Não, eu não quero ensaiar – respondo, olhando meu reflexo enquanto abotoo a camisa preta.

– Você tá meio nervoso... – comenta Lark, encostada na borda da banheira. Ela levanta as bombas de banho mais recentes que comprei e arregala os olhos. – Pai, essas têm cheiro de baunilha e cereja. Lily, cheira essa aqui.

Lily segura os meus óculos para mim e pergunta:

– Tá preocupado que ela não aceite?

Mas, antes que eu consiga responder, Faye coloca a cabeça para dentro do banheiro, pegando todos nós de surpresa. E pergunta, sem fôlego:

– Preocupado com quem não aceitar o quê?

Os olhos dela passam pelas meninas e voltam para mim, e temos aquele momento de "ah, não!", porque ela não deveria estar aqui. Hadley e Laney deveriam manter Faye ocupada por pelo menos mais uma hora, até eu deixar tudo pronto.

Os olhos arregalados de Lark encontram os meus enquanto ela olha para a bancada e para o pequeno estojo de veludo vermelho.

– Eu disse para Hadley e Laney que precisava me trocar rápido depois da aula. Pensei que ensinar as mulheres do clube do livro a dançar com leques de plumas seria menos intenso, mas não é.

Ela ri e balança a cabeça enquanto entra no nosso banheiro da suíte principal.

Com a crescente quantidade de animais, decidimos nos mudar para a casa das Calloway e fizemos algumas reformas que deixaram o lugar com a nossa cara, em vez do estilo de Maggie. Fiquei muito feliz em vender a nossa casa – havia memórias difíceis demais ali. Eu queria que minhas meninas se lembrassem da mãe, mas isso não significava viver em um lugar que já não passava uma sensação boa.

Faye sorri e faz um cumprimento de mão elaborado com as meninas, que elas dizem ser muito mais legal do que o meu e o de Hadley, e então me abraça.

– Oi – diz, com doçura, contra meus lábios. Deslizo as mãos pelas suas costas, mas a faixa no meu braço chama a sua atenção e ela franze o cenho. – O que aconteceu?

Sorrio para mim mesmo, porque realmente não importa como vamos fazer isso. Nada entre nós seguiu qualquer espécie de plano até aqui – por que seria diferente agora?

– Pai, é melhor eu e Lily...? – pergunta Lark, percebendo o que está para acontecer e fazendo um gesto em direção à porta.

Balanço a cabeça.

– Podem ficar. Tá tudo bem.

Faye olha de mim para as meninas enquanto tiro a faixa que cobria a

tatuagem que acabei de finalizar. Não levei muito tempo para decidir como queria preencher o espaço vazio daquele terceiro quadro. Seus olhos descem para o meu braço, e ela arqueja baixinho quando vê. Um toque de cor e o formato de um pêssego perfeito. A representação da doçura.

– Agora tudo o que faz minha vida ser boa está aí.

Ela enxuga os olhos e me encara.

– Você tá brincando? Eu nem sei o que dizer...

– Tudo bem. – Recuo ligeiramente, criando espaço para fazer isso direito. Pouso um joelho no chão e pego o estojinho de veludo. – Então só diz sim.

Ela examina meu rosto, os olhos arregalados, os lábios entreabertos.

– Foxx...

– É um ótimo sobrenome, doçura. E gostaria muito que você passasse a usá-lo. Mas sem pressão.

Dou uma piscadela e abro um sorriso largo. Então, desvio rapidamente os olhos para as minhas filhas, que estão abraçadas, com lágrimas nos olhos, enquanto peço à mulher que amo em casamento.

Estendo a mão para puxar Faye para mais perto, mas ela não precisa de incentivo. Simplesmente se senta sobre o meu joelho dobrado.

– Eu tinha uma ideia bem grandiosa para esse momento... planejei usar um smoking, comprei um vestido pra você... – Pego no estojo o anel em ouro-rosê com um diamante oval no centro. Ao redor dele há diamantes menores que parecem levemente rosados. No momento em que vi, senti que era uma joia que Faye ia amar. – O vestido combinava com isso.

Ela cobre a boca e meu nome sai abafado, enquanto mais lágrimas escorrem pelo rosto corado.

– Lincoln...

– Quero viver essa vida com você, Faye. Você é tudo o que eu poderia desejar em uma parceira, amiga, amante. Eu sou obcecado por cada parte de você, dos seus lábios perfeitos ao seu coração protetor, que é imenso. – Meus olhos ficam marejados, mas só porque não consigo conter quanto esse momento significa para mim. Estar aqui com ela, me sentindo tão pronto para torná-la minha. – Você é muitas coisas, Faye, mas a única coisa que torço muito para que nunca queira deixar de ser é nossa.

A respiração dela falha enquanto minhas filhas fungam a poucos passos de nós. Faye olha para as meninas e pergunta:

– Vocês duas estão bem com isso?

Ambas sorriem para ela.

– Mais do que bem, Faye – diz Lily.

Lark apenas assente, tentando não chorar ainda mais.

Faye sorri e volta a olhar para mim.

– Eu não conseguia lembrar como era me sentir em casa. Sentia falta dessa ideia, mas não me lembrava da sensação. Do carinho e da atenção. Dessa sensação de proteção intensa. Você é o meu lar, Lincoln Foxx. Você é o amor da vida que eu estou escolhendo, e tenho uma sorte da porra de ter todos vocês. Minha resposta é sim. Com certeza, sim.

Ela passa o braço ao redor do meu pescoço.

Eu a abraço com vontade e me esforço para gravar esse momento na mente – a sensação de ter Faye nos meus braços em um dos momentos mais felizes da minha vida. Quando ela se afasta, olhamos para Lark e Lily e fazemos um gesto para que venham até nós.

Lily sussurra:

– Viu, pai, a gente acertou. E, Faye, não se preocupa, hoje o "cofrinho dos palavrões" não tá valendo.

Nós dois rimos entre lágrimas de felicidade, olhando um para o outro e depois para as meninas enquanto elas correm até nós.

Ela se levanta e faço o mesmo; então pego sua mão e deslizo o anel em seu dedo.

– É tão lindo – comenta Faye, olhando para mim.

Nesse momento, prometo a mim mesmo que vou fazer o possível para manter esse sorriso largo sempre no rosto dela.

Eu me inclino para a frente e, antes que os lábios dela encontrem os meus, conto um último segredo:

– Eu nunca planejei te amar, doçura. Mas agora planejo não parar nunca mais.

Epílogo estendido

FAYE

Um ano depois...

Um táxi quase me atropela na faixa de pedestres e deixo escapar uma risada nervosa. O carro tem uma guirlanda de árvore de Natal enrolada no número iluminado no teto e luzinhas coloridas trançadas na janela traseira. Dois turistas soltam um arquejo atrás de mim, e recebo um olhar atravessado de alguém que passeia com um cachorro e claramente sabe como transitar pelas ruas congestionadas de Nova York. Foi um erro de iniciante, algo que tenho certeza de que nunca teria cometido antes; mas aqui estou eu, depois de um tempo vivendo no Kentucky, sem saber mais como atravessar uma rua movimentada em Nova York.

O Rockefeller Center fica ainda mais lotado do que a Times Square nessa época do ano, mas isso não vai me impedir de vê-la. Já faz tempo demais dessa vez. Esse ano, a árvore gigantesca veio de uma pequena cidade nos arredores de Burlington, Vermont. Uma professora de inglês, o marido e os dois filhos pequenos foram entrevistados sobre a jornada da árvore do quintal deles até o

número 45 da Rockefeller Plaza, e essa é só uma parte do motivo pelo qual estou ansiosa para chegar lá. O abeto de 25 metros de altura está cercado por arranha-céus em três dos quatro lados, com uma charmosa pista de gelo na base e coberto por milhares de luzes brancas que parecem ainda mais bonitas ao vivo do que jamais pareceram antes.

O food truck branco que vende chocolate quente com marshmallow tostado na borda dos copos de papel tem facilmente mais de trinta pessoas na fila. *Uau, parece delicioso*. Mas, enquanto fico olhando para a fila, tentando decidir se vale a pena esperar, eu a vejo. Um pouco à esquerda, usando uma jaqueta de couro preta, calça jeans e botas de vaqueira, ali está Maggie. Seu cabelo loiro agora tem um tom avermelhado. Um ruivo-escuro que me lembra o cabelo de Laney. Engulo o nó na garganta e olho para os arranha-céus ao redor, tentando não deixar as lágrimas caírem. Pelo menos agora não. Ainda precisamos ter cuidado. A incerteza permanece depois das consequências do maior escândalo de corridas de cavalos do país. O alcance da Finch & King ainda não está claro, o que torna impossível para ela ser Maggie Calloway. Não sei que nome está usando, ou se são vários, e só posso vê-la uma vez por ano, aqui. Nossa relação se tornou uma sequência de cartões-postais com letras de músicas escritas nos espaços vazios e mensagens ocasionais com fotos de pores do sol de lugares que não reconheço, enviadas de números que nunca são os mesmos.

Nesse dia, uma vez por ano, temos uma tarde inteira para falar sobre o que o último ano trouxe e sobre a expectativa do que está por vir.

– Com licença, senhora? – diz uma mulher com um forte sotaque do Brooklyn à minha direita. – O caminhão está pronto para quando quiser.

Sorrio para ela.

– Obrigada. E a outra cliente? – pergunto.

Ela pigarreia.

– Ela mandou eu me foder – diz, com o rosto ainda mais vermelho do que já estava por causa do frio. – Mas acho que entrou.

A verdade é que, para o chocolate quente que esse estabelecimento serve, embora seja mais do que água quente com chocolate em pó, o mixologista e o confeiteiro não precisavam de um caminhão tão grande quanto o que está estacionado ali. Foi um presente de Lincoln para mim, para nós, na primeira vez que viemos aqui. O espelho de mão única que ocupa toda a lateral do caminhão, voltado para a árvore de Natal, parece um mural bonito de chocolate quente, biscoitos, Hot Toddies e bourbon, claro. Mas lá dentro há um espaço aconchegante com muitos petiscos, mantas e um balanço grande, quase idêntico

ao da varanda da nossa casa no Kentucky. É isso que espero ver quando abro a porta e entro discretamente. O que eu não esperava era encontrar minha irmã com aquele barrigão e os pés levantados.

– Pelo amor de Deus, Maggie...

Ela sorri e abre os braços.

– Eu sei, engordei um pouquinho.

Meus olhos ficam marejados.

– Você sabe o que eu vou dizer, não sabe?

Ela enxuga uma lágrima no canto do olho e me puxa para um abraço.

– Que estou radiante e que você nunca viu uma grávida tão bonita?

Solto uma risada antes de voltar a falar:

– Senti saudades.

Seus olhos voltam a ficar marejados, nublando a sua visão.

– Já terminamos com a parte sentimental? Só temos... – Ela tira um celular flip do bolso. – Seis horas e um ano inteiro para colocar em dia.

• • •

Passei menos de 24 horas em Manhattan e ainda menos tempo com Maggie, mas meu coração está pleno. Sinto muita falta dela e de mamãe, mas minha vida está em Fiasco. Sei que elas estão seguras. Por enquanto. E isso é o melhor que posso pedir. Eu poderia ter ficado em Montana. Poderia ter passado a trabalhar treinando cavalos com mamãe ou viajado com Maggie, mas agora tenho minha própria família. E estou morrendo de saudades dessa minha nova família. Checo a hora no celular quando estou entrando no escritório dele. Ace pediu para conversar comigo o mais rápido possível. E, no tempo dos Foxx, isso significa ontem. Nunca fui muito fã de sair correndo sempre que o irmão mais velho dos Foxx exige, mas sei que ele não pediria se não fosse importante.

Fico olhando Ace servir dois dedos de bourbon no meu copo. Normalmente eu reclamaria de bourbon puro, mas ele colocou um cubo grande de gelo e serviu Foxx & Doçura para mim.

– O software de espelhamento que você instalou no meu celular – diz Ace, voltando a se sentar, entrelaçando os dedos.

Merda.

– Tem muito sobre mim que você não sabe, Faye. Mas uma coisa que eu não

sou é descuidado. Eu sabia que você tinha feito isso, mas não tinha nada a esconder em relação ao Blackstone. Então deixei rolar.

Fecho os olhos por um instante antes de dizer:

– Então você tá dizendo que não está bravo?

Quando abro os olhos, seu olhar firme está fixo em mim. Ace sabe ser intimidante quando quer.

– Quero que você instale esse mesmo software no celular da Hadley para mim. Não preciso que monitore. Eu cuido dessa parte.

Não consigo evitar o sorriso de quem já sabia que havia algo entre eles.

– Não é nada disso – fala Ace, já cortando as mil perguntas que provavelmente estão passando pela minha cabeça.

Levanto as sobrancelhas e contenho o sorriso.

– Eu não disse nada – retruco, e me recosto na poltrona de couro.

– Ela é chata demais, mas, de alguma forma, acabou fazendo parte dessa família – volta a falar, com um suspiro, antes de continuar no tom sério de antes: – E alguém, ou talvez várias pessoas, quer machucá-la. Ou coisa pior.

Isso chama a minha atenção. Hadley se tornou uma das minhas amigas mais próximas, assim como Laney. Nós três ficamos unha e carne desde que voltei para Fiasco. E, embora ela tenha tido um ano difícil, eu não achava que havia chegado a esse ponto.

– Não tem ninguém em quem eu possa confiar para investigar isso para mim, Faye.

– Você pode confiar em mim, sabe disso. Eu e Linc temos limites quando se trata dos meus clientes e casos. Ele não vai ter acesso a nenhuma informação que você não queira. – Faço uma pausa antes de acrescentar: – A não ser que isso o afete de alguma forma. Ou as nossas meninas. Eles três sempre vão ser a minha prioridade.

Ace sorri.

– Entendido.

Balanço a cabeça, concordando.

– Então eu cuido disso.

Ele abre a boca, pronto para dizer o que eu já estou esperando.

Eu o interrompo e ergo a mão.

– Vou ser discreta com isso. Você tem a minha palavra.

Ele se inclina para a frente, pega o copo da mesa e toma um gole do bourbon.

Faço o mesmo. Eu não esperava que Ace fosse me pedir um favor, mas sempre vou ajudar qualquer pessoa da família Foxx – da minha família.

Meu celular vibra no bolso de trás. Quando pego, não consigo conter um sorriso largo.

FOXX

Só pra você, doçura. Uma coisinha pra molhar a sua calcinha...

– Meu irmão? – pergunta Ace, com um sorrisinho de lado.

Sorrio de volta e guardo o celular.

– Sou tão óbvia assim?

Ace se levanta de trás da mesa. Eu tinha notado os nós dos seus dedos machucados quando entrei, mas só agora percebo o jeito como ele protege a lateral do corpo. Meu cunhado é, acima de tudo, misterioso. Ele é o único nesse grupo a respeito de quem eu tenho mais perguntas do que respostas. E esse pedido de ajuda só acrescentou mais uma dezena de perguntas.

Reparo também no jeito como ele poupa o joelho quando me interrompe:

– Não pergunte – diz, e vai mancando até a porta do escritório.

– Não vou perguntar – respondo. Paro na porta antes de acrescentar: – Você vai me avisar se ela precisar de ajuda, certo? Se a Hadley precisar de qualquer coisa, você não vai hesitar em me procurar.

Digo isso como uma afirmação. Agora havia mais pessoas com quem eu precisava me preocupar. E Hadley é uma delas.

Ele assente antes de responder:

– Vou. – Ace pigarreia enquanto saio da sala. – Você perdeu o Griz por pouco – diz atrás de mim.

– Clube do livro? – pergunto, sorrindo por cima do ombro.

Ele responde:

– Provavelmente, mas com ele nunca dá para saber.

– Não precisa me acompanhar – digo, e olho de relance para o joelho dele. – Sei o caminho. Manda um beijo para o Griz. Te vejo na sexta, no jantar.

Sigo pelo corredor e atravesso o saguão principal, passando por cima do logo da Foxx pintado em destaque no piso de madeira. Quando entro no carro, abro a mensagem de vídeo do meu marido. Parece que o celular dele está apoiado em algum lugar. A imagem começa na altura da cintura, com a nova sala de degustação ao fundo. As reformas da casa da fazenda não pararam em um banheiro novo bonito ou em um celeiro turbinado para os nossos animais. Não,

meu marido quis uma sala de degustação particular, logo ao lado do escritório.

Quando aperto play, a imagem ampliada da calça jeans gasta de Lincoln ocupa a tela até que ele dá alguns passos para trás, o suficiente para mostrar do pescoço até a parte superior das coxas. Ele desabotoa a camisa preta e logo tira a peça. Uma música com pegada de jazz toca ao fundo, algo que não consigo identificar, mas provavelmente é uma das minhas playlists das apresentações de burlesco. Lincoln é um grande fã delas. O som da fivela do cinto ecoa quando ele abre, então vejo os seus dedos abrindo o botão da calça antes de ele baixar o zíper. Lincoln dá mais um passo para trás e se inclina, colocando o rosto na tela.

– Volta para casa agora mesmo, doçura. As meninas foram para festas do pijama. E já estou de pau duro só de pensar no que quero comer.

Antes de engatar a ré, digito a minha resposta óbvia.

FAYE

Me mostra.

Escuto o celular vibrar quando uma nova mensagem aparece na tela do carro. Me ajeito no banco, já ansiosa para o vídeo que está esperando por mim. Demoro pouquíssimo tempo para chegar em casa. Essa é a vantagem de viver em uma cidade pequena, onde a família mora perto. Pego o celular e saio do carro. Desbloqueio a tela enquanto subo os degraus da varanda. O vídeo continua com Lincoln enfiando a mão dentro da calça e puxando para fora uma das minhas coisas favoritas.

– O que você tá vendo, doçura?

Solto um gritinho e levo a mão ao peito.

– Cacete, que susto – digo, rindo.

Mas a risada morre quando me aproximo e finalmente percebo que o meu belo marido está sentado no balanço da varanda, completamente nu, movendo a mão para cima e para baixo no pau duro.

– Tá se aquecendo pra mim? – pergunto, passando a língua pelos lábios.

Solto a bolsa no chão e tiro o casaco. A varanda fechada com tela foi uma das melhorias que fizemos, com saídas de ar para nos manter aquecidos no inverno e frescos no verão.

– Estou sempre quente pra você – diz ele, com um sorrisinho presunçoso. – Já estava ficando impaciente.

– Dia cheio? – pergunto, tirando uma bota e depois a outra.

– Laney lotou a gente até o Ano-Novo, então, sim, foi cheio. Ouvi dizer que você é a atração. Algo sobre uma taça de martíni gigante e balões?

Sorrio quando penso em como vai ser exagerado.

– Espera até ver o figurino – digo, então tiro o suéter pela cabeça e fico só de sutiã de cetim azul-claro.

Lincoln geme baixinho e acelera o ritmo da mão.

– Gostou? – pergunto, soltando o cordão da calça larga que estou usando.

– Me mostra o resto – manda ele.

A cadência da sua voz faz um arrepio percorrer a minha pele. Ele admira meu corpo até encontrar meus olhos. Então passa a língua pelos lábios, o punho ainda se movendo com firmeza.

– Diz que me quer, doçura.

– Que tal eu te mostrar? – sugiro, já sem a calça, indo até ele.

Coloco os joelhos ao lado das coxas de Lincoln. Ainda não me sento nem me esfrego nele, e sua mão continua se movimentando lentamente ao longo do pau. Ele estreita os olhos enquanto volta a percorrer meu corpo com uma expressão voraz.

Afasto a calcinha e passo os dedos pela minha boceta, pegando exatamente o que ele quer. Deslizo o dedo pelo lábio inferior dele e depois levo à minha boca. O sal e o calor explodem na língua enquanto me inclino e beijo seus lábios. A língua do meu marido encontra a minha e um gemido escapa da garganta dele, me incentivando a ir além. Ele passa o braço livre pelas minhas costas e me puxa para o colo.

Afasto o rosto pelo tempo necessário para dizer exatamente o que ele quer ouvir:

– Eu quero tanto o meu marido. Por favor.

Levo a mão entre os nossos corpos e passo o polegar pela cabeça úmida do pau dele, antes de levar o dedo à boca.

– Cacete... – murmura Lincoln.

Me levanto o suficiente para ele se posicionar. Então desço no pau dele – nós dois gemendo como se, a cada vez, esquecêssemos como isso é bom.

– Porra, senti a sua falta – diz Lincoln, enquanto projeto os quadris para a frente.

Ele sabe como inclinar o corpo do jeito certo para que, quando eu repita o movimento, meu clitóris se esfregue perfeitamente nele.

Sorrio e passo o polegar pelo lábio inferior de Lincoln, do mesmo jeito que ele faz comigo.

– Foxx?

– Fala, doçura.

Eu me inclino para a frente, mordisco o lábio dele e digo:

– Então seja um bom marido e me fode como se tivesse sentido a minha falta.

Ele solta um grunhido, segura as minhas coxas por baixo e se levanta, nos levando para dentro de casa.

– Esta é a minha esposa mandona.

Minhas costas batem na madeira da porta e ele posiciona o corpo do jeito certo.

– Se segura, gatinha – diz, enquanto o abraço pelo pescoço. – Me dá essa boca bonita – manda, saindo de dentro de mim.

E, assim que nossos lábios se encontram, Lincoln volta a me penetrar, me abrindo exatamente como pedi. Solto um suspiro e penso em como é gostoso trepar com ele. Seus braços ao meu redor me mantêm firme no lugar. E sinto cada centímetro dele e seu corpo junto ao meu. Porra, como é bom ser uma Foxx.

Agradecimentos

Amei escrever muitas partes desta história, mas uma das minhas favoritas foi a relação entre irmãs de Faye e Maggie, assim como a de Lark e Lily. Eu tenho duas irmãs que se tornaram mulheres incríveis. Brianna e Blair, obrigada por crescerem e amadurecerem comigo muito além da nossa infância. Vocês duas são o melhor tipo de inspiração.

Blair, não tem como evitar. Eu preciso dizer. E com a mão levantada com entusiasmo: "A gente roubou um carro!" Obrigada por deixar minhas ideias caóticas correrem soltas e por me ajudar a colocá-las de volta nos trilhos com risadas escandalosas e gestos exagerados com as mãos.

À minha editora, Mackenzie – este livro não seria o que é se não fosse por você, é uma editora incrível e uma amiga brilhante. Sua percepção, suas ideias criativas e a forma como você me estimula são qualidades que eu NUNCA vou deixar de valorizar. Sou eternamente grata por ter você ao meu lado.

À artista incrível que deu vida a Lincoln e Faye para mim: as capas que você criou são lindas e cativantes. Loni, seu talento é inspirador. Você é uma colega de trabalho e amiga incrível. Eu disse isso em *Bourbon e mentiras*, mas vou dizer de novo: você é a alma criativa que eu nem sabia que precisava encontrar. Obrigada por aceitar trabalhar comigo. Mal posso esperar pelo que vamos criar a seguir!

A Amy, minha assistente, leitora beta, revisora e a pessoa mais incrível para se ter como apoio: obrigada por fazer parte desta história comigo. Sua percepção e seu feedback realmente influenciaram a forma como esses personagens ganharam vida nas páginas. Obrigada por sempre enxergar os pequenos detalhes que causam impactos grandiosos. Tenho muita sorte de ter você ao meu lado.
À minha equipe beta Wilder: vocês são muito importantes para mim, e não tenho palavras para agradecer o suficiente.

Jill, obrigada por sempre servir dois dedos de bourbon antes de ler essas

histórias. Fico muito feliz em trabalhar com você. Obrigada por se certificar de que eu fique atenta às descrições e por apontar os gatilhos necessários. Mas também por ter surtado completamente pelo Lincoln e pela boca suja dele!

Kate, obrigada por mergulhar nesta história. Você traz uma perspectiva incrível, e seu feedback é inestimável para mim.

Sierra, parece que agora você não vai se livrar mais de mim! Obrigada por todo o seu feedback e por me ajudar a enxergar as frases e ganchos ao longo da história que nem eu tinha percebido que estavam lá!

Kelsey, obrigada por ler e fazer as perguntas certas. Estou muito feliz por ter te conhecido e por ter você na minha equipe.

Ao meu grupo de sprints: Ashley James, Jenn McMahon e Julia Connors. Obrigada, meninas, por serem um grupo de apoio e uma torcida tão incríveis. Sou muito grata por ter vocês no meu universo. SHANIA & boa sorte!

Esmé, obrigada por responder a todas as minhas perguntas e por compartilhar a sua visão, além do seu talento deslumbrante na dança burlesca.

À minha Equipe de GAROTAS do grupo de leitura antecipada para avaliação (ARC): vocês são AS pessoas mais incríveis. Obrigada por lerem e por dedicarem seu tempo não apenas a divulgar essa história, mas também a acrescentar a criatividade de vocês a cada postagem. Nunca vou esquecer que são vocês que ajudam as minhas histórias a encontrarem novos leitores. Obrigada por amarem esses meninos do bourbon! Amo muito todas vocês.

À minha mãe, que está aproveitando a aposentadoria lendo ainda mais livros do que antes: sei que você vai devorar este livro em uma sentada só. E obrigada ao meu pai, que só vai abrir o livro para ler a dedicatória e os agradecimentos (continue assim, Charlie). Obrigada aos dois por serem meus maiores fãs e o tipo de torcida que toda filha, não importa a idade, merece.

Ao Sr. Wilder: há sempre partes de você em cada história. Você é a melhor coisa.

Leia a seguir um trecho do próximo livro da série

OS IRMÃOS FOXX - LIVRO 3

BOURBON E PROMESSAS

1

ACE

A porta de tela bate atrás de mim e passo os dedos pelo cabelo grudado de suor e água do rio. Desabotoo a camisa e a jogo no lixo. Posso queimá-la depois. A sujeira incrustada e o sangue ao longo da gola e dos punhos são difíceis de perceber em uma camisa preta, mas não passariam despercebidos na lavanderia. Uso terno todos os dias na destilaria, mas matar alguém é algo bem raro. Se tivesse sido planejado, eu teria trocado de roupa e chamado o apoio necessário. Odeio surpresas.

A única coisa a meu favor é o fato de hoje ser Quatro de Julho, e em Fiasco esse é o momento perfeito para alguém desaparecer. Estão todos no centro da cidade comemorando e se distraindo com a dança e com os fogos de artifício. Prefiro evitar ambos. E, verdade seja dita, esta noite isso acabou vindo a calhar.

Visto a calça jeans que normalmente uso nos estábulos e enfio a carteira no bolso de trás. Como não estou com a menor vontade de ir até o andar de cima, tiro um par de meias da secadora. A camiseta preta que uso por baixo ainda está úmida, mas preciso sair daqui. Neste momento, quero desaparecer por um tempo, levar um dos cavalos para um longo passeio e clarear a cabeça.

– Aonde você vai? – pergunta Griz quando entro na cozinha.

Engulo a frustração, despejo uma dose generosa de bourbon no primeiro copo que vejo em cima da bancada e ignoro a pergunta para a qual não tenho resposta.

– As coisas saíram dos trilhos? – insiste ele enquanto me examina de cima a baixo.

Sou bom em esconder emoções, mas acabei de apagar um cara e ainda estou muito puto por causa disso.

Viro o restante do bourbon que sobrou no copo.

– Por que você não tá na cidade? – E, enquanto calço as botas, acrescento em voz baixa: – Normalmente ninguém consegue arrancar você daquele palco.

– Atticus – diz Griz em um tom mais cortante, percebendo que estou tentando dar o fora rapidamente daqui. – Não vou perguntar os detalhes…

Ele nunca pergunta. Meu avô sabe que às vezes há coisas que simplesmente precisam ser resolvidas, e fazer perguntas só contribui para essas coisas continuarem presentes quando seria melhor esquecê-las.

Não respondo e empurro a porta de tela para sair, então a voz dele me segue.

– Encontre alguma coisa que te mantenha com os pés no chão, Atticus. Não me importa se vão ser os cavalos ou alguma mulher. Mas a única forma de eu largar do seu pé é você descobrir um jeito de equilibrar tudo isso sem permitir que te consuma. E só vai conseguir fazer isso se tiver algo mais… algo com que se importe.

Amo meu avô, mas às vezes poderia passar muito bem sem ter que ouvir o que ele acha melhor para mim. Já me encarrego de grande parte do legado da família. Gosto da facilidade de ser sozinho, de cuidar da família que já tenho e de me perder nos detalhes de produzir um bom bourbon. Griz só precisa me deixar viver a vida do meu jeito.

Acelero o passo, atravesso a garagem e sigo em direção aos estábulos. Pego a sela, as mantas, as rédeas e todo o resto de que preciso para preparar o meu cavalo o mais rápido possível. Um velho garanhão preto, bonito demais, mas um babaca quando não está correndo e que sempre tenta me morder. Não me importo. Ele é rápido. E isso é tudo o que eu quero. Sentir o vento no rosto e o coração batendo tão alto que o som abafe todo o resto.

O ar quente e úmido toca minha pele e levanto a cabeça para o céu arroxeado – tem uma tempestade chegando. Quando a estrada faz uma curva e se bifurca, diminuo o passo e percebo que tem alguma coisa errada. O cheiro deveria ser de terra úmida e do aroma adocicado que Fiasco herda da nossa

destilaria, mas em vez disso o cheiro de escapamento e borracha queimada faz meus instintos dispararem. *Que dia de merda*. Cada parte de mim me diz para ignorar isso e continuar cavalgando. Não há faróis à vista, mas quando sigo pela esquerda na bifurcação escuto música. Um hino raivoso tocando alto pra cacete, embora abafado pelos alto-falantes. Puxo as rédeas para parar o cavalo e estreito os olhos para ter certeza de que estou vendo o que acho que estou vendo. O contorno de um carro esportivo clássico. Está escuro demais para ter certeza, mas quase posso afirmar que é um Ford Mustang 1969. E está parado perto demais da margem do rio para o meu gosto. Não deveria haver carros aqui, tão longe de tudo, ainda mais estacionados na beira enlameada de um rio que corre com mais violência por causa das chuvas pesadas desse verão.

Os faróis se acendem, quase me cegando, e a música explode mais alta e mais nítida quando a porta do motorista é aberta. Um riff de guitarra e um baixo agressivo fazem meu cavalo recuar no exato momento em que o AC/DC começa a berrar a música "Back in black".

O que ela tá fazendo aqui, cacete…

Tento ver se tem alguém no banco do passageiro. Talvez ela estivesse trepando com alguém. Não é incomum as pessoas pararem nessas trilhas. Mas a luz fraca do interior do carro só confirma que não há mais ninguém ali.

– O que você tá fazendo aqui? – grito em meio ao som da música, tentando manter o cavalo afastado, mas, apesar de puxar as rédeas, ele nos leva para mais perto.

Ela resmunga alguma coisa para si mesma e levanta os olhos para o céu noturno.

– Me masturbando – responde aos berros, em tom sarcástico. Então completa em uma voz rouca e nada convincente: – Eu tô bem.

Sei que ela não está bem. Porque não teria dito isso se realmente estivesse.

Meu cavalo contorna a lateral do carro para sair do clarão dos faróis e me permitir enxergá-la melhor. Está escuro aqui fora, mas o reflexo da luz do painel a ilumina do jeito certo. Eu a examino rapidamente. Ela não está bêbada – é inteligente demais para dirigir até aqui embriagada. Não é isso. Mas o jeito como os cachos escuros e rebeldes estão mais bagunçados do que o normal, como a regata cai frouxa demais ao redor do decote, e as manchas de sangue espalhadas pela sobrancelha e pela clavícula fazem com que eu já me pegue desmontando antes mesmo de chegar aos pés dela. Descalça.

É como se um alarme tivesse disparado.

Seus olhos injetados encontram os meus quando corro na direção dela, que

ergue as mãos, tentando me impedir de tocá-la ou de chegar mais perto. Sinto um aperto no estômago só de pensar em que diabos pode ter acontecido. Quem faria alguma coisa capaz de deixar as mãos dela tremendo e a voz daquele jeito, como se tivesse passado horas gritando?

– Cadê ele? – As palavras saem mais bruscas do que eu gostaria, mas estou fazendo um esforço dos infernos para controlar a raiva.

Seus olhos azuis encontram rapidamente os meus, porque ela sabe o que estou perguntando. *Você não vai lidar com isso sozinha*. Ao longo dos anos, já vi Hadley Finch em muitos estados de espírito: furiosa, brincalhona, toda certinha e impecável, mas nunca abalada ou no limite de perder o controle desse jeito. Isso é pânico e raiva – duas coisas que nunca acabam bem juntas.

Está claro que alguém colocou as mãos nela e passou dos limites. Por mais que eu venha achando Hadley de um otimismo irritante e, ao mesmo tempo, cada vez mais atraente nos últimos anos, além de ligeiramente desequilibrada por baixo da superfície, ela é o mais próximo que alguém pode chegar de ser da família sem carregar nosso sobrenome. Fazer mal a ela nunca será aceitável nem remotamente tolerado. Isso não vai terminar bem para ninguém envolvido.

Hadley pisca para conter as lágrimas e levanta o queixo.

– Eu cuidei disso. Derrubei ele com um bloco de concreto. – *Boa menina*. Ela franze o rosto por um instante e aperta os olhos para não chorar, mas se recompõe quase imediatamente. – Eu não sei… Talvez ele esteja mais do que derrubado.

Permaneço em silêncio, observando o esforço enorme que ela faz para se manter firme. Quando finalmente sustenta meu olhar, inclino a cabeça para o lado.

– Não me faça perguntar de novo, Hadley. Me diz onde.

Ela solta o ar com força e engole em seco.

– Nos estábulos. Nos estábulos do meu pai.

Uma parte de mim quer abraçá-la e dizer que vou resolver tudo, mas está claro que Hadley não quer nenhuma mão perto dela. *Cacete*.

– Você precisa de um médico? – pergunto entredentes.

Hadley balança a cabeça enquanto franze o cenho e as lágrimas finalmente rolam pelo seu rosto.

– Não chegou a esse ponto – murmura.

Consigo sentir a adrenalina disparando enquanto a vejo soltar outro suspiro trêmulo. Isso *não* vai acontecer de novo. Cerro o punho e sinto o maxilar tenso só de pensar em alguém machucando Hadley em um lugar onde ela deveria estar

segura. Sem dizer mais nada, volto a passos largos para o meu cavalo e faço nós dois retornarmos pelo caminho de onde viemos.

– Aonde você vai? Ace, eu não preciso que você…

– Nem termine essa frase, Hadley. Vá pra casa principal e fique lá, tome banho, faça o que precisar fazer. Mas não me procure. Eu te encontro.

Ela bate o pé na lateral do carro.

– Já tive homens demais me dizendo o que fazer esta noite! – sibila ela entre os dentes cerrados.

Hadley me fuzila com aqueles olhos marejados e os punhos fechados.

Sempre disse a mim mesmo que tolero Hadley na minha vida porque ela ama meu irmão do mesmo jeito que eu – sem segundas intenções. Simplesmente ama. Nunca precisei perguntar a Griz o que ele achava dela – meu avô a considerou uma de nós na primeira vez que ela sorriu enquanto acabava com ele em uma partida de xadrez. Há uma longa lista de momentos que seriam classificados como banais e sem importância, mas que significam muito para a minha família… e para mim. Quem fez mal a ela não vai ficar impune.

– Então eu tô te pedindo – respondo em um tom mais calmo.

Monto no cavalo e espero que ela aceite o que pedi.

Hadley é teimosa pra cacete, então fica apenas me encarando, debatendo consigo mesma. Seu queixo treme e os olhos marejados voltam a transbordar, mas ela não diz nada. Apenas assente, com mais um suspiro.

Cavalgo rápido, de cabeça baixa, rezando para que ninguém me veja. Não diminuo o ritmo até chegar aos estábulos da Finch, passando pela propriedade do pai dela no caminho. Ignoro a lógica dentro de mim que insiste para que eu fique fora disso. Para que ligue para o meu irmão Grant e peça para que venha até aqui com uma viatura. Mas não vou ficar satisfeito até os nós dos meus dedos estarem ensanguentados depois de dar a alguém um motivo para nunca mais tocar nela. Essa é uma parte de mim que já vem tentando vir à tona há muito tempo… a moralidade pairando na linha do aceitável, a sanidade se desgastando… inferno, até um toque de sadismo vibrando sob a minha pele. Estou imaginando encontrar um babaca qualquer nocauteado ou, na pior das hipóteses, o mesmo babaca curando o ego ferido e talvez um pau quebrado, mas em vez disso encontro um homem sorrindo com um lenço pressionado contra o lábio.

– Quem é você? – pergunta ele com um olhar despreocupado.

Merda. Esse não é um babaca qualquer que trabalha para Wheeler. O irmão Switcher mais novo é um verdadeiro filho da puta. E vem de uma das maiores

famílias de pecuaristas do Oeste, com dinheiro e influência, o que significa que essa situação não vai ter uma solução simples. Esse não pode ser o último lugar onde ele esteve antes de desaparecer. Dizem que o pai do cara está à beira da morte. Switcher está pronto para assumir os negócios, e, se eu tivesse que apostar, foi isso que o trouxe a Fiasco, para começo de conversa. Um Wheeler Finch calculista. Um homem que faz acordos com uma gente de merda desde que isso encha seus bolsos ou lhe renda algum tipo de influência.

Levo a mão direita até a fivela do cinto. Não vou arrebentar minha mão nesse cretino. Os nós dos meus dedos já estão machucados de mais cedo. Dou uma olhada melhor nele. Não há coldre de nenhum tipo, então ele não está armado, mas não duvidaria que exista alguma arma por perto. Ele é pecuarista, e esses caras raramente andam desarmados.

Ele me examina, e abre um sorriso torto enquanto se levanta.

– Você é Ace Foxx.

– E você tá encrencado – retruco.

– É mesmo?

Ele estreita os olhos enquanto me avalia de cima a baixo.

– Você pôs as mãos em alguém que não te pertence – digo, e me aproximo, sentindo meu sangue ferver.

Enrolo o cinto ao redor do punho e, sem parar de andar, acerto dois socos rápidos no nariz dele antes mesmo que o sujeito se dê conta do que está acontecendo. O segundo golpe arrebenta o nariz dele com o impacto.

Ele leva uma das mãos rapidamente até onde o sangue está escorrendo, enquanto a outra vai para trás das costas e puxa uma pequena faca dobrável. *Patético.*

– Você tá mal informado. Ela pertence muito a mim… acabei de fechar um belo acordo por ela.

Aquele filho da puta do pai dela…

Acerto o pulso dele com o punho e a faca sai voando. Quando avanço outra vez, meu braço atinge a parte da frente do pescoço do homem no exato momento em que suas costas batem contra a coluna de madeira no centro do espaço.

– Nós não colocamos as mãos em mulheres por aqui a menos que elas peçam.

A voz dele sai carregada de esforço enquanto sibila:

– Isso não é problema seu.

O cacete que não é. Em qualquer outra noite essa situação talvez tivesse tomado um rumo diferente, mas meus nervos já estão em frangalhos. E ver Hadley daquele jeito… Engulo as escolhas inteligentes e o bom senso e, em vez

disso, cedo à raiva crescente. Quando jogo o peso do corpo contra ele, o sujeito grita no segundo em que o metal perfura sua pele. Os pregos que se projetam da viga central serviam para pendurar rédeas e cordas, mas agora atravessam esse pedaço de merda – e o sustentam perfeitamente, como um parceiro de luta, enquanto acerto um gancho de esquerda para garantir que ele sinta a dor. Mais três golpes e o peso do homem se torna demais para os pregos enferrujados enterrados fundo na carne. Seu corpo despenca sobre o cimento e o feno com um baque nauseante. O sangue começa a se espalhar lentamente ao redor da cabeça dele, como se tivesse atingido alguma coisa dura e afiada no momento em que bateu no chão. *Foi fácil demais*. Eu teria preferido um pouco mais de luta com esse filho da puta.

Estou ofegante e me concentro no sangue e nos fios de cabelo grudados nos pregos salientes. Minha garganta arde enquanto tento me acalmar.

Puxo o celular e disparo uma mensagem, como já fiz inúmeras vezes antes quando preciso de ajuda.

ACE

Preciso agendar uma limpeza.

As bolinhas abaixo da mensagem aparecem imediatamente.

O JOALHEIRO

Uma peça específica?

Envio a localização.

ACE

Coleção completa. Novinha.

O JOALHEIRO

Prazo?

ACE

Até o amanhecer. Só entre nós. Vou ficar te devendo um favor.

O JOALHEIRO

Minha forma favorita de pagamento.

Já passa da meia-noite, mas meu colega vai agir rápido. Sei a distância do trajeto e o que precisa ser feito para apagar isso.

Não checo o pulso dele. Se o cara ainda não está morto, vai estar em breve. Há sangue demais para coagular. Um daqueles pregos atingiu uma artéria, que pulsa no ritmo do coração dele, que por sua vez parece já estar desacelerando.

Que se foda esse babaca por morrer tão rápido.

Mando outra mensagem para garantir que todas as pontas soltas sejam amarradas caso testemunhas compliquem a situação.

ACE

Vou precisar de uma lista de todos que estavam nessa casa hoje à noite.

Marco o endereço da propriedade dos Finch.

A ARQUITETA

Fácil. Algum lixo pra separar?

ACE

Já resolvido.

Quando olho para o corpo largado no chão, o brilho prateado da fivela enorme e espalhafatosa de um cinto chama minha atenção. Eu me abaixo, abro o cinto e arranco dele com um puxão só. O cara não parece ser do tipo peão de rodeio. O corpo magricela mal parece ter trabalhado um único dia em um rancho, quanto mais montado animais furiosos para ganhar a vida.

Saio dos estábulos, porque preciso respirar e pensar nas consequências que

isso pode trazer para mim. O efeito em cadeia da vida de alguém chegando ao fim. Alguém que tem pessoas que vão procurar por ele. Não é arrependimento o que estou sentindo, mas o peso da inconveniência do momento – tenho pessoas para lidar com isso, mas esta noite virou uma confusão dos infernos para a qual eu não estava preparado.

Pequenos relâmpagos iluminam os arredores, mas não há uma única luz acesa em nenhum lugar da propriedade. Os treinadores, o ferrador de cavalos e qualquer outro funcionário dos Finch estão alojados no outro lado do terreno, provavelmente dormindo ou ainda fora, aproveitando a noite. Estou puto porque não havia uma única alma aqui para ajudar Hadley quando ela precisou. Lincoln comentou que ela tinha que ir ao jantar obrigatório de Quatro de Julho promovido pelo pai e, mesmo assim, não tem ninguém aqui.

Assim que guardo o celular no bolso, me adianto um passo na estrada de terra, olho na direção da via principal e vejo as luzes ainda acesas na propriedade dos Finch. Eu não deveria provocar essa situação, mas uma parte de mim sabe que, mesmo com Switcher morto, essa não vai ser a última vez que Wheeler Finch tenta vender a filha pelo maior lance. A ideia de Hadley ser usada como moeda de troca me embrulha o estômago.

O bourbon está no meu sangue – como produzir, envelhecer, vender e beber. Um Foxx conhece bourbon melhor do que qualquer outra coisa. É uma forma de arte e um negócio que começou em quintais e porões. Sobreviveu à ilegalidade no período da lei seca no país, à exploração comercial e às expectativas frustradas. O ponto é: sobreviveu. Voltou mais forte. Melhor. Para praticamente qualquer pessoa, isso deveria bastar. Sorte e trabalho duro não são as forças que permitem à nossa marca ter sucesso. A longevidade da Foxx Bourbon se deve à disposição de ultrapassar limites. Há mais em ser um Foxx do que mostram as aparências. Linhas cinzentas e bússolas morais que nunca apontaram exatamente para o norte. Hadley vive entre essas zonas cinzentas por ser filha de Wheeler Finch. A diferença mais importante é que, na minha família, não usamos uns aos outros. Nós nos apoiamos, lutamos uns pelos outros e nos protegemos. A qualquer custo. Hadley vem sendo tratada como se fosse uma mercadoria descartável. E isso me dá vontade de machucar alguém.

A persona de homem de negócios é equilibrada e estratégica. Mas tenho um temperamento cruel quando sou provocado. E fui muito provocado.

Viro a fivela prateada entre os dedos quando o responsável pela limpeza chega e me cumprimenta com um aceno. Ele avalia a situação e já começa a calcular o que vai precisar fazer para apagar isso.

– Ace, isso precisa desaparecer? – pergunta, olhando para o que tenho nas mãos.

Respondo com um sorriso contido.

– Provavelmente.

Mas já estou me afastando antes que possa pensar melhor. Ignoro a última parte da limpeza necessária para apagar a existência de James Switcher desse estábulo.

– Você está com cara de quem vai fazer uma péssima escolha, Foxx – comenta Julian.

Eu o ignoro. Julian me conhece tão bem quanto meus irmãos – ou talvez até melhor, às vezes. Meu irmão Lincoln desconfiava de algumas coisas, mas não do quanto estou disposto a ultrapassar limites. E agora me vejo sendo movido por algo maior do que raiva ou adrenalina… que é a necessidade de proteger alguém que significa alguma coisa para minha família. Para mim. Muita gente ignoraria isso e colocaria a culpa de alguma forma em Hadley – diria que ela falou a coisa errada, vestiu a roupa errada ou estava no lugar errado na hora errada. Nem fodendo isso vai ser o começo do que espera por ela daqui para a frente. É mais fácil jogar essa merda nas costas do pai dela, criar uma situação que faça parecer que Wheeler matou um homem a sangue-frio, mas, mais do que isso, quero Hadley fora dos acordos de negócios dele. Griz nunca teve uma oportunidade real de intervir e exigir isso, mas agora existe material suficiente aqui para ameaçá-lo.

A maioria das casas fica destrancada nessa parte do Kentucky. É um péssimo hábito, e imagino que Wheeler não vá repetir isso depois de hoje. Escancaro a porta da frente sem me importar que minha entrada seja barulhenta e agressiva. Ameaças silenciosas não fazem parte do meu repertório. Pelo menos não esta noite.

– Ora, ora… que reviravolta interessante – diz Wheeler Finch com seu sotaque arrastado.

Paro na soleira da porta, entre o hall de entrada e o escritório, enquanto ele permanece sentado atrás da mesa grande demais, fumando um charuto e usando um pijama xadrez azul.

Wheeler me examina com atenção.

– Talvez eu devesse chamar a polícia de Fiasco para ver o que vão achar de você invadindo minha casa a essa hora da noite.

– Talvez eles comecem a fazer outras perguntas se fizer isso. – Faço uma pausa enquanto jogo a pesada fivela prateada sobre a mesa dele. – Como, por

exemplo, por que um rico pecuarista veio jantar aqui e nunca mais foi visto. Ou por que o sangue ou o DNA dele acabaria sendo encontrado nas suas roupas ou nessa propriedade. Ou por que a sua filha parece ter apanhado e só Deus sabe o que aconteceu com ela.

O homem à minha frente apenas murmura para si mesmo e traga o charuto. A falta de reação já é resposta suficiente para mim. Sei que Hadley não gosta nem um pouco de ficar perto do pai, mas agora entendo que a explicação para isso é que Wheeler não se importa com muita coisa além de si mesmo.

– Você tem noção de que ela não é um dos seus cavalos, não é? Que não pode simplesmente adestrá-la e vendê-la pelo maior lance?

Deixo o nojo transparecer no meu tom, e ele percebe. Esse é o meu erro.

Wheeler inclina a cabeça, curioso demais para o meu gosto.

– E você tem noção de que ela também não é *sua*?

Mordo a parte interna da boca e me controlo para não dar ainda mais motivo a ele para seguir com esse assunto. Curvo os dedos e cerro os punhos ao lado do corpo.

Ele está certo, e *odeio* isso com todas as minhas forças. Hadley não é minha. Ela não faz parte da minha família de forma alguma, a não ser pelo fato de a querermos com a gente. Cerro o maxilar com tanta força que sinto os músculos tensos ao longo do pescoço. Conheço os joguinhos de Wheeler Finch porque estou familiarizado com o tabuleiro. Crio as mesmas regras, escolho os mesmos jogadores. Wheeler Finch pega vulnerabilidades e usa como arma. Eu também. A diferença são os nossos objetivos.

– Qual era o pagamento? – pergunto, tentando apagar qualquer emoção da minha voz.

Ele ergue uma sobrancelha.

– Você sabe da influência que um nome como Switcher carrega. Além disso, era um investimento nos meus novos treinadores e parceiros de negócios, os irmãos King…

Eu o interrompo.

– Quanto?

Ele abaixa os olhos para as minhas botas antes de responder:

– Um centro de reprodução. Um reforço no caixa. – Wheeler ri para si mesmo. – E teria sido uma ótima oportunidade de ter sempre no meu freezer carne de gado criado a pasto.

Como permaneço em silêncio, Wheeler examina meu rosto, e fica claro que sabe exatamente por que perguntei.

Ele se recosta na cadeira, me avaliando antes de acrescentar:

– E uma participação na Switcher Cattle.

Aí está.

Ele pigarreia e pega a fivela prateada.

– Teria sido um pagamento trimestral significativo por gerar um animal premiado como a minha Hadley.

Preciso conter o rosnado que vibra no meu peito. Minha vontade é quebrar a cara dele por causa dessa frase.

Wheeler é nascido e criado em Fiasco. Ele conhece a Foxx Bourbon. Passou anos tentando investir e conquistar sua própria fatia do nosso negócio, mas nem Griz nem eu jamais permitiríamos isso. Ele tentou comprar as terras que fomos adquirindo ao longo do tempo. Todas elas, da nossa fazenda até os terrenos que fazem fronteira com a propriedade dele. Há anos tenta encontrar maneiras de unir a Foxx Bourbon ao negócio de cavalos dele.

"Não há nada que eu queira tanto a ponto de me obrigar a trabalhar com aquele homem", me disse Griz pouco depois de meus irmãos e eu irmos morar com ele. "Se você for inteligente, vai manter distância de tudo em que ele toca." Nunca fez sentido para mim o fato de a filha do homem ser a exceção para nós.

Wheeler se levanta e vai na minha direção como se estivesse no controle daquela conversa. Uma tática que exige prática, mas sou bom em deixar as pessoas acreditarem que têm vantagem sobre mim.

– Mas… – Ele inclina a cabeça para o lado e solta um suspiro. – Haverá outros. – Seus olhos se voltam para a fivela prateada, e Wheeler sorri. – Sou excepcionalmente bom no que faço, Ace. Corrida e treinamento de cavalos podem ser aprendidos e terceirizados, mas ler as pessoas, entender o que está em jogo e conhecer as probabilidades é o que sempre separa sorte de estratégia.

A verdade contida nessas palavras me faz engolir a irritação crescente. Cruzo os braços enquanto a inquietação toma conta dos meus sentidos, e não estou gostando nada do rumo que essa conversa está tomando.

– Eu não apostaria todo o meu dinheiro em um único cavalo. Há muitos outros que seriam uma combinação excelente para minha filha… *e* para os meus negócios. Hadley sabe o que se espera dela. E entende o papel que ocupa nessa família. Da mesma forma que gasta meu dinheiro com qualquer frivolidade que seu coraçãozinho deseje. Eu não questiono a falta de ambição nem a ausência de renda própria da minha filha. Nem o que ela anda fazendo com aquele irmão seu, seja lá o que for.

Cerro os dentes, me contendo para não berrar na cara dele que os dois são só

amigos, porra. Odeio essa insinuação de que existe algo mais entre os dois. As pessoas vêm presumindo isso há alguns anos.

"Eu amo a Hadley. Mas não do jeito que os fofoqueiros dessa cidade gostariam." Lincoln disse isso depois que Hadley acabou adormecendo no quarto dele. Naquela ocasião, Griz olhou para mim esperando que eu pressionasse Lincoln, mas conheço meu irmão. Se ele quisesse Hadley Finch de qualquer outra maneira que não como amiga, eu saberia. Lincoln gosta de arregaçar as mangas e sair distribuindo socos, mas é o mais sensível entre nós. Se sentisse alguma coisa por ela nesse sentido, não teria conseguido esconder por muito tempo. Ele é péssimo para guardar esse tipo de segredo.

Continuo ouvindo, deixando Wheeler seguir com aquela justificativa de merda para tratar a própria filha com tanto desrespeito que me dá nojo.

– Ela não questiona minhas exigências. Minha filha foi criada para ser leal – conclui ele.

Essa não é a mulher que conheço, ou talvez eu apenas não queira isso para ela.

No momento em que entrei nessa casa, soube que me arrependeria. Não existe estratégia nenhuma em vir aqui, foi apenas uma reação emocional. Mas não vou permitir que uma noite como essa volte a acontecer.

– A Hadley vai fazer as próprias escolhas. Com quem vai se casar, o que vai fazer da vida – digo.

Ele ergue o queixo.

– Por quê? – pergunta.

Meu lado racional sabe que esse é um risco desnecessário e que eu deveria ficar fora dos assuntos da família dele. Mas Wheeler não sabe que Hadley se tornou mais parte da nossa família do que da dele.

– Fico me perguntando… – começa ele, exatamente no instante em que alguma espécie de constatação ilumina seu rosto, deixando um sorriso viscoso em sua esteira. – Então estou errado sobre com qual Foxx a minha garotinha está trepando? – Os olhos dele cintilam, como se ele tivesse acabado de descobrir alguma coisa. – Ela está levando todos vocês na conversa. – Wheeler estala a língua. – Essa é a minha garota.

– Cuidado com a boca – rebato entredentes, apontando o dedo para ele.

Hadley não é a garota dele. Isso eu sei. Ela continua presa ao pai por lealdade ou por anos demais de abuso, mas se passa tanto tempo na casa da minha família é porque lá consegue respirar.

Como se pudesse ler meus pensamentos, o sorriso desaparece completamente do rosto de Wheeler, e, em seu lugar, surge o empresário impiedoso, o poço de

ganância. Ele sabe que eu não teria invadido essa casa se não pretendesse fazer com ele o mesmo que fiz com Switcher. Ou fechar um acordo. Por mais tentador que seja matá-lo, um acordo entre demônios tem mais garantias.

Wheeler esfrega o polegar sobre a fivela prateada espalhafatosa antes de perguntar:

– O que você está oferecendo, Foxx? Afinal, está pedindo muito.

Esse vai ser o único acordo que farei com ele.

Cruzo os braços diante do peito em uma atitude pretensamente relaxada.

– Eu não faço pedidos. – Ele vai enxergar isso como um gambito da dama… sacrificar o peão para ganhar controle. Mas, para mim, essa é a única saída. E Hadley não é uma peça de um jogo. – Um acordo em troca de uma exigência.

O babaca inclina a cabeça.

– Sou todo ouvidos.

DEZ ANOS DEPOIS

2

HADLEY

Lanço um olhar discreto para o relógio – 6h40. Ainda tenho trinta minutos. O homem de cabelo loiro-escuro entre as minhas pernas me chupa um pouco demais para a direita, resmungando satisfeito como se estivesse encantado com o próprio desempenho. Fico olhando para as vigas de madeira acima, rachadas de forma irregular. *Não estou curtindo isso*. O gemido longo que vibra na garganta dele está todo errado. Fora do tom. Parece quase um refrão no modo *repeat*. Faço uma careta e aperto os olhos com força. Isso é resultado de um impulso porque eu queria uma distração, o que tem acontecido em muitas noites ultimamente. Mandei mensagem para ele querendo um orgasmo matinal, mas está ficando constrangedoramente claro que não vai rolar. Quando olho para seus ombros largos, a cor do cabelo é clara demais para encaixar em uma fantasia específica de que gosto – a que normalmente me faz gozar mais rápido. Em questão de minutos.

Uma pequena vibração faz tremer a mesa de cabeceira. E, por mais babaca que seja fazer isso, viro o celular devagar para ler a mensagem que acabei de receber. Eu não deveria ter olhado.

Hawk arregala os olhos quando vê o que está na minha mão, e se levanta rapidamente até ficar ajoelhado.

– Você vai ferir um pouco o meu ego, Hadley, se estiver mandando mensagem para alguém agora – diz ele, o tom tranquilo, esfregando a mão sobre o ombro nu.

Fecho um dos olhos, tentando amenizar o fato de ter sido pega no flagra. Então dou um sorriso sedutor e digo a verdade:

– Estou estressada com o fim de semana. Não é você.

Ele tenta parecer ofendido ou irritado, mas um pequeno sorriso curva os seus lábios.

– Isso aqui era pra ser divertido. Pra aliviar seu estresse, não aumentar.

Ele está certo. Então o que estou fazendo? Eu me sento na cama, jogo o celular ao meu lado. Então me afasto dele e puxo meus joelhos até o peito.

– Minha cabeça começou a viajar e depois eu não quis fingir.

Hawk se levanta da cama e seu charme reaparece no instante em que ele veste novamente a camiseta azul-marinho. Quando o tecido cobre o peito largo, as letras brancas de *Fiasco* me lembram onde estamos, seguidas das iniciais do Corpo de Bombeiros logo abaixo. Isso começou como uma coisa fácil e divertida. Nunca planejei que fosse além. Não queria mais. Ainda não quero. Uma das coisas mais maduras que aconteceram comigo depois dos 30 foi reconhecer o sexo pelo que ele é e pelo que não é.

– Preciso chamar reforço? – pergunta ele, e apoia os braços ao meu redor.

Franzo o nariz.

– Acho que não é isso, bonitão.

Fazer um ménage com o chefe dos bombeiros e o novo recruta começou como uma piada. Eu falei aquilo em voz alta e, como uma espécie de manifestação sexual divina, aconteceu. E nem de longe estou reclamando. Sexo nunca é nada além de diversão para mim. Uma necessidade natural. Uma troca entre duas pessoas – nesse caso, três. É o melhor tipo de distração. Mas, como a maior parte das coisas boas da minha vida, chegou ao fim. Dessa vez, provavelmente se estendeu por mais tempo do que deveria.

Flerto com muita gente, e conheço Nicholas Hawkins há anos. Ele é mais velho, o que é como erva-de-gato pra mim. E também tem um quê de herói, porque entra em prédios em chamas e salva pessoas. Os fofoqueiros de Fiasco fizeram a festa quando o jovem chefe dos bombeiros foi oficialmente nomeado quase dez anos atrás. O irmão de Hawk era sempre reeleito governador, o que significava que ele normalmente era convidado para os eventos e festas que meu

pai promovia ao longo dos anos. Em uma tarde quente, Hawk se cansou de eu ficar apertando o sino do meu terraço conectado ao quartel dos bombeiros, e sugeri que a gente brincasse com fogo.

O jeito como ele ficou sem reação ao ouvir aquilo foi delicioso. Eu precisava direcionar minha atenção para algo alcançável. Então, por algum milagre das deusas, ele e outro bombeiro absurdamente atraente começaram a se alternar me fazendo gozar depois que um alarme de incêndio disparou por engano no Midnight Proof.

E eu fiquei gananciosa. E um pouco egoísta. O caos do último ano mal me deixou dormir, mesmo com as noites longas no Midnight Proof. Ligar para Hawk se tornou uma distração fácil.

Meu celular vibra outra vez, e olho para o nome na tela e para a mensagem curta logo abaixo. Uma das razões pelas quais eu precisava de uma distração.

FOXX GOSTOSÃO

O discurso de padrinho é meu.

Hawk amarra a bota e diz:

– Que tal a gente continuar isso mais tarde essa noite?

Estou concentrada em digitar a minha resposta, por isso apenas murmuro:

– Tá bem.

HADLEY

Eu sou a melhor amiga. É meu.

FOXX GOSTOSÃO

Não vou fazer isso com você.

HADLEY

Vai ter que ser mais específico. “ISSO” pode significar muita coisa.

FOXX GOSTOSÃO

Para.

HADLEY

Me faz parar.

Se alguém me perguntasse, eu diria que não acredito nessa estupidez de amor à primeira vista. Acho que é uma prática patriarcal que faz as mulheres aceitarem que atração pode ser confundida com amor. O amor deveria levar tempo. Aprendizado e desejo. Talvez até uma pitada de sacrifício e descobertas mútuas. Ou quem sabe minha perspectiva amarga se deva apenas à minha falta de experiência no assunto. *Atração* e *afeto* são palavras com A que eu entendo. *Foder* e *fantasia* são palavras com F que realmente entregam. Acredito em fantasia e atração à primeira vista. E ambas, para mim, vêm na forma do irmão do meu melhor amigo. O menino do bourbon de mais de 1,80 metro, que parece estar sempre puto da vida com alguma coisa. Os ternos pretensiosos e as botas gastas. O cabelo castanho-escuro intenso salpicado de fios grisalhos se espalhando pelas costeletas e pelas têmporas. As sobrancelhas marcadas e os olhos azul-acinzentados que nunca parecem suaves ou sonhadores, apenas impassíveis e carregados de responsabilidade demais, estratégias demais e talvez um pouco de perigo. Ombros largos, natureza arrogante e toda a energia de um homem que faz o que quiser. Atticus Foxx, a fantasia definitiva. E, porque em alguns dias acho que o carma realmente me odeia, ele continua ficando cada vez melhor com a idade.

Ao fundo, no meio da troca de mensagens com a dita fantasia, Hawk interrompe:

– Sabe de uma coisa? Esqueci que estou escalado para o turno de hoje à noite.

Mordo o polegar e sorrio para a realidade diante de mim.

– Que conveniente. Seu local de trabalho fica logo do outro lado da rua.

No começo, foi irritante ter o quartel dos bombeiros exatamente em frente à minha casa. Esse prédio antigo de três andares que já é meu lar há algum tempo. No início, o sino do quartel e o barulho dos caminhões eram um pesadelo, levando em consideração que eu trabalho até tarde. Mas quando descobri o sino conectado ao meu terraço, aquilo virou uma vantagem.

Hawk pigarreia e volta a se ajoelhar na cama, a se aproximar.

– Eu não ia falar nada, mas... sou bom o suficiente para umas brincadeiras noturnas, mas não para ir ao casamento com você?

Ai. Dou um sorriso de lábios cerrados.

– Brincadeiras noturnas são mais divertidas do que casamentos.

Hawk assente e me lança um olhar que diz que compreende, mas consigo perceber um toque de mágoa.

Suspiro e me pego começando a pensar nos motivos por que não me animo a levá-lo ao casamento do meu melhor amigo. É fácil imaginar Hawk em um smoking, mas uma parte de mim não quer transformar isso em algo maior do que deveria ser.

– A gente pode só manter as coisas do jeito que estão agora?

Mordo o lábio e olho ao redor do quarto.

– E o que acontece quando eu quiser mais? – pergunta ele enquanto afivela o cinto.

– Então a gente para por aqui.

Não faz sentido ficar evitando o assunto. Talvez realmente esteja na hora de acabar. Não era esse o tipo de pergunta que eu esperava de alguém que só queria se divertir.

Ele curva o dedo, me chamando para mais perto, e me arrasto até a ponta da cama. Quando o encaro, Hawk ergue meu queixo. Ele tem um sorriso de lado, e uma cicatriz pequena atravessa o arco do seu lábio – isso é algo que sempre achei atraente. Uma imperfeição charmosa e misteriosa.

– Você é divertida demais pra eu dizer não pra...

– Então não diga. – Sorrio, mas me obrigo a acrescentar: – Mas, Hawk, se isso entre a gente significa algo mais pra você, então é melhor a gente parar. Sem mágoa nem ressentimento, só um *high five* e boas lembranças, tá?

Ele dá um sorrisinho contido e checa o celular. Hawk é um dos caras legais – tem um temperamento tranquilo e nunca é insistente demais. É fácil estar com ele. Talvez esse seja justamente o atrativo, sobretudo nos últimos tempos. Hawk sabe se divertir apesar de comandar um quartel inteiro e de ser responsável por várias cidades do condado de Montgomery. E, embora circulando nos mesmos ambientes em que cresci, Hawk nunca puxa o saco do meu pai nem procura favores com o irmão. Esse é o jogo do irmão dele, não o dele.

Meu celular vibra outra vez na minha mão, só que dessa vez continua vibrando. Não são mais mensagens do irmão mais velho do meu melhor amigo. Em vez disso, um novo número DESCONHECIDO aparece na tela. Sinto a garganta seca imediatamente e o meu coração acelera tanto que fico até um pouco tonta. A ansiedade é instantânea.

SOBRE A AUTORA



Romântica inveterada, **VICTORIA WILDER** escreve romances contemporâneos com personagens espirituosos e irreverentes e protagonistas fortes que não têm medo de pedir o que querem.

Nascida na Costa Leste dos Estados Unidos, ela está sempre em busca da próxima aventura ao lado do marido, dos dois filhos e do cachorro, Linus. Quando não está lendo ou escrevendo, pode ser encontrada treinando kickboxing ou procurando uma desculpa para afundar os pés na areia da praia.

CONHEÇA ALGUNS DESTAQUES DE NOSSO CATÁLOGO



Box Chestnut Springs

Elsie Silver

Cinco romances arrebatadores reunidos em um lindo box.

Nesta coleção de cinco livros, você mergulhará no universo de Chestnut Springs, uma cidadezinha rural no coração do Canadá onde os caubóis são irresistíveis, a paixão é contagiante e o amor sempre encontra um caminho.

Sem defeitos

Rhett Eaton é um peão de rodeio que precisa de uma relações-públicas para limpar sua imagem. Summer Hamilton, a filha de seu agente, é designada para a função. As regras são muito simples: manter as mãos longe dela e não se meter em confusão. Mas regras foram feitas para ser quebradas.

Sem coração

Willa Grant é convidada pela melhor amiga para passar o verão no rancho sendo babá de Luke, sobrinho do noivo dela. Tomar conta de um garotinho por alguns meses deveria ser fácil. O problema é que Willa não consegue tirar os olhos do pai dele, Cade. E o pai dele não consegue tirar as mãos dela.

Sem controle

Hoje Jasper Gervais é um astro do hóquei, mas quando Sloane o conheceu, ainda criança, ele era um menino de olhos tristes e coração enorme, que ela ama em segredo desde então. Quando os dois levam uma rasteira da vida, uma viagem de última hora mostra que certas coisas, como o amor, são impossíveis de controlar.

Sem juízo

Theo Silva é um peão de rodeio que vive metido em confusão. Winter Hamilton está saindo de um casamento tóxico e quer distância dos homens. Mas depois que Theo lhe proporciona a noite mais tórrida de sua vida, o que era para ser um segredo entre os dois fica impossível de ignorar, e a atração entre eles logo vai incendiar tudo.

Sem saída

Beau Eaton é um herói militar que quer escapar da marcação da família. Bailey Jansen quer deixar para trás a má reputação do pai e dos irmãos. Beau então lhe oferece um acordo: simular um noivado. Basta os dois fingirem que não conseguem ficar longe um do outro. Mas logo não precisam mais fingir, principalmente a portas fechadas.

Clique aqui para ver na loja



Temporada de turistas

Brynne Weaver

Cabo Matança é uma vila costeira turística cheia de casinhas coloridas, lojas excêntricas e um número extraordinariamente alto de cadáveres. É que às vezes turistas trazem problemas, e a jardineira local, Harper Starling, não admite que ninguém estrague seu lar perfeito.

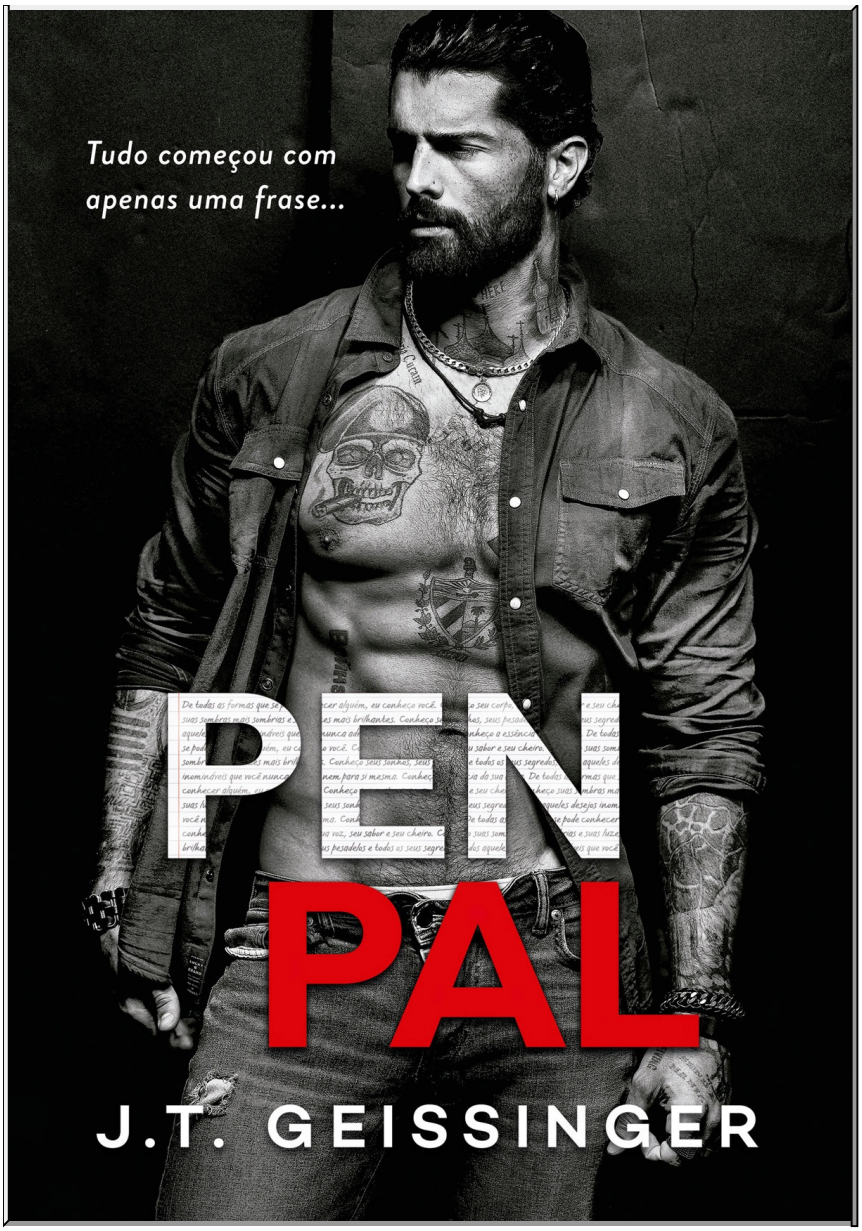
Profissional habilidosa com instintos assassinos, Harper transforma visitantes mal-intencionados em adubo para suas flores – que inclusive já lhe renderam vários prêmios.

Mas Nolan Rhodes não é um turista comum. Diabolicamente bonito, charmoso e talentosíssimo no manejo de facas, ele é implacável na busca por vingança. A cada aniversário do atropelamento que destruiu sua vida, Nolan elimina um novo alvo. E ele guardou o melhor para o final: Harper Starling. Só que ela não é o monstro que ele esperava. E não vai se entregar sem lutar.

Quando um investigador amador de true crime chega a Cabo Matança em busca de um serial killer há muito desaparecido, Harper e Nolan fazem uma trégua. Se Nolan ajudar Harper a proteger a cidade, ela manterá segredo sobre os hábitos de caça dele.

Mas a aliança logo se transforma em obsessão — e ameaça revelar todos os segredos de Cabo Matança, inclusive o frágil romance dos dois.

Clique aqui para ver na loja



Pen Pal

J. T. Geissinger

Sensação do BookTok, este romance dark e picante vai deixar os leitores sem fôlego com uma reviravolta inesquecível.

A primeira carta chega no dia do enterro do meu marido.

Vem da penitenciária e tem apenas uma frase:

Vou esperar para sempre se for preciso.

A assinatura é de um tal Dante, um homem que eu não conheço.

Por simples curiosidade, escrevo de volta perguntando o que exatamente ele está esperando. Sua resposta:

Você.

Digo ao homem misterioso que ele mandou a carta para a pessoa errada. Ele insiste que está certo. Escrevo que nunca nos encontramos, mas ele afirma que me conhece.

Trocamos cartas toda semana, cada vez mais íntimas. Então, um dia, elas param. Quando descubro por quê, já é tarde demais.

Dante está à minha porta.

E nada neste mundo me preparou para o que acontece em seguida.

Clique aqui para ver na loja



Blackthorn

Um romance dark

J. T. Geissinger

Seu primeiro amor pode ser o último...

Você nunca esquece seu primeiro amor. Especialmente quando ele é seu pior pesadelo.

Doze anos atrás, Maven Blackthorn fugiu de sua pequena cidade natal, após a morte suspeita de sua mãe. Agora, de volta para um funeral, ela se vê mergulhada em uma nova trama macabra: o corpo de sua avó desapareceu.

Os Blackthorns imediatamente suspeitam dos Crofts, os implacáveis donos de uma empresa farmacêutica, com quem têm uma rivalidade que já se estende por gerações. Mas então Maven se depara com Ronan Croft, o único homem que já amou, e descobre que a paixão proibida do passado segue viva – e perigosa.

À medida que segredos de família há muito enterrados vêm à tona, a traição espreita em cada sussurro e antigas vinganças se reacendem. Quanto mais Maven investiga, mais arriscado o jogo se torna. E o único homem de quem ela não consegue escapar esconde uma verdade que pode destruir seu mundo.

Em uma cidade onde os mortos não permanecem enterrados, o amor é a salvação... ou o jogo mais mortal de todos?

Clique aqui para ver na loja

CONHEÇA OS LIVROS DE VICTORIA WILDER

Os Irmãos Foxx

Bourbon e mentiras

Bourbon e segredos

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br



Este e outros títulos do nosso catálogo estão disponíveis
em audiolivro.